

ISAAC ASIMOV

FIM DA ETERNIDADE



ISAAC ASIMOV

FIM
DA ETERNIDADE

Tradução:
NORBERTO DE PAULA LIMA

Revisão:
NILZA AGUA

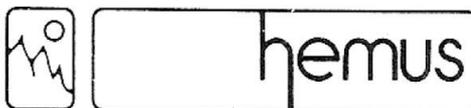
HEMUS

Título original:
THE END OF ETERNITY

(c) Copyright by Isaac Asimov

(c) Copyright 1981 by Hemus-Livraria Editora Ltda.
Mediante contrato firmado com
Doubleday & Company, Inc., New York, USA.

*Todos os direitos adquiridos para a língua portuguesa
e reservada a propriedade literária desta publicação pela*



hemus livraria editora limitada
01510 rua da glória 312 liberdade
fone 279 9911 pabx
telex (011) 32005 hlel br
caixa postal 9686 são paulo brasil

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Para Horace L. Gold

Isaac Asimov fala sobre "Fim da Eternidade ":

"Fim da Eternidade" faz uso de uma das "convenções" da ficção científica: a da viagem no tempo. Surpreendentemente, a viagem no tempo, como agora a encaramos, não é um conceito muito antigo, tem menos de um século. Talvez porque houvesse, em muito da história humana, a presunção tácita de que nada muda com o tempo, de modo que nada de dramático se poderia esperar da viagem pelo tempo. O Livro do Eclesiastes diz que "não há nada de novo sob o Sol". Os filósofos supunham que as coisas se moviam em círculos, e, de fato, a experiência ordinária era da monótona alternância de dia e noite, inverno e verão, vida e morte.

Havia, é claro, o horror pessoal de cair fora do mundo conhecido através da suspensão mágica da vida. Há lendas de pessoas que encontram duendes, que vivem com eles uma vida idílica, e então retornam a seu próprio mundo para descobrir que cem anos se passaram e que todos os que conheciam se foram.

A verdadeira história de viagem no tempo, porém, é aquela em que os personagens podem voluntariamente mover-se pelo tempo e podem controlar o sentido e a velocidade deste movimento. E a primeira dessas histórias foi "A Máquina do Tempo", por H. G. Wells (aliás, sua primeira história de ficção científica), publicada em 1895.

Desde 1895 a viagem no tempo tem sido um valioso conceito para a ficção científica, porque claramente origina em potencial todo um novo grupo de confrontações, impossíveis na ficção ordinária que, por sua vez, pode dar origem a infinitas permutações de enredos.

E também origina infinitos paradoxos, Se nos movemos para o futuro ou passado, certamente permanecemos no mesmo local, no que concerne às outras dimensões. E se nos movemos um segundo para o passado ou para o futuro, a Terra não sai de baixo de nós, fazendo com que apareçamos voando na alta atmosfera ou no subsolo?

Ou se a máquina do tempo se fixar na Terra (o que é difícil de se aceitar), qual o efeito na história mundial?

Alguém pode voltar ao passado e alterar qualquer um de milhares de acidentes históricos e causar o não nascimento de Hitler, ou sua morte prematura, ou seu desenvolvimento num vagabundo obscuro que nunca saia da sarjeta? Uma pessoa pode fazer o mesmo para prevenir o próprio nascimento, e, neste caso, quem foi ao passado para fazer isto?

Ou será que qualquer um que volte no tempo é de algum modo sempre impedido de fazer algo que altere a história? Ou fazer alterações que mantenham a história inalterada? Ou será que há um número infinito de histórias alternativas, e a ação do viajante do tempo meramente "desloca" a "realidade" (seja lá qual for) de uma trajetória no tempo para outra?

A solução mais fácil de todas estas especulações vertiginosas é supor que a via-

gem no tempo é completamente impossível, de modo que nenhum destes paradoxos surge.

Está bem estabelecido que ao nível subatômico não há orientação preferencial para o tempo, e que as partículas subatômicas podem ser vistas como sofrendo interações e alterações que podem ser interpretadas como dirigindo-se no sentido positivo ou negativo do tempo, com as mesmas leis da natureza aplicando-se em cada caso. Um elétron "inteligente" poderia, portanto, descobrir maneiras de se mover para a frente ou para trás, no tempo, à vontade.

*Por tudo isto, a viagem no tempo continua sendo um dos temas prediletos da ficção científica e eu não sonharia em abandoná-lo. E mais, idealizei "**Fim da Eternidade**" de tal modo a fazê-la, tanto quanto pude, o exemplo máximo da modalidade. Tentei apresentar todos os possíveis paradoxos de viagem no tempo e compatibilizar a complexidade do conceito com a da elaboração do enredo.*

1

Técnico

Andrew Harlan pisou dentro da caldeira. Seus flancos eram perfeitamente redondos e ela se ajustava confortavelmente num túnel vertical composto de barras largamente espaçadas, que tremeluziam numa neblina indiscernível, dois metros para cima. Harlan tomou os controles e acionou calmamente a alavanca de partida.

E ela não se moveu.

Harlan não esperava que o fizesse. Não esperava nenhum movimento: nem para cima nem para baixo, para a esquerda ou direita, para a frente ou para trás. Contudo, os espaços entre as barras tinham-se fundido num acinzentado, que era sólido ao toque, porém imaterial para todos os efeitos. E havia o pequeno tremor em seu estômago, o leve (psicossomático?) traço de vertigem que lhe revelava que tudo que a caldeira continha, inclusive ele, estava se precipitando tempo acima, através da Eternidade.

Ele havia embarcado na caldeira no Século 575; a base de operações o nomeara dois anos antes. Na época, o Século 575 tinha sido o mais alto para onde já havia viajado. Agora estava se dirigindo ao século 2456.

Em circunstâncias normais, ele poderia ter-se sentido um pouco confuso com a perspectiva. Seu Século nativo era no passado distante, o Século 95, para ser exato. Era um Século rigidamente proibido à energia atômica, rústico, amigo de madeira natural como material para construção, exportadores de certas bebidas destiladas aceitáveis em quase todas as épocas e importadores de sementes de craveiro. Apesar de Harlan não ter estado no Século 95 desde que entrara para o treinamento especial e se tornara Aprendiz, com a idade de quinze anos, havia sempre aquele sentimento de perda quando alguém deixava o "tempo natal". No Século 2456, estaria quase a duzentos e quarenta milênios de sua época natal, e esta distância é considerável, mesmo para um Eterno calejado.

Em circunstâncias normais, tudo seria assim. Porém, naquele exato momento, Harlan estava com um péssimo ânimo para pensar em qualquer coisa, exceto no fato de que seus documentos pesavam em seu bolso. Estava um pouco tenso, confuso.

Foram suas mãos, atuando por si mesmas, que trouxeram a caldeira à parada.

Era estranho que um Técnico sentisse tensão ou nervosismo por alguma coisa. Foi o que disse o Educador Yarrow certa vez:

"Antes de tudo, um Técnico deve ser desapaixonado. A Mudança de Realidade que ele inicia pode afetar as vidas de até cinquenta bilhões de pessoas. Um milhão ou mais delas podem ser tão drasticamente afetadas, a ponto de serem consideradas novos indivíduos. Nestas condições, uma atitude emocional é uma desvantagem evi-

dente”.

Harlan tirou da mente a lembrança da voz seca de seu professor com um quase violento sacudir de cabeça. Naqueles dias, não tinha nunca imaginado que ele tivesse o talento peculiar para aquele posto. Mas a emoção tinha-o atacado, afinal de contas. Não pelos cinquenta bilhões de pessoas. O que significavam para ele, no Tempo, cinquenta bilhões de pessoas? Havia apenas uma. Uma única pessoa.

Notou que a caldeira estava imóvel e, com uma pequena pausa para coordenar suas idéias e situar-se dentro da estrutura mental impessoal e fria que um Técnico deve ter, saiu. A caldeira de que saiu não era, naturalmente, a mesma em que havia embarcado, no sentido de que não era composta dos mesmos átomos. Não se preocupou com isso mais do que um Eterno se preocuparia. Preocupar-se com a mística da viagem no antes que com o simples fato dela existir, era característica de um Aprendiz e de um recém-chegado à Eternidade.

Deteve-se novamente diante da delgada cortina infinitesimal de não-Espaço e não-Tempo que o separava, num sentido, da Eternidade, e noutro, do Tempo normal.

Este seria um setor da Eternidade completamente novo para ele. Conhecia-o de uma maneira superficial, naturalmente, tendo pesquisado no Manual Temporal. Entretanto, não havia substituto para a situação real, e ele se firmou para o choque inicial de ajustamento.

Ajustou os controles; uma coisa simples no passar para a Eternidade (e bastante complicada no passar para o Tempo: um tipo de passagem que era correspondentemente menos frequente). Atravessou a cortina e encontrou-se ofuscado pela claridade. Automaticamente levantou a mão para proteger os olhos, semicerrados.

Somente um homem o esperava. A princípio, Harlan pôde ver somente sua silhueta.

- Sou o Sociólogo Kantor Voy - disse o homem. - Imagino que você seja o Técnico Harlan.

Harlan assentiu e disse: - Pai Tempo! Não é ajustável este tipo de ornamentação?

Voy olhou ao redor e disse, tolerante: - Refere-se às películas moleculares?

- Sim - respondeu Harlan. O Manual as havia mencionado, mas não dizia nada dessa louca confusão de reflexos de luz.

Harlan percebeu ser a sua contrariedade totalmente razoável. O Século 2456 estava orientado para a matéria, assim como a maioria dos Séculos, de modo que ele tinha o direito de esperar uma compatibilidade básica desde o princípio. Não teria nada de total confusão (para qualquer um nascido orientado para a matéria) dos vórtices de energia dos Séculos 300, ou das dinâmicas de campo dos Séculos 600. No 2456, para conforto do Eterno comum, a matéria era usada para tudo, das paredes aos pregos.

Mais exatamente, havia matéria e matéria. Um membro de um Século orientado para a energia não poderia compreender isso. Para ele, toda a matéria poderia parecer como variações menores de um tema grosseiro, pesado e bárbaro. Para Harlan, orientado para a matéria, porém, havia madeira, metal (subdivisões: pesado e leve), plástico, silicatos, concreto, couro e assim por diante.

Mas matéria consistindo unicamente de espelhos!

Esta foi sua primeira impressão do Século 2456. Toda superfície brilhava e refletia a luz. Em todo lugar estava a ilusão de polimento; o efeito de uma película molecular. E em seu reflexo repetido, no do Sociólogo Voy, no de qualquer coisa que ele pudesse ver, em fragmentos e no todo, em todos os ângulos, havia confusão. Garrida confusão nauseante!

- Sinto muito - disse Voy - é o costume do Século, e o Setor encarregado dele acha

de boa praxe adotar os costumes onde forem praticáveis. Você se acostumará depois de algum tempo.

Voy caminhou rapidamente sobre os pés de um outro Voy de cabeça para baixo, que o imitou passo por passo. Adiantou-se para acionar o indicador do contato capilar e baixou para o ponto de origem, numa escala espiral.

Desapareceram os reflexos; desvaneceu-se a estranha luz. Harlan sentiu novamente o mundo assentar.

- Se você me acompanhar - disse Voy.

Harlan seguiu por corredores vazios que, como ele sabia, deviam ter sido, momentos atrás, uma confusão de luz artificial e reflexos, subindo por uma rampa, atravessando uma ante-sala e entrando num escritório.

Durante toda a pequena jornada, nenhum ser humano à vista. Harlan estava tão acostumado, e aceitava tanto o fato, que teria ficado surpreso, quase chocado, se a silhueta de uma figura humana tivesse atingido seus olhos. Não havia dúvida de que se havia espalhado a notícia de que um Técnico estava chegando. Mesmo Voy conservou distância, e quando, acidentalmente, a mão de Harlan esbarrou em sua luva, Voy se retraiu com visível surpresa.

Harlan estava vagamente indignado com o toque de amargura que sentiu com isso. Tinha pensado que a concha que havia criado em volta de seu espírito fosse mais grossa, mais eficazmente insensível do que aquilo. Se estava enganado, se sua casca tinha ficado mais fina, poderia haver somente uma razão para isso.

Noys!

O Sociólogo Kantor Voy inclinou-se perante o Técnico, o que lhe pareceu bastante amável, mas Harlan notou automaticamente que estavam sentados em lados opostos do longo eixo de uma mesa razoavelmente grande.

- Estou satisfeito por ter aqui um Técnico de sua reputação interessado em nosso pequeno problema - disse Voy.

- Sim - respondeu Harlan, com a fria impessoalidade que as pessoas esperariam dele. - Tem seus pontos de interesse.

(Estaria sendo suficientemente impessoal? Certamente seus motivos reais deviam ser aparentes, sua culpa soletrada em gotas de suor em sua testa.)

Ele tirou de um bolso interno a folha do resumo da Mudança de Realidade projetada. Era a mesma cópia que havia sido enviada ao Conselho Pan-Temporal um mês antes. Através de sua afinidade com o Computador Sênior Twissell (o Twissell em pessoa!), Harlan tivera pouca dificuldade em pôr as mãos nela.

Antes de desenrolar a folha, deixando-a cair sobre o tampo da mesa, onde seria atraída por um suave campo paramagnético, Harlan pausou por um momento.

A película molecular que cobria a mesa estava atenuada, mas não a zero. Seu olhar fixou-se no movimento de seu braço, e por um instante o reflexo de seu próprio rosto pareceu fitá-lo sombriamente do tampo da mesa. Tinha trinta e dois anos, mas parecia mais velho. Não precisava que lho dissessem. Podia ser em parte o seu rosto alongado e sobranceiras escuras sobre olhos mais escuros ainda que lhe davam a expressão sombria e olhar frio associados com a caricatura do Técnico nas mentes de todos os Eternos. Podia ser apenas sua autoconsciência de ser um Técnico.

Mas então estendeu a folha sobre a mesa e retomou o assunto.

- Não sou Sociólogo, senhor.

Voy sorriu. - Isso parece formidável. Quando se começa por expressar falta de competência em dado campo, normalmente implica que se seguirá uma opinião sobre esse campo, quase que imediatamente.

- Não - disse Harlan - não uma opinião. Apenas um pedido. Imagino que se o senhor olhar este resumo, verá que cometeu um pequeno engano em algum lugar.

Voy pareceu imediatamente grave. - Espero que não.

Harlan conservou um braço sobre o encosto da cadeira e o outro no colo. Não devia deixar nenhuma das duas mãos tamborilar impacientes. Não devia morder os lábios. Não devia mostrar seus conhecimentos de forma alguma.

Depois de toda a orientação de sua vida ter-se modificado tanto, ele estivera observando os sumários das Mudanças de Realidade projetadas, à medida que passavam pelo esfalfante mecanismo administrativo do Conselho Pan-Temporal. Como Técnico pessoalmente nomeado pelo Computador Sênior Twissell, podia arranjá-lo com uma leve flexão da ética profissional. Particularmente com a atenção de Twissell presa sempre mais firmemente em seu próprio gigantesco projeto. (as narinas de Harlan se dilataram. Agora sabia um pouco sobre a natureza daquele projeto.)

Harlan não tivera garantia de que encontraria o que procurava em tempo razoável. Quando tinha examinado pela primeira vez a Mudança de Realidade projetada 2456-2781, Número de Série V-5, estivera meio inclinado a crer que seus poderes de raciocínio estavam desvirtuados tendenciosamente. Durante um dia inteiro ele tinha conferido e re-conferido equações e relações em viva incerteza, misturada com crescente excitação e amarga gratidão por lhe ter sido ensinado ao menos a psico-matemática elementar.

Voy repassou então aquelas mesmas configurações pontuais com um olhar meio perplexo, meio preocupado.

- Parece-me - começou ele - eu disse parece-me que tudo está perfeitamente em ordem.

- Quero chamar a sua atenção - disse Harlan - particularmente para a questão das características de namoro da sociedade da Realidade atual deste Século. É sociologia e, portanto, de sua responsabilidade, creio. Eis por que procurei o senhor quando cheguei, e ninguém mais.

Voy enrugou a testa. Estava polido ainda, mas com um frio comportamento. - Os observadores designados para nosso Setor - disse ele - são altamente competentes. Tenho toda a certeza de que aqueles designados a esse projeto forneceram dados corretos. Tem prova em contrário?

- De modo algum, Sociólogo Voy. Aceito os dados deles. É o desenvolvimento dos dados que questiono. O senhor não tem um complexo-tensor alternado, neste ponto, se os dados de namoro são propriamente considerados?

Voy mostrou-se admirado, e então um expressão de alívio passou por ele visivelmente. - Naturalmente, Técnico, naturalmente, mas isso se reduz a uma identidade. Há um elo de pequenas dimensões sem tributários em nenhum lado. Espero que me desculpe por usar linguagem pitoresca ao invés de expressões matemáticas precisas.

- Aprecio isso - disse Harlan secamente. - Não sou mais Computador do que um Sociólogo.

- Muito bem, então. O complexo-tensor alternado a que se refere, ou a bifurcação da estrada, como poderíamos dizer, não é significativa. Os desvios unem-se novamente em uma única estrada. Não havia nem mesmo qualquer necessidade de mencioná-lo em nossas recomendações.

- Se o diz, senhor, aceito seu melhor julgamento. Porém, há ainda a questão da M.M.N.

O Sociólogo retraiu-se diante das iniciais, como Harlan sabia que faria. M.M.N.: Mudança Mínima Necessária. Nisto o Técnico era superior. Um Sociólogo podia considerar-se acima de críticas por parte de seres inferiores em qualquer coisa que envo-

Ivesse as análises matemáticas das infinitas Realidades possíveis no Tempo, mas em questão de M.M.N., o Técnico era supremo.

Cômputo mecânico não adiantava. O maior Computaplex já construído, manejado pelo Computador Sênior mais inteligente e experiente já concebido, não podia fazer melhor do que indicar as áreas nas quais a M.M.N. poderia ser encontrada. Era então o Técnico, examinando os dados, que decidia quanto a um ponto exato dentro daquela área. Um bom Técnico raramente errava. Um ótimo Técnico jamais errava.

Harlan jamais errava.

- Agora, a M.M.N. recomendada por seu Setor - disse Harlan (falava calma e friamente, pronunciando a Linguagem Intertemporal Padrão em sílabas precisas) - envolve indução de um acidente no espaço e a morte imediata, por meios bem horríveis, de doze ou mais homens.

- Inevitável -- disse Voy, encolhendo os ombros.

- Por outro lado - disse Harlan - sugiro que a M.M.N. possa ser reduzida ao mero deslocamento de um engradado de uma prateleira para outra. Aqui!

Apontou com seu dedo alongado. A unha branca e bem cuidada de seu indicador traçou uma leve marca ao longo de um conjunto de perfurações.

Voy considerou as coisas com uma dolorosa mas silenciosa intensidade.

- Isso não altera a situação para sua bifurcação não considerada? - perguntou Harlan. - Isso não tira vantagem da bifurcação de menor probabilidade, mudando-a para quase-certeza, e isso então não conduz...

- Virtualmente à M.R.D. - murmurou Voy.

- Exatamente à Máxima Resposta Desejada - afirmou Harlan.

Voy levantou os olhos, com sua face escura contorcendo-se por algo entre desapontamento e raiva. Harlan distraidamente notou que havia um espaço entre os grandes incisivos superiores do homem, que lhe dava a expressão de um coelho, totalmente em discordância com a força contida de suas palavras.

- Suponho que terei notícias do Conselho Pan-Temporal? - perguntou Voy.

- Não creio. Pelo que sei, o Conselho Pan-Temporal não sabe disso. Pelo menos, a Mudança de Realidade projetada foi-me passada sem comentário.

Ele não explicou a palavra "passada", nem Voy perguntou.

- Então você descobriu esse erro?

- Sim.

- E não o comunicou ao Conselho Pan-Temporal?

- Não.

Alívio a princípio, e então um endurecimento do semblante. - Por que não?

- Poucas pessoas poderiam ter evitado este erro. Senti que poderia corrigi-lo antes que o dano fosse feito. Agi assim. Por que ir mais além?

- Bem... obrigado, Técnico Harlan. Você foi um amigo. O erro do Setor que, conforme você diz, era praticamente inevitável, teria parecido injustificavelmente mau no relatório.

- Certamente - continuou ele após um momento de pausa - em vista das alterações de personalidade a serem induzidas por esta Mudança de Realidade, a morte de alguns poucos homens como preliminar é de pouca importância.

Ele não parece realmente agradecido - pensou Harlan imparcialmente. Provavelmente se ressentia disso. Se parar para pensar, ressentir-se-á ainda mais de ser salvo de uma queda de posição por um Técnico. Se eu fosse um Sociólogo; ele me apertaria a mão, mas não apertará a mão de um Técnico. Defende a condenação de uma dúzia de pessoas à asfixia, mas não tocará um Técnico.

E porque seria fatal esperar e deixar o ressentimento crescer, Harlan disse sem de-

mora: -. Espero que sua gratidão se estenda o suficiente para que seu Setor faça uma pequena tarefa para mim.

- Uma tarefa?

- Uma questão de Esboço de Vida. Tenho aqui comigo os dados necessários. Tenho também os dados para uma Mudança de Realidade sugerida no Século 482. Quero saber o efeito da Mudança sobre o padrão de probabilidades de um certo indivíduo.

- Não estou bem certo - disse lentamente o Sociólogo - de tê-lo entendido. Certamente você tem os recursos para fazê-lo em seu próprio Setor?

- Sim. Contudo, aquilo em que estou empenhado é uma pesquisa pessoal que não desejo que apareça nos relatórios por enquanto. Seria difícil tê-la executada em meu próprio Setor sem... - ele gesticulou uma conclusão incerta para a sentença incompleta.

- Então você a quer concluída, mas não por canais oficiais - disse Voy.

- Quero-a feita secretamente. Quero uma resposta confidencial.

- Bem, nessas circunstâncias, é muito irregular. Não posso concordar.

Harlan franziu as sobrancelhas. - Não mais do que minha omissão quanto a comunicar seu erro ao Conselho Pan-Temporal, O senhor não fez objeção quanto a isso. Se vamos ser tão estritamente regulares em um caso, devemos ser também estritos e regulares no outro. O senhor me compreende, não?

A expressão do rosto de Voy era prova positiva disso. Ele ofereceu sua ajuda. - Posso ver os documentos?

Harlan relaxou um pouco. O principal obstáculo tinha sido vencido. Observou ansiosamente enquanto a cabeça do Sociólogo inclinava-se sobre as folhas que havia trazido.

Somente então o Sociólogo manifestou-se: - Pelo Tempo! Esta é uma pequena Mudança de Realidade.

Harlan aproveitou a oportunidade e improvisou. - Sim. Pequeníssima, creio. Eis sobre o que é o argumento. Está abaixo da diferença crítica, e selecionei um indivíduo como caso-teste. Naturalmente, seria anti-diplomático usar as facilidades de nosso próprio Setor até que eu tivesse certeza.

Voy não respondeu e Harlan calou-se. Seria inútil levar as coisas além do ponto de segurança.

Voy levantou-se. - Passarei isso adiante para um de meus Esboçadores de Vida. Nós conservaremos o segredo. Você entende, no entanto, que isso não é para ser tomado como precedente.

- Certamente que não.

- E se não se importa, gostaria de ver efetuar-se a Mudança de Realidade. Creio que você nos dará a honra de conduzir pessoalmente a M.M.N.

Harlan acenou afirmativamente. - Assumirei toda a responsabilidade.

Duas das telas da câmara de observação estavam em funcionamento quando eles entraram. Os engenheiros já as tinham focalizado nas coordenadas exatas no Espaço e no Tempo e saíram. Harlan e Voy estavam a sós na sala resplandecente. O arranjo de película molecular era perceptível, e até mesmo um pouco mais que perceptível, mas Harlan estava olhando para as telas.

Ambas as cenas estavam imóveis. Poderiam ser cenas dos mortos, já que retratavam instantes matemáticos do Tempo.

Uma vista estava em cor nítida e natural; era a sala de máquinas do que Harlan sabia ser uma astronave experimental. Uma porta estava semi-cerrada, e um relu-

zente sapato de um material vermelho e semitransparente era apenas visível pelo espaço que sobrava. Ele não se movia. Nada se movia. Se se pudesse tornar o cenário suficiente mente minucioso para retratar as partículas de poeira do ar, elas não se moveriam.

- Durante duas horas e trinta e seis minutos após o instante retratado - disse Voy - esta sala das máquinas continuará vazia. Isto é, na Realidade corrente.

- Eu sei - murmurou Harlan. Ele estava calçando suas luvas e seus olhos rápidos já estavam memorizando a posição do engradado crítico em sua prateleira, medindo os passos até ele, estimando a melhor posição para a qual transferi-lo. Ele lançou um rápido olhar à outra tela.

Se a sala das máquinas, estando na área descrita como "presente" com respeito àquela Seção da Eternidade na qual agora se encontravam, era clara e em cor natural, a outra cena, estando uns vinte e cinco Séculos no "futuro", levava o brilho azulado que todas as cenas do "futuro" deviam ter.

Era um espaçoporto. Um céu profundamente azul, edifícios de metal azulado exposto sobre solo azul-esverdeado. Um cilindro azul de desenho estranho, com a base larga, jazia em primeiro plano. Dois outros iguais estavam ao fundo. Todos os três apontavam narizes fendidos para cima, com a rachadura penetrando pelas partes vitais da nave.

Harlan franziu as sobrancelhas. - São estranhos.

Eletro-gravíticos - disse Voy. - O 2481 é o único Século a desenvolver a astronáutica eletro-gravítica Nada de propelentes, nada de nucleônica. É um invento esteticamente agradável. É uma pena ter que Mudar. Uma pena.

Seus olhos fixaram-se em Harlan com distinta desaprovação. Os lábios de Harlan comprimiram-se. Reprovação, naturalmente! Por que não? Ele era o Técnico.

Para ser exato, tinha sido algum Observador que havia introduzido os detalhes de vício em drogas. Tinha sido algum Estatístico que havia demonstrado que recentes Mudanças tinham aumentado o índice de viciados, que até agora era o mais alto de toda a Realidade corrente do homem. Algum Sociólogo, talvez o próprio Voy, tinha-o interpretado dentro do perfil psiquiátrico de uma sociedade. Finalmente, algum Computador tinha executado a Mudança de Realidade necessária para reduzir o vício a um nível seguro e descoberto que, como efeito secundário, as viagens espaciais eletro-gravíticas deveriam sofrer. Uma dezena, uma centena de homens de todos os graus da Eternidade haviam participado disso.

Mas então, enfim, um Técnico tal como ele devia entrar em cena. Seguindo as direções que todos os outros haviam combinado em lhe dar, devia ser ele a iniciar a verdadeira Mudança de Realidade. E então todos os outros o olhariam com insolente acusação. Seus olhares diriam: "Você, não nós, destruiu essa coisa maravilhosa".

E então, eles o condenariam e o evitariam. Passariam suas próprias culpas para seus ombros e o desprezariam.

- Naves não são o que importa - disse Harlan asperamente. Estamos preocupados com aquelas coisas.

As "coisas" eram pessoas, tolhidas pela espaçonave, como a Terra e a sociedade da Terra estão sempre tolhidas pelas dimensões físicas do voo espacial. Eram pequenas marionetes em bandos, aquelas pessoas. Seus braços e pernas minúsculos estavam em posições erguidas e como que artificiais, apanhados no instante morto do Tempo.

Voy encolheu os ombros.

Harlan estava ajustando o pequeno gerador de campo em torno do pulso esquerdo. - Vamos acabar com isso.

- Um instante. Quero entrar em contato com o Esboçador de Vida e saber quanto tempo levará para fazer. Também quero acabar esse outro trabalho.

Suas mãos manejaram habilmente um pequeno contato móvel e seu ouvido escutou astutamente a série de "clics" que voltavam. (Uma outra característica deste Setor da Eternidade, pensou Harlan: códigos sonoros em "clics"; inteligentes, mas afetados como as películas moleculares.)

- Ele diz que não levará mais de três horas - disse Voy finalmente. - A propósito, também ele se admira do nome da pessoa envolvida. Noys Lambent. É uma mulher, não é?

A garganta de Harlan secou. - Sim.

Voy torceu a boca em um lento sorriso. - Parece interessante. Gostaria de conhecê-la; coisa rara de se ver. Não houve mulheres neste Setor durante meses.

Harlan não se fiou em responder. Fitou o Sociólogo por um momento e voltou-se bruscamente.

Se havia falhas na Eternidade, envolvia mulheres. Ele soubera para que era a falha, desde quase sua primeira entrada na eternidade, mas sentiu-a pessoalmente apenas naquele dia em que encontrou Noys pela primeira vez. Desde aquele momento tinha sido um caminho fácil para este, no qual ele traía seu juramento como Eterno e a tudo em que acreditara.

Por quê?

Por Noys.

E não estava envergonhado. Era o que realmente o tranquilizava. Ele não estava envergonhado. Não sentia culpa pelo crescendo de crimes que havia cometido, aos quais esta última adição do uso imoral do Esboço de Vida confidencial poderia alinhar-se apenas como um pecadilho.

Faria o pior do pior, se fosse necessário.

Pela primeira vez veio-lhe o pensamento específico e expresso. E embora o repelisse com horror, sabia que, uma vez tendo vindo, não retornaria.

O pensamento era simplesmente este: Que ele arruinaria a Eternidade, se tivesse que o fazer.

O pior era que ele sabia que podia fazê-lo.

2

Observador

Harlan parou no portal do Tempo e imaginou-se em novos caminhos. Havia sido bem simples certa vez. Havia coisas, como ideais, ou ao menos chavões, pelos quais e para os quais viver. Cada estágio da vida de um Eterno tinha uma razão. Como começavam os "Princípios Básicos"?

"A vida de um Eterno pode ser dividida em quatro partes..."

Tudo surgira claramente, porém tudo tinha mudado para ele, e o que estava quebrado não podia se tornar novamente inteiro.

No entanto ele havia passado fielmente pelas quatro partes da vida de um Eterno. Primeiro, houve um período de quinze anos no qual ele não foi de modo algum um Eterno, mas apenas um habitante do Tempo. Somente um ser humano fora do Tempo, um Tempista, podia tornar-se Eterno; ninguém nascia nessa posição.

Com quinze anos de idade foi escolhido por um processo de eliminação e joeiramento, de cuja natureza não fizera ideia na época. Foi levado além do véu da Eternidade após um último e agoniado adeus à sua família. (Foi-lhe então deixado claro que nunca retornaria, o que quer que acontecesse. A verdadeira razão disso ele não iria saber muito tempo depois.)

Uma vez dentro da Eternidade, passou dez anos na escola como Aprendiz e, então, graduou-se para iniciar seu terceiro período, como Observador. Foi somente depois disso que se tornou Especialista e um verdadeiro Eterno.

A quarta e última parte da vida do Eterno: Tempista, Aprendiz, Observador e Especialista.

Ele, Harlan, tinha passado por tudo isso bastante habilmente. Com êxito, poderia dizer.

Podia lembrar-se claramente do momento em que terminaram o Aprendizado, do momento em que se tornaram membros independentes da Eternidade, do momento em que, embora não Especializados, receberam o título legal de "Eternos".

Podia lembrá-lo. Escola completa, Aprendizado terminado, ele estava perfilado com os cinco que com ele completaram o treinamento, mãos cruzadas nas costas, pernas um pouquinho separadas, olhando atentos para a frente.

O Educador Yarrow estava à escrivania, falando-lhes. Harlan conseguia lembrar-se bem de Yarrow: um homenzinho intenso, de cabelos ruivos, desgrenhados, antebraços sardentos e uma expressão de perda nos olhos. (Não era incomum essa expressão de perda nos olhos de um Eterno... a perda do lar e de suas raízes, a inadmitida e inadmissível saudade do Século que ele nunca veria.)

Harlan não podia se lembrar das palavras exatas de Yarrow, naturalmente, mas

sua essência continuava nítida.

Em essência, Yarrow dissera: - Vocês serão Observadores, agora. Não é uma posição tida em alta conta. Os Especialistas a veem como coisa de criança. Pode ser que vocês, Eternos (ele fez uma pausa deliberada após esta palavra, para dar a cada homem a oportunidade de empertigar-se e animar-se diante de tal glória), também pensem assim. Se pensam, vocês são tolos que não merecem ser Observadores.

- Os Computadores não teriam Computação para fazer, os Esboçadores de Vida não teriam vidas para Esboçar, os Sociólogos não teriam sociedades para perfilar, nenhum dos Especialistas teria o que fazer, se não fosse pelo Observador. Sei que já ouviram isso antes, mas quero que estejam bem informados a respeito.

- Serão vocês, jovens, que sairão no Tempo, sob as mais estrênuas condições, para trazer fatos. Fatos frios e objetivos, e não coloridos por suas próprias opiniões e preferências, entendam. Fatos suficientemente exatos para alimentar as máquinas de Computação. Fatos suficientemente definidos para fazer com que as equações sociais se mostrem satisfatórias. Fatos honestos o bastante para formar uma base para Mudanças de Realidade.

- Lembrem-se disso, também: o período como Observador não é algo para se completar tão rápida e reservadamente quanto possível. É como Observadores que vocês estabelecerão seus graus. Não o que fizeram na escola, mas o que farão como Observadores determinará suas Especialidades e o quanto subirão nelas. Este será o curso de pós-graduação, Eternos, e falhas nele, mesmo uma pequena falha, colocá-los-á na Manutenção, não importando quão brilhantes suas potencialidades pareçam agora. Isso é tudo.

Apertou a mão de cada um deles, e Harlan, sério, dedicado, orgulhoso em sua convicção de que os privilégios de ser um Eterno continham seu maior privilégio na suposição de responsabilidade pela felicidade de todos os seres humanos que estavam ou que algum dia estariam ao alcance da Eternidade, estava mergulhado em autoadmiração.

As primeiras tarefas de Harlan foram pequenas e sob orientação cuidadosa, mas ele aguçou sua habilidade no reboio da experiência numa dúzia de Séculos, através de uma dúzia de Mudanças de Realidade.

Em seu quinto ano como Observador, recebeu a categoria de Sênior nesse campo e foi designado para o Século 482. Pela primeira vez estaria trabalhando sem supervisão, e o conhecimento deste fato tirou-lhe um pouco de sua autoconfiança quando pela primeira vez se apresentou ao Computador encarregado do Setor.

Era o Computador Assistente Hobbe Finge, cuja boca volumosa e suspeita e olhos sombrios pareciam ridículos em um rosto tal como o dele. Como nariz, tinha uma bolota, e duas bolotas maiores como bochechas. Precisava apenas de um toque de vermelho e uma franja de cabelos brancos para se converter na figura do mito Primitivo de São Nicolau. (... ou Papai Noel, ou Santa Claus.) Harlan conhecia todos os três nomes. Duvidava que um Eterno entre cem mil tivesse ouvido falar de qualquer um deles. Harlan tinha um tímido e secreto orgulho por esse tipo de conhecimento arcano. Desde seus primeiros dias de escola havia cavalgado os cavalinhos de pau da História Primitiva, para o que o Educador Yarrow o havia encorajado. Harlan tinha se tomado verdadeiramente afeiçoado àqueles Séculos pervertidos e estranhos que jaziam, não somente antes do começo da Eternidade, no Século 27, mas mesmo antes da invenção do campo Temporal, no Século 24. Tinha usado velhos livros e periódicos em seus estudos. Tinha até mesmo viajado bem abaixo na escala do Tempo, até os mais primitivos Séculos da Eternidade, quando conseguia permissão, para consultar melhores fontes. Durante mais de quinze anos tinha conseguido reunir uma notá-

vel biblioteca privada, quase toda em papel. Havia um volume escrito por um tal de H. G. Wells, outro por um W. Shakespeare e algumas histórias fragmentárias. Melhor que tudo, possuía uma série completa de volumes encadernados de um jornal semanal Primitivo que ocupava espaço excessivo, mas que ele não pudera, por sentimentalismo, suportar a ideia de reduzir a microfilme.

Ocasionalmente perdia-se em um mundo onde vida era vida e morte, morte; onde o homem tomava suas decisões de modo irrevogável; onde o mal não podia ser evitado, nem o bem, estimulado; e a Batalha de Waterloo tendo sido perdida, estava perdida de uma vez para sempre. Havia até mesmo um fragmento de poesia que ele entesourava, que determinava que um dedo móvel, uma vez tendo escrito, nunca poderia ser atraído de volta para "desescrever".

E então era difícil, quase chocante, trazer seus pensamentos de volta à Eternidade e a um universo onde a Realidade era algo flexível e evanescente, algo que homens como ele podiam segurar na palma da mão e moldar em um aspecto melhor.)

A ilusão de Papai Noel desvaneceu-se quando Hobbe Finge falou-lhe viva e prosaicamente. - Você pode começar amanhã com um esquadramento rotineiro da Realidade corrente. Quero-o bom, exaustivo e objetivo. Não se permitirão negligências. Seu primeiro mapa espaço-temporal estará pronto amanhã cedo. Entendido?

- Sim, Computador - respondeu Harlan. Ficou decidido, a partir de então, que ele e o Computador Assistente Hobbe Finge não se dariam bem, e lamentava-o.

Harlan recebeu, na manhã seguinte, seu mapa em configurações intrincadamente perfuradas, emergindo do Computaplex. Usou um decodificador de bolso para traduzi-las em Intertemporal Padrão, em sua ansiedade de não cometer nem mesmo o menor engano bem no começo. Naturalmente, havia atingido o estágio em que podia ler as perfurações diretamente.

O mapa mostrava-lhe onde e quando no mundo do século 482 ele poderia ir e onde não poderia, o que poderia e o que não poderia fazer e o que tinha que evitar a todo custo. Sua presença deveria impor-se apenas sobre aqueles lugares e momentos que não comprometessem a Realidade.

O Século 482 não lhe era confortável. Não era como seu próprio tempo natal, austero e conformista. Era uma dessas épocas sem éticas ou princípios, como estava acostumado a pensar delas. Era hedonista, materialista, mais que um tanto matriarcal. Era a única época (ele o verificou cuidadosamente nos registros) na qual florescia nascimento ectogênico e, no máximo, quarenta por cento de suas mulheres davam à luz eventualmente, simplesmente acrescentando um óvulo fertilizado ao ovário. O casamento era feito e desfeito por mútuo consentimento e não era reconhecido legalmente como qualquer coisa mais do que um acordo pessoal sem força de união. A união visando filhos era, naturalmente, cuidadosamente diferenciada das funções sociais do casamento e arranjada sobre bases puramente eugênicas.

Harlan considerou a sociedade defeituosa em centenas de pontos, e conseqüentemente ansiou por uma Mudança de Realidade. Mais de uma vez ocorreu-lhe que sua própria presença no Século, como homem de outra época, poderia bifurcar sua história. Se sua presença se tornasse uma perturbação em algum ponto-chave, um ramal diferente de possibilidade tornar-se-ia real, um ramal no qual milhões de mulheres em busca de prazer se encontrariam transformadas em mães sinceras e de coração puro. Elas estariam em uma outra Realidade com todas as lembranças decorrentes, incapazes de dizer, sonhar ou imaginar que já haviam sido qualquer outra coisa.

Infelizmente, para fazê-lo, teria que transpor os limites do mapa espaço-temporal, e isso era inconcebível. Mesmo que não fosse, transpô-los ao acaso poderia mudar a Realidade em diversas maneiras. Poderia ser piorada. Somente análise e Computação

cuidadasas poderiam estabelecer adequadamente a natureza de uma Mudança de Realidade.

Aparentemente, quaisquer que fossem suas opiniões particulares, Harlan continuava sendo um Observador, e o Observador ideal era simplesmente um conjunto de feixes de nervos e sentidos ligado a um mecanismo de escrever relatórios. Entre a percepção e o relatório não deveria intervir a emoção.

Nesse aspecto, os relatórios de Harlan eram a própria perfeição.

O Computador Assistente Finge chamou-o após seu segundo relatório semanal.

- Congratulações, Observador -. disse ele, com uma voz sem entusiasmo - pela organização e clareza de seus relatórios. Mas o que você realmente pensa?

Harlan buscou refúgio em uma expressão tão neutra como se meticulosamente entalhada na madeira nativa do Século 95. - Não tenho opiniões pessoais quanto ao assunto - respondeu.

- Oh, vamos. Você é do Século 95 e ambos sabemos o que isso significa. Certamente este Século o perturba.

Harlan encolheu os ombros. - Algo em meus relatórios o leva a pensar que estou perturbado?

Era quase uma impudência, e o tamborilar dos dedos rudes de Finge sobre a escrivaninha o mostrava. - Responda à minha pergunta - insistiu Finge.

- Sociologicamente - disse Harlan - diversas facetas do Século revelam exagero. As últimas três Mudanças de Realidade nas épocas próximas o têm acentuado. Eventualmente, suponho que o caso deveria ser retificado. Extremismos nunca são saudáveis.

- Então você se deu ao trabalho de examinar as Realidades anteriores do Século.

- Como Observador, devo examinar todos os fatos pertinentes.

Era um impasse. Harlan, naturalmente, tinha o direito e o dever de examinar aqueles fatos. Finge devia sabê-lo. Todos os Séculos estavam sendo continuamente agitados por Mudanças de Realidade. Nenhuma Observação, por mais meticulosa que fosse, podia ficar por muito tempo sem nova inspeção. Era procedimento padrão na Eternidade ter-se todos os Séculos em um estado constante de Observação. E para se Observar adequadamente, devia-se ser capaz de levar em consideração não somente os fatos da Realidade corrente, mas também sua relação com os das Realidades anteriores.

Porém, a Harlan parecia que essa sondagem da opinião do Observador não era simplesmente desagradabilidade da parte de Finge. Este parecia definitivamente hostil.

Em uma outra ocasião Finge havia dito a Harlan (tendo-lhe invadido o pequeno escritório para trazer as novas): - Seus relatórios estão criando uma impressão bem favorável no Conselho Pan-Temporal.

Harlan vacilou, incerto, e então murmurou: - Obrigado.

- Todos concordam que você mostra um grau de penetração incomum.

- Faço o melhor que posso.

- Já conhece o Computador Sênior Twissell? - perguntou Finge subitamente.

- Computador Twissell? - Harlan arregalou os olhos.. - Não, senhor. Por que pergunta?

- Ele parece estar particularmente interessado em seus relatórios.

As bochechas rechonchudas de Finge repuxaram-se para baixo amuadamente e ele mudou de assunto. - Parece-me que você elaborou uma filosofia própria, um ponto de vista sobre a História.

A tentativa arrastou Harlan firmemente. A vaidade e a cautela lutaram e a primeira

venceu. - Estudei História Primitiva, senhor.

- História Primitiva? Na escola?

- Não exatamente, Computador. Por minha conta. É meu... passatempo. É como ver a História ainda sólida, fixa! Ela pode ser estudada em detalhes, ao passo que os Séculos da Eternidade estão sempre mudando.

Esse pensamento animou-o um pouco.

- É como se fôssemos tomar uma série de poses de um livro-filme e estudar minuciosamente cada uma delas. Veríamos um bocado de coisas que deixaríamos passar se apenas examinássemos o filme à medida que passasse. Creio que isso me ajuda um bocado em meu trabalho.

Finge o fitou, estupefato, arregalou um pouco os olhos e saiu sem mais observações.

Depois disso, trazia ocasionalmente à tona o assunto de História Primitiva e aceitava os relutantes comentários de Harlan, sem expressão decisiva em seu próprio rosto rechonchudo.

Harlan não estava certo se devia lastimar o caso todo ou se devia considerá-lo como uma maneira possível de acelerar sua própria promoção.

Decidiu pela primeira alternativa quando, ao passar um dia pelo Corredor A, Finge disse bruscamente e na presença de outros: - Grande Tempo, Harlan, você nunca sorri?

Veio a Harlan a chocante ideia de que Finge o odiava. Agora, seus próprios sentimentos em relação a Finge aproximaram-se de algo assim como detestação.

Três meses de pente-fino através do Século 482 tinham consumido a maior parte de sua preciosa carne, e, quando Harlan recebeu um imprevisto chamado para comparecer ao escritório de Finge, não ficou surpreso. Estava à espera de uma mudança de tarefa. Seu resumo final havia sido preparado dias antes. O Século 482 estava ansioso por exportar mais material têxtil à base de celulose para Séculos desflorestados, tais como o 1174, mas não desejava aceitar peixe defumado em troca. O resumo continha uma longa lista de tais itens em ordem correta e com análises exatas.

Ele levou consigo o rascunho do resumo.

Mas não foi feita nenhuma menção do Século 482. Em vez disso, Finge apresentou-o a um homenzinho mirrado e enrugado, de escassos cabelos brancos e um rosto de gnomo, que durante toda a entrevista permaneceu com um perpétuo sorriso estampado no rosto. Variou entre extremos de ansiedade e jovialidade, mas nunca desapareceu completamente. Segurava, entre dois de seus dedos amarelados, um cigarro aceso.

Era a primeira vez que Harlan via um cigarro, caso contrário teria prestado mais atenção ao homem, menos ao cilindro fumegante, e estado melhor preparado para a apresentação de Finge.

- Computador Sênior Twissell, este é o Observador Andrew Harlan - disse Finge.

Os olhos de Harlan desviaram-se subitamente do cigarro do homenzinho para seu rosto.

- Como vai? - disse o Computador Sênior Twissell, com uma voz aguda. - Então este é o jovem que prepara aqueles excelentes relatórios?

Harlan não encontrou a voz. Laban Twissell era uma lenda, um mito vivo. Laban Twissell era um homem que ele devia ter reconhecido imediatamente. Ele era o mais notável Computador da Eternidade, que é uma outra maneira de se dizer que era o mais notável Eterno vivo. Era o decano do Conselho Pan-Temporal. Havia dirigido

mais Mudanças de Realidade do que qualquer homem na História da Eternidade. Ele era... Ele possuía...

A mente de Harlan falhou-lhe completamente. Meneou a cabeça com um sorriso tolo e não disse nada.

Twissell colocou o cigarro na boca, deu uma rápida baforada e afastou-o. - Deixem-nos, Finge. Quero conversar com o rapaz.

Finge levantou-se, murmurou algo e saiu.

- Você parece nervoso, rapaz - disse Twissell. Não há razão para estar nervoso.

Mas conhecer Twissell dessa forma era chocante. É sempre desconcertante descobrir que alguém que você imaginou ser um gigante tem na verdade menos de um metro e sessenta e cinco de altura. Poderia o cérebro de um gênio realmente caber por detrás da reluzente testa calva é recuada? Seria aguçada inteligência ou apenas bom humor que irradiava dos olhinhos que se apertavam em mil rugas?

Harlan estava confuso. O cigarro parecia obscurecer todo pequeno esforço de inteligência que conseguia reunir. Retraiu-se visivelmente quando uma lufada de fumaça o alcançou.

Os olhos de Twissell apertaram-se como se estivessem tentando perscrutar através da nuvem de fumaça, e ele disse em dialeto do décimo milênio, com um sotaque horrível: - Você se sentiria melhor se eu falasse em seu próprio dialeto, rapaz?

Harlan, levado ao limiar de um riso histérico, respondeu cuidadosamente: - Falo Intertemporal Padrão perfeitamente bem, senhor.

Disse-o no Intertemporal que ele e todos os outros Eternos em sua presença tinham usado, desde seus primeiros meses na Eternidade.

- Bobagem - disse Twissell imperiosamente. - Não me preocupo com Intertemporal. Minha linguagem em deca-milenar está mais que perfeita.

Harlan julgou haver transcorrido uns quarenta anos desde que Twissell tivera que fazer uso de dialetos locais. Mas tendo se imposto, para sua própria satisfação, aparentemente, ele mudou para Intertemporal e permaneceu nele.

- Gostaria de oferecer-lhe um cigarro - disse ele - mas estou certo de que você não fuma. O fumo é aprovado apenas em algumas épocas da História. Na verdade, os bons cigarros são feitos somente no Século 72, e os meus têm que ser especialmente importados de lá. Dou-lhe esta sugestão para o caso de algum dia você se tornar um fumante. É triste. Na semana passada, fiquei parado no Século 123 durante dois dias. Nada de fumo. Quero dizer, nem mesmo no Setor da Eternidade destinado ao Século 123. Os Eternos de lá absorveram os costumes. Se eu tivesse acendido um cigarro, teria sido como a queda do céu. Às vezes penso que gostaria de calcular uma grande Mudança de Realidade e eliminar todos os tabus contra o fumo em todos os Séculos, fora o que qualquer Mudança de Realidade como essa faria pelas guerras do Século 58 ou por uma sociedade escravocrata do Século 1000. Sempre alguma coisa.

Harlan ficou a princípio confuso e depois ansioso. Certamente essa bateria de irrelevância devia estar escondendo algo.

Sentiu a garganta um pouco apertada. - Posso perguntar por que me procurou, senhor? - disse ele.

- Gosto de seus relatórios, rapaz.

Houve um brilho velado de alegria nos olhos de Harlan, mas ele não sorriu. - Obrigado, senhor.

- Têm o toque do artista. Você é intuitivo. Você sente intensamente. Creio que conhece sua posição adequada na Eternidade e vim oferecê-la a você.

Não posso crer, pensou Harlan.

Conteve todo o triunfo de sua voz. - Concede-me uma grande honra, senhor - dis-

se.

O Computador Sênior Twissell, tendo chegado ao fim de seu cigarro, sacou outro da mão esquerda por alguma proeza de prestidigitação e acendeu-o. - Pelo amor do Tempo, rapaz - disse ele entre baforadas - você fala como se recitasse versos. Grande honra, bah! Besteira. Bobagem. Diga o que sente em linguagem clara. Você está satisfeito, hein?

- Sim, senhor - respondeu Harlan cautelosamente.

- Está bem. Deve estar, mesmo. Gostaria de ser um Técnico?

- Um Técnico! - exclamou Harlan, saltando da cadeira.

- Sente-se, sente-se. Você parece surpreso.

- Não esperava ser um Técnico, Computador Twissell.

- Sim - disse Twissell secamente - de certa forma ninguém espera. Esperam tudo menos isso. Contudo, Técnicos são difíceis de encontrar e estão sempre em demanda. Nenhum Setor da Eternidade tem o que considera suficiente.

- Não creio que eu sirva.

- Quer dizer que não serve para assumir um cargo que inclui aborrecimento. Pelo Tempo! Se você for devotado à Eternidade, como creio que é, não se importará com isso. Portanto, os tolos o evitarão e você se sentirá no ostracismo e se acostumará com isso. E terá a satisfação de sentir-se necessário, e muitíssimo necessário. Para mim.

- Para o senhor? Para o senhor, particularmente?

- Sim.

Um princípio de perspicácia entrou no sorriso do velho.

- Você não vai ser apenas um Técnico. Será meu Técnico pessoal. Terá um "status" especial. O que lhe parece agora?

- Não sei, senhor - respondeu Harlan. - Posso não estar à altura.

Twissell meneou firmemente a cabeça. - Preciso de você. Preciso exatamente de você. Seus relatórios asseguram-me que você tem o que preciso.

Bateu prontamente na testa com a ponta da unha do indicador.

- Sua ficha como Aprendiz é boa; os Setores para os quais você Observou apresentaram relatórios favoráveis. Finalmente, o relatório de Finge foi o mais conveniente de todos.

Harlan ficou honestamente surpreso. - O relatório do Computador Finge foi favorável?

- Você não o esperava?

- Eu... não sei.

- Bem, rapaz, eu não disse que foi favorável. Disse que foi conveniente. Na verdade, o relatório de Finge não foi favorável. Ele recomendou que você fosse removido de todas as funções relacionadas com Mudanças de Realidade. Sugeriu que não seria seguro conservá-lo em qualquer lugar, senão na Manutenção.

Harlan enrubescou. - Quais foram suas razões, senhor?

- Parece que você tem um passatempo, rapaz. Está interessado em História Primitiva, não?

Gesticulou expansivamente com o cigarro e Harlan, em sua raiva, esquecendo de controlar a respiração, inalou uma nuvem de fumaça e tossiu inevitavelmente.

Twissell considerou benignamente o acesso de tosse do jovem Observador e disse: - Não é assim?

- O Computador Finge não tinha o direito... - começou Harlan.

- Ora, ora. Conte-lhe o que havia no relatório porque disso depende o propósito para o qual mais preciso de você. Na verdade, o relatório era confidencial e você tem

que esquecer que eu lhe revelei o que continha. Permanentemente, rapaz.

- Mas o que há de errado no fato de eu estar interessado em História Primitiva?

- Finge acha que este seu interesse mostra um forte Desejo-de-Tempo. Entende-me, rapaz?

Harlan entendia. Era impossível deixar de assimilar jargão psiquiátrico. Especialmente aquela frase. Supunha-se que todos os membros da Eternidade tinham uma forte inclinação, a mais forte por ser oficialmente suprimida em todas as suas manifestações, a voltar, não necessariamente ao seu próprio Tempo, mas ao menos a algum Tempo definido; a se tornar parte de um Século, ao invés de continuar sendo um viajante através de todos eles. É claro que na maioria dos Eternos a inclinação permanecia oculta em segurança no inconsciente.

- Não creio que seja esse o caso - disse Harlan.

- Nem eu. Na verdade, acho que seu passatempo é interessante e valioso. Como eu disse, eis por que o quero. Quero que ensine tudo que sabe e tudo que puder aprender sobre História Primitiva a um Aprendiz que lhe trarei. Você também será meu Técnico pessoal. Começará dentro de alguns dias. Isso lhe agrada?

Se agrada! Ter permissão oficial para aprender tudo que puder sobre os dias anteriores à Eternidade? Estar pessoalmente associado com o mais notável de todos os Eternos? Mesmo a odiosa posição de Técnico parecia tolerável sob essas condições.

Sua precaução, porém, não o abandonou completamente. - Se isso é necessário para o bem da Eternidade, senhor... - disse ele.

- Para o bem da Eternidade? - bradou o gnômico Computador com visível excitação. Atirou a ponta do cigarro com tal energia, que esta atingiu a parede mais distante e caiu em uma chuva de centelhas. - Preciso de você para a existência da Eternidade!

3

Aprendiz

Harlan permanecera durante semanas no Século 575 antes que conhecesse Brinsley Sheridan Cooper. Teve tempo de se acostumar com seus novos aposentos e com a assepsia do vidro e da porcelana. Aprendeu a usar a insígnia de Técnico apenas com timidez moderada e a abster-se de tomar as coisas piores, colocando-se em posição de modo que a insígnia ficasse escondida contra uma parede ou simulada pela interposição de algum objeto que estivesse carregando.

Os outros sorriam com desdém quando isso ocorria e tomavam-se mais indiferentes, como se suspeitassem de uma tentativa de obter sua amizade sob falsos pretextos.

O Computador Sênior Twissell trazia-lhe problemas diariamente. Harlan os estudava e anotava suas análises em rascunhos que eram re-escritos quatro vezes, sendo a última versão entregue ainda com relutância.

Twissell avaliava-os, acenava com a cabeça e dizia: - Bom, bom.

Então seus olhos cansados fixavam-se rapidamente em Harlan e seu sorriso se estreitava um pouco quando dizia: - Testarei esta suposição no Computaplex.

Ele sempre referia-se à análise como "suposição". Nunca revelava a Harlan o resultado do exame do Computaplex e este não ousava perguntar. Estava desesperado quanto ao fato de nunca lhe ter sido pedido para colocar qualquer uma de suas próprias análises em ação. Será que aquilo significava que o Computaplex não estava conferindo com ele, que estivera escolhendo o item errado para a indução de uma Mudança de Realidade Mínima Necessária em uma área indicada? (Somente bem depois é que ele ficou suficientemente sofisticado para ter a frase rolando para fora da língua como M.M.N.)

Certo dia, Twissell entrou com um indivíduo acanhado, que pareceu mal ousar levantar os olhos para encontrar o de Harlan.

- Técnico Harlan - disse Twissell - este é o Aprendiz B. S. Cooper.

- Como vai? - disse Harlan automaticamente; sopesou a aparência do homem e não ficou impressionado. O sujeito era do tipo baixinho, de cabelos escuros repartidos ao meio. Seu queixo era estreito, seus olhos de um castanho claro indefinido e suas unhas, roídas.

- Este é o rapaz a quem você vai ensinar História Primitiva - disse Twissell.

- Grande Tempo! - disse Harlan com interesse subitamente aumentado. - Olá! - Ele já tinha quase esquecido.

- Combine com ele um horário que lhe convenha, Harlan - disse Twissell. - Se puder dispor de duas tardes por semana, creio que será suficiente. Use seu próprio método para ensiná-lo. Deixarei isso ao seu encargo. Se precisar de livros-filmes ou antigos documentos, peça-me, e se eles existem na Eternidade ou em qualquer parte do Tempo que possa ser alcançada, nós os arranjarremos. Certo, rapaz?

Twissell tirou um cigarro aceso de lugar nenhum (como sempre parecia) e o ar se encheu de fumaça. Harlan tossiu, e pela torção da boca do Aprendiz, ficou bem óbvio que este teria feito o mesmo, se tivesse ousado.

Depois que Twissell saiu, Harlan disse: - Bem, sente-se... - hesitou por um momento e então acrescentou com determinação: - Filho; sente-se meu filho. Meu escritório não é grande coisa, mas é seu sempre que estivermos juntos.

Harlan estava quase sufocando de ansiedade. Este projeto era seu! História Primitiva era algo que estava nele.

O aprendiz levantou os olhos (pela primeira vez, na verdade) e disse, hesitante: - O senhor é um Técnico.

Uma parte considerável da excitação e entusiasmo de Harlan esmaeceu. - E daí?

- Nada - disse o Aprendiz. - Apenas...

- Ouviu o Computador Twissell dirigir-se a mim como Técnico, não foi?

- Sim, senhor.

- Pensou que fosse um lapso da língua? Algo ruim demais para ser verdade?

- Não, senhor.

- Que há de errado com seu modo de falar? - perguntou Harlan brutalmente; e quando o fez, sentiu vergonha de atirá-lo.

Cooper enrubesceu exageradamente. - Não estou muito bom em Intertemporal Padrão.

- Por que não? Há quanto tempo você é Aprendiz?

- Menos de um ano, senhor.

- Um ano? Que idade tem você, pelo amor do Tempo?

- Vinte e quatro fisio-anos, senhor.

Harlan arregalou os olhos. - Quer dizer que o receberam na Eternidade aos vinte e três?

- Sim, senhor.

Harlan sentou-se e juntou as mãos. Simplesmente não estava certo. De quinze para dezesseis anos era a idade de se entrar na Eternidade. O que significava aquilo? Uma nova maneira de testá-lo, por parte de Twissell?

- Sente-se e comecemos - disse ele. - Seu nome completo e seu tempo natal.

- Brinsley Sheridan Cooper, do Século 78, senhor - gaguejou o Aprendiz.

Harlan quase se enterneceu. Este era familiar. Estava a apenas dezessete Séculos abaixo de seu próprio Século natal. Quase um vizinho Temporal.

- Está interessado em História Primitiva? - perguntou ele.

- O Computador Twissell pediu-me para aprender. Não sei muito a respeito.

- O que mais está aprendendo?

- Matemática. Engenharia Temporal. Por enquanto estou apenas aprendendo os princípios. Lá no Século 78 eu fazia consertos de Rapid-o-Vac.

Não havia objetivo em perguntar a natureza de um "Rapid-o-Vac". Podia ser um limpador por sucção, uma máquina de computação, um tipo de pulverizador de pintura. Qualquer coisa. Harlan não estava particularmente interessado.

- Você não sabe nada sobre História? Qualquer tipo de História?-- perguntou ele.

- Estudei História Europeia

- Sua unidade política particular, suponho.

- Nasci na Europa. Sim. Muitas vezes, é claro, ensinam-nos História Moderna. Depois das revoluções de 54; isto é, de 7554.

- Está bem. A primeira coisa a fazer é esquecer tudo isso. Não significa nada. A história que tentam ensinar aos Tempistas muda com cada mudança de Realidade. Não que eles percebam. Em cada Realidade, sua história é única. É nisso que difere a História Primitiva. Essa é a beleza dela. Não importa o que façamos; ela existe precisamente como sempre existiu. Colombo e Washington, Mussolini e Hereford; todos eles existem.

Cooper sorriu debilmente. Esfregou o dedinho no lábio superior e pela primeira vez Harlan notou lá um vestígio de pelos, como se o Aprendiz estivesse cultivando um bigode.

- Não pude me acostumar completamente, todo o tempo que estive aqui.

- Acostumar-se a quê?

- A estar quinhentos Séculos longe de casa.

- Eu mesmo estou perto disso. Sou do 95.

- Eis outra coisa. O senhor é mais velho que eu, e no entanto sou dezessete Séculos mais velho que o senhor, em outro aspecto. Posso ser seu tetra-tetra-tetravô e assim por diante.

- Qual é a diferença? Suponhamos que seja.

- Bem, é preciso se acostumar.

Havia um traço de rebelião na voz do Aprendiz.

- É preciso para todos nós - disse Harlan insensivelmente, e começou a falar sobre os Primitivos. Quando três horas já se haviam passado, ele estava se aprofundando em uma explicação relativa às razões por que havia Séculos antes do Século 1.

(- Mas o Século 1 não é o primeiro? - perguntara Cooper, choramingando.)

Harlan terminou por dar um livro ao Aprendiz; não um bom, realmente, mas que serviria como início. - Eu lhe conseguirei material melhor à medida que prosseguirmos - disse ele.

Depois de uma semana, o bigode de Cooper tinha se tornado uma marca escura pronunciada que o fazia parecer dez anos mais velho e acentuava a estreiteza de seu queixo. Tudo por tudo, decidiu Harlan, não seria uma melhoria aquele bigode.

Terminei o livro - disse Cooper.

- Que achou dele?

- De certa forma... - houve uma longa pausa. - Partes do baixo Primitivo têm algo em comum com o 78 - começou Cooper novamente. - Isso me fez em casa, sabe. Por duas vezes sonhei com minha esposa.

- Sua esposa? - explodiu Harlan.

- Eu era casado, antes de vir para cá.

- Grande Tempo! Trouxeram sua esposa, também?

Cooper meneou a cabeça. -- Nem mesmo sei se ela foi Mudada no último ano. Se foi, suponho que agora não seja realmente minha esposa.

Harlan recobrou-se. É claro que se o Aprendiz tinha vinte e três anos quando foi recebido na Eternidade, era totalmente possível que tivesse sido casado. Uma coisa sem precedente levava à outra.

O que estava acontecendo? Uma vez que fossem introduzidas modificações nas regras, não demoraria muito até o ponto onde tudo declinaria em uma massa de incoerência. A Eternidade era uma organização muito delicada- mente equilibrada para tolerar modificações.

Foi em favor da Eternidade, talvez, que colocou uma aspereza involuntária nas palavras seguintes de Harlan. - Espero que não esteja planejando voltar ao Século 78 para ver como está ela.

O Aprendiz ergueu a cabeça e seus olhos estavam firmes e seguros. - Não.

Harlan alterou-se, incomodado. - Ótimo Você não tem família. Nada. Você é um Eterno e jamais pense em qualquer pessoa que conheceu no Tempo.

Os lábios de Cooper apertaram-se, e seu sotaque sobressaiu-se nitidamente em suas rápidas palavras. - O senhor está falando como um Técnico.

Os punhos de Harlan cerraram-se em torno dos braços da cadeira. - O que você quer dizer? - perguntou ele, asperamente. - Que sou um Técnico e faço as Mudanças? Portanto as defendo e exijo que você as aceite? Olhe, garoto, você não está aqui nem há um ano, não fala Intertemporal, está todo desajustado ao Tempo e à Eternidade, mas pensa que sabe tudo sobre Técnicos e como socar-lhes os dentes.

- Sinto muito - disse Cooper rapidamente. - Não quis ofendê-lo.

- Claro que não; quem ofende um Técnico? Você apenas ouve os outros conversando, é isso? "Frio como o coração de um Técnico", dizem eles, não é? "Um trilhão de personalidades mudadas... com apenas um bocejo de um Técnico", dizem. Pode ser que digam mais algumas outras coisas. Qual é a resposta, Sr. Cooper? Isso o faz sentir-se sofisticado para aderir? Isso o torna um grande homem? Uma grande roda na Eternidade?

- Eu disse que sinto muito.

- Está bem. Apenas quero que saiba que sou Técnico há menos de um mês e que nunca induzi pessoalmente uma Mudança de Realidade. Agora, prossigamos.

No dia seguinte, o Computador Sênior Twissell chamou Andrew Harlan em seu escritório.

- Gostaria de sair para uma M.M.N., rapaz? - perguntou ele.

Era quase demasiadamente conveniente. Toda aquela manhã Harlan estivera lastimando sua covarde retratação quanto a estar pessoalmente envolvido no trabalho de Técnico; seu grito infantil: ainda não fiz nada de errado, portanto não me culpe.

O fato significava uma admissão de que havia algo de errado quanto ao trabalho de Técnico. E que ele mesmo estava inocente porque era muito novo na atividade para ter tido tempo de se tomar um criminoso.

Aceitou de bom grado a oportunidade de eliminar agora aquela desculpa. Seria quase uma penitência. Ele poderia dizer a Cooper: Sim, por causa de algo que fiz, estes vários milhões de pessoas têm novas personalidades, mas foi necessário e estou orgulhoso de ter sido a causa.

- Estou pronto, senhor - disse Harlan, então, jovialmente.

- Ótimo, ótimo. Você ficará satisfeito em saber, rapaz - (uma baforada e a ponta do cigarro ardeu luminosamente) - que cada uma de suas análises conferiu com precisão de ordem elevada.

- Obrigado, senhor. - (Eram análises, agora, pensou Harlan, e não suposições).

- Você tem talento. Mais que um toque, rapaz. Procuo grandes coisas. E podemos começar com esta: Século 223. Sua afirmação de que uma embreagem gasta num veículo supriria a bifurcação necessária sem efeitos colaterais indesejados está perfeitamente correta. Você a estragará?

- Sim, senhor.

Esta foi a verdadeira iniciação de Harlan na Tecnicidade. Depois disso, ele era mais do que apenas um homem com um problema encarnado. Tinha lidado com a Reali-

dade. Ele havia adulterado um mecanismo durante uns poucos minutos roubados ao Século 223 e, como resultado, um jovem não alcançou uma conferência sobre mecânica, à qual tencionara comparecer. Nunca entrou em engenharia solar, conseqüentemente, e uma invenção perfeitamente simples foi retardada em seu desenvolvimento durante uma crucial dezena de anos. Como resultado, uma guerra no Século 224 foi removida surpreendentemente da Eternidade.

Isso não foi bom? E daí se as personalidades foram mudadas? As novas personalidades eram tão humanas quanto as velhas e também merecedoras de vida. Se algumas vidas foram abreviadas, mais foram prolongadas e tornadas mais felizes. Uma grande obra de literatura, um monumento da inteligência e sentimento do homem, nunca foi escrita na nova Realidade, mas diversas cópias foram preservadas nas bibliotecas da Eternidade, não foram? E novas obras criativas tinham vindo a existir, não tinham?

Contudo, naquela noite, Harlan passou horas em uma viva agonia de insônia, e quando finalmente cochilou embriagadamente, fez algo que não havia feito durante anos.

Sonhou com sua mãe.

Apesar do quase-fracasso de tal começo, um fisio-ano foi suficiente para fazer Harlan conhecido por toda a Eternidade como o "Técnico de Twissell" e, com mais do que um traço de mau humor, como "O Menino-Prodígio" e o "Infalível".

Seu contato com Cooper tornou-se quase confortador. Eles nunca ficaram completamente amigos. (Se Cooper pudesse ter-se esforçado para mostrar amizade, Harlan poderia não ter sabido como agir.) Contudo, eles trabalhavam bem juntos, e o interesse de Cooper por História Primitiva cresceu até o ponto onde quase rivalizava com o de Harlan.

- Olhe, Cooper, você se importaria de vir amanhã, em vez de hoje? - disse-lhe Harlan certo dia. - Preciso subir até os Séculos 3000 qualquer dia desta semana para conferir uma Observação, e o homem que quero ver está livre esta tarde.

Os olhos de Cooper iluminaram-se avidamente. - Por que não posso ir?

- Você quer?

- Certamente. Nunca estive numa caldeira, exceto quando me trouxeram do Século 78 para cá, e na ocasião eu não sabia o que estava acontecendo.

Harlan estava acostumado a usar a caldeira na Coluna C, que era, por costume tradicional, reservada aos Técnicos, ao longo de toda sua incomensurável extensão através dos Séculos. Cooper não mostrou embaraço ao ser levado para lá. Entrou na caldeira sem hesitação e tomou seu assento na moldura curva que o cercava completamente.

Quando Harlan, contudo, tinha ativado o Campo e impelido a caldeira em movimento ascendente, o rosto de Cooper contorceu-se em uma expressão de surpresa quase cômica.

- Não sinto nada - disse ele. - Há algo de errado?

- Nada está errado. Você não está sentindo nada porque não está realmente se movendo. Está sendo impelido ao longo da extensão temporal da caldeira. Na verdade - disse Harlan, tornando-se didático - você e eu não somos matéria, realmente, apesar das aparências. Centenas de homens podem estar usando esta mesma caldeira, movendo-se (se é que se pode chamar isto de movimento) em várias velocidades, em ambas as direções do Tempo, atravessando um o outro e assim por diante. As leis do universo comum quase não se aplicam aos túneis das caldeiras!

A boca de Cooper torceu-se um pouco e Harlan pensou preocupadamente: o garoto está aprendendo engenharia temporal e sabe mais do que eu sobre o assunto. Por que não me calo e paro de passar por idiota?

Ele se refugiou no silêncio e fitou Cooper sombriamente. O bigode do jovem crescera havia meses. Curvava-se para baixo, dando à sua boca a forma do que os Eternos chamavam linha de Mallansohn, porque a única fotografia do inventor do Campo Temporal (deficiente e fora de foco) que se sabia ser autêntica mostrava-o com um bigode exatamente igual. Por esta razão, tinha uma certa popularidade entre os Eternos, embora fizesse pouca justiça a muitos deles.

Cooper fixou o olhar nos números mutáveis que marcavam a passagem dos Séculos em relação ao deles. - Até que altura no Tempo o poço vai? - perguntou ele.

- Não lhe ensinaram isso?
- Eles mal mencionaram as caldeiras.

Harlan encolheu os ombros. - Não há limite para a Eternidade. A coluna continua para sempre.

- Até a que altura no Tempo o senhor esteve?
- Esta será a maior. O Dr. Twissell já esteve nos 50000.
- Grande Tempo! - murmurou Cooper.
- Isso ainda não é nada. Alguns Eternos estiveram acima do Século 150000.
- Como é lá?
- Como absolutamente nada - respondeu Harlan melancolicamente. -. Grande quantidade de vida, mas nenhuma delas humana. O homem se foi.
- Morto? Liquidado?
- Não sei e ninguém sabe exatamente.
- Nada pode ser feito para mudar isso?
- Bem, do Século 70000 em... - começou Harlan, depois terminou bruscamente. - Oh, ao Tempo com isso. Mude de assunto.

Se havia um assunto sobre o qual os Eternos eram quase supersticiosos, era sobre os "Séculos Ocultos", o tempo entre o Século 70000 e o 150000. Este era um assunto raramente mencionado. Era simplesmente a associação próxima de Harlan com Twissell o que era reduzido conhecimento da era. Isso significava que os Eternos não podiam passar para o Tempo em todos aqueles milhares de Séculos. As portas entre a Eternidade e o Tempo eram intransponíveis. Por quê? Ninguém sabia.

Harlan julgou, por algumas observações casuais de Twissell, que haviam sido feitas tentativas de Mudar a Realidade nos Séculos um pouco abaixo do 70000, mas, sem Observação adequada além do 70000, não havia muito que se podia fazer.

Certa ocasião, Twissell sorria levemente e dissera:

- Algum dia passaremos. Entrementes, 70000 Séculos são mais que o suficiente para se tomar conta.

Isso não pareceu totalmente convincente.

- O que acontece à Eternidade depois do Século 150000? - perguntou Cooper.

Harlan suspirou. Aparentemente, o assunto não iria mudar. - Nada - respondeu ele. - Os Setores estão lá, mas não há Eternos neles em qualquer lugar depois do Século 70000. Os Setores continuam existindo por milhões de anos até que a vida se extinga, e além, até que o Sol se torne Nova, e vai além também. Não há qualquer limite para a Eternidade. Eis por que é chamada Eternidade.

- O Sol torna-se Nova, então?

- Certamente. A Eternidade não poderia existir, se não fosse assim. A Nova Sol é nosso suprimento de força. Sabe quanta força é necessária para se montar um Campo Temporal? O primeiro Campo de Mallansohn era de dois segundos, do extremo in-

ferior da escala do Tempo ao superior, e grande o suficiente para suportar não mais do que uma cabeça de fósforo; e para isso era necessária a produção total de um dia de uma usina de energia nuclear. Levou-se quase cem anos para se montar um Campo Temporal capilar suficientemente distante na escala ascendente do Tempo, para ser capaz de tirar a energia radiante da Nova, de maneira que pudesse ser construído um campo grande o bastante para suportar um homem.

Cooper suspirou. - Gostaria que parassem de me obrigar a aprender equações e mecânica de campo e começassem a me mostrar algumas das coisas interessantes. Agora, se eu tivesse vivido no tempo de Mallansohn...

- Não teria aprendido nada. Ele viveu no Século 24, mas a Eternidade não começou antes do fim do Século 27. Inventar o Campo não foi o mesmo que construir a Eternidade, sabe, e o resto do Século 24 não tinha a mínima noção do que significava a invenção de Mallansohn.

- Então estava adiante de sua geração?

- Muito. Ele não somente inventou o Campo Temporal, mas descreveu as relações básicas que tornaram possível a Eternidade e descreveu quase todos os seus aspectos, exceto quanto à Mudança de Realidade. Com total exatidão, também... mas creio que estamos parando, Cooper. Você primeiro.

Eles saíram.

Harlan nunca tinha visto o Computador Sênior Twissell zangado, antes. As pessoas sempre diziam que ele era incapaz de qualquer emoção, que era uma parte fixa e sem espírito da Eternidade, a ponto de ter esquecido o número exato de seu Século natal. As pessoas diziam que numa época anterior seu coração havia se atrofiado e que um computador de mão, similar ao modelo que ele levava sempre no bolso da calça, tinha tomado seu lugar.

Twissell nada fazia para negar esses rumores. De fato, muita gente supunha que ele mesmo acreditava neles.

Portanto, mesmo enquanto Harlan se curvava diante da força da rajada de raiva que o golpeava, tinha espaço na mente para ficar surpreso com o fato de Twissell poder manifestar raiva. Imaginou se Twissell estaria mortificado por ter descoberto que seu coração de computador o havia traído, expondo-se apenas como uma coisa deficiente, composta de músculos e válvulas, sujeita às reviravoltas da emoção.

- Pai Tempo, rapaz, você está no Conselho Pan-Temporal? - disse Twissell, em parte com sua velha voz rangente. -. Você dá as ordens aqui? Você me diz o que fazer ou sou eu que lhe digo? Você está planejando todas as viagens em caldeiras deste Setor?

Ele se interrompeu com exclamações ocasionais de "Responda-me", e então continuou a despejar mais perguntas dentro do fervente caldeirão interrogativo.

- Se você exorbitar desta forma outra vez - disse ele finalmente - eu o colocarei em concertos de encanamentos, e para sempre. Entende-me?

Harlan, pálido com o crescente embaraço, disse - Nunca me foi dito que eu não podia levar o Aprendiz Cooper na caldeira.

A explicação não agiu como emoliente. - Que tipo de desculpa é uma negativa dupla, rapaz? Nunca lhe foi dito para não embriagá-lo. Nunca lhe foi dito para não lhe cortar o cabelo a zero. Nunca lhe foi dito para não espetá-lo com uma espada bem afiada. Pai Tempo, rapaz, o que lhe foi dito para fazer com ele?

- Foi-me dito para ensinar-lhe História Primitiva.

- Então faça-o. Não faça nada mais que isso.

Twissell jogou ao chão o cigano e amassou-o selvaticamente sob o pé, como se fosse o rosto de um inimigo de toda a vida.

- Gostaria de ressaltar, Computador - disse Harlan - que muitos Séculos sob a Realidade corrente assemelham-se um pouco a eras específicas da História Primitiva em um ou mais aspectos. Minha intenção tinha sido levá-lo para esses Tempos, sob cuidadosa esquematização espaço-temporal, naturalmente, como uma forma de viagem de campo.

- Ouça seu cabeçudo, você não pretende pedir minha permissão para coisa alguma? Isso está fora de cogitação. Apenas ensine-lhe História Primitiva. Nada de viagens de campo. Nada de experiências em laboratório, também. Logo você estará mudando a Realidade só para lhe mostrar como se faz.

Harlan lambeu os lábios secos com a língua também seca, murmurou uma aquiescência ressentida e, eventualmente, foi autorizado a sair.

Foram necessárias várias semanas para que seus sentimentos feridos fossem em parte restabelecidos.

4

Computador

Harlan havia sido Técnico durante dois anos, quando re-entrou no Século 482 pela primeira vez, desde a despedida com Twissell. Encontrou-o quase irreconhecível.

O Século não havia mudado. Ele, sim

Dois anos como Técnico haviam significado algumas coisas. De certo modo, havia aumentado seu sentimento de estabilidade. Não mais precisava aprender uma nova linguagem, acostumar-se com novos estilos de vestuário e novos modos de vida, com cada novo projeto de Observação. Por outro lado, isso havia resultado em um retraimento de sua própria parte. Havia quase esquecido, agora, o coleguismo que unia todo o resto dos Especialistas da Eternidade.

Acima de tudo, ele havia desenvolvido o sentimento de poder de ser um Técnico. Detinha o destino de milhões na ponta dos dedos, e se alguém devia caminhar solitário por causa disso, podia também caminhar com orgulho.

Por isso, ele podia fitar friamente o homem das Comunicações atrás da escrivaniinha de entrada do Século 482, e anunciar-se friamente em sílabas reduzidas: - Andrew Harlan, Técnico, apresentando-se ao Computador Finge para serviço temporário no 482 - desconsiderando o rápido olhar do homem de meia-idade que encarava.

Era o que algumas pessoas chamavam de "olhar Técnico"; uma rápida e involuntária olhadela de esquelha no emblema encarnado do ombro do Técnico, e então uma tentativa elaborada de não olhá-lo novamente.

Harlan fitou o emblema do ombro do outro. Não era o amarelo do Computador, o verde do Esboçador de Vida, o azul do Sociólogo ou o branco do Observador. Não era de forma alguma da cor sólida de Especialista. Tinha simplesmente uma listra azul sobre fundo branco. O homem era das Comunicações, uma subdivisão da Manutenção, de forma alguma um Especialista.

E ele também mostrou seu "olhar Técnico".

- Bem? - disse Harlan um pouco sombriamente.

- Estou chamando o Computador Finge, senhor - respondeu o homem das Comunicações com rapidez.

Harlan lembrava-se do 482 como sólido e maciço, mas agora parecia quase esquelado.

Havia se acostumado ao vidro e porcelana do Século 575, ao seu fetiche de limpeza. Tinha se acostumado a um mundo de brancura e claridade, quebradas por manchas esparsas de pastel-claro.

Os fortes redemoinhos de gesso do Século 482, seus pigmentos salpicados, suas áreas de metal pintado eram quase repulsivos.

Mesmo Finge parecia diferente, com um pouco menos de seu tamanho natural. Dois anos antes, ao Observador Harlan, todos os gestos de Finge tinham parecido sinistros e poderosos.

Agora, das imponentes e isoladas alturas da posição de Técnico, o homem parecia patético e perdido. Harlan observou-o quando ele compulsou um maço de folhas e se preparou para levantar os olhos, com ar de quem começa a achar que faz seu visitante esperar exatamente o tempo necessário.

Finge era de um dos Séculos 600, baseado em energia. Twissell havia lhe contado isso, o que explicava um bocado. Os lampejos de mal humor de Finge poderiam ser facilmente o resultado da insegurança natural de um homem pesado acostumado à firmeza de campos de força e descontente por estar lidando com nada mais do que matéria frágil. Seu andar pé ante pé (Harlan lembrava-se bem do andar de gato de Finge; diversas vezes levantara os olhos de sua mesa e vira Finge ali em pé, fitando-o, sem que sua aproximação tivesse sido ouvida) não era mais algo furtivo e sorrateiro, mas sim o andar receoso e relutante de quem vive no constante, se bem inconsciente, temor de que o soalho se quebrará sob seu peso.

O homem está mal ajustado ao Setor, pensou Harlan, com amável condescendência. A única coisa que provavelmente o ajudaria é re-nomeação.

- Saudações, Técnico Harlan - disse Finge.

- Saudações, Computador - respondeu Harlan.

Finge disse: - Parece que nesses dois anos em que...

- Dois fisio-anos - interrompeu Harlan.

Finge fitou-o com surpresa. - Dois fisio-anos, é claro.

Na Eternidade não havia Tempo com o sentido comum do Tempo do universo exterior, mas os homens ficavam mais velhos fisicamente, e esta era a medida inevitável de Tempo, mesmo na ausência de fenômeno físico significativo. Psicologicamente, o Tempo passava e, em um fisio-ano dentro da Eternidade, um homem ficava tão velho quanto ficaria em um ano comum no Tempo.

Porém, mesmo o mais pedante dos Eternos lembrava-se da distinção somente vez ou outra. Era muito conveniente dizer: "Até amanhã", ou "Notei sua falta ontem", ou "Até a semana que vem", como se houvesse um amanhã ou um ontem ou uma semana passada, em qualquer sentido que não o psicológico. E os instintos de humanidade eram acentuados pelo fato de as atividades da Eternidade serem ajustadas a um dia arbitrário de vinte e quatro "fisio-horas", com uma solene suposição de dia e noite, de hoje e amanhã.

- Nesses dois fisio-anos em que estive ausente - continuou Finge - uma crise surpreendeu gradualmente o Século 482. Uma bem peculiar. Delicada. Quase sem precedentes. Agora precisamos de Observação precisa como nunca

- E você quer que eu Observe?

- Sim. De certa forma, é um desperdício de talento pedir a um Técnico para fazer uma tarefa de Observação, mas suas Observações anteriores, em clareza e compreensão, foram perfeitas. Precisamos delas novamente. Agora apenas esboçarei alguns detalhes...

Harlan não ia conhecer aqueles detalhes, naquele momento. Finge falou, mas a porta abriu-se e Harlan não o ouviu.

Ele fitou a pessoa que entrou.

Não que Harlan nunca tivesse visto antes uma garota na Eternidade. Nunca era uma palavra muito interessante. Raramente, sim, mas não nunca.

Mas uma garota como aquela! E na Eternidade!

Harlan vira várias mulheres em suas passagens pelo Tempo, mas para ele, no

Tempo, elas eram apenas objetos, como paredes e esferas, ancinhos e carrinhos de mão, gatinhos e mitenes. Eram fatos a serem Observados.

Na Eternidade, uma garota era algo diferente. E uma como aquela!

Ela estava vestida no estilo das classes superiores do Século 482, o que significava cobertura transparente e não muito mais, acima da cintura, e, abaixo, calças finas até os joelhos. Estas, embora bem opacas, faziam delicada menção a curvas glúteas.

Seus cabelos sedosos e escuros desciam até a altura dos ombros; o lábio superior estava levemente pincelado de vermelho, e o inferior, fortemente, em forma de um beijo exagerado. As pálpebras superiores e os lobos das orelhas eram de um cor-de-rosa pálido; e o resto de seu rosto juvenil (quase de menina), de uma surpreendente alvura láctea. Pendentes de joias desciam do meio dos ombros para a frente, para tinar, ora neste, ora naquele lado dos graciosos seios para os quais chamavam a atenção.

Sentou-se a uma mesa no canto do escritório de Finge, levantando os cílios apenas uma vez para passar o olhar escuro pelo rosto de Harlan.

Quando Harlan novamente ouviu a voz de Finge, o Computador dizia: -. Você receberá tudo isto em um relatório oficial e, entretantes, pode ocupar seu antigo escritório e quarto de dormir.

Harlan encontrou-se fora do escritório de Finge sem lembrar-se totalmente dos detalhes de sua saída. Presumivelmente, havia caminhado para fora.

A emoção dentro dele, que era fácil de se reconhecer, era raiva. Pelo Tempo, Finge não devia ser autorizado a fazer isso. Era ruim para o moral. Fazia um escárnio...

Ele se deteve, abriu os punhos e apertou os dentes. Vejamos, agora! Seus passos soaram nitidamente em seu próprio ouvido, quando caminhou firmemente em direção ao homem das Comunicações detrás da escrivaninha.

O homem levantou os olhos, sem encontrar totalmente o seu olhar, e disse cautelosamente: - Sim, senhor.

- Há uma mulher numa mesa do escritório do Computador Finge - disse Harlan. -. Ela é nova aqui?

Tencionara fazer a pergunta com naturalidade, de forma monótona e indiferente. Ela ressoou, pelo contrário, como uma batida de pratos.

Mas estimulou o homem das Comunicações. A expressão em seu olhar tomou-se algo que criava um parentesco entre todos os homens. Isso incluía até mesmo o Técnico, cumpliciava-o como um companheiro. - Refere-se à menina? - disse o homem. - Uau! Ela não é construída como uma latrina de campo de força, então?

Harlan gaguejou um pouco. - Apenas responda à minha pergunta.

o homem das Comunicações arregalou os olhos e um pouco da animação desvaneceu-se. - Ela é nova. E uma Tempista - respondeu o homem.

Um leve sorriso insinuou-se no rosto do homem das Comunicações e tornou-se um olhar de soslaio. - Supostamente, a secretária do chefe. Seu nome é Noys Lambent.

- Está bem.

Harlan girou sobre os calcanhares e saiu.

A primeira viagem de Observação de Harlan no Século 482 foi no dia seguinte, mas durou apenas trinta minutos. Era obviamente apenas uma viagem de orientação, destinada a dar-lhe a percepção das coisas. Esteve lá no dia seguinte por uma hora e meia e não esteve no terceiro.

Ele ocupou o tempo abrindo caminho através de seus relatórios originais, rememorando seu próprio conhecimento, recapitulando o sistema de linguagem do tempo, habituando-se novamente aos costumes locais.

Uma Mudança de Realidade tinha atingido o 482, mas era mínima. Um grupo político que estivera Dentro, agora estava Fora, mas, por outro lado, não parecia haver mudança na sociedade.

Sem se aperceber totalmente, tomou o hábito de procurar informações sobre a aristocracia em seus velhos relatórios. Certamente fizera Observações; mas eram impessoais, feitas à distância. Seus dados referiam-se a eles como uma classe, não como indivíduos.

Naturalmente, seus mapas espaço-temporais nunca lhe haviam exigido ou mesmo permitido que observasse a aristocracia de dentro. As razões deste fato estavam além do alcance de um Observador. Agora, ele se impacientava consigo mesmo por sentir curiosidade por aquilo.

Durante aqueles três dias ele viu quatro vezes a garota, Noys Lambent. A princípio estivera consciente apenas de suas roupas e ornamentos. Depois notou que tinha um metro e sessenta e cinco de altura, quinze centímetros menos que ele, porém graciosa e ereta o bastante para dar a impressão de altura ideal. Era mais velha do que parecia à primeira vista, próxima dos trinta, talvez, e certamente acima dos vinte e cinco.

Mantinha-se calada e reservada; sorriu-lhe certa vez quando passou por ele no corredor, e então abaixou os olhos. Harlan ficou de lado para evitar tocá-la, e então continuou a caminhar sentindo raiva.

Ao fim do terceiro dia, Harlan começava a sentir que sua obrigação como Eterno deixava-lhe apenas um curso de ação. Sem dúvida, a posição de Noys era confortável para ela mesma. Indubitavelmente, Finge estava dentro da letra da lei. Contudo, a indiscrição de Finge a respeito, sua indiferença, certamente iam contra o espírito da lei, e algo devia ser feito a respeito.

Harlan decidiu que, afinal de contas, não havia um homem na Eternidade que o desagradasse tanto quanto Finge. As desculpas que encontrara para o homem apenas alguns dias antes desapareceram.

Na manhã do quarto dia, Harlan pediu e recebeu permissão para ver Finge em particular. Entrou com passo determinado e, para sua própria surpresa, expôs seu ponto de vista imediatamente:

- Computador Finge, sugiro que a Srta. Lambent seja mandada de volta ao Tempo.

Os olhos de Finge apertaram-se. Ele indicou uma cadeira com um gesto, colocou as mãos fechadas sob o queixo redondo e flexível e mostrou alguns de seus dentes.

- Bem, sente-se, sente-se. Você acha a Srta. Lambent incompetente? Inapta? - perguntou ele.

- Nada posso dizer a respeito de sua incompetência e inaptidão, Computador. Isso depende da função na qual ela é colocada, e eu não a coloquei em nenhuma. Mas você deve compreender que ela é ruim para o moral deste Setor.

Finge fitou-o de maneira distante, como se sua mente de Computador estivesse ponderando abstrações além do alcance de um Eterno comum.

- De que maneira está ela ferindo o moral, Técnico?

- Não há real necessidade de perguntar -. respondeu Harlan, com sua raiva crescente. - Seu vestuário é exibicionista. Seu...

- Espere, espere. Agora espere um pouco, Harlan. Você foi Observador nesta era. Sabe que suas roupas são vestuário-padrão para o Século 482.

- Em seu próprio ambiente, em seu próprio meio cultural, não haveria nada de anormal que eu notasse, embora eu diga agora mesmo que seu vestuário é exagerado mesmo para o Século 482. Permita-me julgar isso. Aqui na Eternidade, uma pessoa como ela está certamente deslocada.

Finge meneou a cabeça lentamente. Na verdade, ele parecia estar se divertindo. Harlan firmou-se.

- Ela está aqui para um propósito calculado. Está desempenhando uma função essencial, apenas temporária. Tente tolerá-la, entretimentos.

Os dentes de Harlan tiritaram. Ele havia protestado e estava sendo iludido. Ao diabo com a cautela. Diria o que pensava.

- Posso imaginar qual seja a "função essencial" da mulher - disse ele. -. Não se deixará passar o fato de conservá-la tão publicamente.

Ele se voltou com firmeza e caminhou em direção à porta. A voz de Finge o deteve.

- Técnico - disse Finge -. seu relacionamento com Twissell pode ter-lhe dado uma noção distorcida de sua própria importância. Corrija isso! E diga-me, Técnico: você já teve uma (ele hesitou, parecendo escolher entre as palavras) "namorada"?

Com dolorosa e insultante precisão, ainda de costas, Harlan salientou: - No interesse de evitar complicações emocionais com o Tempo, um Eterno não pode casar-se. No interesse de evitar envolvimento emocional com a família, um Eterno não pode ter filhos.

- Não perguntei sobre casamento ou filhos - disse o Computador, seriamente.

Harlan retrucou: - Ligações temporárias podem ser feitas com Tempistas depois de solicitação, ao Conselho Central de Esquematização do Conselho Pan-Temporal para um Esboço de Vida apropriado para a Tempista envolvida. Conseqüentemente, as ligações só podem ser conduzidas de acordo com as exigências da esquematização espaço-temporal.

- É bem verdade. Você já solicitou uma ligação temporária, Técnico?

- Não, Computador.

- Pretende fazê-lo?

- Não, Computador.

- Talvez conviesse fazê-lo. Isso lhe daria uma maior amplitude de visão. Você ficaria menos preocupado com os detalhes do vestuário de uma mulher e menos perturbado com suas possíveis relações pessoais com outros Eternos.

Harlan saiu, mudo de raiva.

Ele achou quase impossível levar a cabo sua viagem quase diária ao Século 482 (o maior período contínuo era ainda algo menos de duas horas).

Estava preocupado, e sabia por quê. Finge! Finge e seu estúpido conselho quanto a ligações com Tempistas.

As ligações existiam. Todos o sabiam. A Eternidade sempre estivera consciente da necessidade de compromisso com os desejos humanos (para Harlan, a frase levava uma viva repulsa), mas as restrições envolvidas na escolha das amantes tornavam o compromisso qualquer coisa que não vago, qualquer coisa que não liberal. E daqueles que tinham sorte suficiente para qualificar-se para tais arranjos, esperava-se, por decência e consideração pela maioria, que fossem muito discretos a respeito.

Entre as classes inferiores dos Eternos, particularmente entre a Manutenção, sempre havia rumores (meio esperançosos, meio ressentidos) de mulheres importadas, em base mais ou menos permanente, para as finalidades óbvias. O rumor sempre apontava os Computadores e os Esboçadores de vida com os grupos beneficiados. Eles, e somente eles, podiam decidir quais mulheres podiam ser subtraídas do Tempo sem perigo de Mudanças de Realidade significativa.

Menos sensacionais (e conseqüentemente menos merecedoras de comentários)

eram as histórias sobre funcionárias Tempistas, que todos os Setores engajavam temporariamente (quando a análise espaço-temporal permitia) para desempenhar as tediosas tarefas de cozinhar, limpar e o serviço pesado.

Mas uma Tempista, e que Tempista, empregada como "secretária", podia significar somente que .Finge estava se intrometendo nos ideais que faziam da Eternidade o que ela era.

Desconsiderando-se as realidades da vida, às quais os homens práticos da Eternidade obedeciam perfunctoriamente, continuava sendo verdade que o Eterno ideal era um homem dedicado, vivendo para a missão que tinha que cumprir, para o aperfeiçoamento da Realidade e melhoria do total de felicidade humana. Harlan gostava de comparar a Eternidade com os conventos dos tempos Primitivos.

Ele sonhou naquela noite que tinha falado com Twissell sobre o assunto, e que este, o Eterno ideal, compartilhou de seu horror. Sonhou com um Finge submisso, rebaixado em posição. Sonhou consigo mesmo, em posse da insígnia amarela de Computador, instituindo um novo regime no Século 482, nomeando, magnânimo, Finge para uma nova posição na Manutenção. Twissell sentou-se perto dele, sorrindo de admiração, enquanto ele esboçava um novo organograma, claro, ordenado, consistente, e pedia a Noys Lambent para distribuir cópias.

Mas Noys Lambent estava nua, e Harlan acordou, trêmulo e envergonhado.

Encontrou a garota num corredor, certo dia, e ficou de lado, olhos baixos, para deixá-la passar.

Mas ela continuou parada, encarando-o, até que ele teve que levantar os olhos e encontrar os dela. Ela era toda cor e vida, e Harlan notou um leve perfume envolvendo-a.

- O senhor é o Técnico Harlan, não é? - disse ela.

Seu impulso foi desprezá-la, forçar passagem, mas, afinal de contas, disse ele consigo mesmo, isso tudo não era culpa dela. Além disso, passar por ela agora significaria tocá-la.

Portanto, confirmou brevemente. - Sim.

- Disseram-me que o senhor é perito em nosso Tempo.

- Estive nele.

- Adoraria conversar com o senhor sobre ele, qual quer dia.

- Estou ocupado. Eu não teria tempo.

- Mas, Sr. Harlan, certamente o senhor poderia achar tempo, algum dia.

Sorriu para ele.

- Quer passar, por favor? - disse Harlan num murmúrio desesperado. - Ou quer ficar de lado para me deixar passar? Por favor?

Ela se afastou com um lento balanço dos quadris, que trouxe sangue latejante para as faces embaraçadas de Harlan.

Ele estava irritado com ela por tê-lo embaraçado, irritado consigo mesmo por estar embaraçado e irritado, mais que tudo, por alguma razão obscura, com Finge.

Finge chamou-o ao fim de duas semanas. Em sua mesa havia uma delgada folha perfurada, cujo comprimento e complexidade revelaram imediatamente a Harlan que não se referia a nenhuma excursão de meia hora no Tempo.

- Quer sentar-se, Harlan - disse Finge - e examinar isto agora mesmo? Não, não leia. Use a máquina.

Harlan levantou sobrancelhas indiferentes e inseriu cuidadosamente a folha na fenda da leitora da mesa de Finge. Ela passou lentamente pelos intestinos da máquina e, ao fazê-lo, o padrão perfurado era traduzido em palavras que apareciam no retângulo branco-leitoso, que constituía o visor.

Mais ou menos no meio, a mão de Harlan moveu-se rapidamente e desligou o visor. Arrancou a folha com força tal, que rompeu sua resistente estrutura celulósica.

- Tenho outra cópia - disse Finge calmamente.

Mas Harlan estava segurando as sobras entre o indicador e o polegar, como se pudessem explodir. - Computador Finge, há algum engano. Certamente não esperam que eu use a casa desta mulher como base para uma permanência de quase uma semana no Tempo.

O Computador franziu os lábios. - Por que não, se as exigências espaço-temporais são essas? Se houver algum problema pessoal envolvido entre você e a Srta. Lam...

- Nenhum problema pessoal, de forma alguma - interrompeu Harlan, esquentado.

- Algum tipo de problema, certamente. Nestas circunstâncias, explicarei certos aspectos do problema de Observação. Isso não é para ser tomado como precedente, é claro.

Harlan sentou-se imóvel. Estava raciocinando rápida e firmemente. Normalmente, o orgulho profissional teria forçado Harlan a desdenhar explicações. Um Observador, ou Técnico, para este tipo de assunto, fazia seu trabalho sem perguntas. E de ordinário, um Computador nunca sonharia em oferecer explicações.

Aqui, entretanto, estava algo incomum. Harlan havia se queixado com relação à garota, a assim chamada secretária. Finge temia que a queixa pudesse ir adiante ("A culpa desaparece quando nenhum homem a segue"*), pensou Harlan com satisfação sombria, e tentou lembrar-se onde havia lido essa frase).

A estratégia de Finge era óbvia, portanto. Colocando Harlan na residência da mulher, ele estaria pronto a fazer contra-acusações, se as coisas fossem muito longe. O valor de Harlan como testemunha contra ele seria destruído.

E, naturalmente, ele precisaria ter alguma explicação especiosa para colocar Harlan em tal lugar, e viria a seguir. Harlan ouviu com desprezo mal disfarçado.

- Como sabe - disse Finge - os vários Séculos estão conscientes da existência de Eternidade. Sabem que supervisionamos o comércio intertemporal. Consideram que essa seja nossa principal função, o que é bom. Têm uma vaga noção de que também estamos aqui para evitar que a humanidade seja atingida por catástrofes. Isso, antes de tudo, é uma superstição, mas está mais ou menos correta, o que é bom, também. Damos às gerações uma imagem paterna e um certo sentimento de segurança. Percebe tudo isso, não?

(Será que o homem me julga ainda um Aprendiz?) - pensou Harlan.

Mas assentiu brevemente.

- Há certas coisas, entretanto - continuou Finge - que eles não devem saber. A primeira delas, naturalmente, é a maneira pela qual alteramos a Realidade, quando necessário. A insegurança que tal conhecimento causaria seria muito prejudicial. É sempre necessário extrair da Realidade qualquer fator que possa conduzir a tal conhecimento, e nunca estivemos preocupados com isso.

- Porém, há sempre outras opiniões indesejáveis sobre a Eternidade, que se manifestam de tempos em tempos, num Século ou noutro. Normalmente, as opiniões perigosas são aquelas que se concentram particularmente nas classes dominantes de uma era; as classes que têm maior contato conosco e, ao mesmo tempo, levam o peso importante do que é chamado de opinião pública.

Finge fez uma pausa, como se esperasse que Harlan fizesse algum comentário ou alguma pergunta. Harlan não fez nenhuma das duas coisas.

Finge continuou. -. Desde a Mudança de Realidade 433-486, Número de Série F-2, que ocorreu há cerca de um ano... um fisio-ano atrás, têm havido provas da entrada de tal opinião indesejável na Realidade. Cheguei a certas conclusões quanto à natu-

reza dessa opinião e apresentei-as ao Conselho Pan-Temporal. O Conselho está relutante em aceitá-las, pois dependem da realização de uma alternativa no Padrão de Computação de uma probabilidade extremamente baixa.

- Antes de agir de acordo com minhas recomendações, eles insistem em ter Observação direta. É uma tarefa muito delicada, e é essa a razão por que o chamei novamente, e por que o Computador Twissell permitiu que você fosse chamado outra vez. Outra coisa que fiz foi localizar um membro da aristocracia corrente, que achava que seria emocionante ou excitante trabalhar na Eternidade. Coloquei-a neste escritório e conservei-a sob orientação cuidadosa, para ver se ela servia para nosso propósito.

(Observação cuidadosa! Sim!) - pensou Harlan.

Novamente a sua raiva focalizou-se sobre Finge, ao invés de focalizar-se sobre a mulher.

Finge ainda falava. - Por todos os padrões, ela serve. Agora, nós a devolveremos ao seu Tempo. Usando sua residência como base, você será capaz de estudar a vida social de seu círculo. Entende agora por que trouxe a garota aqui e por que quero que você fique em sua casa?

- Entendo perfeitamente bem, eu lhe asseguro - respondeu Harlan, com ironia quase visível.

- Então aceitará esta missão.

Harlan saiu com o fogo da batalha queimando dentro de seu tórax. Finge não iria superá-lo em esperteza. Finge não iria fazê-lo de tolo

Era certamente aquele fogo de batalha, a determinação de lograr Finge, que o fazia experimentar uma ânsia, quase uma alegria, diante ideia desta nova excursão ao Século 482.

Certamente que não era nada mais.

5

Tempista

A propriedade, de Noys Lambent ficava bem isolada, embora à curta distância de uma das maiores cidades do Século. Harlan conhecia bem aquela cidade; conhecia melhor do que qualquer um de seus habitantes. Em suas Observações exploratórias naquela Realidade, ele havia visitado cada quarteirão da cidade e cada década dentro do campo de ação do Setor.

Conhecia a cidade tanto no Espaço como no Tempo. Podia visualizá-la por inteiro, vê-la como um organismo, vivendo e crescendo, com suas catástrofes e reconstruções, suas alegrias e aborrecimentos. Agora ele estava em uma dada semana no Tempo naquela cidade, num momento de animação suspensa de sua lenta vida de aço e concreto.

Mais que isso, suas explorações preliminares haviam se concentrado mais e mais firmemente em torno dos "periecos", os mais importantes habitantes da cidade, embora vivessem fora dela, com espaço e relativamente isolados.

O 482 era um dos muitos Séculos nos quais a riqueza era distribuída desigualmente. Os Sociólogos tinham uma equação para o fenômeno (que Harlan tinha visto impressa, mas entendera apenas vagamente). Ela se aplicava, para qualquer Século, a três relações, e para o 482, essas relações ficavam próximas dos limites do que podia ser permitido. Os Sociólogos abanavam a cabeça, e Harlan tinha ouvido um deles dizer, certa vez, que qualquer outra deterioração com novas Mudanças de Realidade exigiria "a mais cuidadosa Observação".

Entretanto, havia isso a ser dito no tocante a relações desfavoráveis na equação da distribuição de riqueza. Significava a existência de uma classe ociosa e o desenvolvimento de um modo de vida atraente que, em seu lado bom, estimulava a cultura e a beleza. Contanto que o outro lado da escala não estivesse muito mal de vida, contanto que as classes ociosas não esquecessem inteiramente suas responsabilidades enquanto gozavam seus privilégios, contanto que sua cultura não sofresse alteração obviamente prejudicial, havia sempre na Eternidade a tendência a perdoar o afastamento do padrão ideal de distribuição de riqueza e procurar outros desajustes menos atraentes.

Contra a vontade, Harlan começou a entender isso. Ordinariamente, suas permanências noturnas no Tempo envolviam hotéis dos setores mais pobres, onde um homem podia manter-se facilmente anônimo, onde os estranhos eram ignorados, onde uma presença a mais ou a menos não significava nada e, conseqüentemente, não levava a estrutura da Eternidade a fazer nada mais do que tremer. Quando até mesmo isso era inseguro, quando havia uma boa possibilidade de o tremor passar do ponto

crítico e derrubar uma parte significativa do castelo de cartas da Realidade, não era incomum ter-se que dormir sob uma sebe da zona rural.

E era comum examinar-se várias cercas para ver qual seria menos perturbada por fazendeiros, mendigos e mesmo cães vadios, durante a noite.

Mas Harlan, agora, no outro lado da escala, dormia numa cama de superfície de matéria saturada de campo, uma soldagem peculiar de matéria e energia, encontrada somente nos níveis econômicos mais altos daquela sociedade. Em todo o Tempo, era menos comum que matéria pura, porém mais comum que energia pura. Em qualquer caso, ela se moldava ao seu corpo, quando se deitava, ficava firme quando ele ficava quieto, cedendo quando se movia ou se virava.

Ele confessava com relutância a atração por tais coisas, e aceitava o bom senso que levava cada Setor da Eternidade a viver na escala média de seu Século, ao invés de seu nível mais confortável. Dessa forma, podia-se manter contato com os problemas e com a "percepção" do Século, sem sucumbir a uma identificação muito íntima com um extremo sociológico.

É fácil, pensou Harlan naquela primeira noite, viver com aristocratas.

E pouco antes de adormecer, ele pensou em Noys.

Sonhou que estava no Conselho Pan-Temporal, mãos entrelaçadas austeramente. Estava fitando um Finge pequeno, que ouvia aterrorizado a sentença que o estava banindo da Eternidade e mandando-o para Observação perpétua de um dos Séculos desconhecidos do distante futuro. As sombrias palavras do exílio estavam saindo da própria boca de Harlan, e imediatamente Noys Lambent sentou-se à sua direita.

Ele não a havia notado, a princípio, mas seus olhos ficavam escorregando para a direita, e faltaram-lhe as palavras.

Ninguém mais a via? Os outros membros do Conselho olhavam firmemente para a frente, exceto Twissell. Ele se voltou para sorrir para Harlan, olhando através da garota como se ela não estivesse ali.

Harlan quis mandá-la sair, mas não conseguiu falar. Tentou bater na garota, mas seu braço moveu-se com dificuldade e ela não se mexeu. Seu corpo era frio.

Finge estava rindo... mais alto... mais alto.

... e era Noys Lambent rindo.

Harlan abriu os olhos à brilhante luz do sol e fitou a garota por um momento, horrorizado, antes de se lembrar onde estavam.

- Você estava gemendo e batendo no travesseiro - disse ela. - Estava tendo um pesadelo?

Harlan não respondeu.

- Seu banho está pronto - disse ela. - Suas roupas também. Fiz os preparativos para que participe da reunião, esta noite. É estranho voltar à minha vida normal após ficar tanto tempo na Eternidade.

Harlan sentiu-se agudamente perturbado diante da fácil fluência de palavras da garota. - Você não lhes disse quem sou, espero - disse ele.

- É lógico que não.

É lógico que não! Finge teria tomado conta daquele pequeno detalhe, condicionando-a facilmente sob narcose, se o julgasse necessário. Ele poderia não tê-lo achado necessário, contudo. Afinal de contas, ele a havia mantido sob "observação cuidadosa".

A ideia irritou-o. - Eu preferia ser deixado só o maior tempo possível - disse ele.

Ela o fitou indecisa, durante um momento ou dois, e saiu.

Harlan passou mal-humorado pelo ritual matinal de lavar-se e vestir-se. Não tinha grandes esperanças de uma noite excitante. Teria que falar o menos possível, fazer o

menos possível, comportar-se como uma parede o mais possível. Sua verdadeira função era aquela de um par de ouvidos e um par de olhos. Ligando esses sentidos com o relatório final, estava sua mente, que não teria outra função.

Normalmente ele não ficava perturbado com o fato de, como Observador, não saber o que estava procurando. Um Observador, tinha-lhe sido ensinado quando Aprendiz, não deve ter noções preconcebidas com relação a quais dados são desejados ou quais conclusões são esperadas. O conhecimento, foi dito, distorceria automaticamente a sua visão, por mais consciencioso que tenta ser.

Mas, naquelas circunstâncias, a ignorância era irritante. Harlan suspeitou firmemente de que não havia nada para procurar, que estava fazendo o jogo de Finge, de certa forma. Entre isso e Noys...

Ele fitou furiosamente sua própria imagem reproduzi da em precisão tri-dimensional, meio metro adiante dele, pelo Refletor. As roupas soltas do Século 482, sem costuras e de cores vivas, tornavam-no, pensou ele, ridículo.

Noys Lambent chegou correndo até ele, exatamente depois que este havia terminado uma refeição solitária, que lhe fora trazida por um Mekkanos.

- Estamos em junho, Técnico Harlan - disse ela ansiosamente.

- Não use o título aqui - disse ele asperamente. - E daí que estamos em junho?

- Mas era fevereiro, quando entrei ela fez uma pausa, indecisa -. naquele lugar, e isso foi apenas há um mês atrás.

Harlan franziu as sobrancelhas. - Em que ano estamos agora?

- Oh, estamos no ano certo.

- Tem. certeza?

- Absoluta. Houve algum engano?

Ela tinha o hábito inoportuno de ficar bem perto dele, enquanto conversavam, e sua pronúncia levemente afetada (uma peculiaridade do Século, e não particularmente dela) dava-lhe o tom da voz de uma criança e bastante indefesa. Harlan não se deixou levar por isso. Afastou-se.

- Não houve nenhum engano. Você foi colocada aqui porque é mais conveniente. Na verdade, no Tempo, você sempre esteve aqui.

- Mas como pude? - ela pareceu ainda mais assustada. - Não me recordo de nada a respeito. Existem duas de mim?

Harlan estava muito mais irritado do que a causa justificava. Como poderia explicar-lhe a existência de micro- mudanças, induzidas por cada interferência com o Tempo; que podiam alterar vidas individuais sem efeito apreciável no Século como um todo? Mesmo os Eternos às vezes esqueciam a diferença entre micro-mudanças ("a" minúsculo) e Mudanças ("M" maiúsculo), que alteravam a Realidade de maneira significativa.

- A Eternidade sabe o que está fazendo. Não faça perguntas.

Disse-o orgulhosamente, como se ele próprio fosse um Computador Sênior e tivesse decidido pessoalmente que junho era o momento próprio no Tempo e que a micro-mudança induzida, saltando três meses, não poderia tornar-se uma Mudança.

- Então perdi três meses de vida - disse ela.

- Seus movimentos pelo tempo não têm nada a ver com sua idade fisiológica - disse ele, suspirando.

- Bem, perdi ou não perdi?

- Perdeu ou não perdeu o quê?

- Três meses.

- Pelo Tempo, mulher, estou lhe falando o mais claramente possível! Você não perdeu nenhum tempo de sua vida. Você não o pode perder!

Ela recuou diante de seus gritos e então, subitamente, deu uma risadinha.

- Você tem um sotaque engraçadíssimo - disse ela. - Especialmente quando fica zangado.

Ele a olhou desconcertado, enquanto ela lhe dava as costas, retirando-se. Que sotaque? Falava o quinquemilenar tão bem quanto qualquer um do Setor. Melhor, provavelmente.

Garota estúpida!

Ele se encontrou novamente diante do Refletor, fitando sua imagem, que o fitava também, com profundas rugas verticais entre os olhos.

Ele as alisou e pensou: não sou bonito. Meus olhos são muito pequenos, minhas orelhas são salientes e meu queixo é muito grande.

Nunca havia pensado particularmente no assunto antes, mas agora lhe ocorrera, de maneira bem inopinada, que seria agradável ser bonito.

Tarde da noite, Harlan adicionou suas notas às conversas que havia colhido, enquanto estavam todas frescas na mente.

Como sempre, em tais casos, usou um gravador molecular de fabricação do Século 55. Era um inexpressivo cilindro fino de cerca de dez centímetros de comprimento por um e meio de diâmetro. Tinha uma cor castanha intensa mas discreta. Podia ser facilmente transportado na manga, no bolso ou no forro, dependendo do estilo da roupa, ou ainda pendendo do cinto, botão ou punho.

Onde quer que fosse preso ou transportado, tinha a capacidade de gravar cerca de vinte milhões de palavras em cada um dos três níveis de energia molecular. Com uma ponta do cilindro ligada a um transliterador, ressonando eficientemente com o fone de ouvido, e a outra ligada por um campo ao pequeno microfone em sua boca, Harlan podia ouvir e falar simultaneamente.

Todos os sons emitidos durante as horas da "reunião" repetiam-se agora em seu ouvido, e, enquanto ouvia, dizia palavras que se gravavam em um segundo nível, coordenado com o primeiro mas diferente dele, no qual a reunião havia sido gravada. Neste segundo nível, descreveu suas próprias impressões, atribuiu significâncias e salientou correlações. Eventualmente, quando fazia uso do gravador molecular para escrever um relatório, ele tinha não somente uma gravação som por som, mas uma reconstrução anotada.

Noys Lambent entrou. Não anunciou sua entrada de forma alguma.

Irritado, Harlan removeu o microfone e o fone de ouvido, prendeu-os ao gravador molecular, colocou tudo no estojo e fechou-o.

- Por que fica tão zangado comigo? - perguntou Noys. Tinha os braços e os ombros nus, e suas longas pernas reluziam em espumite fracamente luminescente.

- Não estou zangado - disse ele. - Não tenho nenhum sentimento com relação a você.

Naquele momento, a afirmação era rigorosamente verdadeira.

- Ainda está trabalhando? - perguntou ela. - Certamente deve estar cansado.

- Não posso trabalhar, se você está aqui - respondeu ele, rabugento.

- Você está zangado comigo. Não me disse uma palavra a noite toda.

- Conversei o menos que pude com todos. Eu não estava lá para falar.

Esperou que ela saísse. Mas ela falou:

- Trouxe-lhe outro drinque. Parece que você gostou de um na reunião e um não é

suficiente, Especialmente se vai ficar trabalhando.

Ele notou o pequeno Mekkano deslizando atrás da garota, vindo sobre um suave campo de força.

Tinha comido moderadamente naquela noite, beliscando ligeiramente os pratos sobre os quais havia relatado completamente em Observações passadas, mas que (com exceção de mordidelas) havia até então se absterido de comer. Contra a vontade, ele os tinha apreciado. Contra a vontade, havia gostado da espumante bebida verde-clara, com essência de hortelã (não totalmente alcoólica; algo mais, pelo contrário), que era de visível bom gosto. Ela não tinha existido no Século, dois fisio-anos antes, quando foi feita a última Mudança de Realidade.

Ele recebeu do Mekkano a segunda dose, com um austero aceno de agradecimento a Noys.

Agora, por que não teria uma Mudança de Realidade, que virtualmente não havia causado efeito físico no Século, trazido uma nova bebida à existência? Bem, ele não era um Computador, portanto não adiantava fazer essa pergunta a si mesmo. Além disso, mesmo as mais detalhadas Computações possíveis nunca podiam eliminar toda a incerteza, todos os efeitos casuais. Se não fosse assim, não haveria necessidade de Observadores.

Estavam a sós na casa, Noys e ele. Os Mekkanos haviam estado no auge da popularidade nas duas décadas passadas, e continuariam durante aproximadamente uma década mais naquela Realidade; portanto, não havia criados humanos por perto.

E claro que, com a fêmea da espécie tão economicamente independente quanto o macho e capaz de realizar a maternidade, se o desejasse, sem as necessidades de gravidez física, não podia haver nada de "impróprio" no fato de estarem a sós, pelo menos no modo de ver do Século 482.

Entretanto, Harlan sentia-se comprometido.

A garota estava deitada, apoiada no cotovelo, em um sofá em frente, cujo revestimento decorado afundava embaixo dela, como se ávido por abraçá-la. Ela havia descalçado os sapatos transparentes e os dedos de seus pés torciam-se e destorciam-se dentro da espuma flexível, como as patas macias de uma gata sensual.

Sacudiu a cabeça, e fosse o que fosse que havia conservado seu cabelo intrincadamente arrumado acima das orelhas, foi subitamente afrouxado. O cabelo caiu em torno de sua nuca e seus ombros nus ficaram mais deliciosamente adoráveis, em contraste com o negro dos cabelos.

- Quantos anos você tem? - murmurou ela.

Ele certamente não devia ter respondido. Era uma questão pessoal que não interessava a ninguém. O que ele devia ter dito com polida firmeza, naquele momento, era: pode me deixar trabalhar? Ao invés disso, o que ele se ouviu dizendo foi:

- Trinta e dois anos.

Quisera dizer fisio-anos, é claro.

- Sou mais jovem que você - disse ela. - Tenho vinte e sete. Mas suponho que não parecerei sempre ser mais jovem que você. Suponho que você será assim mesmo quando eu for velha. O que o fez decidir-se a ter trinta e dois anos? Pode mudar, se o desejar? Não quereria ser mais novo?

- Sobre o que está falando? - Harlan esfregou a testa para clarear a mente.

- Você vive para sempre - disse ela suavemente. - Você é um Eterno. -

Era uma pergunta ou uma declaração?

- Você está louca - disse ele. - Ficamos velhos e morremos como qualquer outra pessoa.

- Pode falar! - sussurrou ela. Sua voz era suave e persuasiva. A linguagem quin-

quemilenar, que ele sempre havia achado dissonante e desagradável, parecia melódica, afinal. Ou seria simplesmente o estômago cheio e o ar perfumado que havia embotado seus ouvidos?

- Você pode ver todos os Tempos, visitar todos os lugares - afirmou ela. - Eu também quis trabalhar na Eternidade. Esperei muito tempo para que o permitissem. Achei que talvez me tornassem uma Eterna, e então descobri que lá havia somente homens. Alguns deles nem mesmo falaram comigo por eu ser mulher. Você não falou comigo.

- Estamos todos ocupados - murmurou Harlan, esforçando-se por repelir algo que somente podia ser descrito como um contentamento embotado. - Eu estava muito ocupado.

- Mas por que não há mais mulheres Eternas?

Harlan não se podia fiar em falar. O que poderia ele dizer? Os membros da Eternidade eram escolhidos com infinito cuidado, pois duas condições tinham que ser satisfeitas. Primeiro, deviam ser dotados para o serviço; segundo, suas saídas do Tempo não deviam causar efeito danoso à Realidade.

Realidade! Era esta a palavra que ele não devia mencionar sob qualquer circunstância. Sentiu a sensação estonteante em sua cabeça tomar-se mais intensa e fechou os olhos por um momento para detê-la.

Quantas excelentes perspectivas haviam sido deixadas intactas no Tempo, porque suas remoções na Eternidade teriam significado o não-nascimento de crianças, a não-morte de mulheres e homens, não-casamento, não-acontecimentos, não-circunstâncias, que teriam desviado a Realidade para direções que o Conselho Pan-Temporal não poderia permitir.

Poderia contar-lhe qualquer destas coisas? É claro que não. Poderia dizer-lhe que as mulheres quase nunca estavam qualificadas para a Eternidade porque, por alguma razão que ele não compreendia (os Computadores poderiam compreender, mas ele mesmo certamente não), suas abstrações do Tempo eram de dez a cem vezes mais prováveis de distorcer a Realidade que a abstração de um homem?

(Todos os pensamentos aglomeraram-se em sua cabeça, perdida e estonteante, e juntaram-se a um outro em uma associação livre que produziu resultados esquisitos, grotescos, mas não inteiramente desagradáveis. Noys estava agora mais próxima a ele, sorrindo.)

Ele ouviu sua voz como uma brisa soprando. - Oh, vocês, Eternos. São tão reservados. Não compartilham de nada. Faça de mim uma Eterna.

Sua voz agora era um som que não se aglutinava em palavras separadas, mas apenas um som delicadamente modulado que se insinuava na mente de Harlan.

Ele queria, almejava dizer-lhe: não há graça na Eternidade, dona. Nós trabalhamos! Trabalhamos para esboçar todos os detalhes de todas as épocas, desde o começo da Eternidade até onde a Terra está vazia; e tentamos esboçar todas as infinitas possibilidades de todos os poderia-ter- sido, escolher um poderia-ter-sido que seja melhor do que o que é, decidir onde no: Tempo podemos fazer uma minúscula mudança para substituir o é pelo poderia-ser e procurar um novo poderia-ser, para todo o sempre; e é assim que tem sido desde que Vikkor Mallansohn descobriu o Campo Temporal no Século 24, lá no Primitivo Século 24, e então foi possível iniciar a Eternidade no Século 27; o misterioso Mallansohn que nenhum homem conhece e que começou a Eternidade, realmente, e o novo poderia-ser, para sempre, para sempre, para sempre e...

Ele balançou a cabeça, mas o redemoinho de pensamentos continuou em curvas e saltos mais estranhos e mais recortados até que se transformou em um súbito mo-

mento de iluminação, que persistiu durante um brilhante segundo, e então desvaneceu-se.

Aquele momento paralisou-o. Tateou em busca dele, mas ele se fora.

A bebida de hortelã?

Noys estava ainda mais perto, com o rosto não totalmente nítido no olhar pasmado de Harlan. Ele podia sentir o cabelo dela contra suas faces e a leve e cálida pressão de sua respiração. Ele devia afastar-se, mas - estranhamente, estranhamente -, achou que não queria fazê-lo.

- Se me tomassem Eterna... - sussurrou ela quase em seu ouvido, embora as palavras mal fossem ouvidas acima das batidas de seu coração. Os lábios dela estavam úmidos e entreabertos. - Você não gostaria?

Ele não sabia o que ela queria dizer, mas, subitamente, não se importou. Ele parecia estar em chamas. Estendeu os braços desajeitadamente, às apalpadelas. Ela não resistiu; enterneceu-se e juntou-se a ele.

Tudo ocorreu como em sonho, como se estivesse acontecendo a outra pessoa.

Não era quase repulsivo como ele havia sempre imaginado que devesse ser. Veio-lhe como um choque, uma revelação, que isso não era de forma alguma repulsivo.

Mesmo depois, quando ela se inclinou sobre ele, com o olhar todo meigo e sorrindo um pouco, achou que tinha que tocar e acariciar seus cabelos sedosos com lento e trêmulo deleite.

Ela agora parecia inteiramente diferente a seus olhos. Não era uma mulher, não era, de forma alguma, uma pessoa. Ela era, subitamente, um aspecto dele mesmo. Era, de uma maneira estranha e inesperada, uma parte dele mesmo.

O mapa espaço-temporal não dizia nada a respeito, mas Harlan não se sentia culpado. Foi somente pensar em Finge que levantou forte emoção no peito de Harlan. E esta não era sentimento de culpa. De forma alguma.

Era satisfação, até mesmo triunfo!

Na cama, Harlan não pôde dormir. A tontura tinha passado agora, mas havia ainda o fato incomum de que pela primeira vez em sua vida adulta, uma mulher compartilhara de sua cama.

Ele podia ouvir sua respiração suave, e na obscuridade opaca para a qual as luzes internas das paredes do teto haviam sido reduzidas, ele podia ver seu corpo como mera sombra próxima ao seu.

Precisava apenas mover a mão para sentir o calor e a maciez de sua carne, e não ousou fazê-lo, com receio de despertá-la e interromper qualquer sonho que ela pudesse estar tendo. Era como se ela estivesse sonhando por ambos, sonhando ela, ele e tudo que tinha acontecido; e como se o seu despertar varresse tudo da existência.

Era um pensamento que parecia uma parte daqueles outros pensamentos esquisitos e incomuns que ele havia experimentado um pouco antes...

Aqueles haviam sido pensamentos estranhos, ocorrendo-lhe num momento entre razão e sem-razão. Tentou recapturá-los e não conseguiu. Contudo, subitamente, era muito importante que ele os recapturasse. Muito embora não pudesse lembrar-se dos detalhes, conseguia lembrar que, por apenas um instante, havia entendido alguma coisa.

Não estava certo do que era essa coisa, mas tinha havido a clareza sobrenatural do semi-adormecido, quando mais que o olho e a mente mortais parecem voltar subitamente à vida.

Sua ansiedade aumentou. Por que não podia lembrar-se? Muito havia estado ao seu alcance.

No momento, mesmo a garota adormecida a seu lado desapareceu na imensidão

de seus pensamentos.

Ele pensou: se eu seguir o fio da meada... sim, e em Mallansohn e no Aprendiz!

Ele parou aí. Por que o Aprendiz! Por que Cooper? Não havia pensado nele.

Mas se não o fizera, por que devia então pensar em Brinsley Sheridan Cooper agora?

Franziu as sobrancelhas. Qual era o fato que ligava tudo isso? O que era que ele estava tentando encontrar? O que o deixara tão certo de que havia algo para descobrir?

Harlan esfriou, pois, com estas perguntas, um distante brilho daquela iluminação anterior pareceu dispersar-se nos horizontes de sua mente, e ele quase soube.

Prendeu a respiração. Não era preciso pressa. Deixe vir.

Deixe vir.

E na quietude daquela noite, uma noite já tão singularmente significativa em sua vida, ocorreu-lhe uma explicação e interpretação de eventos que, em qualquer ocasião mais sensata e mais normal, ele não teria acolhido sequer por um momento.

Deixou o pensamento germinar e florescer, deixou-o crescer até que pôde vê-lo explicar uma centena de pontos estranhos que, de outro modo, simplesmente continuariam... estranhos.

Teria que investigar, examinar isso lá na Eternidade, mas no coração já estava convencido de que conhecia um terrível segredo que não estava destinado a conhecer.

Um segredo que abarcava toda a Eternidade!

6

Esboçador de vida

Um mês de fisio-tempo havia se passado desde aquela noite no 482, quando ele se inteirara de coisas. Agora, se se calculasse por tempo comum, ele estava a quase 2000 Séculos no futuro de Noys Lambent, esforçando-se por uma mistura de suborno e adulação para descobrir o que estava reservado para ela em uma nova Realidade.

Isso era pior que falta de ética, mas ele não se importava. No fisio-mês passado ele havia, em sua própria opinião, se tomado um criminoso. Não havia como encobrir esse fato. Não seria mais criminoso por complicar seu crime, e tinha muito a ganhar agindo assim.

Agora, como parte de sua pérfida manobra (ele não se esforçou para escolher uma frase mais compassiva), achava-se na barreira diante do Século 2456. A entrada no Tempo era muito mais complicada que a mera passagem entre a Eternidade e os túneis das caldeiras. Para se entrar no Tempo, as coordenadas que fixavam a região desejada na superfície da Terra tinham que ser meticulosamente ajustadas, e o momento desejado do Tempo, localizado com precisão dentro do Século. Apesar da tensão interna, Harlan manejou os controles com a fácil e rápida confiança de um homem experiente e talentoso.

Harlan encontrou-se na sala de máquinas que havia visto a princípio na tela de observação na Eternidade. Neste fisio-momento, o Sociólogo Voy estaria sentado em segurança diante da tela, esperando o Toque do Técnico que estava para chegar.

Harlan não se impacientou. A sala continuaria vazia durante os próximos 156 minutos. Para ser exato, o mapa espaço-temporal permitia-lhe apenas 110 minutos, deixando os 46 restantes como a "margem" costumeira de 40 por cento. Havia a margem em caso de necessidade, mas não se esperava que um Técnico tivesse que usá-la. Um "comedor de margens" não continuava muito tempo como Especialista.

Harlan, entretanto, não esperava precisar mais de 2 minutos dos 110. Usando seu gerador de campo de pulso de maneira que ficasse rodeado por uma aura de fisio-tempo (um eflúvio, por assim dizer, de Eternidade) e conseqüentemente protegido de qualquer dos efeitos da Mudança de Realidade, ele deu um passo em direção à parede, levantou um pequeno recipiente de uma prateleira e colocou-o num ponto cuidadosamente ajustado da prateleira de baixo.

Tendo-o feito, re-entrou na Eternidade de um modo que lhe pareceu tão prosaico quanto a passagem através de qualquer porta. Tivesse havido Tempista observando e ter-lhe-ia parecido que Harlan havia simplesmente desaparecido.

O pequeno recipiente ficou onde ele o colocou: Não desempenhou papel imediato

na história do mundo. A mão de um homem, horas depois, estendeu-se para apará-lo, mas não o encontrou. Uma busca revelou-a meia hora depois, mas no ínterim, um campo de força tinha-se neutralizado e um homem tinha perdido a calma. Uma decisão que continuaria não tendo sido tomada, na Realidade anterior, fora agora tomada em fúria. Um encontro não se deu; um homem que devia ter morrido viveu mais um ano; noutras circunstâncias, outro que devia ter continuado vivo, de alguma forma morreu mais cedo.

As perturbações expandiram-se mais amplamente, alcançando seu máximo no Século 2481, que estava vinte e cinco Séculos acima do Toque. Depois disso, a intensidade da Mudança de Realidade declinava. Os Teóricos apontaram que a Mudança acima do Toque tornava-se muito pequena para ser detectada pela melhor Computação.

Não havia a possibilidade de qualquer ser humano no Tempo tomar consciência de qualquer Mudança que houvesse ocorrido. A mente mudava junto com a matéria, e somente os Eternos podiam ficar de fora e ver a mudança.

O Sociólogo Voy estava fitando a tela azulada do Século 2481, onde antes tinha havido toda a atividade de um espaçoporto movimentado. Ele mal levantou os olhos quando Harlan entrou. Mal murmurou algo que poderia ter sido um cumprimento.

Uma mudança tinha, na verdade, destruído o espaçoporto. Seu brilho havia desaparecido; as edificações que ali existiam não eram as grandes criações que tinham sido. Uma espaçonave enferrujava. Não havia gente. Não havia movimento.

Harlan permitiu-se um leve sorriso que perdurou por um momento e então desapareceu. Era exatamente a M.R.D., Máxima Resposta Desejada. E tinha acontecido de imediato. A Mudança não ocorria necessariamente no preciso momento do Toque do Técnico. Se os cálculos que entravam no Toque fossem superficiais, poder-se-iam passar horas ou dias, antes que a Mudança verdadeiramente se desse (contando-se, naturalmente, por fisio-tempo). Somente quando todos os graus de liberdade desapareciam é que a Mudança acontecia. Enquanto houvesse mesmo uma possibilidade matemática de alternativas, a Mudança não acontecia.

Harlan orgulhava-se com o fato de que, quando ele calculava uma M.M.N., quando era sua mão que produzia o Toque, os graus de liberdade desapareciam de imediato e a Mudança ocorria instantaneamente.

- Era bonito, antes -- disse Voy, em voz baixa. A frase irritou os ouvidos de Harlan, parecendo depreciar a beleza de sua façanha.

- Eu não lamentaria - disse ele - ter eliminado completamente as viagens espaciais da Realidade.

- Não? - disse Voy.

- Que têm elas de bom? Nunca duram mais de um milênio ou dois. As pessoas se cansam. Elas voltam para casa e as colônias se extinguem. Então, depois de uns quatro ou cinco milênios, ou quarenta ou cinquenta, eles tentam outra vez e elas falham novamente. É um desperdício de talento e esforço humano.

- Você é um filósofo - disse Voy secamente.

Harlan enrubesceu. Qual a utilidade em falar com qualquer um deles? - pensou. - Que tal o Esboçador de Vida? - disse rispidamente, com uma brusca mudança de assunto.

- Que há com ele?

- Quer verificar? Deve ter feito algum progresso, entretimentos.

O Sociólogo deixou passar por seu rosto uma expressão de censura, como se para dizer: Você é impaciente, não? Em voz alta, ele disse: - Venha comigo e vejamos.

A placa da porta do escritório anunciava: Neron Feruque, o que atraiu o olhar e a mente de Harlan por causa de sua ligeira semelhança com um par de monarcas da área mediterrânea durante os tempos Primitivos. (Suas conversas semanais com Cooper tinham estimulado, quase febrilmente, sua própria preocupação com o Primitivo.)

O homem, contudo, não se assemelhava a nenhum dos dois monarcas, pelo que Harlan se lembrava. Era quase cadavericamente magro, com pele rijamente esticada sobre um nariz exageradamente comprido. Seus dedos eram longos e seus pulsos, nodosos. Quando acariciava seu pequeno Sumariador, parecia a Morte pesando uma alma na balança.

Harlan encontrou-se fitando avidamente o Sumariador. Era o coração e o sangue do Esboço de Vida, a pele e os ossos, os nervos, os músculos e tudo o mais. Coloque-se nele os dados necessários de uma história pessoal e as equações da Mudança de Realidade; e ele ria à vontade, em folia obscena durante qualquer período de tempo entre um minuto e um dia, e então cuspiam as possíveis vidas companheiras para a pessoa envolvida (sob a nova Realidade), cada uma delas claramente rotulada com um valor de probabilidade.

O Sociólogo Voy apresentou Harlan. Feruque, tendo fitado a insígnia do Técnico com evidente contrariedade, abanou a cabeça e deixou o negócio correr.

- Já está completo o Esboço de Vida da jovem? - perguntou Harlan

- Não está. Avisa-lo-ei quando estiver.

Ele era um daqueles que tinha desprezo pelo Técnico a ponto de evidenciar rudeza.

- Calma, Esboçador - disse Voy.

Feruque tinha sobrancelhas claras, quase invisíveis. Isso salientava a semelhança de seu rosto com uma caveira. Seus olhos moveram-se no que deveriam ter sido órbitas vazias, quando disse: - Exterminou as espaçonaves?

- Com um Século a menos - confirmou Voy. Os lábios de Feruque torceram-se levemente e formaram uma palavra.

Harlan cruzou os braços e fitou o Esboçador de Vida, que desviou o olhar.

Ele sabe que é culpa dele também, pensou Harlan.

- Ouça - disse Feruque a Voy - já que você está aqui, o que vou fazer quanto aos pedidos de soro anti-câncer? Não pertencemos ao único Século com anti-câncer. Por que recebemos todas as encomendas?

- Todos os outros Séculos estão igualmente assoberbados.

- Então têm que parar completamente de enviar encomendas.

- Como podemos fazê-los parar?

- Fácil. Faça com que o Conselho Pan-Temporal pare de recebê-las.

- Não tenho influência no Conselho Pan-Temporal.

- Você tem influência junto ao velho.

Harlan ouviu a conversa entediado, sem real interesse. Ao menos servia para conservar sua mente fixada em coisas inconsequentes e desligada do Somador cacarejante. O "velho", ele sabia, era o Computador encarregado do Setor.

- Falei com o velho - disse o Sociólogo - e ele falou com o Conselho.

- Bolas. Ele apenas enviou mensagem através de uma comunicação rotineira. Ele tem que lutar por isto. É uma questão básica de política interna.

- O Conselho Pan-Temporal não está disposto, nestes dias, a considerar mudanças de política interna. Você sabe os rumores que correm por aí.

- Oh, certamente. Eles estão ocupados com uma coisa importante. Sempre que querem se esquivar, espalham por aí que o Conselho está ocupado com alguma coisa importante.

(Se Harlan pudesse ter achado ânimo, teria rido da observação.)

Feruque pensou por uns momentos e então explodiu: - O que muita gente não entende é que o soro anti- câncer não é como mudas de árvore ou geradores de campo. Sei que cada galho de abeto tem que ser observado quanto a efeitos adversos na Realidade, mas o anti-câncer sempre envolve uma vida humana, e isso é cem vezes mais complicado.

- Pense só quantas pessoas morrem por ano, de câncer, em cada Século que não tem soros anti-câncer de um tipo ou de outro! Você pode imaginar quantos dos pacientes querem morrer. Então os governos .Tempistas de todos os Séculos estão sempre enviando solicitações à Eternidade, para "fazer o favor, o grande favor de mandar-lhes setenta e cinco mil ampolas de soro, em favor dos homens criticamente afetados, que são absolutamente vitais às culturas; ver dados biográficos anexos".

- Eu sei, eu sei -. admitiu Voy rapidamente.

Porém, a aflição de Feruque não queria ser negada.

- Então você lê os dados biográficos e constata que todo homem é um herói. Todo homem é uma perda irreparável para seu mundo. Então você examina de ponta a ponta. Vê o que poderia acontecer à Realidade se cada homem vivesse e, pelo amor do Tempo, se diferentes combinações de homens vivessem.

- Fiz 572 pedidos de câncer no mês passado. Dezesete, dezessete Esboços de Vida resultaram, veja só, sem Mudanças de Realidade indesejáveis. Imagine você, não houve sequer um caso de uma possível Mudança de Realidade Desejável, mas o Conselho diz que os casos neutros recebem o soro. Humanidade, sabe. Então, exatamente dezessete pessoas, em Séculos variados, ficarão curadas, este mês.

- E o que acontece? Os Séculos estão felizes? Qual o quê! Um homem fica curado, e uma dúzia, no mesmo país e no mesmo Tempo, não. Todos dizem: Por que ele? Pode ser que as pessoas que não tratamos tenham personalidades melhores, pode ser que sejam filantropos amados por todos, enquanto que o que curamos dá pontapés em sua velha mãe pelas ruas afora, sempre que pode poupar o tempo de bater nas crianças. Eles nada sabem a respeito de Mudanças de Realidade e não lhes podemos contar.

- Estamos apenas criando problemas para nós mesmos, Voy, a menos que o Conselho decida peneirar todas as solicitações e aprovar somente aquelas que resultem numa Mudança de Realidade desejável. Isto é tudo. Ou o fato de curá-los faz algum bem à humanidade ou está fora de cogitação. Não se preocupe com esse negócio de dizer: "Bem, mal não faz".

O Sociólogo estivera ouvindo com uma expressão compassiva no rosto, disse: - Se você estivesse com câncer... - Que observação estúpida, Voy! É nisso que baseamos as decisões? Nesse caso, nunca haveria uma Mudança de Realidade. Algum pobre tolo sempre leva na cabeça, não leva? Suponhamos que esse tolo fosse você, hem?

- E outra coisa. Apenas lembre-se de que cada vez que fazemos uma Mudança de Realidade, toma-se mais difícil encontrar uma outra que seja boa. A cada fisio-ano, aumenta a possibilidade de uma Mudança qualquer estar propensa a ser para pior. Isso significa que de qualquer modo, a proporção de pessoas que podemos curar fica menor. Vai sempre ficar menor. Algum dia, seremos capazes de curar só um cara por fisio-ano, mesmo contando os casos neutros. Lembre-se disso.

Harlan perdeu até o mais leve interesse. Este era o tipo de miséria que acompanhava o negócio. Os Psicólogos e Sociólogos, em seus raros estudos introvertidos da

Eternidade, chamavam-na de identificação. Os homens identificavam-se com o Século com o qual estavam profissionalmente associados. Suas batalhas, sempre muito constantes, tornavam-se suas próprias batalhas.

A Eternidade combatia o demônio da identificação o melhor que podia. Nenhum homem podia ser designado para qualquer Setor dentro do espaço de dois Séculos do seu próprio, para tornar a identificação mais difícil. Dava-se preferência aos Séculos de culturas notadamente diferentes das de seus próprios Séculos natais. (Harlan pensou em Finge e no Século 482.) O que era mais, seus postos eram mudados sempre que suas reações se tomavam suspeitas. (Harlan não daria sequer um tostão do Século 50 pelas possibilidades de Feruque conservar sua posição durante mais outro fisio-ano, no máximo.)

E ainda os homens identificavam-se com um tolo anseio por um lar no Tempo (o desejo de Tempo; todos sabiam disso). Por alguma razão, isso era particularmente verdade em Séculos com viagem espacial. Era algo que devia ser investigado, e seria, não fosse pela crônica relutância da Eternidade em voltar os olhos para dentro.

Um mês antes Harlan poderia ter desprezado Feruque como um radical sentimentalista, um imbecil petulante que aliviava a dor de ver os eletro-gravíticos perder intensidade numa nova Realidade, voltando-se contra aqueles de outros Séculos que queriam som anti-câncer.

Ele poderia tê-lo denunciado. Sua obrigação teria sido essa. Obviamente, não mais se podia confiar nas reações do homem.

Agora, ele não podia fazê-lo. Sentia-se até solidário com ele. Seu próprio crime era muito maior.

Como era fácil voltar os pensamentos para Noys.

Naquela noite, eventualmente adormeceu, e despertou com a luz do dia, com a claridade brilhando através das paredes translúcidas ao redor, até que fosse como se tivesse acordado sobre uma nuvem de um céu matinal nebuloso.

Noys sorria para ele. - Meu Deus! Foi difícil acordá-lo.

A primeira ação reflexa de Harlan foi um gesto em busca das roupas de cama, que não estavam ali. Então a memória voltou e ele a fitou de modo vazio, com o rosto queimado de vermelho. Como devia ele sentir-se quanto àquilo?

Mas então algo mais lhe ocorreu e ele sentou-se. -Não é mais de uma, é? Pai Tempo!

- São apenas onze horas. O café espera-o e você tem bastante tempo.

- Obrigado - murmurou ele.

- Os controles do chuveiro estão todos ajustados, e suas roupas, todas prontas.

O que poderia ele dizer? - Obrigado - murmurou novamente.

Evitou os olhos dela durante a refeição. Ela sentou-se em frente a ele, sem comer, com o queixo enterrado na palma da mão, os cabelos escuros penteados espessamente para um lado e os cílios sobrenaturalmente longos.

Ela acompanhou cada gesto que ele fez enquanto conservava os olhos baixos e procurava a amarga vergonha que ele sabia que devia sentir.

- Onde você vai à uma hora? - perguntou ela.

- Ao jogo de aerobol - disse ele. - Tenho o ingresso.

- Esta é a partida decisiva. E perdi a temporada toda apenas por causa de pular o tempo, sabe. Quem ganhará o jogo, Andrew?

Ele se sentiu estranhamente fraco ao som de seu primeiro nome. Sacudiu a cabeça brevemente e tentou parecer austero. (Isso costumava ser tão fácil!)

- Certamente você sabe. Você examinou este período todo, não foi?

Propriamente falando, ele devia manter uma negativa clara e fria, mas explicou fracamente: - Houve enorme Espaço e Tempo para cobrir. Eu não saberia coisinhas precisas como resultados de jogos.

- Oh, você apenas não quer contar-me.

Harlan nada respondeu. Inseriu o pene-forcado na frutinha succulenta e levou-a, inteira, até a boca.

- Você viu o que aconteceu nestas vizinhanças, antes de vir? - perguntou Noys, após um momento.

- Nenhum detalhe, N-Noys (Ele forçou o nome dela para fora dos lábios.)

- Não nos viu? - perguntou ela suavemente. - Você não soube sempre que...

- Não, não - gaguejou Harlan -. não pude ver eu mesmo. Não estou na Rea... não estou aqui enquanto não chegar. Não posso explicar.

Ele estava duplamente embaraçado. Primeiro, porque ela tocou no assunto. Segundo, porque tinha quase caído na asneira de dizer "Realidade", a mais proibida de todas as palavras nas conversas com Tempistas.

Ela levantou as sobrancelhas e seus olhos ficaram redondos e um pouco admirados. - Você está envergonhado?

- O que fizemos não foi correto.

- Por que não? - e no Século 482, sua pergunta era perfeitamente inocente. - Não se permite aos Eternos fazê-lo?

Houve nessa pergunta um aspecto quase jocoso, como se ela estivesse perguntando se não permitiam que os Eternos comessem.

- Não empregue a palavra - disse Harlan. - Na verdade, não é permitido, de certa forma.

- Bem, então não lhes diga nada. Eu também não direi.

E ela rodeou a mesa e sentou em seu colo, tirando a mesinha fora do caminho com um movimento suave e harmonioso do quadril.

Ele enrijeceu-se, momentaneamente, e levantou as mãos num gesto que poderia ter pretendido evitá-la. Não teve sucesso.

Ela se inclinou e beijou-lhe a boca, e tudo deixou de ser vergonhoso. Tudo quê envolvesse Noys e ele.

Harlan não estava certo de quando, pela primeira vez, começou a fazer algo que um Observador, eticamente, não tinha o direito de fazer. Isto é, quando começou a especular a natureza do problema que envolvia a Realidade corrente e da Mudança de Realidade que seria planejada.

Não era a moralidade negligente do Século, nem a ecto-gênese, nem o matriarcado o que perturbava a Eternidade. Todos esses tópicos continuavam como haviam sido na Realidade anterior, e o Conselho Pan-Temporal os havia considerado como equanimidade, então. Finge dissera que era algo muito sutil.

A Mudança então teria que ser muito sutil e envolver o grupo que ele estava Observando. Parecia óbvio.

A Mudança envolveria a aristocracia, os abastados, as classes superiores, os beneficiários do sistema.

O que o preocupava era que certamente envolveria Noys.

Passou os três dias restantes, exigidos em seu mapa, em uma nuvem de preocupação que abafava sua alegria, mesmo quando em companhia de Noys.

- O que houve? - perguntou-lhe ela. - Por um instante, você pareceu tão diferente

da maneira que era na Eter... naquele lugar. Você não estava de forma alguma constrangido. Agora, parece preocupado. E porque tem que voltar?

- Em parte -- respondeu Harlan.

- Você tem que voltar?

- Sim.

- Ora, quem se importaria se você se atrasasse?

Harlan quase riu - Eles não gostariam que eu me atrasasse - disse, embora pensasse ardentemente na margem de dois dias, permitida em seu mapa.

Ela ajustou os controles de um instrumento musical que tocava melodias suaves e complicadas, suas próprias partes internas criativas fazendo soar notas e cordas aleatoriamente, fornecendo agradáveis combinações por fórmulas matemáticas intrincadas. A música não podia se repetir, assim como os flocos de neve, nem podia falhar em beleza.

Através da hipnose do som, Harlan fitou Noys e seus pensamentos enrolaram-se firmemente em torno dela. O que seria ela na nova designação? Uma vendedora de peixes, uma operária, a mãe de seis doentes gordos e feios? Fosse o que fosse, ela não se lembraria de Harlan. Ele não teria sido parte de sua vida numa nova Realidade. E, não importando o que seria então, não seria Noys.

Ele não estava amando simplesmente uma garota. (Surpreendentemente ele usou a palavra "amor" em seus próprios pensamentos pela primeira vez e nem mesmo fez uma pausa suficientemente longa para refletir sobre ela e admirar-se.) Ele amava um complexo de fatores: suas roupas, seu andar, seu modo de falar, seus artifícios de expressão. Um quarto de Século de vida e experiência numa dada Realidade havia sido empregado na composição de tudo aquilo. Ela não tinha sido sua Noys na Realidade anterior de um fisio-ano antes. Ela não seria sua Noys na próxima Realidade.

A futura Noys poderia, presumivelmente, ser melhor em certos aspectos, mas uma coisa ele sabia terminantemente. Ele queria aquela Noys ali, aquela que ele via naquele momento, a Noys daquela Realidade. Se ela tinha falhas, ele as queria também.

O que poderia fazer?

Várias coisas ocorreram-lhe, todas ilegais. Uma delas era descobrir a natureza da Mudança e constatar definitivamente como ela afetaria Noys. Não se podia estar certo, afinal, de que...

Um silêncio morto arrancou Harlan de seu devaneio. Estava novamente no escritório, do Esboçador de Vida.

O Sociólogo Voy observava-o de soslaio. A cabeça de caveira de Feruque fitava-o sombriamente.

E o silêncio era intenso.

Levou um momento até que o significado penetrasse. Apenas um momento. O Sumariador tinha cessado o seu cacarejar interno.

Harlan levantou-se num salto. - Você tem a resposta, Esboçador.

Feruque baixou o olhar para os papéis em sua mão. - Sim. Certo. Engraçado...

- Posso vê-la? - Harlan estendeu a mão. Ela tremia visivelmente.

- Não há nada para ver. É isso que é engraçado...

- O que você quer dizer com... nada? - Harlan olhou para Feruque com olhos que arderam até que houvesse somente um borrão alto e fino no lugar em que estava Feruque.

A voz vulgar do Esboçador de Vida soou fina. - A dama não existe na nova Realidade. Nada de mudança de personalidade. Ela simplesmente está fora, isto é tudo. Anulada. Fiz as alternativas descerem até a Probabilidade 0,0001. Ela não apareceu

em lugar nenhum. Na verdade - e levantou a mão para coçar a bochecha com seus dedos longos e magros -. com a combinação dos fatores que você me transmitiu, não vejo nem mesmo como ela se ajusta na Realidade anterior.

Harlan mal ouviu. - Mas... mas a Mudança era tão pequena.

- Eu sei. Uma engraçada combinação de fatores. Quer as folhas?

A mão de Harlan fechou-se em volta delas, insensível. Noys anulada? Noys não existente? Como podia ser isso?

Sentiu uma mão em seu ombro e a voz de Voy soou com estrondo em seu ouvido.

- Sente-se mal, Técnico?

A mão afastou-se, como se já arrependida de seu contato descuidado com o corpo de um Técnico.

Harlan engoliu em seco e com esforço recompôs-se.

- Estou perfeitamente bem. Quer me levar até a caldeira?

Ele não devia demonstrar seus sentimentos. Devia reagir como se aquilo fosse o que aparentava ser: uma mera investigação acadêmica. Devia disfarçar o fato de que, com a não-existência de Noys na nova Realidade, ele estava quase que fisicamente sobrepujado por um dilúvio de pura exaltação e insuportável alegria.

Prelúdio do crime

Harlan entrou na caldeira no 2456 e virou-se para trás, para se certificar de que a barreira que separava a coluna da Eternidade estava realmente sem fendas e de que o Sociólogo Voy não estava olhando. Naquelas últimas semanas, isso tinha se tornado um hábito, um reflexo automático; havia sempre o rápido olhar para trás, por sobre o ombro, para se assegurar de que não havia ninguém atrás de si, nas colunas da caldeira.

E então, embora já no Século 2456, foi para cima que Harlan ajustou os controles da caldeira. Viu subirem os números no temporômetro: Embora estes se movessem com indistinta rapidez, haveria tempo suficiente para pensar.

Como. a constatação do Esboçador de Vida mudara as coisas! Como a própria natureza de seu crime havia mudado!

E tudo se articulava em Finge. A frase o apanhou, com sua consonância ridícula e seu compasso forte girando dentro de sua cabeça: articulado em Finge. Articulado em Finge...

Harlan tinha evitado qualquer contato pessoal com Finge, em seu retomo à Eternidade, após aqueles dias com Noys, no Século 482. Como a Eternidade se fechara em tomo dele, assim o fez a culpa. Um juramento profissional quebrado, que não representava nada no Século 482, era considerável na Eternidade.

Ele havia enviado seu relatório pelo impessoal tubo pneumático e recolhera-se a seus aposentos pessoais. Tinha que estudar bem o assunto, ganhar tempo para ponderar e acostumar-se à nova orientação dentro de si mesmo.

Finge não permitiu que o fizesse. Entrou em contato com Harlan menos de uma hora depois que o relatório tinha sido codificado para a direção correta e inserido no tubo.

A imagem do Computador olhou de dentro da chapa do visor. - Esperava que estivesse em s escritório - disse sua voz.

- Enviei o relatório, senhor - disse Harlan. - Não importa o lugar em que espero por nova tarefa.

- Sim? - Finge examinou o rolo que tinha na mão, segurando-o, olhando de soslaio e perscrutando sua configuração de perfurações.

- Isto está incompleto - continuou ele. - Posso visitar seus aposentos? j

Harlan hesitou por um instante. O homem era seu superior e recusar o auto-convite naquele momento denotaria insubordinação. Isso evidenciaria sua culpa e sua consciência ferida e dolorida não ousava permiti-lo.

- Será bem-vindo, Computador - disse ele firmemente.

A delicadeza polida de Finge introduziu um elemento dissonante de epicurismo nos aposentos angulares de Harlan. O Século 95, época natal de Harlan, pendia para o espartano, quanto à mobília da casa e Harlan nunca perdera completamente o gosto pelo estilo. As cadeiras de metal tubular haviam sido recapadas com um compensado escuro, que fora granulado artificialmente, aparentando madeira (embora sem muito sucesso). Num canto da sala havia uma pequena peça de mobília, que representava um afastamento ainda maior dos costumes da época.

Atraiu o olhar de Finge quase que imediatamente.

O Computador colocou nelas um dedo achaparrado, como se para experimentar sua textura.

Que material é este? - perguntou ele.

- Madeira, senhor - respondeu Harlan.

- A coisa real? Madeira verdadeira? Espantoso! Vocês usam madeira em seu tempo natal, creio?

- Usamos.

Compreendo. Não há nada nas normas contra isso, Técnico - limpou o dedo, com o qual havia tocado o objeto contra a costura lateral da perna de sua calça - mas não sei se é aconselhável deixar-se afetar pela cultura do tempo natal. O verdadeiro Eterno adota qualquer cultura pela qual esteja envolvido. Duvido, por exemplo, que eu tenha comido sem um utensílio energético mais de duas vezes em cinco anos - ele suspirou. - E no entanto, sempre pareceu anti-higiênico deixar o alimento tocar a matéria. Mas eu não cedo. Eu não cedo.

Seu olhar voltou-se ao objeto de madeira, mas desta vez ele ficou com as duas mãos para trás e perguntou:

- O que é isto? Para que serve?

- É uma estante de livros - respondeu Harlan. Teve o impulso de perguntar a Finge como se sentia, agora que suas mãos descansavam firmemente na cintura. Não acharia ele mais higiênico ter a roupa e o próprio corpo construído de campos de energia puros e imaculados?

As sobancelhas de Finge arquearam-se. -. Uma estante de livros. Então estes objetos sobre as prateleiras são livros, certo?,

- Sim, senhor.

- Exemplares autênticos?

- Inteiramente; Computador. Eu os adquiri no Século 24. Alguns dos que tenho aqui datam do Século 20. Se... se pretende dar uma olhada neles, gostaria que fosse cuidadoso. As paginiais foram restauradas e impregnadas, mas não são como as nossas. Elas exigem manuseio cuidadoso.

- Não as tocarei. Não tenho intenção de tocá-las. Há nelas poeira original do Século 20, imagino. Livros verdadeiros! -. ele sorriu - Páginas de celulose, também? Você implicou isso.

Harlan confirmou. - Celulose modificada pelo tratamento de impregnação para duração mais longa. Sim.

Ele abriu a boca para tomar fôlego, esforçando-se por continuar calmo. Era ridículo identificar-se com aqueles livros, sentir em si próprio uma mancha sobre eles.

- Eu diria - disse Finge, ainda no assunto - que todo o conteúdo desses livros poderia ser colocado em dois metros de filme e guardado na ponta de um dedo. O que eles contêm?

- São volumes encadernados de uma revista do Século 20 - respondeu Harlan.

- Você os lê?

- Estes são alguns volumes da coleção completa que tenho - disse Harlan orgulhosamente. - Nenhuma biblioteca da Eternidade pode duplicá-la.

- Sim, seu passatempo. Lembro-me agora de que certa vez você me falou a respeito de seu interesse no Primitivo. Estou admirado por seu Educador ter permitido que você se interessasse por tal coisa. Um completo desperdício de energia.

Os lábios de Harlan apertaram-se. O homem, decidiu ele, estava tentando irritá-lo deliberadamente e fazê-lo perder as faculdades de raciocínio calmo. Se assim fosse, não devia deixar que o outro se saísse bem.

- Acho que você me procurou para falar de meu relatório - disse Harlan de maneira petulante.

- Sim.

O Computador olhou em redor, escolheu uma cadeira e sentou-se pesadamente.-

- Não está completo, como lhe, disse pelo comunicador.

- De que modo, senhor? - (Calma! Calma!).

Finge rompeu-se numa nervosa contração de um sorriso. - O que aconteceu que você não mencionou, Harlan?

- Nada, senhor.

Embora o dissesse firmemente, ele se sentiu, intimamente, envergonhado.

- Vamos, Técnico. Você passou diversos períodos de tempo na sociedade da garota. O que fez, se seguiu o mapa espaço-temporal. Você o seguiu, suponho?

A culpa de Harlan espicou-o até o ponto em que ele não podia nem mesmo rebelar-se contra o engodo desse ataque aberto à sua competência profissional.

Ele apenas pôde dizer: - Segui.

- E o que aconteceu? Você não incluiu nada dos interlúdios pessoais com a moça.

- Não houve nada de importante - disse Harlan, de lábios secos.

- Ridículo! Na sua idade e com a sua experiência, não tenho que lhe dizer que não está a critério do Observador o julgamento do que é importante e do que não é.

Os olhos de Finge estavam fixos em Harlan. Estavam mais duros e impacientes do que convinha à sua linha de interrogatório.

Harlan notou claramente aquilo e não se deixou iludir pela voz amável de Finge; contudo, o hábito da obrigação o arrastou. Um Observador devia relatar qualquer coisa. Um Observador era simplesmente um pseudópode senso-perceptivo, estendido no Tempo pela Eternidade. Ele examinava os arredores e era trazido de volta. No desempenho de suas funções, o Observador não tinha individualidade própria; não era propriamente um homem.

Quase automaticamente, Harlan começou a narração dos eventos que havia excluído de seu relatório. Ele o fez com a memória treinada do Observador, recitando as conversas com minuciosa precisão, palavra por palavra, reconstruindo o tom de voz e a fisionomia. E o fez carinhosamente, pois na narrativa ele reviveu tudo, e quase esqueceu, no andamento, que a combinação do inquérito de Finge e seu saudável senso de obrigação o estava conduzindo a uma admissão de culpa.

Foi somente quando se aproximou do resultado final daquela primeira longa conversa que vacilou e a concha de sua objetividade de Observador apresentou fendas.

Ele foi salvo de maiores detalhes pela mão que Finge levantou subitamente e pela voz fina e aguda do Computador. - Obrigado. É o suficiente. Você estava prestes a dizer que teve relações amorosas com a mulher.

Harlan irritou-se. O que Finge dissera era a verdade literal, mas o tom de Finge a fizera parecer lasciva, grosseira e, pior do que isso, vulgar. Fosse o que fosse ou pudesse ser, não era vulgar.

Harlan tinha uma explicação para a atitude de Finge, para sua inquirição ansiosa, para a interrupção do relatório verbal no momento em que o fez. Finge estava com ciúme! Aquilo que Harlan teria jurado era óbvio. Harlan tinha conseguido tomar uma garota que Finge pretendia conquistar.

Harlan sentiu o triunfo naquilo e achou-o agradável. Pela primeira vez em sua vida, conhecia um objetivo que significava mais para ele do que o frígido desempenho da Eternidade. Ia deixar Finge com ciúme, porque Noys Lambent seria permanentemente sua.

Nesse ânimo de súbita exaltação, ele se lançou ao pedido que havia originalmente planejado apresentar somente após uma espera discreta de quatro ou cinco dias.

- É minha intenção solicitar permissão para formar uma ligação com uma pessoa Tempista - disse ele.

Finge pareceu ter sido tirado de um devaneio. - Com Noys Lambent, presumo.

- Sim, senhor. Como Computador encarregado do Setor, a solicitação terá que passar por suas mãos...

Harlan queria que ela passasse por Finge. Que o fizesse sofrer. Se ele queria a garota para si, que ele dissesse e Harlan poderia insistir em permitir que Noys fizesse sua escolha. Ele quase sorriu com a ideia Esperava que as coisas chegassem a esse ponto. Seria o triunfo final.

Normalmente um Técnico não podia esperar levar tal coisa a cabo diante dos desejos de um Computador, é claro, mas Harlan estava certo de que poderia contar com o apoio de Twissell, e Finge tinha um longo caminho a seguir, antes que pudesse dobrar Twissell.

Finge, entretanto, parecia tranquilo -. Pareceria - disse ele - que você já tomou posse ilegal da garota.

Harlan enrubescou e foi movido a uma fraca defesa. - O mapa espaço-temporal insistiu em nossa permanência juntos e a sós. Desde que nada do que aconteceu seja especificamente proibido, não me sinto culpado.

O que era uma mentira, e pela expressão meio admirada de Finge, podia-se sentir que ele sabia que era mentira.

- Haverá uma Mudança de Realidade - disse ele.

- Se assim for - disse Harlan - emendarei minha solicitação para pedir ligação com a Srta. Lambent na nova Realidade.

- Não creio que isso seria sensato. Como pode estar certo com antecedência? Na nova Realidade, ela pode ser casada, pode ser deformada. De fato, posso afirmar-lhe isto. Na nova Realidade, ela não quererá você. Ela não quererá você.

Harlan estremeceu. - Você não sabe nada a respeito.

- Não? Pensa que esse grande amor de vocês é uma questão de contato espiritual? Que sobreviverá a todas as mudanças externas? Esteve lendo romances do Tempo?

Harlan foi impelido à indiscrição. - Por uma coisa, não creio em você.

Finge disse, friamente: - Peço desculpa.

- Você está mentindo. - Harlan não se importava com o que dizia agora. - Você está com ciúme. Eis toda a verdade. Você está com ciúme. Você tinha seus próprios planos para Noys, mas ela escolheu a mim.

Finge disse: - Você compreende...

- Eu compreendo muita coisa. Não sou idiota. Posso não ser um Computador, mas não sou ignorante. Você diz que ela não me quererá na nova Realidade. Como sabe? Você ainda nem sabe como será a nova Realidade. Nem sabe se haverá uma nova Realidade. Você apenas recebeu meu relatório. Ele deve ser analisado e submetido a aprovação antes que uma Mudança de Realidade possa ser computada. Portanto,

quando diz conhecer a natureza da Mudança, você mente.

Havia várias maneiras pelas quais Finge poderia ter formulado resposta. A mente excitada de Harlan estava consciente de muitas. Ele não tentou escolher entre elas. Finge poderia sair com ira fingida; poderia chamar um membro da Segurança e fazer com que colocassem Harlan sob custódia, por insubordinação; poderia responder, gritando tão furiosamente quanto Harlan; poderia fazer uma chamada imediata para Twissell, apresentando uma queixa formal; poderia... poderia...

Finge não fez nada disso.

- Sente-se, Harlan - disse ele gentilmente. - Vamos conversar.

E porque esta reação era completamente inesperada, o queixo de Harlan caiu e ele se sentou, confuso. Sua resolução vacilou, O que estava se passando?

- Você se lembra, certamente - disse Finge - de que eu lhe disse que o nosso problema com o 482 envolvia uma atitude indesejável por parte dos Tempistas da Realidade corrente, em relação à Eternidade. Você se lembra disso, não é? -. Ele falou com a branda persuasão de um professor que se dirige a um aluno um pouco tímido, embora Harlan pensasse poder detectar um brilho duro em seus olhos.

- Naturalmente - respondeu Harlan.

- Você se lembra, também, de que eu lhe disse que o Conselho Geral estava relutante quanto a aceitar minha análise da situação sem Observações confirmadoras e específicas. Isso não o faz concluir que eu já Computei a Mudança de Realidade necessária?

- Mas minhas próprias Observações representam a confirmação, não é?

- Sim.

- E levaria tempo para analisá-las adequadamente.

- Absurdo. Seu relatório nada significa. A confirmação está no que você me disse oralmente, momentos atrás.

- Não entendo.

- Olhe, Harlan, deixe-me contar-lhe o que há de errado com o 482. Entre as classes superiores desse Século, particularmente entre as mulheres, tem-se desenvolvido a opinião de que os Eternos são realmente Eternos, literalmente falando; de que eles vivem para sempre... Pelo Grande Tempo, homem! Noys Lambent disse-lhe outro tanto. Você repetiu suas afirmações há menos de vinte minutos!

Harlan fitou Finge inexpressivamente. Estava se lembrando da voz suave e carinhosa de Noys, quando se inclinara para ele e cativara seus olhos com seus próprios olhos escuros e amorosos: Você vive para sempre. Você é um Eterno.

Finge continuou: - Uma opinião como essa é ruim, mas, em si, não muito ruim. Pode levar a inconveniências, aumentar as dificuldades para o Setor, mas a Computação mostrou que a Mudança só seria necessária em uma minoria dos casos. Porém, se uma Mudança é desejável, não lhe parece óbvio que os habitantes do Século que devem sofrer extremamente a Mudança, acima de todos, sejam aqueles que estão sujeitos à superstição? Em outras palavras, a aristocracia feminina. Noys.

- Pode ser, mas arriscarei - disse Harlan.

- Você não tem chance alguma. Acha que seu fascínio e charme persuadiram a meiga aristocrata a cair nos braços de um Técnico insignificante? Vamos, Harlan, seja realista!

Os lábios de Harlan mostravam-se teimosos. Ele nada disse.

- Você não percebe - disse Finge - a superstição adicional que estas pessoas acrescentaram à sua fé na vida eterna dos Eternos? Grande Tempo, Harlan! A maioria das mulheres acredita que a intimidade com um Eterno pode fazer com que uma mulher mortal (segundo eles pensam de si mesmas) viva para sempre!

Harlan agitou-se. Podia ouvir novamente a voz de Noys, tão claramente: Se me tornasse Eterna.

E depois seus beijos.

Finge continuou. - Era difícil de se acreditar na existência de tal superstição, Harlan. Sem precedente. Ela estava dentro da região de erro causal, de maneira que uma investigação através das Computações para as Mudanças anteriores não revelou informações a respeito dela, de uma forma ou de outra. O Conselho queria uma forte evidência, comprovação direta. Escolhi a Srta. Lambent como um bom exemplo de sua classe. Escolhi você para ser a outra cobaia...

Harlan levantou-se com esforço. - Você escolheu a mim? Como cobaia?

- Sinto muito - disse Finge duramente - mas foi necessário. Você pareceu-me uma ótima cobaia.

Harlan fitou-o.

Finge teve a dignidade de se aborrecer um pouco sob aquele olhar mudo. - Você não vê? - disse ele. - Não, você ainda não vê. Olhe, Harlan, você é um produto insensível da Eternidade. Você não deve olhar para mulheres. Você considera as mulheres não-éticas, e tudo quanto a elas se relaciona. Não, há uma palavra melhor. Você as considera pecaminosa:. Essa atitude mostra tudo de você, e para qualquer mulher você teria toda a atração sexual de um peixe morto há um mês. Contudo, aqui temos uma mulher, um lindo produto animado de uma cultura hedonista, que o seduz febrilmente em sua primeira noite juntos, virtualmente suplicando o seu abraço. Você não entende que isso é ridículo, impossível, a menos... bem, a menos que isso seja a confirmação pela qual estávamos procurando.

Harlan lutou pelas palavras: - Você quer dizer que ela se vendeu.

- Por que essa expressão? Não há vergonha associada ao sexo, nesse Século. A única coisa estranha é que ela escolheu você por companheiro, e isso ela fez visando a vida eterna. É evidente.

Harlan, de braços erguidos, mãos em garra, sem nenhum pensamento racional na mente ou com qualquer outro irracional que não o de estrangular e suprimir Finge, pulou para a frente.

Finge recuou precipitadamente. Apontou um desintegrador com um gesto rápido e trêmulo - Não me toque! Afaste-se!

Harlan era sagaz o suficiente para deter sua arremetida. Seus cabelos estavam desgrenhados. Sua camisa estava manchada de suor. Sua respiração era difícil e ruidosa.

- Eu o conheço muito bem, como se vê - disse Finge, inseguro - e imaginei que sua reação pudesse ser violenta. Agora, eu atirarei, se precisar.

- Saia - disse Harlan.

- Sairei. Mas, primeiro, você vai ouvir. Por atacar um Computador, você pode ser desclassificado, mas deixaremos isso passar. Você entenderá, porém, que não menti. A Noys Lambent da nova Realidade, seja o que for que possa ser ou não ser, não terá essa superstição. Todo o propósito da Mudança será eliminar a superstição. E sem ela, Harlan - sua voz era quase um rosnado - como poderia uma mulher como Noys querer um homem como você?

O Computador achaparrado caminhou de costas até a porta do quarto pessoal de Harlan, com a arma ainda apontada.

Ele parou para dizer, com uma espécie de júbilo nauseante: - Certamente, se você a tivesse agora, Harlan, se você a tivesse agora, você poderia possuí-la. Poderia conservar sua ligação e torná-la formal. Isto é, se você a tivesse agora. Mas a Mudança virá em breve, Harlan; você não a terá. Que pena, o agora não dura muito, mesmo

na Eternidade, hem, Harlan?

Harlan não mais o olhou. Finge vencera, afinal, e estava saindo em clara e evidente posse do campo de batalha. Harlan olhou vagamente para seus próprios pés, e quando levantou os olhos, Finge já havia saído - se cinco segundos antes ou quinze minutos, Harlan não saberia dizer.

Como num pesadelo, horas haviam se passado, e Harlan sentia-se encurralado na prisão de sua mente. Tudo que Finge dissera era tão verdadeiro, tão transparentemente verdadeiro! A mente de Observador de Harlan podia lembrar-se de sua relação com Noys, aquela relação breve e incomum, e ela assumia uma textura diferente.

Não era um caso de louca paixão. Como podia ter acreditado que fosse? Loucamente apaixonado um homem como ele?

É claro que não. As lágrimas brilharam em seus olhos e ele sentiu-se envergonhado. Era evidente que o fato exigia um cálculo frio. A garota tinha certos dotes físicos inegáveis e nenhum princípio moral para impedi-la de usá-los. Então ela os usou e isso nada tinha a ver com Andrew Harlan como pessoa. Ele simplesmente representava sua visão distorcida da Eternidade e o que esta pretendia.

Automaticamente, os longos dedos de Harlan acariciaram os volumes da pequena estante de livros. Tirou um e abriu-o distraidamente.

As letras misturaram-se. As cores desbotadas das ilustrações tomaram-se manchas disformes e confusas.

Por que Finge havia se preocupado em lhe dizer tudo aquilo? No mais estrito dos sentidos, ele não deveria ter-se preocupado. Um Observador ou qualquer pessoa na função de Observador nunca devia saber os resultados alcançados por sua Observação. Isso o removia bastante da posição ideal da ferramenta objetiva e não-humana.

Naturalmente, desejava feri-lo, numa vingança desprezível e ciumenta!

Harlan tocou a página aberta da revista. Encontrou-se olhando uma duplicata, em vermelho berrante, de um veículo terrestre, semelhante aos veículos dos Séculos 45, 182, 590 e 984, assim como de tempos Primitivos recentes. Era de um tipo muito comum, com um motor de combustão interna. Na era primitiva, frações de petróleo eram a fonte de energia, e a borracha natural revestia as rodas. Não era assim em nenhum dos Séculos posteriores, naturalmente.

Harlan havia mencionado isso a Cooper. Havia colocado isso em grau de destaque; e agora sua mente, como se desejando desviar-se do presente infeliz, retornou àquele momento. Imagens nítidas e despropositadas substituíram a dor dentro de Harlan.

- Estes anúncios - dissera ele - contam-nos mais dos tempos Primitivos do que os chamados artigos da mesma revista. Os artigos supõem um conhecimento básico do mundo com a qual lida. Usam termos que não sentem necessidade de explicar. O que é uma "bola de golfe", por exemplo?

Cooper havia confessado prontamente a sua ignorância.

Harlan continuara no tom didático que raramente podia evitar em ocasiões como aquela. - Pela natureza das citações casuais que recebe, podemos deduzir que era uma pequena bola de alguma espécie. Sabemos que era usada num jogo, somente porque é mencionada num item sob o título de "Esportes". Podemos ainda deduzir que ela é golpeada por uma vara longa de alguma espécie e que o objetivo do jogo é acertar a bola dentro de um buraco no chão. Mas por que se preocupar com dedução e raciocínio? Observe este anúncio! O objetivo dele é apenas induzir os leitores a comprar a bola, mas assim somos presenteados com um retrato excelente e nítido

de uma delas, com um corte para mostrar sua construção.

Cooper, tendo vindo de uma era na qual os anúncios não eram tão desenfreadamente prolíferos como nos Séculos finais dos tempos Primitivos, achou difícil apreciar tudo aquilo. - Não é desagradável -. dissera ele - a maneira pela qual estas pessoas impõem seus próprios interesses? Quem seria suficientemente idiota para acreditar nos elogios de uma pessoa em relação aos seus próprios produtos? Admitiria defeitos? Seria possível que evitasse exageros?

Harlan, cujo tempo natal era relativamente abundante em anúncios, erguera as sobrancelhas tolerantes e dissera, simplesmente: - Você terá que aceitar. É o costume deles e nunca discutimos os costumes de qualquer cultura, desde que não prejudiquem a humanidade como um todo.

Então a mente de Harlan retomou à sua situação atual e ele se encontrou de volta ao presente, fitando os anúncios extravagantes e chamativos da revista. Perguntou a si mesmo em súbita excitação: Os pensamentos que acabara de experimentar seriam realmente inaplicáveis? Ou estaria ele descobrindo, de maneira tortuosa, um caminho para sair da escuridão e voltar para Noys?

Propaganda! Um ardil para forçar a espontaneidade das pessoas. Importava a um fabricante de veículos terrestres se certo indivíduo sentisse desejo original ou espontâneo por seus produtos? Se o interessado (esta era a palavra) podia ser persuadido artificialmente ou induzido a sentir aquele desejo e a agir de acordo com ele, não dava na mesma?

Então, o que importava se Noys o amasse por paixão ou por cálculo? Deixassem-nos apenas ficar juntos o tempo suficiente e ela aprenderia a amá-lo. Ele faria com que ela o amasse e, afinal, o que importava era o amor, e não a sua motivação. Ele então desejou ter lido alguns dos romances do Tempo que Finge havia mencionado com desprezo.

Os punhos de Harlan fecharam-se a um súbito pensamento. Se Noys tinha vindo a ele, a Harlan, em busca da imortalidade, isso podia somente significar que ela ainda não tinha preenchido os requisitos daquele dom. Poderia não ter feito amor com nenhum Eterno, anteriormente. Isso significava que sua relação com Finge havia sido nada mais do que aquela de secretária e patrão. Caso contrário, que necessidade teria ela de Harlan?

Entretanto, Finge devia ter experimentado - devia ter tentado... (Harlan não pôde completar o pensamento mesmo no segredo de sua própria mente). Finge poderia ter provado a existência da superstição com sua própria pessoa. Certamente, ele não poderia ter deixado de pensar nisso, com Noys em forma de tentação presente. Então, ela devia tê-lo repellido.

Ele tivera que usar Harlan e Harlan tivera êxito. E era por esta razão que Finge havia sido compelido à vingança ciumenta de torturar Harlan com o conhecimento de que a motivação de Noys havia sido de natureza prática e que ele nunca poderia tê-la.

Porém, Noys havia repellido Finge, mesmo com a vida eterna em jogo, e tinha aceitado Harlan. Tivera a oportunidade de uma escolha e a havia feito em favor de Harlan. Então, não era inteiramente cálculo. O sentimento tomava parte.

Os pensamentos de Harlan estavam embaralhados e confusos, e ficavam mais excitados a cada momento.

Ele precisava tê-la, e agora. Antes de qualquer Mudança de Realidade. O que era mesmo que Finge lhe havia dito, zombando? O agora não dura muito, mesmo na Eternidade.

Não dura, então? Não dura?

Harlan descobrira exatamente o que devia fazer. O insulto furioso de Finge o havia colocado numa estrutura mental, na qual ele estava pronto para o crime e onde o sarcasmo final de Finge tinha, pelo menos, inspirado a Harlan a natureza do ato que devia cometer.

Não perdeu um momento, depois disso. Foi com excitação e mesmo alegria que deixou seu quarto, a toda pressa, para cometer um crime capital contra a Eternidade.

8

Crime

Ninguém o interrogara. Ninguém o detera.

Havia esta vantagem, de qualquer forma, no isolamento social de um Técnico. Através dos canais da caldeira, ele foi a uma porta para o Tempo e ajustou os controles. Havia a possibilidade, naturalmente, de aparecer alguém em missão legítima querendo saber por que a porta estava em uso. Ele hesitou um momento e então decidiu colocar sua identificação no marcador. Uma porta com identificação chamaria pouca atenção. Uma porta sem identificação e em uso ativo causaria excessiva curiosidade.

Poderia ser Finge a topar com a porta, naturalmente. Ele teria que arriscar.

Noys ainda estava como ele a havia deixado. Algumas horas (fisio-horas) haviam transcorrido desde que Harlan saíra do Século 482 para uma Eternidade solitária, mas então ele retornou para o mesmo Tempo, do qual havia saído, em uma questão de segundos. Nem sequer um fio de cabelo de Noys havia se mexido.

Ela pareceu surpresa. - Esqueceu algo, Andrew?

Harlan fitou-a ansiosamente, mas não fez movimento algum para tocá-la. Lembrou-se das palavras de Finge e não ousou arriscar-se a uma repulsa. - Você tem que fazer o que eu disser. - falou ele decididamente.

- Mas há algo de errado, então? Você acabou de sair. Você acabou de sair neste instante.

- Não se preocupe -. disse Harlan. Foi tudo que pôde fazer para evitar segurar a mão dela, tentar confortá-la. Ao invés, ele falou asperamente. Era como se um demônio o estivesse forçando a fazer todas as coisas erradas. Por que tinha ele voltado no primeiro momento acessível? Ele apenas a estava perturbando com seu retomo quase instantâneo após sair.

(Ele conhecia a resposta daquilo, realmente. Tinha uma margem de tolerância de dois dias, permitida pelo mapa espaço-temporal. As primeiras frações daquele período de tolerância eram mais seguras e deixavam menor possibilidade de descoberta. Era uma tendência natural insistir em atingir o ponto mais baixo possível da escala do tempo. Entretanto, um risco tolo, também. Ele poderia facilmente ter calculado mal e entrado no Tempo antes que tivesse saído dele fisio-horas antes. E então? Era uma das primeiras regras que tinha aprendido como Observador: um indivíduo, ocupando dois pontos no mesmo Tempo da mesma Realidade, corre o risco de se encontrar consigo mesmo.

Era algo a ser evitado. Por quê? Harlan sabia que não queria encontrar-se consigo mesmo. Não queria estar olhando dentro dos olhos de um outro Harlan, anterior ou

posterior a ele. Além de tudo, isto seria um paradoxo, e o que era aquilo que Twissell gostava de dizer? "Não há paradoxos no Tempo, apenas porque o Tempo evita deliberadamente os paradoxos".)

Durante todo o tempo em que Harlan estivera pensando vertiginosamente em tudo isso, Noys fitava-o com olhos grandes e luminosos.

Então veio até ele, colocou as mãos frias em cada uma de suas faces ardentes e disse carinhosamente: - Você está em dificuldades.

A Harlan seu olhar pareceu amável e amoroso. Contudo, como podia ser? Ela tinha tudo que desejava. O que mais havia? Ele agarrou os Pulsos dela e disse roucamente:

- Quer vir comigo? Agora? Sem fazer perguntas? Fazendo exatamente o que eu disser?

- Será que devo? - perguntou ela.

- Deve, Noys. É muito importante.

- Então irei - ela respondeu com naturalidade, como se recebesse tais convites todos os dias e sempre os aceitasse.

Na porta da caldeira, Noys hesitou um momento, e então entrou.

- Vamos subir na escala do Tempo, Noys - disse Harlan.

- Isso significa o futuro, não é?

A caldeira já estava zunindo baixinho quando ela entrou, e mal estava sentada quando Harlan moveu discretamente o contato perto de seu cotovelo.

Ao contrário do que ele receava, ela não mostrou sinais de náusea no princípio daquela sensação indescritível de "movimento" através do Tempo.

Sentou-se ali, em silêncio, tão linda e tão à vontade, que ele se sentiu chofer, olhando para ela, e não deu nem um pinguinho de importância ao fato de que, por trazer uma Tempista não-autorizada à Eternidade, havia cometido um delito grave.

- Este mostrador indica os números dos anos, Andrew? - perguntou ela.

- Dos Séculos.

- Quer dizer que estamos mil anos no futuro? Já?

- Exatamente

- Não parece.

- Eu sei.

Ela olhou ao redor. - Mas como estamos nos movendo?

- Não sei, Noys.

- Você não sabe?

- Há vários pontos relacionados com a Eternidade que são difíceis de se entender.

Os números do temporômetro marchavam. Moveram-se mais e mais rapidamente até que se tomaram um borrão. Harlan havia empurrado a alavanca de velocidade para cima com o cotovelo. A absorção de energia poderia causar alguma surpresa nas usinas de força, mas ele duvidava que acontecesse. Ninguém o estivera esperando na Eternidade, quando ele retornou com Noys, o que representava nove décimos da batalha. Agora, precisava somente levá-la para um lugar seguro.

Harlan olhou-a novamente. - Os Eternos não sabem tudo.

- E eu não sou Eterna - murmurou ela. - Sei tão pouco!

As pulsações de Harlan aceleraram-se. Ainda não é eterna? Mas Finge disse.

Deixe estar, argumentou ele consigo mesmo. Deixe estar. Ela está indo com você. Ela sorri para você. O que mais você quer?

Mas ele falou, de qualquer forma. - Você acha que os Eternos vivem para sempre,

não acha? - perguntou.

- Bem, chamam-nos Eternos, sabe, e todos dizem que eles vivem - ela sorriu alegremente para ele. - Mas eles não vivem, não é?

- Você acha que não, então?

- Após ficar uns tempos na Eternidade, achei que não. As pessoas não falavam como se vivessem para sempre, e havia velhos, lá.

- Entretanto, você me disse que eu vivia para sempre... naquela noite.

Ela se moveu para mais perto dele, no banco, ainda sorrindo. - Eu pensei: quem sabe?

- Como os Tempistas acham que podem tornar-se Eternos? - perguntou ele, sem ser totalmente capaz de reprimir a tensão da voz.

O sorriso de Noys desapareceu. Seria sua imaginação ou havia realmente um traço de cor intensificada em sua face? - Por que pergunta? - disse ela.

- Para saber.

- Tolice - disse ela. - Eu prefiro não falar a respeito.

Baixou os olhos para os dedos graciosos, terminados por unhas que brilhavam de modo incolor na claridade opaca da coluna da caldeira. Distraído e por nada, Harlan imaginou que, num encontro noturno, com um leve toque de ultravioleta na iluminação da parede, aquelas unhas brilhariam em um delicado verde-maçã ou em vermelho berrante, dependendo do ângulo em que ela colocasse as mãos. Uma garota inteligente, uma como Noys, poderia produzir meia dúzia de tons com elas e fazer as cores parecerem estar refletindo seus sentimentos, O azul para a inocência, amarelo-claro para a alegria, violeta para a tristeza e escarlate para a paixão.

- Por que você fez amor comigo? - perguntou ele.

Ela jogou os cabelos para trás e olhou-o com rosto pálido e sério. - Se quer saber - disse ela - parte do motivo foi a teoria de que, dessa forma, uma garota pode tornar-se Eterna. Eu não me importaria em viver para sempre.

- Pensei que você não acreditava nisso.

- Eu não acreditava, mas não fazia mal arriscar. Especialmente...

Ele a estava fitando duramente, buscando um refúgio da dor e desapontamento em um frio olhar de desaprovação, das alturas da moralidade de seu tempo natal.

- Bem?

- Especialmente porque eu queria, de qualquer forma.

- Queria fazer amor comigo?

- Sim.

- Porque comigo?

- Porque gostei de você. Achei-o engraçado.

- Engraçado!

- Bem, esquisito, se você prefere. Você sempre fez tanto esforço para não me olhar, mas sempre me olhava, de qualquer forma. Tentou odiar-me, e pude notar que me desejava. Eu estava com um pouco de pena de você, creio.

- Por que você estava com pena? - ele sentiu as faces queimando.

- Porque você deveria ter algum problema quanto a desejar-me. É uma coisa tão simples. Apenas peça. É tão fácil ser amigável. Por que sofrer?

Harlan balançou a cabeça. A moralidade do 482! - Apenas peça - murmurou ele. - Tão simples. Nada mais é necessário.

- A garota tem que estar querendo, é claro. Na maioria das vezes, ela está, se não estiver comprometida de outro modo. Por que não? É bem simples.

Foi a vez de Harlan baixar os olhos. Era bem simples, naturalmente. E nada errado com isso, também. Não no 482, Na Eternidade, quem saberia? Ele seria um idiota,

um completo é indescritível idiota, se perguntasse a ela agora sobre romances anteriores. Poderia ele, da mesma forma, perguntar a uma garota de seu próprio tempo, se ela alguma vez já havia comido na presença de um homem e como ousara?

Ao invés, ele disse humildemente: - E o que pensa de mim, agora?

- Que você é atraente - disse ela amavelmente - e que se você relaxasse... Não quer sorrir?

- Não há por que sorrir, Noys.

- Por favor. Quem ver se suas bochechas se enrugam direito. Vejamos.

Ela colocou os dedos nos cantos da boca de Harlan e empurrou. Ele sacudiu a cabeça para trás, surpreso, e não pôde deixar de sorrir.

- Veja. Suas bochechas nem mesmo enrugam. Você é quase bonito. Com bastante prática, ficando em frente ao espelho, sorrindo e dando uma piscadela, aposto que você poderia tomar-se realmente simpático

Mas o sorriso, frágil demais como começo, desapareceu.

- Estamos em dificuldades, não? - disse Noys.

- Sim, estamos, Noys. Grandes dificuldades.

- Por causa do que fizemos? Você e eu? Naquela noite?

- Não, realmente.

- Foi culpa minha, eu sei. Direi a eles, se você quiser.

- Nunca - disse Harlan com energia. - Não assuma qualquer culpa. Você não fez nada, nada, para culpar-se. É outra coisa.

Noys olhou preocupadamente o temporômetro. - Onde estamos? Não consigo nem mesmo ver os números.

- Quando estamos? - corrigiu Harlan automaticamente. Diminuiu a velocidade e os Séculos tomaram-se visíveis.

Os lindos olhos de Noys arregalaram-se e seus cílios contrastaram com a alvura de sua pele. - Isso está correto?

Harlan olhou casualmente para o indicador. Estava na casa dos 72000. - Estou certo que sim.

- Para onde estamos indo?

- Para quando estamos indo. Para o futuro distante -. disse ele severamente. - Bom e distante. Onde eles não a encontrarão.

E em silêncio, eles observaram os números aumentarem. Harlan repetiu mentalmente várias vezes que a garota era inocente, quanto à acusação de Finge. Ela havia reconhecido francamente a verdade parcial de acusação e tinha admitido, com a mesma franqueza, a existência de uma atração mais pessoal.

Ele levantou os olhos, então, quando Noys mudou de posição. Ela havia passado para a cadeira ao lado dele e, com um gesto resolutivo, fizera com que esta parasse, na mais desconfortável desaceleração temporal.

Harlan suspirou e fechou os olhos, para deixar a náusea passar. - Qual é o problema? - perguntou ele.

Noys pareceu pálida e por um momento não respondeu. Então ela disse: - Não quero prosseguir. Os números estão muito altos.

O temporômetro indicava: 111394.

- Longe o bastante - disse ele.

Então ele estendeu a mão firme: - Venha, Noys. Este será seu lar por uns tempos.

Percorreram os corredores de mãos dadas, como crianças. As luzes ao longo das galerias estavam acesas, e as salas sombrias iluminaram-se ao toque de um contato. O ar era fresco e havia uma vivacidade ao redor que, mesmo sem correnteza sensível, indicava ventilação.

- Ninguém aqui? - murmurou Noys.

- Ninguém - disse Harlan. Tentou dizê-lo firmemente e em voz alta. Queria quebrar a fascinação de estar num "Século Oculto", mas conseguiu apenas sussurrar.

Ele nem mesmo sabia como referir-se a um futuro tão distante. Seria ridículo chamá-lo de um-um-um-três-nonagésimo-quarto. Ter-se-ia que dizer simplesmente, de modo indefinido: "Os cem mil".

Era um problema tolo demais para se preocupar, mas agora que a excitação da verdadeira fuga havia terminado, ele se encontrou sozinho numa região da Eternidade onde nenhum ser humano havia pisado, e não gostou. Ele estava envergonhado, duplamente envergonhado, desde que Noys era testemunha, pelo fato de que o ligeiro arrepio dentro dele era o ligeiro arrepio de um leve temor.

- É tão limpo - disse Noys. - Não há poeira.

- Auto-limpeza - disse Harlan. Com um esforço que pareceu romper suas cordas vocais, ele ergueu a voz até o nível quase normal. - Mas não há ninguém aqui, acima ou abaixo na escala do Tempo, por milhares e milhares de Séculos.

Noys pareceu aceitar o fato. - E tudo é assim tão bem cuidado? Passamos por depósitos de alimentos e por uma filмотeca. Você notou?

- Notei. Oh, estão completamente equipados. Estão todos completamente equipados. Todos os Setores.

- Mas para quê, se ninguém vem aqui?

- É lógico - disse Harlan. Falar sobre isso afastava um pouco o medo. Dizer em voz alta o que já sabia na teoria simplificaria o assunto, fá-lo-ia descer ao nível do prosaico. Ele disse: - No princípio da história da Eternidade, um dos Séculos 300 apareceu com um duplicador de massa. Compreende o que quero dizer? Estabelecendo-se um campo ressonante, a energia podia ser convertida em matéria, com as partículas subatômicas assumindo precisamente o mesmo padrão de posições, dentro da lei da incerteza, como aquelas do modelo tomado. O resultado é uma cópia exata.

- Nós da Eternidade solicitamos o instrumento para nossos próprios propósitos. Naquele tempo, havia somente cerca de seiscentos ou setecentos Setores construídos. Tínhamos planos de expansão, é claro. "Dez novos Setores por fisio-ano" era um dos lemas do tempo. O duplicador de massa tomou tudo isso desnecessário. Construímos um novo Setor completo, com alimento, suprimento de energia, suprimento de água, com todas as melhores características automáticas; montamos a máquina e duplicamos o Setor uma vez para cada Século, durante toda a Eternidade. Não sei por quanto tempo continuaram o processo... milhões de Séculos, provavelmente.

- Todos como este, Andrew?

- Todos exatamente como este. E à medida que a Eternidade se expande, nós apenas os retocamos, adaptando a construção para qualquer estilo que se verifique ser corrente no Século. Os únicos problemas aparecem quando atingimos um Século centrado em energia. Nós... nós ainda não alcançamos este Setor.

(Não podia dizer a ela que os Eternos não conseguiam penetrar no Tempo ali, nos Séculos Ocultos. Mas que diferença fazia isso?)

Ele a fitou e ela, pareceu preocupada. - Não há gastos envolvidos na construção dos Setores - disse ele precipitadamente. - Gasta energia, nada mais, e podendo-se contar com a nova...

Ela o interrompeu. - Não. Simplesmente não me lembro.

- Não se lembra de quê?

- Você disse que o duplicador foi inventado num dos Séculos 300. Não o temos no 482. Não me lembro de ter visto coisa alguma a respeito na história.

Harlan ficou pensativo. Embora faltasse a ela apenas cinco centímetros para ter altura igual à sua, ele sentiu-se subitamente do tamanho de um gigante, por comparação. Ela era uma menina, uma criança, e ele um semi-deus da Eternidade que devia orientá-la e conduzi-la cuidadosamente à verdade.

- Noys, querida - disse ele - achemos um lugar para sentar e... e terei que lhe explicar uma coisa.

A concepção de uma Realidade variável, uma Realidade que não era fixa, eterna e imutável, não podia ser encarada casualmente por qualquer pessoa.

Nas horas de vigília, às vezes, Harlan lembrava-se dos primeiros dias de seu Aprendizado e recordava as violentas tentativas de esquecer seu Século e seu Tempo.

Levava seis meses para o Aprendiz mediano chegar a saber toda a verdade, descobrir que nunca mais poderia voltar para casa de uma forma bem literal. Não era apenas a lei da Eternidade que o impedia, mas o frio fato de que o lar, como ele o conhecia, poderia muito bem não mais existir; poderia, em certo sentido, nunca ter existido.

Isso afetava os Aprendizes diferentemente. Harlan lembrava-se do rosto pálido e desolado de Bonky Latourette no dia em que o Instrutor Yarrow havia tomado isso inequivocamente claro acerca da Realidade.

Naquela noite, nenhum dos Aprendizes comeu. Eles se juntaram à procura de uma espécie de calor psíquico, todos menos Latourette, que havia desaparecido. Houve um bocado de riso falso e piadas miseravelmente pobres.

Alguém disse com voz trêmula e incerta: - Suponho que nunca tive mãe. Se eu voltasse ao 95, eles diriam: "Quem é você? Não o conhecemos. Não temos nenhum registro seu. Você não existe".

Os outros sorriram debilmente e balançaram a cabeça, rapazes solitários, a quem nada sobrou senão a Eternidade.

Encontraram Latourette, na hora de dormir, em sono profundo e respirando levemente. Havia uma leve mancha avermelhada de um injeção-spray na cavidade de seu cotovelo esquerdo e, felizmente, isso também foi notado.

Yarrow foi chamado e, por uns tempos, pareceu que um Aprendiz saíra do curso, mas ele foi trazido de volta, eventualmente. Uma semana depois, ele estava novamente em seu lugar. Contudo, a marca daquela má noite ficou em sua personalidade durante todo o tempo em que Harlan esteve com ele, depois disso.

E agora Harlan tinha que explicar a Realidade para Noys Lambent, uma garota não muito mais velha do que aqueles Aprendizes, e explicá-la de imediato e por completo. Ele tinha que fazê-lo. Não havia outra alternativa. Ela devia saber exatamente o que se lhes apresentava e exatamente o que ela teria que fazer.

Ele lhe contou. Eles comeram alimentos enlatados, frutas congeladas e leite em uma longa mesa de conferência destinada a comportar doze, e lá ele lhe contou.

Ele o fez tão suavemente quanto possível, mas mal achava necessidade de gentileza. Ela apreendeu rapidamente cada ideia e, antes que estivesse na metade, deu-se conta, para seu grande espanto, de que ela não estava reagindo. Ela não estava com medo. Não demonstrava sentimento de perda. Apenas parecia zangada.

A zanga enrubesceu-lhe o rosto, enquanto seus olhos escuros pareciam de alguma forma mais escuros ainda.

- Mas isto é crime - disse ela. - Quem são os Eternos para fazer isso?

- Tudo isso é feito para o bem da humanidade - disse Harlan. É claro que ela não

podia realmente compreender. Ele se sentiu pesaroso pelo pensamento limitado ao Tempo de um Tempista.

- É? Suponho que foi assim que o duplicador de massa foi eliminado.
- Ainda temos cópias. Não se preocupe com isso. Nós o preservamos.
- Vocês o preservaram. Mas, e nós? Nós do 482 poderíamos tê-lo tido - ela gesticulou com pequenos movimentos dos punhos.
- Ele não teria feito bem a vocês. Olhe, não fique excitada, querida, e ouça.

Com um gesto quase convulsivo (ele teria que aprender como tocá-la naturalmente, sem fazer o movimento parecer um tímido convite para uma repulsa), tomou as mãos dela e segurou-as firmemente.

Por um momento ela tentou esquivar-se, mas logo relaxou. Até mesmo sorriu um pouco. - Oh, continue, bobinho, e não faça essa cara tão solene. Não estou culpando você.

- Você não deve culpar ninguém. Não há culpa, necessariamente. Fizemos o que devia ser feito. Aquele duplicador de massa é um caso clássico. Eu o estudei na escola. Quando se duplica massa, pode-se duplicar pessoas, também. Os problemas que surgem são muito complexos.

- Não está a cargo da sociedade resolver seus próprios problemas?
- Sim, mas nós estudamos aquela sociedade durante todo o Tempo e ela não resolveu o problema satisfatoriamente. Lembre-se de que seu fracasso em resolvê-lo afeta não somente a ela própria, mas também a todas as suas sociedades descendentes. Na verdade, não há solução satisfatória para o problema do duplicador de massa. Esta é uma daquelas coisas, como guerras atômicas e entorpecentes, que simplesmente não podem ser toleradas. Os desenvolvimentos nunca são satisfatórios.

- O que o faz tão seguro?
- Temos nossas máquinas de Computação Noys, Computaplex muito mais precisos do que qualquer um já desenvolvido em qualquer Realidade individual. Estes Computam as Realidades possíveis e classificam as desejadas possibilidades de cada uma delas, através do sumário de milhares de variáveis.

- Máquinas! - disse ela com desprezo.
- Harlan mostrou desagrado, mas logo abrandou-se.
- Não fique assim. Naturalmente, você se ressentiu por descobrir que a vida não é tão sólida como pensava. Você e o mundo em que viveu poderiam ter sido apenas uma sombra de probabilidade, um ano atrás, mas qual a diferença? Você tem todas as suas lembranças, sejam elas de sombras de probabilidade ou não, não tem? Você se lembra de sua infância, de seus pais, não?

- É claro.
- Então é exatamente como se você tivesse vivido, não é? Não é? Quero dizer, você viveu ou não?
- Não estou bem certa. Terei que pensar a respeito. E se amanhã fosse novamente um mundo de sonho ou uma sombra ou o que for que você chame isso?
- Então haveria uma nova Realidade e uma nova você, com novas lembranças. Seria exatamente como se nada tivesse acontecido, exceto que o total de felicidade humana teria sido aumentado novamente.

- Não acho isso muito satisfatório.
- Além disso - disse Harlan precipitadamente - nada lhe acontecerá agora. Haverá uma nova Realidade, mas você está na Eternidade. Você não será mudada.
- Mas você disse que não faz diferença - disse Noys melancolicamente. - Por que dar-se a todo esse trabalho?
- Porque eu a quero como você é -. disse Harlan, com súbito ardor. - Exatamente

como é. Não a quero mudada. De forma alguma.

Ele chegou ao ponto de quase deixar escapar a verdade, que sem a vantagem da superstição sobre os Eternos e a vida eterna, ela nunca teria se inclinado a ele.

Olhando em volta com leve desagrado, ela disse: - Terei que ficar aqui para sempre, então? Seria... solitário.

- Não, não. Nem pense nisso - disse ele freneticamente, segurando suas mãos com tanta força que ela estremeceu. - Descobrirei o que você será na nova Realidade do Século 482, e você voltará disfarçada, por assim dizer. Tomarei conta de você. Pedirei permissão para ligação formal e cuidarei para que você continue em segurança através de futuras Mudanças. Sou um Técnico - acrescentou severamente - um bom Técnico, e sei a respeito de Mudanças, sei algumas outras coisas, também - e parou aí.

- Tudo isso é permitido? - perguntou Noys. - Quero dizer, você pode trazer as pessoas para a Eternidade e impedi-las de mudar? Pelo que você me contou, não parece correto, de forma alguma.

Por um momento Harlan sentiu-se pequeno e frio no imenso vazio dos milhares de Séculos que o cercavam por cima e por baixo. Por um momento sentiu-se excluído até mesmo da Eternidade, que era seu único lar e única fé, duplamente banido do Tempo e da Eternidade; e tinha a seu lado somente a mulher pela qual ele havia abandonado tudo isso.

Ele então falou, e sentia isso profundamente: - Não, isto é um crime. E um crime muito grande, e estou amargamente arrependido. Mas eu o cometeria novamente, se tivesse que fazê-lo, e qualquer número de vezes, se tivesse que fazê-lo.

- Por mim, Andrew? Por mim?

Ele evitou olhá-la nos olhos. - Não, Noys, por mim mesmo. Eu não poderia suportar o fato de perdê-la.

- E se formos apanhados...? - perguntou ela.

Harlan conhecia a resposta. Ele sabia a resposta desde aquele momento de introspecção, na cama, no Século 482, com Noys dormindo ao seu lado. Mas, mesmo assim, não ousava pensar na bárbara verdade.

- Não tenho medo de ninguém - disse ele. - Tenho meios de me proteger. Eles não imaginam o quanto sei.

Interlúdio

Era, olhando para trás, um período idílico que se seguiu.

Centenas de coisas aconteceram naquelas fisio-semanas e todas se confundiram inextricavelmente na memória de Harlan, depois, fazendo o período parecer ter durado muito mais do que durara. A coisa idílica dele era, natural mente, as horas que ele podia passar com Noys, e isso lançava uma luz em tudo.

Item Um: No Século 482, ele empacotou lentamente os seus bens pessoais; suas roupas e filmes e, mais que tudo, seus queridos volumes de revistas do Primitivo. Supervisionou ansiosamente o retomo deles a seu posto permanente no 575.

Finge estava às suas costas quando o último pacote foi levantado para dentro da caldeira de carga pelos homens da Manutenção.

Escolhendo as palavras com imperturbável trivialidade, Finge disse: - Deixando-nos, pelo que vejo.

Apesar do largo sorriso, seus lábios estavam cuidadosamente fechados, de maneira que só o mais leve traço de dentes ficava à vista. Ele estava com as mãos juntas nas costas e seu corpo atarracado balançou para a frente nas pontas dos pés.

Harlan não fitou seu superior. Murmurou um monótono: - Sim, senhor.

Finge disse: - Comunicarei ao Computador Sênior Twissell a respeito da maneira inteiramente satisfatória pela qual Você desempenhou suas tarefas de Observação no 482.

Harlan não conseguiu forçar-se a nem mesmo resmungar um agradecimento. Permaneceu em silêncio.

- Não comunicarei, por ora, sua recente tentativa de violência contra mim - acrescentou Finge, com a voz subitamente num tom mais baixo.

Embora permanecesse sorridente e seu olhar continuasse brando, havia em tomo dele um ar de cruel satisfação.

Harlan levantou os olhos incisivo, e disse: - Como queira, Computador.

Item Dois: Ele se restabeleceu no 575.

Sentiu-se feliz por ver aquele corpo pequeno, corado por aquele rosto gnômico e enrugado. Estava até mesmo feliz por ver o cilindro branco e fumegante repousando entre dois dedos manchados e sendo levantado rapidamente em direção à boca de Twissell.

- Computador - disse Harlan.

Twissell, emergindo de sua mesa, fitou Harlan vagamente, por um momento,

sem conseguir reconhecê-lo. Seu rosto demonstrava apreensão e seus olhos piscavam de fadiga.

- Ah, Técnico Harlan - disse ele. - Terminou seu trabalho no 482?

- Sim, senhor.

O comentário de Twissell foi estranho. Ele olhou seu relógio, que, como qualquer outro da Eternidade, estava ajustado para fisio-tempo, indicando o número dos dias, assim como o horário do dia, e disse: - Bem no nariz, meu rapaz, no nariz. Magnífico. Magnífico.

Harlan sentiu seu coração palpitar com mais força. Não teria sido capaz de entender o sentido daquela observação noutra ocasião, quando vira Twissell pela última vez. Agora sentia-se capaz. Twissell estava cansado, ou não teria chegado tão perto da essência das coisas, talvez. Ou o Computador poderia ter sentido ser a observação tão enigmática a ponto de sentir-se seguro, apesar de sua proximidade do cerne da questão.

Então Harlan disse, tão casualmente quanto pôde, para evitar que sua observação parecesse ter qualquer ligação com o que Twissell havia acabado de dizer: - Como está meu Aprendiz?

- Ótimo, ótimo - disse Twissell, com apenas metade da mente, aparentemente, concentrada em suas palavras. Deu uma rápida tragada no diminuto cigarro, um rápido aceno de despedida e retirou-se às pressas.

Item três: o Aprendiz.

Parecia mais velho, Pareceu haver nele um maior sentimento de maturidade, quando estendeu a mão e disse:

- É um prazer tomar a vê-lo, Harlan.

Talvez antes Harlan estivesse consciente de Cooper apenas como aluno, e agora ele parecia mais do que um Aprendiz. Agora parecia um gigantesco instrumento nas mãos dos Eternos. Naturalmente, ele não podia deixar de ter um novo conceito aos olhos de Harlan.

Harlan tentou não demonstrar isso. Eles estavam nos próprios aposentos de Harlan, e o Técnico deleitava-se com as superfícies de porcelana creme ao seu redor, satisfeito por estar fora do salpico adornado do Século 482. Se tentava, como podia, associar o barroco extravagante do 482 com Noys, somente conseguia associá-lo com Finge. A Noys ele associava um crepúsculo róseo e acetinado e, estranhamente, a leve austeridade dos Setores dos Séculos Ocultos.

Ele falou precipitadamente, quase como se estivesse ansioso por esconder seus pensamentos perigosos: - Bem, Cooper, o que fizeram com você, enquanto estive fora?

Cooper sorriu, alisou timidamente com um dedo o seu bigode curvado e disse: - Mais matemática. Sempre matemática.

- Sim? Coisas mais avançadas, agora, suponho.

- Bem avançadas.

- E que tal?

- Por enquanto, é tolerável. E bastante fácil, sabe? Eu gosto, mas agora eles estão realmente complicando.

Harlan concordou com um gesto e sentiu certa satisfação. - Matrizes de Campo Temporal e coisas assim?

Mas Cooper, com suas cores um pouco vivas, voltou-se para os volumes empilhados nas prateleiras e disse: - Voltemos aos Primitivos. Tenho algumas perguntas.

- Sobre o quê?
- Vida urbana no Século 23. Los Angeles, especialmente.
- Por que Los Angeles?
- É uma cidade interessante. Não acha?
- É, mas vamos atingi-la no Século 21, então. Ela estava em seu apogeu, no Século 21.
- Oh, vejamos o Século 23.
- Bem, por que não? - disse Harlan.

Seu rosto estava impassível, mas se a impassividade pudesse ter sido retirada, teria havido uma rispidez em torno dele. Sua grande e intuitiva suposição era mais do que uma suposição. Tudo estava conferindo claramente.

Item Quatro: pesquisa. Pesquisa e mais pesquisa. Sozinho, a princípio. A cada dia, com olhos ferreteadores, ele examinava os relatórios da mesa de Twissell. Os relatórios diziam respeito às várias Mudanças de Realidade que estavam sendo planejadas ou sugeridas. As cópias chegavam para Twissell regularmente, desde que ele era um membro do Conselho, e Harlan sabia que ele não sentiria falta de uma. Procurou primeiro a Mudança vindoura do Século 482. Depois, procurou outras Mudanças, quaisquer outras Mudanças que pudessem ter uma falha, uma imperfeição, alguma divergência da excelência máxima que pudesse ser visível aos seus próprios olhos treinados e talentosos de Técnico.

No sentido mais estrito da palavra, os relatórios não eram para o seu estudo, mas Twissell raramente estava em seu escritório, naqueles dias, e ninguém mais estava apto a interferir com o Técnico pessoal de Twissell.

Esta era uma parte de sua pesquisa. A outra realizou-se na seção de biblioteca do Setor do Século 575.

Pela primeira vez ele se aventurou fora daquelas seções da biblioteca que, comumente, prendiam sua atenção. Ele havia frequentado, no passado, a seção de história Primitiva (bem pobre, na verdade, de maneira que a maioria de suas referências e materiais de informação tiveram que ser obtidas no distante passado do terceiro milênio, como era apenas natural, é claro). Para uma extensão ainda maior, ele havia rebuscado as prateleiras destinadas à Mudança de Realidade, sua teoria, sua técnica e história; uma excelente coleção (a melhor da Eternidade, fora a da própria seção Central, graças a Twissell), da qual ele se havia tornado senhor absoluto.

Agora ele passeava, curioso, entre as outras prateleiras de filmes. Pela primeira vez, observou (no sentido de O maiúsculo) as prateleiras destinadas ao próprio Século 575; suas geografias, que variavam pouco de Realidade para Realidade, suas histórias, que variavam mais, e suas sociologias, que variavam ainda mais. Estes não eram os livros ou relatórios sobre o Século escritos por Eternos Observadores e Computadores (com esses ele estava familiarizado), mas pelos próprios Tempistas.

Havia trabalhos de literatura do Século 575, e estes estimulavam lembranças de tremendas discussões que ouvira a respeito do valor das Mudanças alternativas. Seria esta obra-prima alterada ou não? Em caso afirmativo, como? Como as Mudanças passadas afetavam as obras de arte?

Por falar nisso, poderia algum dia haver concordância geral a respeito de arte? Poderia ela ser algum dia reduzida a termos quantitativos acessíveis à avaliação mecânica pelas máquinas de Computação?

Um Computador chamado August Sennor era o principal oponente de Twissell nesses assuntos. Harlan, movido pelas exaltadas denúncias do homem e seus pontos de

vista, havia lido alguns dos documentos de Senhor e tinha- os achado surpreendentes.

Senhor perguntou publicamente e, para Harlan, desconcertantemente, se uma nova Realidade não poderia conter uma personalidade, dentro de si própria, análoga à de um homem que houvesse sido recolhido para a Eternidade em uma Realidade anterior. Ele analisou então a possibilidade de um Eterno encontrar seu análogo no Tempo, conhecendo-o ou não, e especulou os resultados em cada caso. (Isto chegou bem perto de um dos mais fortes temores da Eternidade, e Harlan estremeceu e apressou-se inquietamente para terminar a leitura.) E, naturalmente, eles discutiram detalhadamente o destino da literatura e da arte em vários tipos e classificações de Mudanças de Realidade.

Mas Twissell não queria aceitar nada disso. - Se os valores da arte não podem ser computados - gritava ele para Harlan - então de que adianta discutir sobre isso?

E os pontos de vista de Twissell, Harlan sabia, eram compartilhados pela grande maioria do Conselho Pan- Temporal.

Agora, porém, Harlan estava diante das estantes designadas aos romances de Eric Linkollew, normalmente descrito como o escritor proeminente do Século 575, e cismava. Contou quinze diferentes coleções de "Obras Completas", cada uma delas, indubitavelmente, retirada de uma Realidade diferente. Cada uma delas era de alguma forma diferente, ele tinha certeza. Uma coleção era visivelmente menor do que todas as outras, por exemplo. Centenas de Sociólogos, imaginou ele, deviam ter escrito análises das diferenças entre as coleções, em termos do conhecimento sociológico de cada Realidade, e com isso obtiveram status.

Harlan passou para a seção da biblioteca destinada aos inventos e instrumentação dos vários anos do 575. Muitos deles, Harlan sabia, haviam sido eliminados do Tempo e permaneceram intactos somente na Eternidade como produto do talento humano. O homem tinha que ser protegido de sua fertilíssimamente técnica. Isso mais do que qualquer outra coisa. Nem um fisio-ano se passava sem que em algum lugar do Tempo a tecnologia nuclear se aproximasse demais do perigo e tivesse que ser afastada.

Ele retomou à biblioteca propriamente dita e às prateleiras de matemática e histórias matemáticas. Seus dedos deslizaram sobre títulos individuais e, após alguma reflexão, tirou meia dúzia das prateleiras.

Item Cinco: Noys.

Esta era a parte realmente importante do interlúdio e toda a parte idílica.

Em suas horas livres, quando Cooper estava ausente, quando ele poderia comumente ter estado comendo em solidão, lendo em solidão, dormindo em solidão, esperando em solidão pelo dia seguinte - ele ia para as caldeiras.

De todo o coração, ele estava grato pela posição de Técnico na sociedade. Estava agradecido, como nunca sonhara, pela maneira como era evitado.

Ninguém interrogava o seu direito de estar numa caldeira, nem se importava se ele a ajustava para cima ou para baixo. Nenhum olhar curioso o seguia, nenhuma mão desejosa se oferecia para ajudá-lo, nenhuma boca tagarela discutia com ele.

Ele podia ir onde e quando lhe agradasse.

- Você mudou, Andrew - disse Noys. - Céus, você mudou.

Ele a fitou e sorriu. - Em que aspecto, Noys?

- Você está sorrindo, não? Este é um dos aspectos. Você nunca se olha no espelho e se vê sorrindo?

- Tenho medo. Eu diria: "Não posso ser assim feliz. Estou doente. Estou delirando. Estou confinado em um hospício, vivendo em sonhos e inconsciente disso".

Noys inclinou-se para ele para beliscá-lo. - Sente alguma coisa?

Ele puxou a cabeça dela para si e sentiu-se banhado em seus cabelos escuros e suaves.

Quando se separaram, ela disse ansiosamente: - Você mudou nesse ponto, também. Ficou ótimo, nesse ponto.

- Tenho uma boa mestra - começou Harlan, e parou bruscamente, temendo que isso implicaria desprazer por pensar sobre as várias pessoas que poderiam ter formado tal mestra.

Mas o riso dela não pareceu perturbado por tal pensamento. Eles haviam comido, e ela parecia sedosa e ardentemente suave nas roupas que ele havia trazido.

Ela seguiu seus olhos e tocou de leve a saia, tirando-a do leve abraço que ela dava em sua coxa. - Gostaria que você não fosse, Andrew - disse ela. - Eu realmente gostaria que você não fosse.

- Não há perigo - disse ele despreocupadamente

- Há perigo. Não seja tolo. Posso passar com o que está aqui até... até que você faça arranjos.

- Por que você não deveria ter suas próprias roupas e coisas?

- Porque não pagam a pena você ir à minha casa no Tempo e ser apanhado. E se fizerem a Mudança enquanto você estiver lá?

Ele saiu dessa com dificuldade. - Ela não me apanhará. - E depois, animado: - Além disso, meu gerador de pulso, conserva-me em fisio-tempo, de maneira que a Mudança não pode me afetar, vê?

Noys suspirou. - Não vejo. Não acho que algum dia entenderei isso tudo.

- Não há nada para entender. -. E Harlan explicou e explicou com grande animação, e Noys ouviu, com olhos cintilantes que nunca revelavam de todo se ela estava totalmente interessada ou divertida ou, talvez, um pouco de ambos.

Era um grande complemento à vida de Harlan. Havia alguém com quem conversar, alguém com quem discutir sua vida, suas façanhas e idéias. Era como se ela fosse uma porção dele, mas uma porção suficientemente separada para exigir diálogo como comunicação, ao invés de pensamento. Era uma porção. suficientemente separada para ser capaz de responder imprevisivelmente através de processos de pensamento independentes. Estranho, pensou Harlan, como se podia Observar um fenômeno social tal como o matrimônio e, contudo, desperceber-se de uma verdade tão vital a respeito. Poderia ele ter previsto, por exemplo, que seriam os interlúdios apaixonados que ele depois associaria menos frequentemente com o idílio?

Ela se aconchegou em seus braços e perguntou: -. Como vai indo a sua matemática?

- Quer dar uma olhada num pouco dela? - disse Harlan.

- Não vá me dizer que você a leva por aí com você.

- Por que não? A viagem de caldeira leva tempo. Não se pode desperdiçá-lo, você sabe.

Ele se afastou um pouco, tirou do bolso um pequeno visor, inseriu o filme e sorriu ternamente quando ela o colocou nos olhos.

Ela lhe devolveu o visor com um abanar de cabeça. - Nunca vi tantos rabiscos. De-sejaria poder ler seu Inter-temporal Padrão.

- Na verdade - disse Harlan - a maioria dos rabiscos que você mencionou não é Intertemporal, apenas notação matemática.

- Mas você entende, não?

Harlan detestava fazer qualquer coisa que desiludisse a franca admiração dos olhos dela, mas foi forçado a dizer: - Não tanto quanto gostaria. Contudo, estive assimilando matemática suficiente para conseguir o que quero. Não preciso entender tudo para ser capaz de ver um buraco suficientemente grande na parede, por onde empurrar uma caldeira de carga.

Ele jogou o visor para o ar, apanhou-o com um movimento rápido e colocou-o numa mesinha.

Os olhos de Noys seguiram-no ansiosamente e uma súbita intuição ocorreu a Harlan.

- Pai Tempo! - disse ele. - Você não pode ler Inter-temporal naquilo.
- Não. É claro que não,
- Então, a biblioteca do Setor daqui é inútil para você. Nunca pensei nisso. Você deve ter seus próprios filmes do 482.
- Não. Não quero nenhum - disse ela depressa.
- Você os terá - disse ele.
- Honestamente, não os quero. E tolice arriscar...
- Você os terá! - disse ele.

Pela última vez, ele ficou diante da fronteira imaterial separando a Eternidade da casa de Noys no 482. Ele pretendia que a vez anterior tivesse sido a última. A Mudança estava quase sobre eles, agora, um fato que ele não havia dito a Noys, pelo respeito decente que teria tido pelos sentimentos de qualquer pessoa, quanto mais daquela que amava.

Porém não era uma decisão difícil de se tomar, esta viagem adicional. Em parte, era bravata, para brilhar diante de Noys, trazer-lhe os livros-filmes, tirando-os da boca do leão; em parte, era um forte desejo (como era a frase Primitiva?) de "chamuscar a barba do Rei da Espanha", se é que podia referir-se assim ao imberbe Finge.

Teria também uma vez mais a oportunidade de saborear a atmosfera misteriosamente atraente de uma casa condenada.

Havia sentido isso antes, quando entrara nela cuidadosamente durante o período de tolerância concedido pelos mapas espaço-temporais. Havia sentido isso quando perambulava pelos quartos, ajuntando roupas, pequenos objetos d'art, estranhos recipientes e instrumentos da penteadeira de Noys.

Havia o silêncio sombrio de uma Realidade condenada que simplesmente estava além da ausência física de ruído. Não havia maneira de Harlan predizer sua análoga numa nova Realidade. Poderia ser uma pequena casa suburbana ou uma residência de uma cidade. Poderia ser neutra, com uma capoeira substituindo o terreno plano no qual ela se situava. Poderia até não mudar muito. E (Harlan retocou vivamente o seu pensamento) poderia ser habitada pela análoga de Noys ou, naturalmente, poderia não ser.

Para Harlan, a casa já era um fantasma, um espectro prematuro que tinha começado suas assombrações antes que tivesse realmente morrido. E como a casa, como era, significava muito para ele, achou que ressentia seu passamento e lamentava

Somente uma vez, em cinco viagens, tinha havido qualquer som para quebrar a imobilidade, durante suas rondas. Ele estava na copa, então, agradecido à tecnologia daquela Realidade e Século por ter tomado os serventes antiquados e removido um problema. Tinha escolhido, lembrava-se ele, entre as latas de alimentos preparados e estava acabando de decidir que possuía o suficiente para uma viagem e que Noys fi-

caria certamente satisfeita por incluir na dieta básica substanciosa, mas não diversificada, fornecida pelo Setor vazio, um pouco de seus próprios alimentos. Ele até riu alto ao pensar que há não muito tempo atrás tinha achado a dieta dela decadente.

Foi no meio da risada que ele ouviu um som distinto de palmas. Ele gelou!

O ruído tinha vindo de algum lugar atrás dele e, no momento do choque, durante o qual ele não tinha se movido, o perigo menor de ser um arrombador ocorreu-lhe em primeiro lugar, e o perigo maior de ser um Eterno investigando ocorreu-lhe em segundo.

Não poderia ser um arrombador. O período todo do mapa espaço-temporal, o período de tolerância e tudo, tinha sido meticulosamente afastado e separado de outros períodos similares do Tempo por causa da falta de fatores complicantes. Por outro lado, abstraindo Noys, ele havia introduzido uma micro-mudança (talvez não tão pequena assim).

Com o coração aos pulos, ele se forçou a voltar-se. Pareceu-lhe que a porta atrás de si acabara de fechar-se, movendo-se o último milímetro necessário para trazê-la ao nível da parede.

Ele reprimiu o impulso de abrir aquela porta, de revistar a casa. Em posse das guloseimas de Noys, ele retornou à Eternidade e esperou dois dias inteiros por repercussões, antes de aventurar-se na distante escala ascendente. Não houve nenhuma e, eventualmente, ele esqueceu o incidente.

Mas agora, enquanto ajustava os controles para entrar no Tempo uma última vez, pensou nele novamente. Ou talvez fosse a expectativa da Mudança, agora quase sobre ele, que o afligiu. Olhando para trás, momentos depois, ele sentiu que fora um ou outro que fizera com que ele ajustasse os controles erradamente. Não pôde pensar em nenhuma outra explicação.

O ajuste defeituoso não manifestou efeitos imediatos. Visou a sala correta e Harlan entrou diretamente na biblioteca de Noys.

Agora, ele mesmo havia se tornado bem decadente, para não ser completamente repellido pela obra que entrava no desígnio dos estojos de filme. A inscrição dos títulos misturava-se com a filigrana intrincada, até que se tornou atraente, mas quase ilegível. Era um triunfo da estética sobre a utilidade.

Harlan tirou alguns livros das prateleiras, ao acaso, e ficou surpreso. O título de um deles era História Social e Econômica de Nossos Tempos.

Por uma razão qualquer, este era um lado de Noys ao qual ele havia dado pouca importância. Certamente ela não era estúpida mas, entretanto, nunca lhe ocorrera que ela poderia estar interessada em assuntos sérios. Ele teve o impulso de ver um pouco da História Social e Econômica, mas reprimiu-o. Ele a encontraria na biblioteca do Setor 482, se alguma vez a desejasse. Finge tinha, sem dúvida, saqueado as bibliotecas daquela Realidade para os registros da Eternidade, meses atrás.

Pôs aquele filme de lado, examinou o resto rapidamente, selecionou ficção e um pouco do que parecia literatura leve de não-ficção. Guardou-os cuidadosamente numa mochila juntamente com dois visores de bolso.

Foi nesse ponto que, novamente, ele ouviu um som na casa. Desta vez não havia engano. Não foi um ruído curto de origem indeterminada. Foi uma risada, a risada de um homem. Ele não estava sozinho na casa.

Não percebeu que havia deixado cair a mochila. Por um vertiginoso segundo pôde pensar somente que estava encurralado!

Encurralado!

Subitamente, parecia inevitável. Era a mais pura ironia dramática. Ele havia entrado no Tempo pela última vez, puxando o nariz de Finge pela última vez, trazido o cântaro à fonte pela última vez. Só restava ser apanhado.

Fora Finge quem rira?

Quem mais o seguiria, ficaria na espreita, permaneceria na sala ao lado e cairia na risada?

Bem, então, estava tudo perdido? E por estar certo naquele momento aflitivo de que tudo estava perdido, não lhe ocorreu fugir novamente ou tentar passar para a Eternidade uma vez mais. Ele enfrentaria Finge.

Ele o mataria, se necessário.

Harlan caminhou para a porta por detrás da qual a risada havia ressoado; caminhou para ela com o passo leve e firme de um assassino premeditado. Desligou o sinal da porta automática e abriu-a manualmente. Cinco centímetros. Dez. Ela se moveu sem ruído.

O homem da sala ao lado estava de costas. A figura parecia muito alta para ser Finge, e este fato penetrou na mente agitada de Harlan e impediu-o de avançar mais.

Então, como se a paralisia que parecia manter ambos os homens em rigidez estivesse cedendo lentamente, o outro se voltou, centímetro. por centímetro.

Harlan não presenciou a conclusão daquele movimento, O perfil do outro ainda não estava à vista quando Harlan, retendo uma súbita rajada de terror com um último fragmento de força moral, atirou-se para trás pela porta:

Seu mecanismo, e não Harlan, fechou-a silenciosamente. Retirou-se às cegas. Somente conseguia respirar lutando violentamente com a atmosfera, forçando o ar a entrar e empurrando-o para fora, enquanto seu coração batia loucamente, como se num esforço para escapar de seu peito.

Finge, Twissell, todo o Conselho não poderia tê-lo desconcertado tanto. Não fora o temor de nada físico que o tinha amedrontado. Fora, propriamente, a aversão quase instintiva pela natureza do incidente que lhe ocorrera.

Harlan juntou a pilha de livros-filmes numa massa informe e conseguiu, após duas frustradas tentativas, restabelecer a porta para a Eternidade. Ele passou por ela, suas pernas movimentando-se mecanicamente. De alguma forma, forçou caminho para o Século 575, e então para os seus aposentos pessoais. Sua posição de Técnico, novamente avaliada, novamente apreciada, salvou-o uma vez mais. Os poucos Eternos que ele encontrou voltaram-se automaticamente para um lado e olharam firme-

mente sobre sua cabeça enquanto o faziam.

Isso foi favorável, pois faltava-lhe habilidade para tirar do rosto o esgar mortal que sentia ou qualquer força para devolver-lhe o sangue. Mas eles não olharam, e ele agradeceu, por aquilo, o Tempo, a Eternidade e qualquer coisa obscura que compusesse o Destino.

Ele não havia reconhecido verdadeiramente o outro homem da casa de Noys pela aparência, embora conhecesse sua identidade com terrível certeza.

Na primeira vez que ouvira um ruído na casa, ele, Harlan, estivera rindo, e o som que interrompeu seu riso foi o de algo pesado caindo, na sala ao lado. Na segunda vez, alguém rira na sala ao lado e ele, Harlan, derrubara uma mochila de livros-filmes. Na primeira vez, Harlan tinha-se voltado e vislumbrado uma porta fechando-se. Na segunda vez, ele, Harlan, fechou uma porta enquanto um estranho se voltava.

Ele havia se encontrado consigo mesmo!

No mesmo Tempo e quase no mesmo lugar, ele e seu análogo quase haviam estado face a face por diversos fisio-dias. Havia ajustado erradamente os controles, regulando-os para um momento no Tempo que já tinha usado, e ele, Harlan havia visto Harlan.

Tinha iniciado seu trabalho com uma sombra de horror sobre si durante dias depois. Chamou a si próprio de covarde, mas não adiantou.

Na verdade, desde aquele momento as coisas degradingolaram. Podia apontar o divisor de águas. O momento-chave era o instante em que havia ajustado os controles da porta para a sua entrada no Século 482 pela última vez, e, de alguma forma, tinha-os ajustado erradamente. Desde então, as coisas corriam de mal a pior.

A Mudança de Realidade no 482 deu-se durante aquele período de desespero e acentuou-o. Nas duas semanas anteriores, ele havia encontrado três Mudanças de Realidade propostas que continham falhas menores, e agora escolheu entre elas, embora nada pudesse fazer para mover-se à ação.

Escolheu a Mudança de Realidade 2456-2781, V-S, por uma série de razões. Das três, esta era a mais alta na escala do Tempo, a mais distante. O erro era de minuto, mas significativa em termos de vida humana. Precisava, então, apenas de uma pequena viagem até o Século 2456 para descobrir a natureza da análoga de Noys na nova Realidade, pelo uso de uma pequena pressão de chantagem.

Mas o infortúnio de sua recente experiência o traiu. Não mais lhe parecia algo simples, essa leve utilização de exposição ameaçada. E uma vez descoberta a análoga de Noys, o que faria? Colocaria Noys em seu lugar como arrumadeira, costureira, operária ou o que fosse. Certamente Mas o que, então, seria feito com sua análoga? Com o esposo que a análoga pudesse ter? Família? Filhos?

Ainda não havia pensado em nada disso. Tinha evitado o pensamento. "Válido até o dia..."

Mas agora ele não conseguia pensar em nada mais.

Então, refugiou-se em seu quarto, odiando-se, enquanto Twissell o chamava, com a voz cansada, um pouco confuso, perguntando:

- Harlan, você está bem? Cooper disse-me que você pulou diversos períodos de debate.

Harlan tentou amenizar a rigidez do rosto. - Sim, Computador Twissell. Estou apenas um pouco cansado.

- Bem, isso é desculpável, de qualquer forma, rapaz.

Então, o sorriso em seu rosto tomou-se tão apertado quanto se tomaria para desa-

parecer inteiramente. - Ouviu dizer que o 482 foi Mudado?

- Sim - murmurou Harlan.

- Finge chamou-me - disse Twissell - e pediu-me que lhe dissesse que a Mudança obteve pleno êxito.

Harlan encolheu os ombros, e então notou o olhar de Twissell, na Comunitela, firme sobre si. Ficou embaraçado e disse: - Sim, Computador?

- Nada - disse Twissell, e talvez fosse o manto da idade passando sobre seus ombros, mas sua voz era inexplicavelmente triste. - Pensei que você ia dizer algo.

- Não -. disse Harlan. - Eu nada tenho a dizer.

- Bem, então, vejo-o amanhã de manhã na Sala de Computação, rapaz. Tenho muito que lhe falar.

- Sim, senhor - disse Harlan. Fitou a tela por longos minutos, depois que esta se escureceu.

Aquilo tinha quase soado como uma ameaça. Finge tinha chamado Twissell, não tinha? O que teria ele dito que Twissell não comunicou?

Mas uma ameaça exterior era o que realmente ele precisava. Combater um mal do espírito era como estar numa areia movediça e agitá-la com uma vara. Combater Finge era completamente outra questão. Harlan havia se lembrado da arma à sua disposição e, pela primeira vez em dias, sentiu uma fração de autoconfiança retomar.

Era como se uma porta tivesse se fechado e uma outra se houvesse aberto. Harlan tomou-se tão febrilmente ativo quanto fora catatônico anteriormente. Viajou para o Século 2456 e induziu o Sociólogo Voy a agir exatamente de acordo com sua própria vontade.

Ele o fez perfeitamente. Conseguiu a informação que procurava.

E mais do que procurava. Muito mais.

A confiança é recompensada, aparentemente. Havia um provérbio de seu Século natal que dizia: "Agarre a urtiga firmemente e ela se tomará uma vara para golpear seu inimigo".

Em resumo, Noys não tinha análoga na nova Realidade. Nenhuma análoga, de forma alguma. Ela poderia assumir sua posição na nova sociedade da maneira mais imperceptível e conveniente possível, ou poderia permanecer na Eternidade. Não haveria razão para se negar sua ligação, exceto pelo fato altamente teórico de que ele tinha infringido a lei - e ele sabia muito bem como invalidar esse argumento.

Então ele subiu correndo a escala do Tempo para levar a Noys as grandes novas, para banhar-se em sucesso inesperado após alguns dias horríveis de aparente fracasso.

Mas nesse momento, a caldeira parou.

Ela não reduziu a velocidade; simplesmente parou. Se o movimento houvesse sido um só ao longo de qualquer uma das três dimensões do espaço, uma parada tão súbita teria despedaçado a caldeira, feito de seu metal uma incandescência rubra, transformando Harlan numa massa de ossos quebrados e carne úmida e esmagada.

Do modo que foi, simplesmente o fez vergar de náusea e gemer de dor interna.

Quando conseguiu enxergar, procurou pelo temporômetro e fitou-o com visão baça. Marcava 100000.

O que de alguma forma o alarmou. Era um número muito redondo.

Ele se voltou febrilmente para os controles. O que havia saído errado?

Isso também o alarmou, pois não conseguia ver nada de errado. Nada havia desengatado a alavanca de direção. Ela continuava firmemente engrenada no sentido

ascendente. Não havia curto-circuito. Todos os indicadores estavam no limite preto de segurança. Não havia falta de energia. A minúscula agulha, que marcava o constante consumo de mega-coulombs de energia, insistia calmamente que a energia estava sendo consumida na proporção

O que, então, havia detido a caldeira?

Lentamente, e com considerável relutância, Harlan tocou a alavanca de direção, fechou a mão em torno dela. Ele a empurrou para neutro, e a agulha do medidor de energia declinou para zero.

Puxou a alavanca na outra direção. Novamente o medidor de energia subiu, e desta vez o temporômetro se agitou para baixo ao longo da linha dos Séculos.

Para baixo - para baixo - 99983 - 99972 - 99964 99959...

Novamente Harlan mudou a alavanca de posição. Para cima, outra vez. Lentamente. Bem lentamente.

Então, 99985 - 99993 - 99997 - 99998 - 99999 - 100000...

Impacto! Nada além do 100000. A energia da Nova Sol estava sendo silenciosamente consumida sem nenhum objetivo.

Ele desceu novamente, mais. Atirou-se para cima. Impacto!

Seus dentes estavam cerrados, seus lábios repuxados para trás, sua respiração áspera. Sentiu-se como um prisioneiro lançando-se cruelmente contra as barras de uma prisão.

Quando parou, uma dúzia de impactos depois, a caldeira permaneceu firmemente no Século 100000. Até aí, e não mais.

Ele mudaria as caldeiras! (Mas não havia muita esperança nessa atitude.)

No silêncio vazio do Século 100000, Andrew Harlan saiu de uma caldeira e escolheu ao acaso uma outra coluna de caldeira.

Um minuto depois, com, a alavanca de direção na mão, ele fitou a marcação dos 100000 e percebeu que ali, também, não conseguiria passar.

Fúria! Agora! Desta vez! Quando as coisas se haviam vergado tão inesperadamente em seu favor, chegaram a um desastre súbito. A maldição daquele momento de mau julgamento ao entrar no 482 ainda estava nele.

Puxou brutalmente a alavanca para baixo, pressionando-a firmemente até o máximo e conservando-a assim. Pelo menos, de certa forma, agora estava livre, livre para fazer o que desejasse. Com Noys confinada por detrás de uma barreira e fora de seu alcance, que mais poderiam eles fazer-lhe? Que mais tinha a temer?

Dirigiu-se ao 575 e saltou da caldeira com pouco caso imprudente pelos arredores que ele nunca sentira antes. Forçou seu caminho até a biblioteca do Setor, não falando com ninguém, sem olhar para ninguém. Tirou o que queria sem olhar ao redor para ver se era observado. O que lhe importava?

De volta à caldeira e para baixo novamente, sabia exatamente o que faria. Olhou para o grande relógio, quando passou, medindo Físio-tempo Padrão, numerando os dias e marcando os três turnos iguais de trabalho do fisio-dia. Finge devia estar em seus aposentos particulares, agora, e isso era um tanto melhor.

Harlan sentiu-se febril quando chegou no 482. Sentiu a boca seca e a língua grossa. O tórax doía. Mas sentiu o duro contorno da arma sob a camisa quando a apertou firmemente contra o corpo, e esta era a única sensação que importava.

O Computador-Assistente Hobbe Finge levantou os olhos para Harlan, e a surpresa de seu olhar lentamente cedeu lugar à preocupação.

Harlan observou-o silenciosamente por um momento, deixando a preocupação aumentar e esperando que ela se transformasse em medo. Rodeou lentamente, ficando entre Finge e a Comunitela.

Finge estava parcialmente despido, nu até a cintura.

Seu tórax era escassamente peludo, seus peitos inchados e quase femininos. Seu gordo abdome dobrava-se sobre a cintura da calça.

Ele parece sem dignidade, pensou Harlan com satisfação, sem dignidade e repugnante. Tanto melhor.

Colocou a mão direita na camisa e fechou-a firmemente em torno do cabo de sua arma.

- Ninguém me viu, Finge, portanto, não olhe para a porta - disse Harlan. - Ninguém vem para cá. Você precisa compreender, Finge, que está lidando com um Técnico. Sabe o que isso significa?

Sua voz era rouca. Sentiu raiva por não estar notando temor nos olhos de Finge, somente preocupação. Finge ainda procurou por sua camisa e, sem uma palavra, começou a vesti-la.

Harlan continuou. - Conhece o privilégio de ser um Técnico, Finge? Você nunca foi um deles, portanto não pode avaliá-lo. Isso significa que ninguém observa onde você vai ou o que faz. Todos eles olham para outro lado e fazem tanto esforço para não vê-lo, que realmente o conseguem. Eu poderia, por exemplo, ir até a biblioteca do Setor, Finge, e servir-me de qualquer coisa curiosa, enquanto o bibliotecário se preocuparia ativamente com seus registros e nada veria. Posso descer os corredores residenciais do 482 e qualquer transeunte desvia-se de meu caminho e jura depois que não viu ninguém. Isso é automático. Como você vê, posso fazer o que quero, ir aonde quero. Posso entrar no apartamento particular do Computador-Assistente de um Setor e forçá-lo a dizer a verdade à ponta de uma arma, e não haverá ninguém para deter-me.

Finge falou pela primeira vez: - O que você tem aí?

- Uma arma -. respondeu Harlan, e mostrou-a. - Reconhece isto? - A boca da arma cintilava levemente e terminava numa brilhante protuberância metálica.

- Se me matar... - começou Finge.

- Não o matarei - interrompeu Harlan. - Num encontro recente você tinha um revólver. Isto não é um revólver. É uma invenção de uma das Realidades passadas do Século 575. Talvez você não esteja familiarizado com ela. Foi eliminada da Realidade. Muito vil. Isto pode matar, mas com baixa energia, ativa os centros de dor do sistema nervoso e paralisa, também. Isto é chamado, ou era chamado, de chicote neurônico. Funciona. Este aqui está completamente carregado. Eu o experimentei num dedo - ele mostrou a mão esquerda com um dedo rijo. - Foi bastante desagradável.

Finge agitou-se impacientemente. -. Por que tudo isso, pelo amor do Tempo?

- Há alguma espécie de bloqueio nas colunas de caldeira do Século 100000. Eu o quero removido.

- Um bloqueio nas colunas?

- Não tente parecer surpreso. Ontem você falou com Twissell. Hoje, há o bloqueio. Quero saber o que você disse a Twissell. Quero saber o que foi e o que será feito. Pelo Tempo, Computador, se não me disser, usarei o chicote. Experimente, se duvida de minha palavra.

- Agora ouça - Finge engoliu um pouco as suas palavras e a primeira ponta de medo se revelou, e também uma espécie de raiva desesperada - se quer a verdade, é esta. Sabemos sobre você e Noys.

Os olhos de Harlan brilharam. - O que sabe sobre mim e Noys?

- Pensou que estava obtendo sucesso? -. disse Finge. Seus olhos estavam fixos no chicote neurônico e sua testa começava a suar. - Pelo Tempo, com a emoção que você demonstrou após seu período de Observação, com o que você fez durante o pe-

ríodo de Observação, pensou que não observaríamos você? Eu mereceria ser rebaixado da posição de Computador se tivesse deixado passar isso. Sabemos que você trouxe Noys para a Eternidade. Soubemos desde o início. Você queria a verdade. Ela.

No momento, Harlan detestou sua própria estupidez.

- Vocês sabiam?

- Sim. Sabíamos que você a havia levado para os Séculos Ocultos. Sabíamos de todas as vezes que você entrou no 482 para supri-la com luxos adequados; fazendo-se de tolo, com seu Juramento de Eterno completamente esquecido.

- Então, por que não me detiveram? - Harlan estava experimentando os extremos de sua própria humilhação.

- Você ainda quer a verdade? - repetiu Finge, e parecia ganhar coragem à medida que Harlan afundava em frustração.

- Continue.

- Então, deixe-me dizer-lhe que nunca o considerarei propriamente um Eterno. Um brilhante Observador, talvez, e um Técnico que passou pelos mecanismos. Mas não um Eterno. Quando o trouxe aqui, nesta última tarefa, foi para provar isso a Twissell, que o estima por alguma razão particular. Eu não estava apenas testando a sociedade na pessoa da garota Noys. Eu estava experimentando você também, e você falhou, como pensei que falharia. Agora, guarde essa arma, esse chicote ou seja lá o que for, e retire-se.

- E você foi uma vez aos meus aposentos - disse Harlan ofegantemente, esforçando-se por conservar sua dignidade e sentindo-a escapar de si, como se sua mente e espírito estivessem tão duros e insensíveis quanto o dedo chicoteado de sua mão esquerda - para estimular-me a fazer o que fiz.

- Sim, é claro. Se quer a verdade exatamente, eu o tentei. Disse-lhe exatamente a verdade, que você poderia conservar Noys somente na Realidade então presente. Você preferiu agir não como um Eterno, mas como um hipócrita. Eu esperava isso de você.

- Eu o faria de novo - disse Harlan asperamente - e já que tudo isso é sabido, você pode ver que nada tenho a perder.

Avançou o chicote na direção da gorda cintura de Finge e falou por entre lábios pálidos e dentes cerrados: - O que aconteceu a Noys?

- Não tenho ideia

- Fale a verdade. O que aconteceu a Noys?

- Estou-lhe dizendo que não sei.

O punho de Harlan apertou-se no chicote; sua voz era baixa. - Sua perna primeiro. Isto vai doer.

- Pelo amor do Tempo! Espere!

- Certo. O que aconteceu a ela?

- Não, ouça. Por enquanto é apenas uma quebra de disciplina. A Realidade não foi afetada. Fiz verificações nela. Rebaixamento de posição é tudo que você sofrerá. Se me matar, contudo, ou ferir-me com intenção de matar-me, você terá atacado um superior. E para isso é a pena de morte.

Harlan sorriu, diante da futilidade da ameaça. Em face do que já havia acontecido, a morte ofereceria uma escapatória que, em finalidade e simplicidade, não havia igual.

Finge obviamente entendeu mal as razões do sorriso. Disse apressadamente: - Não pense que não há pena de morte na Eternidade só porque você nunca sofreu uma. Nós sabemos da existência dela; nós, Computadores. E mais: têm havido exe-

cuções, também. É simples. Em qualquer Realidade, há grande número de acidentes fatais nos quais os corpos não são recuperados. Foguetes explodem no ar, aviões afundam no meio do oceano ou reduzem-se a pó contra montanhas. Um assassino pode ser colocado num desses receptáculos minutos ou segundos antes dos resultados fatais. Isso vale a pena para você?

Harlan agitou-se e disse: - Se você está protelando para se salvar, isso não vai adiantar. Ouça, não temo punição. Além do mais, pretendo ter Noys. Eu a quero agora. Ela não existe na Realidade corrente. Não tem análoga. Não há razão por que não possamos estabelecer ligação formal.

- Isso é contra os regulamentos para Técnicos.

- Deixaremos o Conselho decidir - disse Harlan, e seu orgulho se manifestou, enfim. - Não temo uma decisão adversa, também, mais do que temo matá-lo. Não sou Técnico comum.

- Por que você é o Técnico de Twissell? - e houve uma estranha expressão no rosto gordo e suave de Finge, que poderia ter sido de ódio ou de triunfo ou de um pouco de ambos.

- Por razões muito mais importantes do que essa - disse Harlan. - E agora.

Com firme determinação ele tocou o dedo no ativador da arma.

Finge gritou. - Então vá ao Conselho. Ao Conselho Pan-Temporal; eles sabem. Se você é tão importante. - ele se calou, suspirando.

Por um momento, o dedo de Harlan deteve-se, irresolutamente. - O quê?

- Acha que eu agiria unilateralmente num caso como este? Comuniquei o incidente todo ao Conselho, acompanhando-o com a Mudança de Realidade. Aqui! Aqui estão as duplicatas.

- Quietos, não se mova.

Mas Finge desprezou essa ordem. Imediatamente, como o impulso de um demônio possesso, Finge estava em seus arquivos, O dedo de uma das mãos localizou a combinação do código do registro que ele queria e os dedos da outra introduziram-no no arquivo. Uma língua de fita prateada deslizou para fora da mesa, com sua configuração de pontos mal visível a olho nu.

- Quer que ela seja tocada? - perguntou Finge, e sem esperar, enfiou-a no vocalizador.

Harlan ouviu, paralisado. Era bem claro. Finge havia relatado por completo. Tinha detalhado cada movimento de Harlan nas colunas de caldeira. Não havia deixado passar um de que Harlan pudesse lembrar-se até o ponto em que fora feito o relatório.

Finge gritou quando o relatório terminou: - Agora, vá ao Conselho! Não pus bloqueio no Tempo. Eu não saberia como fazê-lo. E não pense que eles estão despreocupados quanto ao assunto. Você disse que falei ontem com Twissell. Conte-lhe que Técnico importante é você. E se quiser matar-me, primeiro mate-me e vá para o Tempo!

Harlan não podia deixar de notar a verdadeira exultação da voz do Computador. Naquele momento ele obviamente se sentiu suficientemente vitorioso para acreditar que mesmo uma chicotada neuronal o deixaria no lado proveitoso do resultado.

Por quê? Seria a bancarrota de Harlan tão cara para seu coração? Seria o seu ciúme por Noys uma paixão tão completamente consumidora?

Harlan fez pouco mais do que formular as perguntas mentalmente, e então o assunto todo, Finge e tudo, pareceu-lhe subitamente insignificante.

Ele guardou no bolso a sua arma e atirou-se para fora, em direção à coluna de caldeira mais próxima.

Fora o Conselho, então, ou Twissell, no final das contas. Ele não temia nenhum deles, nem todos juntos.

A cada dia passado do último e incrível mês ele havia se tomado mais convencido de sua própria indispensabilidade, O Conselho, mesmo o próprio Conselho Pan-Temporal, não teria escolha, senão chegar a um acordo quando se tratasse de trocar uma garota pela existência de toda a Eternidade.

Círculo fechado

Foi com vaga surpresa que o Técnico Andrew Harlan, ao irromper no 575, encontrou-se no turno da noite. A passagem das fisio-horas havia-se dado sem ser notada, durante suas correrias desenfreadas ao longo das colunas de caldeira. Fitou profundamente os corredores escuros, a evidência ocasional do pouco numeroso pessoal da noite em ação.

Mas na força contínua de sua raiva, Harlan não parou muito tempo para observar inutilmente. Voltou-se em direção aos alojamentos. Encontraria o quarto de Twissell na Galeria dos Computadores como havia encontrado o de Finge, e, da mesma forma, mal receava ser notado ou detido.

O chicote neuronal estava ainda firme contra seu cotovelo quando parou diante da porta de Twissell (a placa com o nome assegurava-lhe o fato em letras bem claras e em baixo-relevo).

Harlan ativou impetuosamente a campainha da porta no nível de zumbido. Provocou um curto-circuito com a palma úmida e deixou o ruído tornar-se contínuo. Ele o podia ouvir vagamente.

Um passo soou atrás dele e ele o ignorou, na certeza de que o homem, fosse quem fosse, ignorá-lo-ia. (Oh, remendo vermelho-encarnado de Técnico!)

Mas o ruído de passos cessou e uma voz soou: - Técnico Harlan?

Harlan voltou-se. Era um Computador Júnior, relativamente novo no Setor. Harlan enfureceu-se intimamente. Este não era o 482. Aqui ele não era simplesmente um Técnico, era o Técnico de Twissell, e os jovens Computadores, na ansiedade de se agradecerem com o grande Twissell, ofereciam ao seu Técnico uma civilidade mínima.

- Deseja ver o Computador Sênior Twissell? - disse o homem.

Harlan impacientou-se e respondeu: - Sim, senhor.

(Imbecil! Para que achava ele que alguém ficaria tocando a campainha da porta de um homem? Para apanhar uma caldeira?)

- Temo que não possa - disse o Computador.

- É importante o bastante para acordá-lo - disse Harlan.

- Pode ser - disse o outro -. mas ele está fora. Não está no 575.

- Onde está ele, então? perguntou Harlan impacientemente.

O olhar do Computador tomou-se arrogante. - Eu não sei.

- Mas tenho um encontro importante logo pela manhã - disse Harlan.

- Você tem - respondeu o Computador, e Harlan estava muito embaraçado para notar sua surpresa.

O Computador continuou, já sorrindo agora: - Você chegou um pouco cedo, não?

- Mas preciso vê-lo.
- Estou certo de que estará aqui pela manhã - o sorriso se alargou.
- Mas...

O Computador passou por Harlan, evitando cuidadosamente qualquer contato.

Os pulsos de Harlan cerraram-se e descerraram-se. Fitou desamparadamente o Computador e, então, simplesmente porque nada mais havia a fazer, caminhou lentamente, sem tomar completo conhecimento dos arredores, de volta ao seu próprio quarto.

Harlan dormiu espasmodicamente. Disse a si mesmo que precisava dormir. Tentou relaxar à força e, naturalmente, fracassou. Seu período de sono foi uma sucessão de pensamento fútil.

Acima de tudo, havia Noys.

Não ousariam fazer mal a ela, pensou ele febrilmente. Não poderiam mandá-la de volta ao Tempo sem antes calcular o efeito na Realidade, e isso levaria dias, talvez semanas. Como alternativa, poderiam fazer a ela o que Finge ameaçara fazer a ele: colocá-la no caminho de um acidente indetectável.

Ele não levou isso a sério. Não havia necessidade de uma ação drástica como essa. Não arriscariam, por fazê-lo, o descontentamento de Harlan. (Na quietude de um dormitório escuro e naquela fase de semi-sonolência, onde as coisas muitas vezes ficavam estranhamente desproporcionais em pensamento, Harlan nada encontrou de grotesco em sua confiante opinião de que o Conselho não se arriscaria a causar o desagrado de um Técnico.)

Naturalmente, havia ocupações para as quais uma mulher em cativeiro poderia ser aproveitada. Uma linda mulher de uma Realidade hedonística...

Resolutamente, Harlan expulsou o pensamento tantas vezes quanto retornou. Isto era ao mesmo tempo mais provável e mais inimaginável que a morte, e ele não desejava nenhum deles.

Pensou em Twissell.

O velho estava fora do 575,. Onde estaria ele durante horas em que deveria dormir? Um velho precisa de seu sono. Harlan tinha certeza da resposta. Havia conferências do Conselho em andamento. A respeito de Harlan. A respeito de Noys. A respeito do que fazer com um Técnico indispensável que não se ousava tocar.

Harlan repuxou os lábios para trás. Se Finge relatasse o assalto de Harlan daquela noite, isso não afetaria de forma alguma as suas considerações. Seus crimes pouco poderiam ser piorados por isso. Sua indispensabilidade certamente não seria diminuída.

E Harlan não estava certo, de maneira alguma, de que Finge o denunciaria. Admitir ter sido forçado a encolher-se de medo de um Técnico poria um Computador-Assistente numa posição ridícula, e Finge poderia preferir não fazê-lo.

Harlan pensou nos Técnicos como um grupo, o que raramente fazia nos últimos tempos. Sua própria posição, de certa forma anormal, como homem de Twissell e como meio-Educador, conservara-o demasiadamente distante de outros Técnicos. Mas os Técnicos precisavam de solidariedade, de qualquer forma. Qual seria a razão?

Tinha ele que passar pelos Séculos 575 e 482 raramente vendo ou falando com outro Técnico? Tinham eles que evitar até mesmo um outro Técnico? Tinham eles que agir como se aceitassem o status para dentro do qual a superstição dos outros os forçava?

Em sua mente, ele já havia forçado a capitulação do Conselho no que dizia respei-

to a Noys e agora estava fazendo mais exigências. Aos Técnicos deveria ser permitida uma organização própria, com reuniões regulares - mais amizade - melhor tratamento por parte dos outros.

Seu pensamento final em si mesmo era como um heroico revolucionário social, com Noys a seu lado, quando finalmente afundou num sono sem sonhos...

A campainha da porta acordou-o. Sussurrou-lhe com rouca impaciência. Ordenou seus pensamentos até ser capaz de olhar o pequeno relógio ao lado da cama e gemeu por dentro.

Pai Tempo! Depois de tudo aquilo havia dormido demais.

Conseguiu alcançar da cama o botão certo e o quadrado visor da porta ficou transparente. Ele não reconheceu o rosto, mas aparentava autoridade, fosse quem fosse.

Abriu a porta e o homem, usando a divisa laranja da Administração, entrou.

- Técnico Andrew Harlan?

- Sim, Administrador? O senhor tem algo a tratar comigo?

O Administrador não pareceu de forma alguma incomodado pela agressividade da pergunta. - Você tem uma entrevista com o Computador Sênior Twissell? - perguntou ele.

- Sim.

- Estou aqui para informá-lo de que está atrasado.

Harlan fitou-o. - Que negócio é esse? O senhor não é do 575, é?

- Meu posto é o Século 222 - respondeu o outro com frieza. - Administrador Assistente Arbut Lemm, Estou encarregado dos arranjos e estou tentando evitar demasiada agitação, deixando de lado a notificação oficial através da Comunitela.

- Que arranjos? Que agitação? O que significa isso? Ouça, tive entrevistas com Twissell antes. Ele é meu superior. Não há agitação nenhuma.

Um olhar de surpresa passou momentaneamente pela falta de expressão estudada que o Administrador até então tinha conservado no rosto. - Você não foi informado?

- Do quê?

- Ora, de que um sub-comitê do Conselho Pan-Temporal está presidindo sessão aqui no 575. Este lugar, disseram-me, está fervendo com as notícias há horas.

- E eles querem ver-me?

Enquanto perguntava, Harlan pensou: É claro que querem ver-me. A respeito de que mais poderia ser a sessão, senão de mim?

Então ele entendeu o divertimento do Computador Júnior na noite anterior, diante da porta de Twissell. O Computador sabia da reunião programada do comitê e divertiu-se em pensar: que um Técnico poderia possivelmente esperar ver Twissell numa hora como aquela. Bastante engraçado, pensou Harlan amargamente.

- Recebo ordens - disse o Administrador. - Nada mais sei. - Então, ainda surpreso: - Você não ouviu nada a respeito?

- Os Técnicos - disse Harlan sarcasticamente - levam vidas camufladas.

Cinco, além de Twissell! Todos os Computadores Seniores, nenhum deles com menos de trinta e cinco anos como Eterno.

Seis semanas antes, Harlan teria inchado pela honra de sentar-se à mesa com tal grupo, teria tido a língua atada pela combinação de responsabilidade e poder que eles representavam. Eles lhe teriam parecido possuir duas vezes o tamanho natural.

Mas agora eles eram seus antagonistas; pior ainda, seus juízes. Ele não tinha tem-

po de ficar impressionado. Precisava planejar sua estratégia.

Eles poderiam não saber de que ele estava consciente de que tinham Noys. Poderiam não saber, a menos que Finge lhes falasse de seu último encontro com Harlan. Na clara luz do dia, entretanto, ele estava mais que convencido de que Finge não era o tipo de homem para espalhar publicamente que havia sido intimidado e insultado por um Técnico.

Parecia aconselhável para Harlan, então, resguardar essa possível vantagem, por enquanto, e deixar que eles fizessem o primeiro movimento, que dissessem a primeira sentença que iniciaria o verdadeiro combate.

Eles não pareciam apressados. Fitaram-no placidamente por sobre um lanche abstêmio como se ele fosse um espécime interessante, preso, de membros abertos contra um plano de força, por leves repulsores. Harlan olhou para trás com desespero.

Conhecia a todos por reputação e reproduções tridimensionais nos filmes fisiomensais de orientação. Os filmes coordenavam os desenvolvimentos por todos os vários Setores da Eternidade e suas projeções eram requeridas por todos os Eternos com grau de Observador para cima.

August Sennor, o único careca (nem mesmo sobrancelhas ou cílios), naturalmente atraiu mais a atenção de Harlan. Primeiro, porque a estranha aparência daqueles olhos escuros e fixos contra pálpebras e testa nuas era notadamente mais forte em pessoa do que sempre parecera em trimensão. Segundo, porque estava inteirado de contendas passadas de pontos de vista entre Sennor e Twissell. Finalmente, porque Sennor não se limitava a observar Harlan. Lançava-lhe perguntas em voz penetrante.

Suas perguntas foram na maioria irrespondíveis, tais como: - Como é que você veio a interessar-se pela primeira vez por tempos Primitivos, jovem? Acha o estudo compensador, jovem?

Finalmente, ele conseguiu acomodar-se em sua cadeira. Empurrou seu prato casualmente para o tubo pneumático e enlaçou despreocupadamente os grossos dedos diante dele. (Harlan notou que não havia pelos nas costas das mãos.)

Há algo que eu sempre quis saber - disse Sennor. - Talvez você possa me ajudar.

Certamente, chegou o momento, pensou Harlan.

Em voz alta ele disse: - Se eu puder, senhor.

- Alguns de nós, aqui na Eternidade -. não direi todos ou mesmo vários (e lançou um rápido olhar ao rosto cansado de Twissell, enquanto os outros se aproximavam para ouvir), mas alguns, de qualquer forma, estão interessados na filosofia do Tempo. Talvez você saiba o que quero dizer.

- Os paradoxos da viagem no Tempo, senhor?

- Bem, se quer referir-se a isso melodramaticamente, sim. Mas isto não é tudo, é claro. Há a questão da verdadeira natureza da Eternidade, a questão da conservação de massa-energia durante Mudanças de Realidade e assim por diante. Ora, nós da Eternidade estamos influenciados em nossa consideração de tais coisas por sabermos os fatos da viagem no Tempo. Suas criaturas da era Primitiva, entretanto, nada sabiam a respeito. Quais eram os pontos de vista deles quanto ao assunto?

O sussurro de Twissell espalhou-se pela extensão da mesa. - Teias de aranha!

Mas Sennor ignorou aquilo. - Quer responder à minha pergunta, Técnico? - disse ele.

- Na verdade - disse Harlan -. os Primitivos não pensavam na viagem no Tempo, Computador.

- Não a consideravam possível, hein?

- Creio que seja isso.

- Nem mesmo especulavam?

- Bem, quanto a isso - disse Harlan, incerto - creio que havia diversas especulações em alguns tipos de literatura escapista. Não estou bem informado a respeito, mas creio que um tema recorrente era aquele do homem que voltava no Tempo para matar seu próprio avô quando criança.

Senhor pareceu encantado. - Magnífico! Magnífico! Afinal, esta é pelo menos uma expressão do paradoxo básico da viagem no Tempo, se presumirmos uma Realidade invariante, hein? Agora os seus Primitivos, aventure-me a declarar, nunca presumiram nada senão uma Realidade invariante. Estou certo?

Harlan tardou a responder. Ele não via o que visava a conversa ou quais eram os propósitos mais profundos de Senhor, e isso o irritava. - Não sei o suficiente para responder-lhe com certeza, senhor - disse ele. - Creio que possa ter havido especulação quanto a caminhos alternados de tempo ou planos de existência. Não sei com certeza.

Senhor empurrou para fora o lábio inferior. - Creio que você está enganado. Você pode ter sido iludido por ler seu próprio conhecimento em várias ambiguidades por que pode ter passado. Não, sem verdadeira experiência de viagem no Tempo, as complexidades filosóficas da Realidade estariam totalmente além da mente humana. Por exemplo: por que a Realidade possui inércia? Todos nós sabemos que possui. Qualquer alteração em seu fluxo deve alcançar uma certa dimensão, antes que uma Mudança, uma verdadeira Mudança, seja efetuada. Mesmo então, a Realidade tem uma tendência a fluir de volta à sua posição original.

- Por exemplo, suponha uma Mudança aqui no 575. A Realidade mudará, com efeitos crescentes talvez até o Século 600. Este mudaria, mas com efeitos continuamente menores até talvez o 650. Depois disso, a Realidade não será mudada. Todos nós sabemos que é assim, mas algum de nós sabe por que é assim? O raciocínio intuitivo sugeriria que qualquer Mudança de Realidade aumentaria seus efeitos sem limite, à medida que os Séculos passassem, contudo, não é assim.

- Tomemos outro ponto. O Técnico Harlan conforme me foi dito, é excelente a Mínima Mudança Requerida para qualquer situação. Aposto como ele não consegue explicar como se decide quanto às suas próprias escolhas.

- Imaginem quão indefesos os Primitivos devem ser. Preocupam-se com um homem que mata o próprio avô porque não entendeu a verdade sobre a Realidade. Tomemos um caso mais provável e mais facilmente analisado e consideremos o homem que em suas viagens através do Tempo encontra-se consigo mesmo...

- Que é que tem o homem que se encontra consigo mesmo? - interveio Harlan estridentemente.

O fato de Harlan ter interrompido um Computador era, em si, uma falta de polidez. Seu tom de voz piorou a falta, tomando-a escandalosa, e todos os olhos fixaram-se no Técnico de modo repreensivo.

Senhor pigarreou, mas falou no tom forçado de alguém determinado a ser polido apesar das dificuldades quase insuperáveis. Continuando sua sentença interrompida e assim evitando a aparência de responder diretamente à pergunta descortês que lhe fora dirigida, ele disse:

- E as quatro subdivisões na qual tal ato pode cair. Chamamos de A o homem anterior em fisio-tempo, e o posterior, de B. Subdivisão um: A e B podem não ver um ao outro, ou fazer qualquer coisa que afete significativamente um ao outro. Neste caso, eles não se encontraram realmente, e podemos rejeitar esse caso como trivial.

Ou B, o indivíduo posterior, pode ver A enquanto A não vê B. Aqui, também, não se precisa esperar por consequências sérias. B, vendo A, o vê numa posição e empenhado numa atividade da qual já tem conhecimento. Não há nada de novo envolvido.

- As possibilidades três e quatro são que A vê B enquanto B não vê A, e que A e B veem-se um ao outro. Em cada possibilidade, o ponto importante é que A vê B; o homem, num estágio anterior de sua existência fisiológica, vê a si mesmo num estágio posterior. Observem que ele percebeu que estará vivo na idade aparente de B. Sabe que viverá o tempo suficiente para desempenhar a atividade que presenciou. Agora, um homem, conhecendo seu futuro em pormenores, pode influenciar esse conhecimento e conseqüentemente mudar seu futuro. Segue-se que a Realidade deve ser mudada a ponto de não permitir que A e B se encontrem ou, no mínimo, de evitar que A veja B. Então, desde que nada pode ser detectado numa Realidade tornada não-Real, A nunca encontrou-se com B. Igualmente, em todos os aparentes paradoxos da viagem no Tempo, a Realidade sempre muda para evitar o paradoxo e chegamos à conclusão de que não há paradoxos na viagem no Tempo e que não pode haver nenhum.

Senhor parecia muito satisfeito consigo mesmo e com sua exposição, mas Twissell levantou-se.

- Creio, cavalheiros - disse Twissell - que o tempo esgotou-se.

Muito mais subitamente do que Harlan teria imaginado, o lanche estava terminado. Cinco dos membros do subcomitê retiraram-se em fila, acenando-lhe com a cabeça, com o ar daqueles cuja curiosidade, branda, no melhor dos casos, havia sido satisfeita. Somente Senhor estendeu a mão e acrescentou ao aceno um áspero - Bom dia, jovem.

Com sentimentos indistintos, Harlan observou-os sair. Qual teria sido o propósito daquela refeição? Mais, que tudo, por que a referência aos homens se encontrando? Eles não haviam feito menção a Noys. Teriam eles estado ali, então, apenas para estudá-lo? Examiná-lo da cabeça aos pés e deixá-lo para o julgamento de Twissell?

Twissell retomou à mesa; os alimentos e os talheres já haviam sido retirados. Agora estava a sós com Harlan e, como se para simbolizá-lo, brandia novo cigarro entre os dedos.

- E agora ao trabalho, Harlan - disse ele. - Temos muito o que fazer.

Mas Harlan não podia, não esperaria mais. - Antes de fazermos qualquer coisa - disse ele de modo categórico -tenho algo a dizer.

Twissell pareceu surpreso. A pele de seu rosto contraiu-se em torno dos olhos miúdos, e ele bateu a cinza do cigarro pensativamente.

- Sem dúvida, fale, se quiser - disse ele - mas primeiro sente-se, sente-se, rapaz.

O Técnico Andrew Harlan não se sentou. Andou para lá e para cá ao lado da mesa, mastigando suas sentenças para não deixá-las esquentar e efervescer em incoerência. A cabeça em forma de maçã amadurecida do Computador Sênior Laban Twissell virava para trás e para a frente, à medida que ele seguia os passos nervosos do outro.

- Durante semanas estive vendo filmes sobre a história da matemática -. disse Harlan. -. Livros de diversas Realidades do Século 575. As Realidades não importam muito. A matemática não muda. A ordem de seu desenvolvimento não muda também. Não importa quanto a Realidade se altere; a história da matemática continua quase a mesma. Os matemáticos mudaram; matemáticos diferentes fizeram descobertas, mas os resultados finais... De qualquer forma, consegui com esforço entender um bocado a respeito. O que lhe parece?

Twissell franziu as sobrancelhas e disse: - Uma preocupação estranha para um Técnico.

- Mas não sou apenas um Técnico - disse Harlan. - O senhor sabe disso.

- Continue - disse Twissell, fitando o relógio que usava. Os dedos que seguravam o

cigarro brandiam-no com visível nervosismo.

- Houve um homem chamado Vikkor Mallansohn que viveu no Século 24 - disse Harlan. - Este Século faz parte da era Primitiva, o senhor sabe. Ele é mais conhecido pelo fato de ter sido o primeiro a construir com êxito um Campo Temporal. Isso significa, naturalmente, que ele inventou a Eternidade, desde que esta é somente um tremendo Campo Temporal em curto-circuito com o Tempo comum e livre das limitações do mesmo.

- Isso foi-lhe ensinado quando Aprendiz, rapaz.

- Mas não me foi ensinado que Vikkor Mallansohn poderia não ter inventado o Campo Temporal no Século 24. Nem ninguém mais poderia. Suas bases matemáticas não existiam. As equações fundamentais de Lefebvre não existiam; nem poderiam ter existido antes das pesquisas de Jan Verdeer, no Século 27.

Se havia uma atitude pela qual o Computador Sênior Twissell pudesse demonstrar completo assombro, era o de soltar o cigarro. Ele o soltou então. Até mesmo seu sorriso apagou-se.

- Foram-lhe ensinadas as equações de Lefebvre, rapaz? - perguntou ele.

- Não. E não digo que as entenda. Mas elas são necessárias para o Campo Temporal. Isso eu aprendi. E não foram descobertas até o Século 27. Sei disso, também.

Twissell inclinou-se para apanhar seu cigarro e fitou-o, indeciso. - E se Mallansohn tivesse descoberto por acaso o Campo Temporal sem estar consciente da justificação matemática? E se fosse simplesmente uma descoberta empírica? Têm havido muitas iguais.

- Pensei nisso. Mas depois que o Campo foi inventado, levou-se três Séculos para elaborar suas implicações e, findo esse tempo, não houve sequer uma maneira pela qual o Campo de Mallansohn pudesse ser aperfeiçoado. Isso não poderia ser coincidência. Por centenas de maneiras, o projeto de Mallansohn mostrou que ele deve ter usado as equações de Lefebvre. Se ele as conhecesse ou as tivesse desenvolvido sem o trabalho de Verdeer, o que é impossível, por que ele não o teria dito?

- Você insiste em falar como um matemático - disse Twissell. - Onde aprendeu tudo isso?

- Aprendi vendo filmes.

- Nada mais?

- E pensando.

- Sem treinamento matemático avançado? Eu o observei cuidadosamente durante anos, rapaz, e não teria adivinhado esse seu talento particular. Continue.

- Sem a descoberta por Mallansohn do Campo Temporal, a Eternidade nunca poderia ter sido estabelecida. Mallansohn nunca poderia tê-lo concluído sem um conhecimento de matemática que existia somente em seu futuro. Este é o ponto número um. Entrementes, aqui na Eternidade, neste momento, há um Aprendiz que foi escolhido como Eterno contra todas as regras, por ser idoso demais e, além disso, casado. O senhor o está educando em matemática e em sociologia Primitiva. Este é o ponto número dois.

- Bem?

- Sei que sua intenção é mandá-lo de volta ao Tempo de alguma forma, além do término da escala descendente da Eternidade, de volta ao Século 24. Sua intenção é que o Aprendiz, Cooper, ensine as equações de Lefebvre a Mallansohn. O senhor pode ver então -. acrescentou Harlan com tensa excitação - que minha posição como perito no Primitivo e meu conhecimento dessa posição dão-me o direito de tratamento especial. Tratamento muito especial.

- Pai Tempo! - murmurou Twissell.

- E verdade, não é? Fechamos o círculo, com a minha ajuda. Sem ela... - ele deixou a frase no ar.

- Você chegou tão perto da verdade - disse Twissell. - Contudo eu poderia jurar que nada havia para indicar... - ele caiu numa meditação da qual nem Harlan nem o mundo exterior pareciam tomar parte.

- Somente perto da verdade? - perguntou Harlan rapidamente. - Esta é a verdade.

Ele não poderia dizer por que estava tão certo do conteúdo do que disse, mesmo deixando-se totalmente à parte o fato de querer desesperadamente que assim fosse.

- Não, não - disse Twissell - não exatamente a verdade. O Aprendiz, Cooper, não vai voltar ao Século 24 para ensinar coisa alguma a Mallansohn.

- Não acredito no senhor.

- Mas deve acreditar. Você precisa compreender a importância disso. Quero sua cooperação, para o que resta do projeto. Veja, Harlan, a situação é um círculo mais fechado do que você imagina. Muito mais, rapaz. O Aprendiz Brinsley Sheridan Cooper é Vikkor Mallansohn!

O começo da eternidade

Harlan não podia ter imaginado que Twissell tivesse dito qualquer coisa, naquele momento, que o surpreendesse. Estava enganado.

- Mallansohn. Ele.. - disse ele.

Twissell, tendo fumado seu cigarro até a ponta, exibiu outro e disse: - Sim, Mallansohn. Quer um rápido resumo da vida de Mallansohn? Pois bem. Ele nasceu no Século 78, passou algum tempo na Eternidade e morreu no Século 24.

Twissell pousou sua pequena mão no ombro de Harlan e seu rosto gnômico abriu-se na extensão enrugada de seu costumeiro sorriso. - Vamos, rapaz, o fisio-tempo passa até mesmo para nós e hoje não somos completamente senhores de nós mesmos. Quer me acompanhar até meu escritório?

Twissell foi na frente e Harlan o seguiu, não inteiramente consciente das portas que se abriam e das rampas que se moviam.

Ele estava relacionando a nova informação ao seu próprio problema e plano de ação. Após seu primeiro momento de desorientação, a resolução retornou. Afinal, como é que isso mudava as coisas, senão para tornar sua própria importância para a Eternidade ainda mais crucial, suas exigências mais certas de serem satisfeitas, Noys com mais certeza de voltar para ele?

Noys!

Pai Tempo, eles não podem fazer mal a ela! Ela parecia a única parte real de sua vida. Toda a Eternidade ao lado era somente uma tênue fantasia, e não uma que valesse a pena.

Quando se encontrou no escritório do Computador Twissell, não conseguiu lembrar-se claramente de como se dera a sua passagem da sala de jantar para ali. Embora olhasse em volta e tentasse fazer o escritório parecer real por força bruta da massa de seu conteúdo, ele ainda parecia uma outra parte de um sonho que tinha ultrapassado sua utilidade.

O escritório de Twissell era uma sala limpa e comprida, de assepsia porcelanizada. Uma das paredes era abarrotada, do chão ao teto e de uma distante parede à outra, de micro-unidades que, juntas, formavam o maior Computaplex particular da Eternidade. A parede oposta era repleta de filmes de referência. Entre as duas, o que restava da sala era um pouco mais que um corredor, interrompido por uma escrivaninha, duas cadeiras, equipamento de gravação e projeção e por um objeto incomum, com cuja aparência Harlan não estava familiarizado e que não revelou sua utilidade até que Twissell depositou nele os restos do cigarro.

O cigarro fiscou silenciosamente e Twissell, em sua usual prestidigitação, fez apa-

recer outro na mão.

Ao assunto, agora, pensou Harlan.

De modo um pouco estridente demais, um pouco truculento, ele começou: - Há uma garota no 482...

Twissell franziu as sobrancelhas e agitou a mão rapidamente, como se colocando de lado impacientemente um assunto desagradável. - Eu sei, eu sei. Ela não será perturbada, nem você. Tudo estará bem. Cuidarei para que esteja.

- O senhor quer dizer...

- Quero dizer que conheço a história. Se o assunto o tem preocupado, não precisa mais afligir-se.

Harlan, estupefato, fitou o outro homem. Embora houvesse pensado muito na imensidão de seu poder, não tinha esperado tão clara demonstração.

Twissell voltou a falar.

- Deixe-me contar-lhe uma história - começou ele, quase com o tom que teria usado ao dirigir-se a um Aprendiz recém-recrutado. - Eu não havia pensado que isso seria necessário, e talvez ainda não o seja, mas suas pesquisas e intuições mereceram-no.

Ele fitou Harlan estranhamente e disse: - Sabe, ainda não consigo acreditar completamente que você descobriu tudo isso por conta própria -. e então continuou:

- A maioria dos homens da Eternidade sabe como Vikkor Mallansohn deixou para a posteridade a história de sua vida. Não era bem um diário, nem uma biografia. Era mais um guia, legado aos Eternos que ele sabia algum dia existiriam. Ele foi encerrado num volume de estase temporal que somente poderia ser aberto pelos Computadores da Eternidade e que permaneceu lacrado durante três Séculos após a sua morte, até que a Eternidade foi estabelecida e o Computador Sênior Henry Wadsman, o primeiro dos grandes Eternos, o abriu. Desde então o documento tem sido passado adiante na mais estrita segurança, por uma série de Computadores Seniores, terminando comigo mesmo. Referem-se a ele como sendo as memórias de Mallansohn.

- As memórias contam a história de um homem chamado Brinsley Sheridan Cooper, nascido no Século 78, nomeado Aprendiz na Eternidade com a idade de vinte e três anos, casado durante pouco mais de um ano e sem filhos.

- Ao entrar na Eternidade, Cooper aprendeu matemática com um Computador chamado Laban Twissell, e sociologia Primitiva com um Técnico chamado Andrew Harlan. Após uma instrução básica completa em ambas as disciplinas e em matérias tais como engenharia temporal, também, ele foi mandado de volta ao Século 24 para ensinar certas técnicas necessárias a um cientista Primitivo chamado Vikkor Mallansohn.

- Uma vez alcançado o Século 24, ele iniciou primeiramente um lento processo para ajustar-se à sociedade. Nisso ele tirou grande proveito do treinamento do Técnico Harlan e do conselho detalhado do Computador Twissell, que parecia ter uma extraordinária visão dos problemas que ele iria enfrentar.

- Passados dois anos, Cooper localizou um Vikkor Mallansohn, um eremita excêntrico nas regiões florestais da Califórnia, sem parentes e sem amigos, dotado de mente intrépida e prodigiosa. Cooper fez amizade lentamente, aclimatou o homem à ideia de ter encontrado um viajante do futuro ainda mais lentamente e começou a ensinar ao homem a matemática que ele deveria saber.

- Com o passar do tempo, Cooper adotou os hábitos do outro, aprendeu a se defender com a ajuda de um grosseiro gerador elétrico à base de óleo Diesel e com a instalação de dispositivos elétricos que os livravam da dependência de feixes de energia.

- Mas o progresso era lento, e Cooper considerou-se menos do que um professor admirável. Mallansohn tornou-se moroso e não-cooperativo, e certo dia morreu, subitamente, ao cair numa garganta da região agreste e montanhosa em que vivia. Cooper, após semanas de desespero, com a ruína da obra de toda a sua vida e talvez de toda a Eternidade diante de si, decidiu fazer uma tentativa desesperada. Não comunicou a morte de Mallansohn. Ao invés disso, passou a construir lentamente, com os materiais à mão, um Campo Temporal.

- Os pormenores não importam. Ele teve êxito após muito trabalho penoso e improvisação e levou o gerador ao Instituto de Tecnologia da Califórnia, exatamente como esperara que o verdadeiro Mallansohn fizesse, anos antes.

- Você conhece a história por seus próprios estudos. Sabe dos descréditos e recusas que ele enfrentou a princípio, seu período sob observação, sua fuga e a quase perda de seu gerador, da ajuda que recebeu do homem do restaurante, cujo nome ele nunca soube, mas que é hoje um dos heróis da Eternidade, e da demonstração final, pelo Professor Zimbalist, na qual um rato branco moveu-se para trás e para diante no Tempo. Não o aborrecerei com nada disso.

- Cooper usou o nome de Vikkor Mallansohn em tudo porque lhe proporcionava segurança e tornava-o um produto autêntico do Século 24. O corpo do verdadeiro Mallansohn nunca foi encontrado.

- O resto de sua vida ele dedicou ao seu gerador e ajudou os cientistas do Instituto a duplicá-lo. Não ousou fazer mais que isso. Não podia ensinar a eles as equações de Lefebvre sem esboçar três Séculos de desenvolvimento matemático que estavam por vir. Ele não podia, não ousou aludir à sua verdadeira origem. Não ousou fazer mais do que o verdadeiro Vikkor Mallansohn teria feito, de acordo com seu conhecimento.

- Os homens que trabalharam com ele sentiram-se frustrados por encontrar um homem que podia sair-se tão brilhantemente em tudo e contudo ser incapaz de explicar os porquês de seu desempenho. E ele próprio ficou frustrado também, porque previu, sem ser de forma alguma capaz de adiantar, a obra que levaria, passo a passo, às clássicas experiências de Jan Verdeer, e como a partir dela o grande Antoine Lefebvre elaboraria as equações básicas da Realidade. E como, segundo isso, a Eternidade seria construída.

- Foi somente quase no fim de sua longa vida que Cooper, fitando o pôr do sol no Pacífico (em suas memórias, ele descreve a cena com algumas minúcias), chegou à séria conclusão de que ele era Vikkor Mallansohn; de que não era um substituto, mas o próprio homem. O nome poderia não ser seu, mas o homem que a história chamava de Mallansohn era realmente Brinsley Sheridan Cooper.

- Animado com a ideia e com tudo que ela envolvia, ansioso para que o processo de estabelecer a Eternidade fosse de alguma forma apressado, aperfeiçoado e tornado mais seguro, ele escreveu sua autobiografia e colocou-a num cubo de estase temporal na sala de estar de sua casa.

- E assim o círculo se fechou. As intenções de Cooper-Mallansohn ao escrever as memórias não foram, naturalmente, consideradas. Cooper deve viver sua vida exatamente como viveu. A Realidade Primitiva não permite mudanças. Neste momento, em fisio-tempo, o Cooper que você conhece está cômico do que está à frente dele. Ele crê que vai somente instruir Mallansohn e retornar. Continuará a pensar assim até que os anos lhe ensinem o contrário e ele se sente para escrever suas memórias.

- A finalidade do círculo no Tempo é apreender o conhecimento da viagem no Tempo e a natureza da Realidade, construir a Eternidade antes de seu Tempo natural. A humanidade não teria descoberto a verdade sobre o Tempo, por si mesma, an-

tes que seus avanços tecnológicos em outras direções houvessem tomado o suicídio racial inevitável.

Harlan ouviu com atenção, apanhado na visão de um imenso círculo no Tempo, fechado sobre si mesmo e atravessando a Eternidade em parte de seu curso. Ele chegou tão perto de esquecer Noys, no momento, quanto jamais conseguira.

- Então o senhor sempre soube tudo que ia fazer, tudo que eu ia fazer, tudo que fiz? - perguntou ele.

Twissell, que parecia perdido na narrativa, olhando através de uma nuvem azulada de fumaça de cigarro, voltou lentamente à vida. Seus olhos velhos e sábios fixaram-se em Harlan e disse de modo repreensivo: - Não, é claro que não. Houve um lapso de décadas de fisio-tempo entre a permanência de Cooper na Eternidade e o momento em que ele escreveu sua autobiografia. Ele podia lembrar-se somente disso, e do que ele mesmo havia presenciado. Você deve compreender isso.

Twissell suspirou e passou um dedo torcido por uma linha de fumaça que subia, quebrando-a em pequenas espirais turbulentas. -. Funcionou. Primeiro, fui encontrado e trazido à Eternidade. Quando, na plenitude do fisio-tempo, tomei-me Computador Sênior, foi-me encarregada a autobiografia. Fui descrito como estando a cargo, portanto fui encarregado. Novamente na plenitude do fisio-tempo, você apareceu numa mudança de Realidade (havíamos observado cuidadosamente os seus análogos anteriores), e então Cooper.

- Acrescentei os pormenores usando meu senso comum e os serviços do Computaplex. Quão cuidadosa mente, por exemplo, instruímos o Educador Yarrow em sua parte, sem revelar nada da verdade significativa. Quão cuidadosamente, por sua vez, ele estimulou seu interesse pelo Primitivo.

- Quanto cuidado tivemos para evitar que Cooper descobrisse qualquer coisa que não provou ter aprendido por referência na autobiografia.

Twissell sorriu desanimadamente.

- Senhor diverte-se com assuntos como este, o que ele chama de reversão de causa e efeito. Conhecendo-se o efeito, determina-se a causa. Felizmente não sou o tecedor de teias que Senhor é.

- Fiquei satisfeito, rapaz, por sabê-lo tão excelente Observador e Técnico. A autobiografia não havia mencionado isso, pois Cooper não teve oportunidade de observar ou avaliar seu trabalho. Isso me agradou. Eu poderia ter usado você numa tarefa mais comum para tornar a essencial menos notável. Mesmo sua recente permanência com o Computador Finge se encaixou. Cooper mencionou um período de sua ausência durante o qual seus estudos de matemática ficaram tão difíceis que ele desejou o seu retorno. Certa vez, contudo, você me alarmou.

- O senhor quer dizer a vez em que levei Cooper pelas colunas de caldeira? - disse Harlan rapidamente.

- Como adivinhou?

- Foi a única vez em que o senhor realmente zangou-se comigo Aquilo foi contra algo das memórias de Mallansohn?

- Não exatamente. Apenas que as memórias não mencionavam as caldeiras. Pareceu-me que o fato de ter evitado mencionar um aspecto tão saliente da Eternidade significava que ele tinha pouca experiência com ela. Era minha intenção, portanto, conservá-lo o mais longe possível. O fato de você o ter levado para o futuro numa delas inquietou-me bastante, mas nada aconteceu depois disso. As coisas continuaram como deviam, portanto tudo está bem.

O velho Computador esfregou lentamente uma mão sobre a outra, fitando o jovem Técnico com um olhar composto de surpresa e curiosidade. - E todo o tempo você

estava supondo isso, o que simplesmente me assombra. Eu teria jurado que mesmo um Computador completamente treinado não poderia ter feito as deduções corretas, dadas somente as informações que você recebeu. É fantástico que um Técnico o faça - ele se inclinou para a frente e bateu de leve no joelho de Harlan. - As memórias de Mallansohn não mencionam nada sobre sua vida após a partida de Cooper, naturalmente.

- Entendo, senhor - disse Harlan.

- Estaremos livres, então, por assim dizer, para fazer com ela o que quisermos. Você mostra um surpreendente talento que não deve ser desperdiçado. Acho que você está destinado a ser algo mais que um Técnico. Nada prometo agora, mas presumo que compreende que a posição de Computador é uma nítida possibilidade.

Foi fácil para Harlan conservar seu rosto sombrio sem expressão. Praticara anos para isso.

Um suborno adicional, - pensou ele.

Mas nada deve ser deixado para conjectura. Suas conclusões, superficiais e não-confirmadas no início, às quais ele chegou por uma singular intuição no decurso de uma noite incomum e estimulante, haviam-se tornado razoáveis como o resultado de pesquisa de biblioteca dirigida. Elas haviam se tomado certeza, agora que Twissell lhe havia contado a estória. Contudo, pelo menos em um aspecto houvera uma divergência. Cooper era Mallansohn.

O fato simplesmente melhorou a sua posição, mas, estando errado num ponto, podia estar também em outro. Não devia deixar nada ao acaso, então. Tire a dúvida! Certifique-se!

- A responsabilidade é grande para mim, também, agora que conheço a verdade - disse ele moderadamente, quase casualmente.

- Verdade?

- É frágil a situação? Suponha que algo inesperado estivesse para acontecer e eu tivesse de falhar um dia quando devia ter estado ensinando a Cooper algo vital.

- Não o entendo.

(Era imaginação de Harlan ou um lampejo de alarme havia aparecido naqueles olhos velhos e cansados?)

- Quero dizer, o círculo pode romper-se? Deixe-me colocar as coisas deste modo. Se um golpe inesperado na cabeça coloca-me fora de ação numa hora em que as memórias afirmam claramente que estou bem e ativo, o esquema todo é rompido? Ou suponha que por alguma razão eu decida deliberadamente não seguir a autobiografia. O que acontece?

- Mas quem pôs tudo isso na sua cabeça?

- Parece uma ideia lógica. Imagino que por uma ação descuidada ou intencional eu poderia quebrar o círculo; e daí, então? Destruiria a Eternidade? Parece que sim. Se assim for - acrescentou Harlan calmamente - deviam dizer-me que devo tomar cuidado para não fazer nada inconveniente. Embora eu imagine que seria necessário uma circunstância bem incomum para conduzir-me a tal coisa.

Twissell riu, mas a risada souou falsa e oca no ouvido de Harlan.

- Isto tudo é puramente acadêmico, meu rapaz. Nada disso acontecerá, já que não aconteceu. O círculo completo não se quebrará.

- Poderia - disse Harlan. - A garota do 482...

- Está em segurança - disse Twissell. Ele se levantou, impaciente. - Este tipo de conversa geralmente não tem fim e tenho o suficiente de lógica inconstante proveniente do resto do sub-comitê encarregado do projeto. Entrementes, tenho ainda que lhe dizer para que o chamei aqui a princípio, e o fisio-tempo transcorre normalmente.

Quer me acompanhar?

Harlan sentia-se satisfeito. A situação estava clara e sua força, indiscutível. Twissell sabia que Harlan poderia dizer, à vontade: "Nada mais terei a ver com Cooper". Twissell sabia que Harlan poderia destruir a Eternidade a qualquer momento, fornecendo a Cooper informação significativa em relação à autobiografia.

Harlan sabia o suficiente para ter feito isso no dia anterior. Twissell pensara dominá-lo com o conhecimento da importância de sua tarefa, mas se o Computador havia pensado em forçá-lo a seguir aquele caminho, enganara-se.

Harlan havia deixado bem clara a sua ameaça com relação à segurança de Noys, e a expressão de Twissell, quando havia vociferado "Está em segurança", mostrara que ele compreendia a natureza da ameaça.

Harlan levantou-se e o seguiu.

Harlan nunca tinha entrado numa sala como aquela. Era grande e parecia que algumas paredes haviam sido derrubadas para ampliá-la. Tinham entrado nela por um corredor estreito que estivera bloqueado por uma cortina de força que não cedeu antes de uma pausa suficiente para o rosto de Twissell ser inteiramente esquadrihado pelo mecanismo automático.

A parte mais larga da sala era ocupada por uma esfera que chegava quase até o teto. Uma porta foi aberta, mostrando pequenos degraus que levavam a uma plataforma bem iluminada.

Soaram vozes do interior e, exatamente quando Harlan olhou, apareceram pernas na abertura e desceram os degraus. Um homem surgiu e outro par de pernas apareceu atrás dele. Era Sennor, do Conselho Geral, e atrás dele estava outro do grupo que estivera à mesa do desjejum.

Twissell demonstrou insatisfação. Sua voz, contudo, soou contida. - O sub-comitê ainda está aqui?

- Só nós dois - respondeu Sennor calmamente. - Rice e eu. Um lindo instrumento este aqui. Tem o nível de complexidade de uma espaçonave.

Rice era um homem obeso, com o olhar perplexo de quem está acostumado a estar com a razão, embora encontre-se inexplicavelmente no lado perdido de uma discussão. Ele coçou seu nariz inchado e disse: - A mente de Sennor tem estado absorvida por viagens espaciais, ultimamente.

A cabeça calva de Sennor brilhou com a luz. - É um ponto claro, Twissell - disse ele. - Vou expô-lo a você. A astronáutica é um fator positivo ou negativo no cálculo da Realidade?

- A pergunta não tem significado - disse Twissell impaciente. - Que tipo de viagem, em que sociedade e em quais circunstâncias?

- Ora, vamos. Certamente há algo a ser dito sobre viagem espacial, na teoria.

- Apenas que é auto-limitadora, que ela se consome e desaparece.

- Então ela é inútil - disse Sennor com satisfação - e conseqüentemente é um fator negativo. Inteiramente o meu ponto de vista.

- Se quer saber, Cooper logo estará aqui - disse Twissell. - Precisaremos ter a sala livre.

- Certamente.

Sennor enganchou o braço no de Rice e conduziu-o para fora. Sua voz declamou claramente quando saíram:

- Periodicamente, meu caro Rice, todo o esforço mental da humanidade é concentrado em viagem espacial, que está condenada a um fim frustrado pela natureza das

coisas. Eu lhe explicaria os fundamentos se não soubesse que isso é óbvio para você. Com as mentes concentradas no espaço, há negligência no adequado desenvolvimento terrestre. Estou preparando uma tese para submeter à apreciação do Conselho, recomendando que as Realidades sejam mudadas para se eliminar todas as eras de viagem espacial como um fato natural.

A voz penetrante de Rice ressoou. Mas você não pode ser tão drástico. Em algumas civilizações, a viagem espacial é uma válvula de segurança valiosa. Veja a Realidade 54 do Século 290, por exemplo, da qual me lembrei por acaso. Agora então...

As vozes interromperam-se. - Um homem estranho, Sennor - disse Twissell. - Intellectualmente, ele vale o dobro de qualquer um de nós, mas seu valor se perde em entusiasmos passageiros.

- O senhor acha que ele possa estar com a razão? - perguntou Harlan. -. Quanto à astronáutica, quero dizer.

- Duvido. Teríamos uma melhor oportunidade de julgar se Sennor realmente submetesse ao Conselho a tese que mencionou. Mas ele não o fará. Terá um novo entusiasmo antes de terminar e deixar o velho. Mas não importa... - ele bateu a palma da mão na esfera, de maneira que ela ressoou, e então puxou a mão de volta de modo a poder tirar o cigarro da boca. -- Consegue adivinhar o que é isso, Técnico?

- Parece uma caldeira descomunal com uma tampa - disse Harlan.

- Exatamente. Você está certo. Adivinhou. Entre. Harlan o seguiu para dentro da esfera. Era suficientemente grande para comportar quatro ou cinco homens, mas o interior era absolutamente inexpressivo. O piso era plano, e as paredes curvas eram interrompidas por duas janelas. Era tudo.

- Não há controles? - perguntou Harlan.

- Controle remoto - respondeu Twissell. Passou a mão na parede lisa e disse: - Paredes duplas. Todo o espaço entre as paredes é preenchido por um Campo Temporal auto-contido. Este instrumento é uma caldeira que não está limitada às colunas de caldeira, mas que pode passar além do término da escala descendente da Eternidade. Seu desempenho e sua construção tornaram-se possíveis graças a sugestões valiosas das memórias de Mallansohn. Venha comigo.

A sala de controle era um canto isolado da grande sala. Harlan entrou e fitou sombriamente imensos conjuntos de barras.

- Pode ouvir-me, rapaz? - inquiriu Twissell.

Harlan sobressaltou-se e olhou em volta. Não havia notado que Twissell ficara para fora. Caminhou automaticamente até a janela e Twissell acenou para ele. - Posso ouvi-lo, senhor. Quer que eu saia? - perguntou Harlan.

- De forma alguma. Você está preso.

Harlan correu para a porta, e seu estômago revirou-se numa série de nós frios e úmidos. Twissell tinha razão, e o que, pelo Tempo, estava acontecendo?

- Você se sentirá aliviado por saber, rapaz, que sua responsabilidade acabou - disse Twissell. Você estava preocupado por causa dela; fez perguntas perscrutadoras a respeito; e acho que sei o que queria dizer. Isso não devia ser de sua responsabilidade. Devia ser só minha. Infelizmente, devemos deixá-lo na sala de controles, porque está escrito que você estava aí e manejou os controles. Isto está registrado nas memórias de Mallansohn. Cooper o verá pela janela e cuidará de tudo.

- Além disso, pedir-lhe-ei para fazer o contato final conforme instruções que lhe darei. Se você acha que isso também é uma responsabilidade muito grande, pode ficar tranquilo. Outro contato paralelo ao seu está a cargo de outra pessoa. Se, por algum motivo, você for incapaz de operar o contato, ele o fará. Além disso, interromperei a transmissão de rádio do interior da sala de controle. Você poderá nos ouvir,

mas não poderá falar conosco. Entretanto, não precisa temer que alguma exclamação involuntária de sua parte rompa o círculo.

Harlan olhou desesperadamente para fora.

- Cooper estará aqui dentro de instantes - continuou Twissell - e sua viagem ao Primitivo terá lugar dentro de duas fisio-horas. Depois disso, rapaz, o projeto estará concluído e nós dois estaremos livres.

Harlan estava mergulhando sufocadamente no vórtice de um pesadelo, de olhos abertos. Twissell o teria enganado? Tudo que ele havia feito teria sido destinado somente a trancar Harlan calmamente numa sala de controle? Tendo descoberto que Harlan conhecia seu próprio valor, teria ele improvisado com inteligência diabólica, conservando-o absorvido em conversa, entorpecendo suas emoções com palavras, levando-o para cá e para lá, até que fosse o momento oportuno de prendê-lo?

Aquela rendição rápida e fácil quanto a Noys. Não farão mal a ela, dissera Twissell. Tudo estará bem.

Como pôde acreditar nisso! Se não iam fazer mal a ela nem tocá-la, por que a barreira temporal nas colunas de caldeira nos 100000? Só isto já deveria ter traído Twissell por completo.

Mas por que ele (imbecil!) acreditou, deixou-se conduzir às cegas durante aquelas últimas fisio-horas, ser trancado numa sala, onde ele não mais era necessário, nem mesmo para operar o contato final.

Havia sido despojado de sua essencialidade de um só golpe. Os trunfos em sua mão haviam sido habilmente transformados em derrota, e Noys estava agora fora de seu alcance, para sempre. Não lhe importava que punição o poderia estar esperando. Noys estava fora de seu alcance para sempre.

Jamais lhe ocorrera que o projeto estivesse tão próximo do fim. Isso, naturalmente, era o que realmente havia tornado possível a sua derrota.

A voz de Twissell soou indistinta. - O rádio será cortado agora, rapaz.

Harlan estava só, indefeso, inútil.

Além do término da escala descendente

Brinsley Cooper entrou. A excitação coloria seu rosto magro, tornando-o quase juvenil, apesar do espesso bigode de Mallansohn que cobria seu lábio superior.

(Harlan podia vê-lo pela janela e ouvi-lo claramente pelo rádio da sala. Um bigode de Mallansohn!, pensou ele amargamente. É claro!)

Cooper dirigiu-se a Twissell. - Só me deixaram entrar agora, Computador.

- Compreendo - disse Twissell. - Eles receberam instruções.

- Chegou a hora, então? Serei enviado?

- Quase.

- E serei trazido de volta? Verei a Eternidade novamente?

Apesar da segurança das costas empertigadas de Cooper, havia uma ponta de incerteza em sua voz.

(Na sala de controle, Harlan bateu penosamente os punhos cerrados contra o vidro reforçado da janela, tentando desesperadamente rompê-lo para gritar: "Parem! Aceitem minhas condições ou eu..." De que adiantava?)

Cooper olhou ao redor, sem notar que Twissell havia deixado de responder à sua pergunta. Seu olhar encontrou Harlan, na janela da sala de controle.

Ele acenou festivamente com a mão - Técnico Harlan! Saia, quero apertar-lhe a mão antes de ir!

- Agora não, rapaz, agora não. Ele está nos controles - interferiu Twissell.

- Oh! É que ele parece não estar bem - replicou Cooper.

- Conte-lhe a verdade sobre o projeto - disse Twissell. Receio que isso seja o suficiente para excitar qualquer um.

- Pelo Tempo! É claro! - concordou Cooper. - Eu o soube há semanas e ainda não me acostumei - havia uma ponta de histeria em seu riso. - Ainda não meti na minha cabeça dura que esta é realmente a minha oportunidade. Eu... eu estou um pouco receoso.

- Eu o compreendo.

- É meu estômago, principalmente, sabe. É a minha parte mais vulnerável.

- Ora, isso é natural e passará. Entrementes, sua hora de partida em Intertemporal Padrão foi fixada e você ainda tem que receber uma certa orientação. Você ainda não viu, por exemplo, a caldeira que vai usar.

Harlan ouviu tudo o que foi dito nas duas horas seguintes, estando eles à vista ou não. Twissell conferenciava com Cooper de maneira estranhamente formal, e Harlan conhecia a razão. Cooper estava sendo informado somente sobre o que era mencionado nas memórias de Mallansohn.

(Círculo fechado. Círculo fechado. E nenhum modo de Harlan romper o círculo com uma última destruição do templo de Sansão. O círculo gira e gira; ele gira e gira).

- As caldeiras comuns -. ele ouviu Twissell dizer são empurradas e puxadas, se podemos usar tais termos num caso de forças Intertemporais. Ao se viajar do Século x ao Século y dentro da Eternidade, há um ponto inicial e um ponto final totalmente energizados.

- O que temos aqui é uma caldeira com um ponto inicial energizado mas com ponto de destino desenergizado. Ela somente pode ser empurrada, mas não puxada. Por esta razão, ela deve utilizar energia num nível de várias ordens de grandeza acima do que o usado por caldeiras normais. Unidades especiais de transferência de energia tiveram que ser assentadas ao longo das colunas de caldeiras para canalizar concentrações de energia suficientes da Nova Sol.

- Esta caldeira especial, seus controles e fonte de energia, é uma estrutura complexa. Durante fisio-décadas, as Realidades passageiras foram vasculhadas na procura de ligas e técnicas especiais. A 13ª Realidade do Século 222 foi a chave. Ela desenvolveu o Constritor Temporal, e sem isso, esta caldeira não poderia ter sido construída: a 13ª Realidade do Século 222. - Pronunciou as palavras com esmerada clareza.

(Lembre-se, Cooper! - pensou Harlan. Lembre-se da 13ª Realidade do Século 222 para que você possa mencioná-la na autobiografia de Mallansohn, para que os Eternos saibam onde procurar e possam contar a você, para que você possa mencioná-la... O círculo gira e gira...)

- Logicamente a caldeira não foi testada além do término da escala descendente - continuou Twissell - mas fez numerosas viagens na Eternidade. Estamos convencidos de que não haverá contratempos.

- E nem pode haver, pode? - perguntou Cooper. - Quero dizer que eu chego lá, ou Mallansohn não teria êxito na construção do campo, e ele teve.

- Exatamente. Você se encontrará num ponto protegido e isolado de uma área pouco populosa do sudoeste dos Estados Unidos da Améllika...

- América - corrigiu Cooper.

- América, então. O Século será o 24; ou, em centésimos mais aproximados, o Século 23,17. Suponho que até podemos chamá-lo de ano 2317, se quisermos. A caldeira, como viu, é grande, muito maior que o necessário para você. Estará provida com alimentos, água e meios de proteção e defesa. Você receberá instruções detalhadas que serão, evidentemente, sem sentido para qualquer pessoa que não você. Agora devo insistir que sua primeira tarefa será certificar-se de que nenhum dos habitantes nativos o descubra antes que você esteja pronto para eles. Terá escavadeiras com as quais será capaz de escavar uma toca numa montanha para fazer um esconderijo. Terá que remover rapidamente o conteúdo da caldeira. Este será empilhado de maneira a facilitar tal trabalho.

(Repita! Repita! - pensou Harlan. Tudo isto deve ter sido dito a ele antes, mas repita o que deve constar na autobiografia. Gira e gira ...)

- Você terá que descarregar em quinze minutos - disse Twissell. - Depois disso a caldeira voltará automaticamente ao ponto de partida, trazendo com ela todos os apetrechos que forem avançados demais para o Século. Você receberá uma lista deles. Após o retorno da caldeira, você agirá por conta própria.

- Por que a caldeira deve retornar tão rapidamente? - perguntou Cooper.
- Um retomo rápido - respondeu Twissell - aumenta as probabilidades de sucesso.

(A caldeira deve retornar em quinze minutos, pensou Harlan, porque ela retornou em quinze minutos. Gira e...)

Twissell continuou apressadamente. - Não podemos tentar falsificar o meio de troca do papel negociável deles. Você terá ouro em forma de pequenas pepitas. Você será capaz de explicar o fato de possuí-las de acordo com suas instruções detalhadas. Você terá vestuário nativo para usar ou, pelo menos, vestuário que passe por nativo.

- Certo - disse Cooper.

- Agora, lembre-se. Movimente-se lentamente. Leve semanas, se necessário. Force entrada na época, espiritualmente. As instruções do Técnico Harlan são uma boa base, mas não são suficientes. Você terá um receptor sem fio construído de acordo com os princípios do Século 24, que lhe permitirá inteirar-se dos eventos correntes e, mais importante, aprender a pronúncia correta e a entonação da linguagem da época. Faça isso cuidadosamente. Estou certo de que o conhecimento de inglês de Harlan é excelente, mas nada pode substituir a pronúncia nativa do local.

- O que acontecerá se eu não parar no ponto certo? - perguntou Cooper. - Quero dizer, não no 23,17?

- Verifique isso com muito cuidado. Mas estará certo. Estará certo.

(Harlan pensou: Estará certo porque esteve certo. Gira...)

Porém, Cooper deve ter demonstrado não estar convencido porque Twissell disse: - A precisão do foco foi cuidadosamente determinada. Eu pretendia explicar-lhe nossos métodos, e esta é uma boa ocasião. Por uma coisa, isso ajudará Harlan a entender os controles.

(Subitamente Harlan deu as costas para as janelas e fixou o olhar nos controles. Uma ponta da cortina de desespero levantou-se, O que acontecerá se...)

Twissell ainda conferenciava com Cooper no tom ansioso e super-preciso de mestre e, com parte de sua mente, Harlan ainda ouvia.

- Obviamente, um problema sério é o de se determinar a que distância no Primitivo um objeto é mandado após a aplicação de um dado impulso energético - disse Twissell - O método mais direto seria mandar um homem para o passado por esta caldeira, usando-se níveis de impulso cuidadosamente graduados. Isso, entretanto, significaria um certo lapso de tempo em cada caso, enquanto o homem determinasse o Século em centésimos mais aproximados, através de observação astronômica ou obtendo informações apropriadas pelo receptor sem fio. Isso seria lento e também perigoso, pois o homem poderia ser descoberto pelos nativos, provavelmente com efeitos catastróficos em nosso projeto.

- Então, ao invés disso - continuou ele - o que fizemos foi o seguinte: mandamos ao passado uma massa conhecida do isótopo radiativo, nióbio-94, por emissão de partícula beta. O processo tem meia-vida de quase quinhentos Séculos. A intensidade de radiação original da massa era conhecida. Essa intensidade diminui com o tempo, de acordo com a simples relação envolvida em cinética de primeira ordem e, naturalmente, a intensidade pode ser medida com grande precisão.

- Quando a caldeira atinge seu destino em tempos Primitivos, a ampola contendo o isótopo é descarregada nas montanhas e então a caldeira retorna à Eternidade. No momento, em fisio-tempo, em que a ampola é descarregada, ela aparece simultaneamente em todos os Tempos futuros, tornando-se progressivamente mais velha. No lugar de descarga, no Século 575 (no Tempo, real mente, e não na Eternidade), um Técnico detecta a ampola por sua radiação e a recobra.

- A intensidade de radiação é medida, o tempo que ela permaneceu nas montanhas é então conhecido e o Século para o qual a caldeira viajou é também conhecido com duas casas decimais. Assim, dúzias de ampolas foram mandadas ao passado a vários níveis de impulso, e uma curva de calibragem foi estabelecida. A curva era um controle sobre as ampolas mandadas não exatamente ao Primitivo, mas aos primeiros Séculos da Eternidade, onde também podiam ser feitas observações diretas.

- Naturalmente, houve falhas. As primeiras ampolas perderam-se, até que aprendemos a considerar as mudanças geológicas não muito grandes entre o Primitivo e o 575. Então, mais tarde, três das ampolas nunca apareceram no Século 575. Presumivelmente, algo saiu errado com o mecanismo de descarga e elas foram enterradas profundas demais na montanha para serem detectadas. Nós paramos com as experiências quando o nível de radiação ficou tão alto que tememos que algum dos habitantes do Primitivo pudesse detectá-lo e imaginar o que estariam fazendo artefatos radiativos na região. Mas tivemos o suficiente para nossos propósitos e estamos certos de que podemos mandar um homem a qualquer centésimo de Século do Primitivo que se deseje.

- Você compreende tudo isso, não, Cooper?

- Perfeitamente, Computador Twissell - respondeu Cooper. - Eu vi a curva de calibragem sem entender o propósito, na ocasião. Está bem claro, agora.

Agora, Harlan estava muitíssimo interessado. Fitou o arco em Séculos. O arco brilhante era de porcelana sobre metal, e as linhas finas dividiam-no em Séculos, Decis-séculos e Centis-séculos. O metal prateado aparecia finamente através das linhas de porcelana, marcando-as claramente. Os algarismos eram feitos com perfeição e, inclinando-se para mais perto, Harlan pôde distinguir os Séculos, do 17 ao 27. A linha indicadora estava fixada na marca do Século 23,17.

Ele havia visto medidores de tempo similares, e quase imediatamente lançou-se à alavanca de controle de pressão. Ela não cedeu à sua força. A agulha permaneceu no lugar.

Quase pulou quando a voz de Twissell dirigiu-se subitamente a ele.

- Técnico Harlan!

- Sim, Computador - gritou ele, e então lembrou-se de que não podia ser ouvido. Caminhou até a janela e acenou.

Twissell disse, como se em sequencia aos pensamentos de Harlan: - O medidor de tempo está regulado para um impulso de volta ao Século 23,17. Ele não precisa de ajustes. Sua única tarefa é emitir energia no momento apropriado, em fisio-tempo. Há um cronômetro à direita do medidor. Acene, se consegue vê-lo.

Harlan acenou afirmativamente.

- Ele alcançará o ponto zero regressivo. No ponto em que faltar quinze segundos, alinhe os pontos de contato. É simples. Entendeu como é?

Harlan acenou novamente.

Twissell continuou. - A sincronização não é vital. Você pode fazer isso quando faltarem quatorze, treze ou mesmo cinco segundos, mas, por favor, faça o máximo esforço para permanecer acima de dez, por motivos de segurança. Uma vez que você tenha fechado o contato, uma transmissão de força fará o resto e certifique-se de que o impulso final de energia ocorra precisamente no instante zero. Entendeu?

Harlan acenou novamente. Entendeu mais do que Twissell disse. Se ele próprio não alinhasse os pontos, a menos de dez segundos, isso seria feito de fora.

Não haverá necessidade de intrusos, pensou Harlan inflexivelmente.

- Ainda nos resta trinta fisio-minutos - disse Twissell. - Cooper e eu sairemos para conferir os suprimentos.

Saíram. A porta fechou-se atrás deles e Harlan foi deixado sozinho com o controle de impulso, o de tempo (já se movendo lentamente para trás em direção ao zero) - e com uma resoluta consciência do que deveria ser feito.

Harlan saiu da janela. Pôs a mão no bolso e quase tirou dele o chicote neuronal que ainda conservava consigo. Durante todo aquele tempo ele havia conservado o chicote. Sua mão tremia um pouco.

Tomou a ocorrer-lhe o pensamento anterior: a destruição do templo por Sansão!

Uma parte de sua mente pensou de modo doentio: "Quantos Eternos já ouviram falar de Sansão? Quantos sabem como ele morreu?"

Restavam somente vinte e cinco minutos. Ele não estava certo de quanto tempo duraria a operação. Nem sequer estava certo de que funcionaria.

Mas para ele não havia escolha. Seus dedos suados quase deixaram cair a arma antes que ele conseguisse desmontar a coronha.

Trabalhou rapidamente e em total absorção. De todos os aspectos do que planejava, a possibilidade de sua própria passagem para a não-existência ocupou um mínimo de sua mente e não o perturbava de forma alguma.

Quando faltava um minuto, Harlan estava nos controles.

O último minuto de vida? - pensou desapegado.

Não havia nada na sala senão o movimento regressivo do fio vermelho que marcava os segundos que passavam.

Trinta segundos.

Não vai doer - pensou. - Isto não é a morte.

Tentou pensar somente em Noys.

Quinze segundos.

Noys!

A mão esquerda de Harlan moveu para baixo um interruptor, em direção ao contato. Devagar!

Doze segundos.

Contato!

O mecanismo de força assumiria agora. O impulso viria na hora zero. E isso deixava a Harlan uma última manobra. A destruição de Sansão!

Sua mão direita moveu-se. Não olhou para ela.

Cinco segundos.

Noys!

Sua mão direita mo-zero-veu-se outra vez, espasmodicamente. Não olhou para ela.

Seria isso a não-existência?

Ainda não. Não-existência, ainda não.

Harlan olhou pela janela. Não se moveu, O tempo passava e ele não notava sua passagem.

A sala estava vazia. No lugar em que havia estado a gigante caldeira fechada, nada havia. Blocos de metal que tinham servido de base para a caldeira jaziam inutilmente, levantando sua imensa força contra o ar.

Twissell, estranhamente pequeno na sala que tinha se tomado uma caverna de espera, era a única coisa que se movia, que andava impacientemente de um lado para outro.

Harlan o seguiu com o olhar por um momento e depois o deixou.

Então, sem qualquer som ou movimento, a caldeira estava de volta ao ponto de que havia saído. Sua passagem através da linha, do tempo passado para o tempo presente, nem sequer perturbou uma molécula de ar.

Twissell estava oculto das vistas de Harlan pelo corpo da caldeira, mas então ele a rodeou e ficou à vista. Estava correndo.

Um toque de sua mão foi o suficiente para ativar o mecanismo que abria a porta da sala de controle. Lançou-se para dentro, gritando com agitação quase lírica. -- Está feito! Está feito! Fechamos o círculo!

Não teve fôlego para dizer mais.

Harlan nada respondeu.

Twissell olhou pela janela, com as mãos achatadas contra o vidro. Harlan notou as manchas de velhice sobre elas e que eram trêmulas. Era como se sua mente não mais tivesse a habilidade ou a força de filtrar o importante do inconsequente, mas estivesse selecionando material observacional puramente ao acaso.

O que importa? - pensou ele aborrecido. O que importa qualquer coisa, agora?

Twissell disse (Harlan o ouviu vagamente): - Posso dizer-lhe agora que estive mais ansioso do que quis admitir. Sennor costumava dizer que a coisa toda era impossível. Ele insistia em que uma falha ocorreria para atrapalhar... Algum problema?

Ele havia se voltado ao resmungo estranho de Harlan.

Harlan meneou a cabeça e emitiu um abafado - Não.

Twissell não insistiu e deu as costas. Estava em dúvida se falara com Harlan ou com as paredes. Era como se ele estivesse deixando anos de ansiedades reprimidas escaparem em palavras.

- Sennor duvidava - disse ele. - Nós arrazoamos com ele e debatemos. Usamos matemática e apresentamos os resultados de gerações de pesquisa que nos haviam precedido no fisio-tempo da Eternidade. Ele pôs tudo de lado e apresentou seu caso, citando o paradoxo do homem que encontra a si mesmo. Você o ouviu falar disso. É seu assunto favorito.

- Nós conhecíamos nosso próprio futuro, Sennor disse. Eu, Twissell, sabia, por exemplo, que sobreviveria, apesar do fato de estar bem velho, até que Cooper fizesse sua viagem para além do término da escala descendente do Tempo. Eu conhecia outros detalhes de meu futuro, as coisas que eu faria.

- Impossível, diria ele. A Realidade deveria mudar para corrigir seu conhecimento, mesmo que isso significasse que o círculo nunca se fecharia e a Eternidade nunca seria estabelecida.

- Por que ele disse isso, não sei. Talvez ele honestamente acreditasse, talvez fosse um jogo intelectual com ele, talvez fosse apenas o desejo de nos chocar com um ponto de vista impopular. Em qualquer caso, o projeto continuou e um pouco da autobiografia começou a ser cumprido. Localizamos Cooper, por exemplo, no Século e Realidade que a autobiografia nos deu. Por esse fato, apenas, a hipótese de Sennor já foi desconsiderada, mas isso não o perturbou. Naquela ocasião, ele se havia interessado por algo mais.

- E contudo, contudo - ele riu levemente, com mais de um traço de embaraço e, sem notar, deixou o cigarro queimar quase até seus dedos - você sabe que nunca estive totalmente tranquilo. Algo poderia acontecer. A Realidade na qual a Eternidade estava estabelecida poderia mudar de alguma forma, de maneira a impedir o que Sennor chama de paradoxo. Ela teria que mudar para uma Realidade na qual a Eternidade não existisse. Às vezes, na obscuridade da vigília, quando eu não podia dormir, eu conseguia quase convencer-me de que isso era realmente assim... e agora tudo está terminado e eu rio de mim mesmo como um idiota senil.

- O Computador Sennor estava certo - sussurrou Harlan.
Twissell voltou-se rapidamente. - Como?

- O projeto falhou - a mente de Harlan começava a sair das sombras (por que e para o que, ele não tinha certeza). - O círculo não está fechado.

- Do que está falando? - as velhas mãos de Twissell caíram sobre os ombros de Harlan com força surpreendente. - Você está doente, rapaz. É a tensão.

- Doente, não. Farto de tudo. Do senhor. De mim. Doente, não. O medidor. Veja o senhor mesmo.

- O medidor?

A linha estava no Século 27, firme contra o extremo direito.

- O que aconteceu? - a alegria desapareceu de seu semblante. O horror a substituiu.

Harlan replicou casualmente. - Derreti o mecanismo de trava, libertei o controle de impulso.

- Como você conseguiu...

- Eu tinha um chicote neuronal. Desmantei-o e usei sua micro-pilha de um só golpe, como um maçarico. Eis o que restou dele.

Ele apontou para um pequeno monte de fragmentos de metal a um canto.

Twissell não estava entendendo. - No Século 27? Você quer dizer que Cooper está no Século 27.

- Não sei onde está ele - disse Harlan bruscamente. - Acionei o controle de impulso para baixo, abaixo do Século 24. Não sei para onde. Nem olhei. Então eu o puxei de volta. Não olhei, de novo.

Twissell fitou-o, o rosto amarelado, pálido e doentio, o lábio inferior trêmulo.

- Não sei onde ele está agora - disse Harlan. - Está perdido no Primitivo, O círculo foi rompido. Pensei que conseguiria pôr fim em tudo. No instante zero. Isso é tolice. Temos que esperar. Haverá um momento no fisio-tempo em que Cooper compreenderá que está no Século errado, em que ele fará algo contra a autobiografia, em que ele... - ele se interrompeu e então caiu numa risada forçada e rangente. - Qual a diferença? É somente um atraso, até que Cooper faça o rompimento final do círculo. Não há maneira de evitar. Minutos, horas, dias. Qual a diferença? Já que o retardo está feito, não haverá mais Eternidade. O senhor está me ouvindo? Será o fim da Eternidade!

O crime anterior

- Por quê? Por quê?

Twissell olhou desamparadamente do medidor para o Técnico, seus olhos refletindo a frustração estupefata de sua voz.

Harlan levantou a cabeça. Tinha apenas uma palavra a dizer. - Noys!

- A mulher que você trouxe para a Eternidade? - perguntou Twissell.

Harlan sorriu com amargura e nada respondeu.

- O que tem ela a ver com isso? - perguntou Twissell. - Grande Tempo! Não estou entendendo, rapaz.

- O que há para entender? - Harlan ardeu de tristeza. - Por que o senhor finge ignorância? Tive uma mulher. Fui feliz e ela também. Não prejudicamos ninguém. Ela não existia na nova Realidade. Que diferença isso teria feito para alguém?

Twissell tentou em vão interrompê-lo.

Harlan gritou. - Mas há normas na Eternidade, não há? Eu as conheço a todas. Ligações exigem permissão; ligações exigem computações; ligações exigem status; ligações são coisas complicadas. O que o senhor estava planejando para Noys quando tudo isso estivesse terminado? Um assento num foguete por colidir? Ou uma posição mais confortável como amante comunitária para Computadores valorosos? Agora, o senhor não realizará seus planos, creio.

Ele terminou numa espécie de desespero, e Twissell dirigiu-se rapidamente à Comunitela. Sua função de transmissor havia sido obviamente restabelecida.

O Computador gritou nela até que conseguiu uma resposta. Então disse: - É Twissell. Não permita a entrada de ninguém aqui. Ninguém, ninguém. Entendeu... Então cuide disso. Isso se refere aos membros do Conselho. Refere-se a eles, particularmente.

Ele se voltou novamente para Harlan, falando distraidamente: - Eles obedecerão porque sou velho e membro sênior do Conselho, e porque me acham maluco e esquisito. Concordam comigo porque sou maluco e esquisito.

Ficou por um momento em silêncio, meditando, Então disse: - Você me acha esquisito? - e, para Harlan, imediatamente seu rosto assemelhou-se ao de um macaco enrugado.

Pelo Tempo, pensou Harlan, o homem está louco! O choque deixou-o louco!

Recuou um passo, automaticamente horrorizado com o pensamento de estar preso com um louco. Então, acalmou-se, O homem, por mais louco que fosse, estava fraco, e mesmo a loucura terminaria em breve.

Em breve? Por que não imediatamente? O que retardava o fim da Eternidade?

Twissell disse (não segurava nenhum cigarro. Sua mão não fez nenhum movimento para tirar um), numa voz bem insinuante: - Você não me respondeu. Você me acha esquisito? Suponho que sim. Esquisito demais para conversar comigo. Se me considerasse amigo, ao invés de um velho excêntrico, extravagante e imprevisível, você me teria exposto abertamente suas dúvidas. Não teria agido como agiu.

Harlan franziu a testa. O homem achava que Harlan estava louco! Era isso!

- Meu modo de agir foi o mais correto - disse ele irritadamente. - Estou completamente são.

- Eu lhe disse que a garota não corria perigo, você sabe - disse Twissell,

- Fui um idiota em acreditar nisso, mesmo por um instante. Fui um idiota em acreditar que o Conselho seria justo com um Técnico.

- Quem lhe disse que o Conselho sabia sobre isso?

- E como você sabe disso?

- Arranquei de Finge à ponta de um chicote neuronal. A ponta ativa de um chicote elimina a comparação.

- O mesmo chicote que fez isto? - Twissell apontou para o medidor com a bolha de metal fundido e retorcido acima da face do mostrador.

- Um chicote ativo. - Então, com voz mais alta. - Sabe por que Finge levou o problema ao Conselho, ao invés de cuidar pessoalmente do assunto?

- Porque me odiava e queria ter certeza de que eu perderia minha posição. Ele queria Noys.

- Como você é ingênuo! - disse Twissell. - Se ele desejasse a garota, teria arranjado uma ligação facilmente. Um Técnico não atrapalharia. O homem odiava a mim, rapaz. (Nada de cigarro, ainda. Ele parecia estranho sem um deles, e o dedo manchado que levou ao peito quando pronunciou o último pronome pareceu quase indecentemente nu.)

- O senhor?

- Há coisas, rapaz, tais como política de Conselho. Nem todo Computador é nomeado para o Conselho. Finge queria uma nomeação. Ele é ambicioso e desejava ardentemente ser nomeado, o que evitei, por achá-lo emocionalmente instável. Pelo Tempo! nunca avaliei bem quanta razão eu tinha... Olhe, rapaz, ele sabia que você era meu protegido. Ele me viu tirar você do serviço de Observador e torná-lo um Técnico-mestre. Viu você constantemente trabalhando para mim. Que melhor maneira para vingar-se de mim e destruir minha influência? Se conseguisse provar que um Técnico preferido era culpado de um crime terrível contra a Eternidade, isso refletiria em mim. Isso poderia forçar minha demissão do Conselho Pan-Temporal, e quem você supõe que seria então o sucessor lógico?

Sua mão vazia moveu-se para a boca, e como nada havia, olhou inexpressivamente para o espaço entre o indicador e o polegar.

Ele não está tão calmo como tenta aparentar - pensou Harlan. Não pode estar. Mas por que fala todos esses absurdos agora? Com a Eternidade próxima do fim?

E agoniado: Mas por que ela não termina, então? Agora!

- Quando permiti que você procurasse Finge, bem recentemente - disse Twissell - quase suspeitei de perigo. Mas as memórias de Mallansohn diziam que você estava fora no último mês e não se oferecia nenhuma outra razão natural para a sua ausência. Felizmente, Finge jogou mal a sua cartada.

- Em que aspecto? - perguntou Harlan, enfasiado. Ele não se importava em saber realmente, mas Twissell falava continuamente, e era mais fácil tomar parte do que tentar expulsar o som de seus ouvidos.

Twissell prosseguiu: - Finge rotulou seu relatório: "A respeito da conduta anti-pro-

fissional do Técnico Andrew Harlan". Ele estava sendo o Eterno consciencioso, você sabe, sendo frio, imparcial e calmo. Estava deixando que o Conselho se enfurecesse e se voltasse contra mim. Infelizmente para si próprio, ele não conhecia sua real importância. Não sabia que qualquer relatório referente a você seria instantaneamente encaminhado a mim, a menos que a importância suprema deste fosse tomada perfeitamente clara bem diante das coisas.

- O senhor nunca me falou sobre isso.

- Como poderia? Receava perturbá-lo com a crise do projeto à mão. Dei-lhe toda a oportunidade de trazer a mim o seu problema.

Toda a oportunidade? A boca de Harlan contorceu-se em descrença, mas então ele se lembrou do rosto cansado de Twissell na Comunitela, perguntando-lhe se nada tinha a dizer. Isto fora ontem. Apenas ontem.

Harlan meneou a cabeça, mas então desviou o olhar.

- Imediatamente compreendi que ele o havia incitado à sua... ação imprudente.

Harlan levantou os olhos. - O senhor sabe disso?

- Surpreendido? Eu sabia que Finge estava atrás de mim. Soube disso por um bom tempo. Sou experiente, rapaz. Sei destas coisas. Mas há maneiras pelas quais Computadores suspeitos podem ser examinados. Há alguns inventos protetores, removidos do Tempo, que não são encontrados nos museus. Há alguns que são conhecidos somente pelo Conselho.

Harlan pensou amargamente no bloqueio temporal do Século 100000.

- Do relatório e do que eu sabia independentemente, foi fácil deduzir o que devia ter acontecido.

- Acha que Finge suspeitava que o senhor estivesse espionando? - perguntou Harlan subitamente.

- Pode ter suspeitado. Eu não ficaria surpreso.

Harlan recordou-se de seus primeiros dias com Finge, quando Twissell demonstrou pela primeira vez o seu interesse anormal pelo jovem Observador. Finge nada sabia do projeto de Mallansohn, e estivera interessado na interferência de Twissell. "Já conhece o Computador Sênior Twissell?" perguntara ele uma vez e Harlan conseguiu lembrar-se do tom exato de viva inquietação na voz do homem. Desde então, Finge devia ter suspeitado que Harlan era o espião de Twissell. Sua inimizade e ódio talvez originaram-se aí.

Twissell continuava falando. - Então, se você tivesse me procurado.

- Procurado o senhor? - gritou Harlan. - E o Conselho?

- Do Conselho todo, somente eu sei.

- O senhor nunca disse a eles? - Harlan simulou zombaria.

- Nunca o fiz.

Harlan sentiu-se febril, Suas roupas estavam-no sufocando. Este pesadelo iria continuar para sempre? Conversa despropositada, ridícula. Para quê? Por quê?

Por que a Eternidade não terminava? Por que a paz total da não-Eternidade não os alcançava? Grande Tempo, o que estava errado?

- Você não crê? - perguntou Twissell.

- Por que deveria? - gritou Harlan. - Eles vieram para me observar, não vieram? No desjejum? Por que teriam eles feito isso se não soubessem do relatório? Vieram para observar o estranho fenômeno que havia infringido as leis da Eternidade, mas que não poderia ser tocado por mais um dia. Um dia mais e então o projeto estaria concluído. Vieram para regozijar-se com o amanhã que estavam esperando.

- Nada disso, rapaz. Eles queriam vê-lo apenas por que são humanos. Os homens do Conselho também são humanos. Eles não poderiam presenciar a viagem final da

caldeira porque a autobiografia de Mallansohn não os incluiu na cena. Eles não poderiam falar com Cooper, por que isso também não constava da autobiografia. Entretanto, eles queriam alguma coisa. Pai Tempo, rapaz, você não percebe que eles queriam alguma coisa? Você era o mais próximo de quem eles poderiam chegar, portanto aproximaram-se de você, só para olhar.

- Não acredito no senhor.

- É a verdade.

- É? - disse Harlan. - Pois enquanto comíamos, o Sr. Sennor falou de um homem encontrando a si mesmo. Logicamente ele sabia de minhas viagens ilegais ao Século 482 e de meu quase encontro comigo mesmo. Este foi o seu modo de me espicaçar, divertindo-se inteligentemente às minhas custas.

- Sennor? Você se preocupou com Sennor? Você sabe a pessoa patética que ele é? Seu Século natal é o 803, uma das poucas culturas em que o corpo humano é deliberadamente desfigurado para satisfazer às exigências estéticas do tempo. É depilado na adolescência.

- Sabe o que isso significa na continuidade do homem? Certamente o sabe. Uma desfiguração separa os homens de seus ancestrais e descendentes. Os homens do 803 são riscos inúteis, como Eternos; são muito diferentes de nós. Poucos são escolhidos. Sennor é o único de seu Século que já fez parte do Conselho.

- Não compreende como isso o afeta? Naturalmente você entende o que significa a insegurança. Já lhe ocorreu que um homem do Conselho poderia ser inseguro? Sennor tem que ouvir discussões envolvendo a erradicação de sua Realidade pelas mesmas características que o tornam austero entre nós. E erradicá-lo deixa-lo-ia o único desfigurado como ele é entre bem poucos de toda a geração. Algum dia isso ocorrerá.

- Ele se refugia na filosofia. Faz mais do que compensar, ao tomar a liderança nas conversas, expondo deliberadamente pontos de vista impopulares e não aprovados. Seu paradoxo do homem que encontra a si mesmo é um caso em questão. Eu sei que ele o usou para predizer o desastre para o projeto, e era a nós, os homens do Conselho, que ele estava tentando atacar, e não a você. Aquilo nada tinha a ver com você. Nada!

Twissell estava agitado. Na emoção contínua de suas palavras, ele pareceu esquecer onde estava e a crise que se lhe apresentava, pois transformou-se novamente no gnomo de gestos rápidos e movimentos inquietos que Harlan tão bem conhecia. Tirou calmamente um cigarro de dentro de sua manga e quase o acendeu. Mas então parou, voltou-se e olhou novamente para Harlan, recordando-se através de todas as suas próprias palavras, do que Harlan havia dito por último, como se até aquele momento não o tivesse ouvido adequadamente.

- Que quer dizer? - disse Twissell. - Você quase se encontrou consigo mesmo?

Harlan disse-lhe rapidamente e continuou. - O senhor não sabia?

- Não.

Houve alguns momentos de silêncio que foram tão bem-vindos para o febril Harlan quanto a água o teria sido.

- É verdade? - disse Twissell. - E se você tivesse encontrado consigo mesmo?

- Não me encontrei.

Twissell ignorou a negativa. -. Sempre há lugar para variação ao acaso. Com um número infinito de Realidades não pode haver coisas tais como determinismo. Suponha que na Realidade de Mallansohn, na volta anterior do círculo.

- O círculo continua para sempre? - perguntou Harlan com admiração que ainda conseguiu encontrar em si.

- Você acha que só duas vezes? Acha que o dois é um número mágico? É uma questão de voltas infinitas do círculo em fisio-tempo finito. Exatamente como você pode fazer uma caneta girar e girar infinitamente em torno da circunferência de um círculo e contudo abranger uma área finita. Em voltas anteriores do círculo, você não se havia encontrado consigo mesmo. Desta vez, a incerteza estatística das coisas tornou-lhe possível encontrar-se consigo mesmo. A Realidade teve que ser mudada para evitar o encontro e na nova Realidade você não mandou Cooper de volta ao Século 24, porém...

- De que o senhor está falando? - gritou Harlan. - Onde o senhor quer chegar? Está tudo feito. Tudo. Agora, deixe-me só! Deixe-me só!

- Quero que saiba que não agiu corretamente. Quero que compreenda que você agiu errado.

- Não é verdade. E mesmo que o tenha feito, está feito!

- Mas não está feito. Ouça apenas mais uma coisa - Twissell o estava adulando, quase sussurrando com agoniada gentileza. - Você terá sua garota. Eu prometi. Ela não será molestada, Nem você, tampouco. Eu lhe prometo. Tem a minha palavra.

Harlan fitou-o de olhos arregalados. - Mas é tarde demais. De que adianta?

- Não é tarde demais. As coisas não são irreparáveis. Com sua ajuda, podemos ainda ter sucesso. Eu preciso de sua ajuda. Você deve compreender que agiu errado. Estou tentando explicar-lhe isto. Você precisa desfazer o que fez.

Harlan lambeu os lábios secos com uma língua também seca e pensou: ele está louco. Sua mente não consegue conceber a verdade - ou será que o Conselho sabe mais?

Saberia? Saberia? Poderia ele inverter o veredicto das Mudanças? Poderiam eles deter o Tempo ou invertê-lo?

- O senhor prendeu-me na sala de controle, manteve-me indefeso até que tudo estivesse terminado, foi o que pensou.

- Você disse que estava com medo de que algo pudesse sair errado com você; que você poderia não ser capaz de levar adiante a sua parte.

- Isso destinava-se a ser uma ameaça.

- E eu interpretei literalmente. Desculpe-me. Preciso de sua ajuda.

Então era isso. A ajuda de Harlan era necessária. Estaria ele louco? Estaria Harlan louco? A loucura teria significado? Ou qualquer coisa mais, aliás?

O Conselho precisava de sua ajuda. Por essa ajuda eles lhe prometeram Noys. A posição de Computador. O que eles não lhe ofereceriam? E quando tivesse terminado com sua ajuda, o que receberia? Ele não seria logrado uma segunda vez.

- Não! - disse ele.

- Você terá Noys.

- Quer dizer que o Conselho querará infringir as leis da Eternidade uma vez que o perigo tenha passado? Não creio.

Como pode passar o perigo? - perguntou uma parte sã de sua mente. O que estava acontecendo?

- O Conselho nunca saberá.

- O senhor infringiria as leis? O senhor é o Eterno ideal. Passado o perigo, o senhor obedeceria às leis. Não poderia agir de outro modo.

Twissell enrubesceu fortemente em cada face. Do velho rosto, toda a perspicácia e vigor desvaneceram. Restou apenas uma profunda tristeza.

- Manterei minha palavra e infringirei a lei - disse Twissell - por uma razão que você desconhece. Não sei quanto tempo nos resta antes que a Eternidade tenha fim. Podem ser horas; podem ser meses. Mas já perdi tanto tempo na esperança de tra-

zê-lo à razão, que perderei um pouco mais. Quer me ouvir? Por favor?

Harlan hesitou, Então, por convicção da inutilidade de tudo, tanto quanto por qualquer outra coisa, disse cansadamente. - Está bem.

- Tenho ouvido dizer - começou Twissell que já nasci velho, que meus dentes nasceram num Micro-computaplex que, quando durmo, guardo meu computador portátil num bolso especial do pijama, que meu cérebro é composto de pequenos relês de força em infinitas conexões paralelas e que cada glóbulo de sangue é um mapa espaço-temporal microscópico flutuando em óleo de computador.

- Todas estas histórias eventualmente chegam a mim, e creio que devo me orgulhar delas. Pode ser que eu acredite um pouco nelas. É uma tolice, partindo de um velho, mas isso torna a vida um pouco mais fácil.

- Surpreendido? O fato de eu ter que achar um modo de tornar a vida mais fácil? Eu, computador Sênior Twissell, membro sênior do Conselho Pan-Temporal?

- Talvez eu fume por essa razão. Já pensou nisto? Preciso ter uma razão, sabe? A Eternidade é essencialmente uma sociedade de não-fumantes, e a maioria do Tempo o é, também. Pensei nisso várias vezes. Às vezes acho que isso é uma rebelião contra a Eternidade. Algo para substituir uma rebelião maior que falhou..

- Não, está tudo bem. Uma lágrima ou duas não me farão mal, e não é fingimento, creia-me. Apenas não pensei nisso por muito tempo. Não é agradável.

- Envolvia uma mulher, como no seu caso. Não é coincidência. É quase inevitável, se você parar para pensar. Um Eterno, que deve trocar os prazeres normais da vida familiar por um punhado de cartões perfurados, está propenso a influências. Esta é uma das razões por que a Eternidade deve tomar as precauções que toma. E, aparentemente, é por isso também que alguns Eternos são tão engenhosos em burlar as precauções.

- Recordo-me claramente de minha esposa. É tolice minha fazê-lo, talvez. Não consigo lembrar de nada mais sobre o fisio-tempo Meus velhos colegas são apenas nomes nos livros de registro; as Mudanças que supervisei - todas menos uma - são apenas itens nas combinações de memória do Computaplex. Recordo-me dela muito bem, no entanto. Talvez você possa compreender-me.

- Eu havia feito, há muito tempo, um pedido de ligação nos livros; e depois que fui nomeado Computador Júnior, ela me foi cedida. Era uma garota deste mesmo Século, o 575. Não a vi antes da permissão, é claro. Ela era inteligente e amável. Não bonita e nem atraente; mas então, mesmo quando jovem (sim, eu fui jovem; não ligue para os mitos), não fui notável por minha própria aparência. Combinávamos bem em temperamento ela e eu, e se eu fosse um Tempista, teria ficado orgulhoso por tê-la como esposa. Eu disse isso a ela várias vezes. Creio que isso a agradava.

- Sei que esta era a verdade. Nem todos os Eternos, que devem receber suas mulheres quanto e como as Computações permitem, são tão afortunados!

- Naquela específica Realidade, ela iria morrer jovem, é claro, e nenhuma das suas análogas estava disponível para ligação. A princípio, aceitei isso filosoficamente. Afinal de contas, era o seu curto tempo de vida que possibilitava a ela viver comigo sem afetar nocivamente a Realidade.

- Sinto-me envergonhado, agora, pelo fato de ter ficado satisfeito por ela ter pouco tempo de vida. Isto é, apenas a princípio. Apenas a princípio.

- Visitei-a tantas vezes quanto permitiu o mapa espaço-temporal. Aproveitei dele cada minuto, renunciando a refeições e sono, quando necessário, livrando-me imprudentemente de minha carga de trabalho sempre que podia. O amor dela ultrapassou

as minhas esperanças, e eu estava apaixonado, francamente. Minha experiência do amor é muito pequena, e entendê-la através de Observação no Tempo é duvidoso. Até onde ia minha compreensão, contudo, eu estava amando.

- O que era apenas satisfação de uma necessidade física e emocional, tomou-se algo mais. A sua morte iminente deixou de ser urna conveniência e tornou-se uma calamidade. Submeti-a a Esboço de Vida. Porém não fui aos departamentos competentes. Fiz tudo sozinho. Isso o surpreende, imagino. Esta foi uma má conduta, mas não foi tão grave, comparada com os crimes que cometi depois. - Sim, eu, Laban Twissell. Computador Sênior Twissell.

- Em três ocasiões., um ponto no fisio-tempo veio e passou, durante o qual alguma ação simples de minha parte poderia ter alterado a Realidade pessoal dela. Naturalmente, eu sabia que tal Mudança, por motivos pessoais, não poderia ser autorizada pelo Conselho. Entretanto, comecei a sentir-me pessoalmente responsável pela morte dela. Isso foi parte da minha motivação mais tarde, percebe?

- Ela engravidou. Eu nada fiz, embora devesse. Eu havia feito seu Esboço de Vida, modifiquei-o para incluir sua relação comigo, e sabia que a gravidez era uma consequência de alta probabilidade. Como você pode ou não saber, os Eternos engravidam, ocasionalmente, as mulheres Tempistas, apesar das precauções. Isso não é raro. Todavia, desde que os Eternos não podem ter filhos, tais gestações, quando ocorrem, são eliminadas, através de vários métodos, sem dor e com segurança.

- Como o Esboço de Vida tinha indicado que ela morreria antes do parto, não tomei precauções. Ela estava feliz em sua gravidez e eu queria que continuasse assim. Então apenas contemplava, e tentei sorrir quando ela me disse que podia sentir a vida movendo-se dentro dela.

- Mas então algo aconteceu. Ela deu à luz prematuramente...

- Eu compreendo o seu espanto. Ela teve uma criança. Um filho verdadeiramente meu. Você não encontrará outro Eterno, talvez, que possa dizer o mesmo. Isso foi mais do que má conduta. Foi um grave crime, mas ainda não era nada.

- Eu não o esperava. O nascimento e seus problemas eram um aspecto da vida com o qual eu tinha pouca experiência. Retornei em pânico ao Esboço de Vida e encontrei o bebê vivo, num desvio alternado para uma pequena bifurcação de baixa probabilidade que eu havia desprezado. Um esboçador de Vida profissional não a teria deixado passar, e eu havia agido mal por confiar a tal ponto em minhas próprias habilidades.

- Mas então, o que eu poderia fazer?

- Não podia matar o bebê. A mãe tinha somente mais duas semanas de vida. Deixei o filho viver com ela, então, pensei eu. Duas semanas de felicidade não é um presente exorbitante para se pedir. A mãe morreu, como era previsto, e da maneira prevista. Sentei-me no quarto dela, durante todo o tempo permitido pelo mapa espaço-temporal, sofrendo de uma tristeza profunda, pelo fato de ter esperado pela morte, em pleno conhecimento, por mais de um ano. Em meus braços, segurei o nosso filho.

- Sim, eu o deixei viver. Por que chora assim? Você vai me condenar?

- Você não imagina o que significa segurar nos braços um pequeno átomo de sua própria vida. Posso ter um Computaplex no lugar de nervos e mapas espaço-temporais no lugar de corrente sanguínea, mas eu sei.

- Eu o deixei viver. Cometi esse crime, também. Deixei o a cargo de uma organização apropriada e voltei, quando pude (em estrita sequencia temporal, mantida regular com o fisio-tempo), para fazer os pagamentos necessários e acompanhar o desenvolvimento da criança.

- Dois anos se passaram dessa forma. Eu examinava o Esboço de Vida do garoto regularmente (costumava quebrar esta regra particular, entretimentos) e ficava satisfeito por descobrir que não havia sinais de efeitos deletérios na Realidade não corrente, a níveis de probabilidade acima de 0,0001. Meu filho aprendeu a andar e a pronunciar as primeiras palavras. Não lhe ensinaram a chamar-me de "papai". Sejam quais forem as especulações que os Tempistas da instituição infantil possam ter feito a meu respeito, não as conheço. Recebiam o dinheiro e nada diziam.

- Dois anos se haviam transcorrido quando as necessidades de uma Mudança que incluía o Século 575 numa parte foram expostas ao Conselho. Eu, tendo sido posteriormente promovido a Computador-Assistente, fui encarregado do trabalho. Essa foi a primeira Mudança deixada para minha supervisão exclusiva.

- Naturalmente senti-me orgulhoso, mas também apreensivo. Meu filho era um intruso na Realidade. Mal se podia esperar que ele tivesse análogos, e pensar em sua passagem à não-existência angustiou-me.

- Trabalhei na Mudança e creio mesmo assim que fiz um trabalho perfeito, O meu primeiro. Mas sucumbi diante de uma tentação. Sucumbi ainda mais facilmente porque ela estava modificando minha vida. Eu era um criminoso experiente, um habitué do crime. Elaborei um novo Esboço de Vida para meu filho sob a nova Realidade, certo de que iria encontrar.

- Então, durante vinte e quatro horas, sem conseguir comer ou dormir, sentei-me à mesa de meu escritório, verificando o Esboço de Vida terminado, torturando-me num esforço desesperador para encontrar um erro. Não havia erros.

- No dia seguinte, de posse de minha solução para a Mudança, elaborei um mapa espaço-temporal usando métodos grosseiros de aproximação (afinal, a Realidade não iria durar muito tempo), e entrei no Tempo num ponto a mais de trinta anos acima do nascimento de meu filho.

- Ele contava, então, com trinta e quatro anos, a mesma idade que eu tinha. Apresentei-me como um parente distante, usando do meu conhecimento da família de sua mãe. Ele não sabia nada a respeito de seu pai e não se lembrava de minhas visitas durante sua infância.

- Ele era engenheiro aeronáutico. O Século 575 era perito em meia dúzia de variedades de viagem aérea (como ainda o é na Realidade corrente), e meu filho era um membro feliz e bem sucedido de sua sociedade. Era casado com uma moça ardentemente apaixonada, mas não teria filhos. Nem a garota teria de forma alguma se casado na Realidade em que meu filho não tinha existido. Eu sabia disso desde o princípio. Sabia que não haveria efeitos nocivos na Realidade. Caso contrário eu não teria tido coragem de deixar meu filho viver. Não estou totalmente só.

- Passei o dia com meu filho. Conversamos formalmente, sorri com discrição e retirei-me discretamente quando o exigiu o mapa espaço-temporal. Mas neste ínterim, observei e assimilei cada ação, completando-me com ele e tentando viver pelo menos um dia numa Realidade que no dia seguinte (por fisio-tempo) não mais existiria.

- Muito desejei visitar minha esposa uma última vez, também, durante aquele espaço de Tempo em que ela viveu, mas eu havia usado cada segundo que me tinha sido disponível. Não ousei nem mesmo entrar no Tempo para vê-la, para não ser percebido.

- De volta à Eternidade, passei uma última noite horrível, lutando inutilmente contra o que me esperava. Na manhã seguinte, entreguei minhas computações juntamente com minhas recomendações para a Mudança.

A voz de Twissell reduziu-se a um sussurro e depois cessou. Ele então sentou-se, com os ombros curvados, os olhos fixos no chão por entre os joelhos, os dedos enlaçando-se e soltando-se de um aperto intrincado.

Harlan, esperando em vão por uma outra frase do velho, pigarreou. Encontrou-se penalizado, apiedando-se dele apesar dos vários crimes.

- E isso é tudo? - perguntou.

- Não -. murmurou Twissell - o pior... o pior é que existiu um análogo de meu filho. Na nova Realidade, ele existiu... como um paraplégico, desde a idade de quatro anos. Quarenta e dois anos na cama, sob circunstâncias que me impediram de conseguir que as técnicas de regeneração de nervos dos Séculos 900 fossem aplicadas ao seu caso, ou mesmo de conseguir que sua vida fosse tirada sem sofrimento.

- A nova Realidade ainda existe. Meu filho ainda está lá, na porção apropriada do Século. Eu fiz isso para ele. Minha mente e meu Computaplex descobriram esta nova vida para ele, e minha palavra ordenou a Mudança. Cometi uma série de crimes para o bem dele e de sua mãe, mas este último feito, embora estritamente de acordo com meu juramento de Eterno, sempre me pareceu ser o maior crime, o crime, propriamente.

Nada havia a comentar, e Harlan nada disse.

- Você compreende agora por que entendo seu caso - disse Twissell -. por que quero deixar que você tenha sua garota? Isso não faria mal à Eternidade e, de certa forma, seria uma expiação para o meu crime.

E Harlan acreditou. Numa só mudança de ideia, ele acreditou!

Harlan ajoelhou-se e levantou às ténporas os punhos cerrados. Inclinou a cabeça e balançou lentamente quando um furioso desespero o atingiu.

Ele havia jogado fora a Eternidade e perdido Noys - enquanto que, se não fosse a sua destruição de Sansão, poderia ter salvo uma e conservado a outra.

Busca através do primitivo

Twissell estava sacudindo os ombros de Harlan. A voz do velho chamava seu nome com insistência.

- Harlan! Harlan! Pelo amor do Tempo, homem!

Harlan emergiu lentamente do desespero. - O que devemos fazer?

- Não isso, certamente. Desespero, não. Em primeiro lugar, ouça-me. Esqueça sua visão da Eternidade, da posição de Técnico e olhe-a com os olhos de um Computador. A visão se torna mais sofisticada. Quando você altera algo no Tempo e cria uma Mudança de Realidade, a Mudança pode ocorrer imediatamente. Por que deve ser assim?

- Por que a alteração tomou a Mudança inevitável? - disse Harlan com insegurança.

- Tomou? Você pode voltar atrás e anular a alteração, não pode?

- Creio que sim, apesar de nunca o ter feito. Nem ninguém de quem eu tenha ouvido falar.

- Certo. Não há propósito em reverter uma alteração, portanto ela passa como planejada. Mas aqui temos algo mais. Uma alteração não intencional. Você mandou Cooper para o Século errado, e agora eu pretendo firmemente anular essa alteração e trazer Cooper de volta para cá.

- Pelo amor do Tempo, de que maneira?

- Ainda não estou bem certo, mas deve haver uma maneira. Se não houvesse jeito, a alteração seria irreversível; a Mudança teria ocorrido imediatamente. Mas não ocorreu. Estamos ainda na Realidade da autobiografia de Mallansohn. Isso significa que a alteração é reversível e será revertida.

- Como? - o desespero de Harlan estava se expandindo e girando, tomando-se mais espesso e abrangente.

- Deve haver algum modo de se ligar o círculo no Tempo outra vez, e nossa habilidade quanto a descobrir o modo de fazê-lo deve ser uma coisa de alta probabilidade. Enquanto nossa Realidade existir, podemos estar certos de que a solução continua com alta probabilidade. Se eu ou você, a qualquer momento, tomarmos a decisão errada, se a probabilidade de se emendar o círculo cair abaixo de alguma grandeza crucial, a Eternidade desaparecerá. Compreende?

Harlan não estava certo. Não estava tentando com muito empenho entender. Levantou-se lentamente e caminhou até uma cadeira. - Quer dizer que podemos trazer Cooper de volta.

- E mandá-lo para o lugar certo, é claro! Apanhá-lo no momento em que deixar a

caldeira e ele poderá chegar ao seu lugar adequado no Século 24, não mais do que algumas fisio-horas depois; fisio-dias, no máximo. Isso seria uma alteração, é claro, mas não de grandes dimensões, sem dúvida. A Realidade seria sacudida, rapaz, mas não estragada.

- Mas como o traremos?

- Sabemos que deve haver um modo, ou a Eternidade não estaria existindo neste momento. Quanto a qual seja o modo, é por isso que preciso de você, que lutei para tê-lo de volta como aliado. Você é o perito em Primitivo. Vamos, diga-me.

- Eu não posso - suspirou Harlan.

- Pode - insistiu Twissell.

De súbito, sumiram-se os traços de velhice ou de cansaço da voz do velho. Seus olhos estavam inflamados com a luz do combate e ele brandia seu cigarro como uma lança. Mesmo para os sentidos insensibilizados de Harlan, o homem parecia estar divertindo-se, realmente se divertindo, agora que o embate estava travado.

- Podemos reconstruir o evento - disse Twissell. - Aqui está o controle de impulso. Você está diante dele esperando pelo sinal. Ele chega. Você aciona o contato e ao mesmo tempo comprime a força de impulso em direção descendente. Até onde?

- Não sei. Estou lhe dizendo que não sei.

- Você está esperando pelo sinal. Você está me odiando. Odiando o Conselho. Odiando a Eternidade. Você está voltando o seu coração para Noys. Coloque-se de volta àquele momento. Sinta o que sentiu então. Agora perei o relógio em movimento outra vez. Você tem um minuto, rapaz, para lembrar-se de suas emoções e forçá-las de volta ao seu coração. Aí então, quando o ponteiro aproximar-se de zero, deixe sua mão direita empurrar o controle como fez antes. Então, tire a mão! Não o mova para trás novamente. Está pronto?

- Não sei se posso fazê-lo.

- Você não sabe... Pai Tempo, você não tem escolha! Há outra forma de recuperar sua garota?

Não havia. Harlan voltou com esforço aos controles, e quando o fez, a emoção retornou. Ele não precisou invocá-la. A repetição dos movimentos físicos trouxe-a de volta. A marca vermelha do relógio começou a mover-se.

O último minuto de vida? - pensou ele sem grande interesse

Menos trinta segundos.

Ele pensou: Não vai doer. Isto não é a morte.

Tentou pensar somente em Noys.

Menos quinze segundos.

Noys!

A mão esquerda de Harlan moveu para baixo um interruptor, em direção ao contato.

Menos doze segundos.

Contato!

Sua mão direita moveu-se.

Menos cinco segundos!

Noys!

Sua mão direita mo-ZERO-veu-se espasmodicamente.

Ele pulou para longe, ofegante.

Twissell aproximou-se, examinando o mostrador. - Século Vinte - disse ele. Mais exatamente, dezenove vírgula trinta e oito.

- Não sei - desabafou Harlan. - Tentei sentir o mesmo, mas foi diferente. Eu sabia o que estava fazendo e isso fez a diferença.

- Eu sei, eu sei - disse Twissell. - Pode ser que tudo esteja errado. Chame isto de uma primeira aproximação.

Ele fez uma pausa, em cálculo mental, tirou um computador de bolso de seu estojo e guardou-o novamente sem consultá-lo.

- Para o Tempo com as casas decimais! Digamos que é de 0,99 a probabilidade de você tê-lo mandado de volta ao segundo quarto do Século 20. Algum lugar entre 1925 e 1950. Está bem?

- Não sei.

- Bem, então olhe. Se eu tomar a firme decisão de concentrar nessa parte do Primitivo, excluindo tudo o mais, e estiver errado, corro o risco de ter perdido minha única oportunidade de conservar fechado o círculo no Tempo e a Eternidade deixará de existir, O ponto crucial será a decisão, a Mudança Mínima Necessária, a M.M.N., para se processar a Mudança. Tomo agora a decisão. Decido, definitivamente.

Harlan olhou lentamente ao redor, como se a Realidade tivesse se tornado tão frágil que um movimento súbito da cabeça pudesse perturbá-la.

- Estou plenamente cômico da Eternidade - disse Harlan. (A tranquilidade de Twissell o influenciara a ponto de sua voz soar firme em seus próprios ouvidos.)

- Então a Eternidade ainda existe - disse Twissell de maneira brusca e convicta e tomamos a decisão certa. Nada mais temos a fazer aqui, por ora. Vamos ao meu escritório e poderemos deixar o sub-comitê do Conselho enxamear por aqui, se isso os deixar um pouco mais felizes. No que se refere a eles, o projeto obteve sucesso. Se não obteve, eles nunca saberão. Nem nós.

Twissell observou seu cigarro e disse: - A questão agora é esta: o que fará Cooper quando perceber que está no Século errado?

- Não sei.

- Uma coisa é óbvia. Ele é bem jovem, inteligente, imaginativo, não concorda?

- Claro; ele é Mallansohn.

- Exatamente. E ele pensou na possibilidade de chegar ao lugar errado. Uma de suas últimas perguntas foi: "O que acontecerá se eu não chegar no ponto certo?" Lembra-se?

- E? - Harlan não sabia onde ele queria chegar.

- Isso significa que ele está mentalmente preparado para ficar deslocado no Tempo. Ele tomará providências. Tentará chegar até nós. Tentará nos deixar pistas. Não se esqueça que ele foi um Eterno parte de sua vida. Este é um fato importante.

Twissell exalou um anel de fumaça, enganchou-o com um dedo e observou-o espiralar-se e dispersar-se.

- Ele está acostumado à noção de comunicação através do Tempo. Não é provável que se deixe levar pela ideia de estar abandonado no Tempo. Saberá que estamos procurando por ele.

- Sem caldeiras e sem Eternidade no Século 20, como ele faria para comunicar-se conosco?

- Com você, Técnico, com você. Use o singular. Você é o nosso perito em Primitivo. Você informou a Cooper sobre o Primitivo. Você é a pessoa que ele esperaria ser capaz de encontrar suas pistas.

- Quais pistas, Computador?

O velho rosto de Twissell fitou Harlan, suas rugas se aprofundando. -- A intenção era deixar Cooper no Primitivo. Ele está sem a proteção de um escudo envolvente de físico-tempo Sua vida inteira está entretecida na estrutura do Tempo e continuará as-

sim até que eu ou você reverta a alteração. Também entretecido na estrutura do Tempo está algum artefato, sinal ou mensagem que ele pode nos ter deixado. Certamente, deve haver fontes particulares, que você usou no estudo do Século 20. Documentos, arquivos, filmes, artefatos, obras de referência. Refiro-me a fontes primárias, datando do próprio Tempo.

- Sim.

- E vocês as estudaram?

- Sim.

- E há alguma referência particular que seja a sua preferida, uma com a qual ele soubesse estar você intimamente familiarizado, de modo a reconhecer nela alguma referência dele?

- Entendo onde o senhor quer chegar, é claro - disse Harlan. Ele ficou pensativo.

- Bem? - perguntou Twissell com uma ponta de impaciência.

- Talvez minhas revistas. Revistas eram um fenômeno do começo do Século 20. A revista da qual tenho uma coleção quase completa data do começo do Século 20 e continua até o 22.

- Perfeito. Acha que pode haver um meio de usar essas revistas para enviar uma mensagem? Lembre-se, ele saberia que você iria ler o periódico, que estaria familiarizado com ele, que saberia como procurar.

- Não sei. -- Harlan abanou a cabeça. - A revista afetava um estilo artificial. Era seletiva, ao invés de inclusiva, e totalmente imprevisível. Seria difícil ou mesmo impossível incluir em sua impressão algo que se planejasse ver impresso. Cooper não poderia criar notícias e estar certo de sua publicação. Mesmo que Cooper conseguisse obter uma boa posição no pessoal editorial da revista, o que é bem improvável, ele não poderia ter certeza de que suas palavras exatas passariam pelos vários editores. Não sei, Computador.

- Pelo amor do Tempo, pense! Concentre-se naquelas revistas. Você está no Século 20 e é Cooper com sua educação e cultura. Você o ensinou, Harlan. Você moldou sua mente. O que ele faria agora? Como faria ele para colocar alguma coisa na revista, algo com as palavras exatas que desejasse?

Harlan arregalou os olhos. - Um anúncio!

- O quê?

- Uma propaganda! Uma notícia paga que eles seriam obrigados a imprimir como exigido. Cooper e eu conversamos a respeito, algumas vezes.

- Ah, sim. Eles têm essa espécie de coisa no Século 186.

- Não como no Século 20. O Século 20 é o máximo nesse assunto. O meio cultural...

-- Considerando-se o anúncio - interrompeu Twissell com impaciência - de que tipo seria?

- Gostaria de saber.

Twissell fitou a brasa do seu cigano, como se procurasse inspiração. - Ele nada pode dizer diretamente. Ele não pode dizer: "Cooper, do Século 78, enalhado no Século 20 e chamando a Eternidade..."

- Como pode ter certeza?

- Impossível! Dar ao Século 20 informações que sabemos que eles não teriam, seria tão prejudicial ao círculo de Mallansohn quanto um erro de nossa parte. Nós ainda estamos aqui; portanto, durante toda a sua vida na Realidade corrente do Primitivo, ele não fez nenhum mal desse tipo.

- Além disso - disse Harlan, afastando-se da contemplação do raciocínio circular que parecia exigir tão pouco esforço de Twissell - não seria provável que a revista

concordasse em publicar algo que lhe parecesse loucura ou que não se pudesse entender. Suspeitaria de fraude ou de alguma forma de ilegalidade e não desejaria se implicar. Portanto, Cooper não poderia usar Intertemporal Padrão na sua mensagem.

- Teria que ser algo sutil - disse Twissell. - Ele precisaria usar um modo indireto, pôr um anúncio que parecesse perfeitamente normal para os homens do Primitivo. Perfeitamente normal! E contudo algo que fosse óbvio para nós uma vez que saberíamos o que procurar. Muito óbvio. Óbvio a um olhar de relance, porque teria que ser encontrado entre incontáveis anúncios individuais. De que tamanho você supõe que seria, Harlan? Esses anúncios são caros?

- Muito caros, suponho.

- E Cooper precisaria economizar seu dinheiro. Além disso, para evitar o tipo errado de atenção, o anúncio teria que ser pequeno. Pense, Harlan. De que tamanho?

Harlan mostrou com as mãos. - Meia coluna?

- Coluna?

- Elas eram revistas impressas, o senhor sabe. Em papel. Com a impressão distribuída em colunas.

- Oh, sim. Parece-me impossível separar literatura e filme, às vezes... Bem, temos agora uma primeira aproximação de outro tipo. Devemos procurar um anúncio de meia coluna que nos dará, praticamente à primeira vista, evidências de que o homem que a colocou veio de outro Século - do futuro, é claro - mas que seja um anúncio tão comum que ninguém do Século suspeite dele.

- E se eu não o identificar? - perguntou Harlan.

- Você o encontrará. A Eternidade existe, não existe? Enquanto ela existir, estaremos na pista certa. Diga-me: consegue lembrar-se de algum anúncio semelhante em seu trabalho com Cooper? Algo que lhe tenha chamado a atenção, por ser estranho, esquisito, incomum, sutilmente errado?

- Não.

- Não quero uma resposta imediata. Pense cinco minutos, pelo menos.

- Não adianta pensar. Na ocasião em que examinei as revistas com Cooper, ele não havia estado no Século 20.

- Vamos, Harlan. Use a cabeça. O fato de mandar Cooper para o Século 20 provocou uma alteração. Não há Mudança; não é uma alteração irreversível. Mas houve algumas mudanças com "m" minúsculo, ou micro-mudanças, como normalmente nos referimos a elas nas Computações. No instante em que Cooper foi mandado ao Século 20, o anúncio apareceu na edição apropriada da revista. Sua própria Realidade micro-mudou, no sentido de que você pode ter olhado a página com esse anúncio, ao invés da página sem ele, como você fez na Realidade anterior. Compreende?

Harlan estava novamente perplexo, quase tanto com a facilidade com que Twissell abria caminho através da floresta de lógica temporal quanto com os "paradoxos" do Tempo. Ele meneou a cabeça. - Não me lembro de nada semelhante.

- Bem, então, onde é que você guarda aquele periódico?

- Eu instalei uma biblioteca especial da Galeria Dois, usando a prioridade de Cooper.

- Ótimo - disse Twissell. - Vamos lá. Já!

Twissell observou curiosamente os velhos volumes encadernados da biblioteca e então tirou um. Eram tão velhos que o frágil papel precisava ser preservado por métodos especiais, e estalava sob o manuseio pouco cuidadoso de Twissell.

Harlan encolheu-se. Em melhores tempos, teria ordenado a Twissell que se afastasse dos livros, embora fosse um Computador Sênior.

O velho examinou as páginas enrugadas e pronunciou mentalmente as palavras

arcaicas. - Este é o inglês de que os linguistas estão sempre falando, não é? - perguntou ele, dando pancadinhas na página.

- Sim, inglês - murmurou Harlan.

Twissell recolocou o livro no lugar. - Pesado e pouco prático.

Harlan encolheu os ombros. Para ser exato, os filmes eram usados na maioria dos Séculos da Eternidade. Numa respeitável minoria era usada a gravação molecular. Contudo, a impressão e papel não eram incomuns.

- Os livros não exigem o mesmo investimento em tecnologia que os filmes - disse ele.

Twissell coçou o queixo. - Tem razão. Vamos começar?

Ele tirou outro volume da prateleira, abrindo-o ao acaso e olhando a página com estranha atenção.

Será que ele pensa que vai encontrar à solução num golpe de sorte? -. pensou Harlan.

O pensamento deve ter sido correto, pois Twissell, encontrando os olhos apreciadores de Harlan, enrubesceu e colocou o volume no lugar.

Harlan pegou o primeiro volume do Centis-século de 19,25 e começou a virar as páginas metodicamente. Apenas sua mão direita e seus olhos se moviam, O resto do corpo permanecia em rígida expectativa.

A intervalos que lhe pareciam eternos, Harlan se levantava, resmungando, para apanhar um novo volume. Nessas ocasiões, haveria o intervalo para o café, ou para o sanduíche, ou outros intervalos.

- É inútil que o senhor fique - disse Harlan lentamente.

- Incomodo-o?

- Não.

- Então ficarei - murmurou Twissell. O tempo todo ele passeou, ocasionalmente, até as prateleiras de livros, fitando desamparadamente as encadernações. As brasas de seus cigarros queimavam-lhe as pontas dos dedos, às vezes, mas ele as ignorava.

Um fisio-dia terminou,

O sono foi curto e esparso. No meio da manhã, Twissell protelou seu último gole de café entre dois volumes e disse: - As vezes me pergunto por que não desisti de minha carreira de Computador, depois do transtorno do meu... você sabe.

Harlan assentiu.

- Tive vontade - continuou o velho. - Tive vontade. Esperei, em desespero, por fisio-anos, que não houvesse mais Mudanças em meu caminho. Fiquei mórbido quanto a isso. Comecei a imaginar se as Mudanças eram uma coisa correta. Engraçado como as emoções nos enganam.

- Você conhece a história Primitiva, Harlan. Você sabe como era. A Realidade do Primitivo fluía às cegas ao longo da linha de máxima probabilidade. Se a máxima probabilidade envolvesse uma pandemia, ou dez séculos de economia escravagista, um acidente tecnológico, ou mesmo uma... uma... vejamos, o que é realmente ruim... mesmo uma guerra atômica, se tivesse sido possível uma, então, ora, pelo tempo, acontecia!. Nada havia para detê-la.

- Mas onde a Eternidade existe, ela tem sido detida. Acima do Século 28, coisas como essa não acontecem. Pai Tempo, elevamos nossa Realidade a um nível bem além de qualquer coisa que os tempos Primitivos pudessem imaginar; a um nível que, se não fosse pela interferência da Eternidade, teria sido, na verdade, de probabilidade bem baixa.

O que ele está tentando fazer? - pensou Harlan, envergonhado. Fazer-me trabalhar com mais empenho? Estou fazendo o máximo.

Twissell disse: - Se perdermos nossa oportunidade agora, a Eternidade desaparecerá, provavelmente por todo o fisio-tempo. Numa vasta Mudança, a Realidade reverte para máxima probabilidade, sem dúvida, com a guerra atômica e a extinção do homem,

- É melhor eu passar para o próximo volume - disse Harlan

No intervalo seguinte Twissell disse, desamparadamente: - Há tanto a fazer. Não há um modo mais rápido?

- Como? - disse Harlan, - preciso olhar cada uma das páginas. E olhar cada parte delas, também. Como posso fazê-lo mais rápido?

Ele virava as páginas metodicamente.

- Eventualmente - disse Harlan - as letras começam a embaralhar; significa que é hora de dormir.

Um segundo fisio-dia terminou.

As 10:22 horas, Fisio-tempo Padrão do terceiro dia de verificação, Harlan fitou uma página em calma admiração e disse: - É isto!

Twissell não assimilou a afirmação. - O quê? -. disse ele.

Harlan levantou os olhos, o rosto alterado pelo assombro. - Sabe, eu não acreditava Pelo Tempo, nunca acre ditei realmente, mesmo enquanto o senhor estava inventando todas aquelas asneiras sobre revistas e anúncios.

Twissell havia assimilado, agora. - Você o encontrou! Ele se lançou ao volume que Harlan segurava, agarrando-o com dedos trêmulos.

Harlan tirou o volume de suas mãos e fechou-o bruscamente. - Um momento. O senhor não acharia, mesmo que eu lhe mostrasse a página,

- O que está fazendo? - gritou Twissell. - Você perdeu a página!

- Não perdi. Sei onde está, Mas primeiro...

- Primeiro o quê?

- Há um ponto pendente, Computador Twissell - disse Harlan. - O senhor disse que posso ter Noys. Traga-a para mim, então. Deixe-me vê-la.

Twissell olhou para Harlan, com seus poucos cabelos brancos desgrenhados. - Você está brincando?

- Não - respondeu Harlan rispidamente. - Não estou brincando. O senhor assegurou-me de que daria um jeito... O senhor está brincando? Noys e eu ficaríamos juntos. O senhor prometeu.

- Sim, prometi. Esta parte está decidida.

- Então traga-a viva, bem e incólume.

- Não o compreendo. Eu não a tenho. Ninguém a tem. Ela ainda está no distante futuro, onde Finge disse que está. Ninguém a tocou. Grande Tempo, eu lhe disse que ela estava em segurança.

- O senhor está jogando com palavras - disse ele sufocadamente. - Está bem, ela está no distante futuro, mas o que tem isso de bom para mim? Tire a barreira do Século 100000... - Harlan estava tenso.

- Tire o quê?

- A barreira. A caldeira não passa por ela.

- Você nunca me disse nada a respeito - disse Twissell furiosamente.

- Não disse? - perguntou Harlan com viva surpresa.

Não teria ele dito? Ele havia pensado nisso diversas vezes. Nunca havia dito qualquer palavra a respeito? Não conseguia lembrar-se, afinal. Mas então recuperou a firmeza.

- Está bem. Digo-lhe agora, então. Remova a barreira.

- Mas é impossível. Uma barreira contra a caldeira? Uma barreira temporal?

- Está me dizendo que o senhor não a colocou?

- Não. Pelo tempo, eu juro.

- Então... então Harlan sentiu-se empalidecer. - Então o Conselho o fez. Eles sabem de tudo isso e agiram independentemente do senhor e... e por tudo do Tempo e da Realidade, eles podem se cansar de esperar pelo anúncio e por Cooper, por Malansohn e por tudo da Eternidade. Eles não terão nada. Nada.

- Espere! Espere! - Twissell sacudiu desesperadamente o cotovelo de Harlan. - Acalme-se! Pense, rapaz, pense. O Conselho não colocou barreira alguma.

- Mas ela existe.

- Mas eles não poderiam ter colocado tal barreira. Ninguém poderia. É teoricamente impossível.

- O senhor não sabe de nada. Ela existe.

- Você sabe melhor do que qualquer um do Conselho que é impossível.

- Mas ela está lá.

- Mas se está...

E Harlan conscientizou-se do lugar onde se encontrava o suficiente para perceber a presença de uma espécie de medo que não sentira mesmo quando ele soube pela primeira vez da direção errada em que Cooper fora mandado e do fim iminente da Eternidade.

Os Séculos Ocultos

Andrew Harlan observava os homens no trabalho com o olhar distraído. Eles o ignoravam polidamente porque ele era um Técnico. Normalmente, ele os teria ignorado um tanto menos polidamente, pois eram homens da Manutenção. Mas agora os observava e, em sua miséria, até mesmo surpreendia-se invejando-os.

Eles faziam parte do pessoal de serviço do Departamento de Transporte Intertemporal, em uniformes cinzas, com as divisas no ombro mostrando uma seta vermelha de duas pontas contra um fundo preto. Usavam um complicado equipamento de campo de força para testar os motores das caldeiras e os graus de hiper-liberdade ao longo das colunas de caldeira. Eles possuíam, pensou Harlan, pouco conhecimento teórico de engenharia temporal, mas era óbvio que tinham um vasto conhecimento prático do assunto.

Harlan não havia aprendido muito sobre Manutenção, em seu tempo de Aprendiz. Ou, para ser mais preciso, ele não havia realmente desejado aprender. Os Aprendizes que não obtinham sucesso eram colocados na Manutenção. A "profissão não-especializada" (como era tida pelo eufemismo) era a indicação indiscutível de falha, e os Aprendizes medíocres automaticamente evitavam o assunto.

Porém, agora, enquanto observava os homens da Manutenção trabalhando, eles lhe pareciam ser calma e pacientemente eficientes, razoavelmente felizes.

Por que não? Excediam em número os Especialistas, os "verdadeiros Eternos", de dez para um. Tinham uma sociedade própria, níveis residenciais destinados a eles, pra zeros próprios. Seus períodos de trabalho eram fixados em determinadas horas por fisio-dia, e não havia pressão social, no caso deles, para fazê-los relacionar suas atividades das horas de folga com a profissão. Eles tinham tempo, ao contrário dos Especialistas, para se dedicar à literatura e filmes dramáticos retirados das várias Realidades.

Eram eles, afinal de contas, que tinham provavelmente as personalidades mais bem formadas. A vida do Especialista era atormentada e afetada, artificial, em comparação com a vida simples e feliz na Manutenção.

A Manutenção era a base da Eternidade. Estranho que um fato tão óbvio não lhe tivesse chamado a atenção antes. Eles supervisionavam a importação de alimento e água do Tempo, o controle de despesa e o funcionamento das usinas de energia. Eles conservavam todo o mecanismo da Eternidade em funcionamento regular. Se todos os Especialistas morressem de um ataque súbito, a Manutenção poderia conservar a Eternidade em andamento indefinidamente. Porém, se a Manutenção deixasse de existir, os Especialistas teriam que abandonar a Eternidade em questão de dias ou

morrer miseravelmente.

Será que os homens da Manutenção ressentiam-se da perda de seus Séculos natais ou de suas vidas sem mulheres e sem filhos? A segurança contra a pobreza, a doença e as Mudanças de Realidade seria compensação suficiente? Seriam eles consultados sobre seus pontos de vista a respeito de qualquer assunto importante? Harlan sentiu dentro de si um pouco do fogo do reformador social.

O Computador Sênior Twissell interrompeu a série de pensamentos de Harlan, entrando quase correndo, parecendo mais amedrontado do que parecera, uma hora antes, quando saíra, com os homens da Manutenção já trabalhando.

Como é que ele continua assim? - pensou Harlan. Ele é um velho.

Twissell olhou ao redor com vivacidade de pássaro, enquanto os homens se colocavam automaticamente em posição ereta, em respeitosa atenção.

- Como estão as colunas de caldeira? - perguntou ele.

- Nada errado, senhor - respondeu um dos homens.

- As colunas estão limpas, os campos engrenados.

- Examinaram tudo?

- Sim, senhor. Até onde vão as estações do Departamento.

- Então saiam -. disse Twissell.

Não houve má interpretação da brusca menção de sua ordem. Eles se curvaram respeitosamente, voltaram-se e saíram rapidamente.

Twissell e Harlan ficaram a sós nas colunas de caldeira.

- Você ficará aqui. Por favor - disse Twissell.

- Preciso ir - disse Harlan, meneando a cabeça.

- Você certamente compreende - disse Twissell. - Se algo me acontecer, você ainda saberá como encontrar Cooper. Se alguma coisa acontecer a você, o .que posso eu fazer, ou qualquer Eterno, ou qualquer combinação de Eternos, sozinhos?

Harlan abanou a cabeça novamente.

Twissell pôs um cigarro na boca. - Senhor está desconfiado - disse ele. - Chamou-me diversas vezes nos últimos dois fisio-dias. Quer saber por que estou isolado. Quando descobrir que ordenei uma revisão completa no mecanismo das colunas de caldeira... Preciso ir, agora, Harlan. Não posso atrasar-me.

- Não quero que o senhor se atrase. Estou pronto.

- Você insiste em ir?

- Se não houver barreira, não haverá perigo. Mesmo que haja, já estive lá e voltei. De que o senhor tem medo, Computador?

- Não quero que se arrisque desnecessariamente.

- Então use sua lógica, Computador. Tome a decisão de que vou com o senhor. Se a Eternidade ainda existir depois disso, significará que o círculo ainda pode ser fechado. Significará que sobreviveremos. Se for uma decisão errada, então a Eternidade passará para a não-existência, mas ela passará de qualquer forma, se eu não for, porque sem Noys, não farei qualquer movimento para recuperar Cooper, eu juro.

- Eu a trarei de volta para você - disse Twissell.

- Se é tão simples e seguro, não haverá mal algum se eu for junto.

Twissell estava numa óbvia tortura de hesitação. - Bem, então venha! - disse ele asperamente.

E a Eternidade sobreviveu.

Mesmo dentro da caldeira, o medo não desapareceu do olhar de Twissell. Ele fitava os números que voavam no temporômetro. Mesmo o mostrador de escala, que me-

dia em unidades de Quilos-séculos e que os homens haviam ajustado para esse propósito particular, dava estalidos a pequenos intervalos.

- Você não devia ter vindo - disse ele.

- Por que não? - disse Harlan, encolhendo os ombros.

- Isso me inquieta. Nenhuma razão, eu acho. Talvez seja uma velha superstição minha. Deixa-me impaciente -. ele juntou as mãos, apertando-as firmemente.

- Não o compreendo - disse Harlan.

Twissell parecia ansioso por falar, como se para exorcizar algum demônio mental. - Pode ser que você compreenda isso - disse ele. - Afinal, você é perito no Primitivo. Por quanto tempo o homem existiu no Primitivo?

- Dez mil Séculos - respondeu Harlan. - Quinze mil, talvez.

- Sim. Começando como uma espécie de criatura primitiva com forma de macaco e terminando como homo sapiens. Certo?

- Isso é de conhecimento comum. Sim.

- Então deve ser de conhecimento comum que a evolução ocorre num período bem curto. Quinze mil Séculos de macaco a homo sapiens.

- Bem?

- Bem, sou de um dos Séculos 30000...

(Harlan não pôde deixar de se assustar. Nunca soubera o tempo natal de Twissell ou conhecera alguém que o soubesse.)

- Sou dos 30000 - repetiu Twissell - e você é do 95. O período entre nossos Séculos natais é duas vezes o espaço de tempo total da existência do homem no Primitivo, porém, que diferença há entre nós? Nasci com quatro dentes a menos do que você e sem um apêndice. As diferenças fisiológicas são só essas. Nosso metabolismo é quase o mesmo. A maior diferença é que seu corpo pode sintetizar o núcleo eteróxico e o meu não; portanto, preciso de colesterol em minha dieta e você não. Fui capaz de procriar com uma mulher do Século 575. Eis quão pouco se diferenciam as espécies, com o tempo.

Harlan não se impressionou. Ele nunca havia questionado a identidade básica do homem através dos Séculos. Esta é uma daquelas coisas com as quais se vive e que se aceita. - Houve casos de espécies viverem durante milhões de Séculos sem mudanças - disse ele.

- Não muitas, entretanto. E resta o fato de que a cessação da evolução humana parece coincidir com o desenvolvimento da Eternidade. Apenas coincidência? Esta questão não é levada em consideração, exceto por uns poucos, aqui e ali, como Senhor, e eu nunca fui um Sennor. Eu não acreditava que a especulação fosse adequada. Se algo não pudesse ser examinado por um Computaplex, não adiantava tomar o tempo de um Computador. E, no entanto, em minha juventude, eu às vezes pensava..

- Em quê? - bem, é algo para se ouvir, de qualquer forma - pensou Harlan.

- Eu às vezes pensava na Eternidade como ela era a princípio, quando foi estabelecida. Abrangia apenas alguns dos Séculos 30 e 40, e sua função era, principalmente, comércio. Ocupava-se do reflorestamento de áreas desertificadas, transportando terra fértil de um tempo para outro, água fresca, substâncias químicas de boa qualidade. Aqueles eram dias simples.

- Mas então descobrimos as Mudanças de Realidade. O Computador Sênior Henry Wadsmann, da maneira dramática com que estamos todos acostumados, evitou uma guerra removendo o freio de segurança do veículo terrestre de um dos congressistas. Depois disso, mais e mais, a Eternidade mudou seu centro de gravidade, de comércio para Mudança de Realidade. Por quê?

- Pelo motivo óbvio - disse Harlan. -. Aperfeiçoamento da humanidade.

- Sim, sim. Em tempos normais, creio que sim, também. Mas estou falando de meu pesadelo. E se houvesse algum outro motivo, um não divulgado, um inconsciente? Um homem que pode viajar no futuro infinito pode encontrar homens tão avançados em relação a si mesmo quanto ele próprio o é em relação a um macaco. Por que não?

- Pode ser. Mas homens são homens...

- ... mesmo no Século 70000. Sim, eu sei. E nossas Mudanças de Realidade têm alguma coisa a ver com isso? Nós extirpamos o insólito. Mesmo o Século natal de Senhor, com suas criaturas sem cabelos, está sob debate contínuo, e isso é bastante inofensivo. Talvez, com toda a honestidade, com toda a sinceridade, tenhamos impedido a evolução humana -porque não queremos encontrar os super-homens.

Nenhuma centelha fora acendida ainda. - Então está feito - disse Harlan. - O que importa?

- Mas e se o super-homem existir do mesmo jeito, muito mais acima do que podemos alcançar? Controlamos somente até o Século 70000. Além desse estão os Séculos Ocultos! Por que eles são desconhecidos? Por que os homens desenvolvidos não querem lidar conosco e nos impedem de entrar em seu tempo? Por que permitimos que eles continuem ocultos? Por que não queremos lidar com eles e, não tendo conseguido entrar em nossa primeira tentativa, recusamo-nos até mesmo a fazer outras tentativas? Não digo que esta seja a nossa razão consciente, mas, consciente ou inconsciente, é uma razão.

- Concordo - disse Harlan obstinadamente. - Eles estão fora de nosso alcance e nós estamos fora do deles. Viva e deixe viver.

Twissell pareceu surpreender-se com a frase. - Viva e deixe viver. Mas nós não deixamos. Fazemos Mudanças. As Mudanças abrangem somente alguns Séculos, antes que a inércia temporal faça com que seus efeitos se anulem. Você se lembra de que durante nosso almoço Senhor tocou nesse assunto como um dos problemas não resolvidos do Tempo. O que ele poderia ter dito era que isso tudo é uma questão de estatística. Certas Mudanças afetam mais Séculos do que outras. Teoricamente, qualquer número de Séculos pode ser afetado pela Mudança adequada; cem Séculos, mil, cem mil. Os homens desenvolvidos dos Séculos Ocultos podem saber disso. Suponha que eles sejam perturbados pela possibilidade de que algum dia uma Mudança pode atingi-los completamente até o Século 200000.

- É inútil preocupar-se com tais coisas - disse Harlan, com o ar de um homem que tem preocupações muito maiores.

- Mas suponha - continuou Twissell num sussurro - que eles ficassem bem calmos enquanto deixássemos vazios os Setores dos Séculos Ocultos. Isso significaria que não estaríamos agredindo. Suponha que esse obstáculo, ou seja lá como for que você queira chamar isso, fosse ultrapassado, e alguém aparecesse para estabelecer residência permanente acima do Século 70000. Acha que eles pensariam que isso significava a primeira invasão séria? Eles podem nos impedir de entrar em seu Tempo, portanto a ciência deles é nesse ponto mais avançada que a nossa. Suponha que eles possam, além disso, fazer o que nos parece impossível e colocar uma barreira nas colunas de caldeira, impedindo-nos...

E agora Harlan estava de pé, completamente horrorizado. - Eles estão com Noys?

- Não sei. Isso é uma suposição. Pode ser que não haja barreira. Pode ser que houvesse algo errado com sua caldeira...

- Havia uma barreira! - gritou Harlan. - Que outra explicação existe? Por que o senhor não me disse isso antes?

- Eu não acreditava nisso - gemeu Twissell. - E ainda não acredito. Eu não devia ter dito uma palavra desse sonho idiota. Meus próprios temores... a questão de Cooper... tudo... Mas espere, apenas alguns minutos.

Ele apontou o temporômetro. O medidor de tempo indicava que eles estavam entre os Séculos 95000 e 96000.

Twissell, nos controles, diminuiu a velocidade da caldeira. O Século 99000 havia passado. Os movimentos do medidor de peso pararam. Os Séculos podiam ser lidos distintamente.

99726... 99727.. . 99728.

- O que faremos? - murmurou Harlan.

Twissell sacudiu a cabeça num gesto que falava eloquentemente de paciência e esperança, mas talvez também de desamparo.

99851.. . 99852. . .99853..

Harlan enrijeceu-se para o choque da barreira e pensou desesperadamente: preservar a Eternidade seria o único meio de encontrar tempo para combater as criaturas dos Séculos Ocultos? De que outro modo recuperar Noys? Lançar-me de volta, de volta ao Século 575 e trabalhar rapidamente para...

99938.. . 99939. . . 99940;..

Harlan prendeu a respiração. Twissell reduziu ainda mais a velocidade da caldeira, deixando-a arrastar-se. Ela respondeu perfeitamente aos controles.

99984.. . 99985. . . 99986.

- Agora, agora, agora - sussurrou Harlan, inconsciente de ter emitido qualquer som.

99998. . . 99999... 100000... 100001... 100002...

Os números ascendiam e os dois homens observavam- nos continuar a aumentar, em silêncio estático.

Então Twissell gritou: - Não há barreira!

E Harlan respondeu: - Havia! Havia! - Então, em agonia - Pode ser que eles a tenham apanhado e não mais precisem de uma barreira!

Século 111394!

Harlan saltou da caldeira e gritou. - Noys! Noys! Os ecos saiam das paredes do Setor vazio profundamente sincopados.

Twissell, saindo mais tranquilamente, chamou: - Espere, Harlan.

Foi inútil. Harlan, numa corrida, arremessava-se ao longo dos corredores, em direção à parte do Setor em que eles haviam feito uma espécie de lar.

Ele pensou vagamente na possibilidade de encontrar um dos "homens evoluídos" de Twissell, e, momentaneamente, sua pele arrepiou-se, mas então isso foi sufocado pela sua urgente necessidade de encontrar Noys.

- Noys!

Subitamente ela estava em seus braços, antes de ele ter certeza de tê-la visto; ela estava ali com ele e seus braços o envolviam e o apertavam; sua face estava contra seu ombro e seu cabelo escuro, macio, contra seu queixo.

- Andrew? - disse ela, a voz abafada pela pressão de seu corpo. - Onde você estava? Passaram-se dias e eu já estava com medo.

Harlan a manteve à distância, com os braços esticados, fitando-a com uma espécie de ansiosa solenidade.

- Você está bem?

- Eu estou bem. Pensei que algo tivesse acontecido com você. Pensei... - ela calou-

se, aterrorizada.

- Andrew!

Harlan voltou-se.

Era somente Twissell, ofegante.

Noys deve ter ganho confiança com a expressão de Harlan. - Você o conhece, Andrew? - perguntou ela, mais calmamente. - Está tudo bem?

- Está tudo bem - respondeu Harlan. - Este é meu superior, o Computador Sênior Laban Twissell. Ele sabe a seu respeito.

- Um Computador Sênior? - Noys recuou.

Twissell adiantou-se lentamente. - Ajudarei você, minha criança. Ajudarei vocês dois. O Técnico tem minha palavra, se ele apenas acreditar nela.

- Minhas desculpas, Computador - disse Harlan formalmente e, contudo, não inteiramente arrependido.

- Desculpado - disse Twissell. Ele estendeu a mão e pegou a da garota, relutante. - Diga-me, menina, esteve tudo bem com você, aqui?

- Estive preocupada.

- Ninguém esteve aqui desde que Harlan a deixou?

- Não, senhor.

- Absolutamente ninguém? Nada?

Ela balançou a cabeça. Seus olhos escuros procuraram os de Harlan. - Por que o senhor pergunta?

- Nada, menina, um pesadelo tolo. Venha, nós a levaremos de volta ao 575.

De volta à caldeira, Andrew Harlan afundou, gradativamente, num silêncio profundo e inquieto. Não levantou os olhos quando a caldeira passou pelo Século 100000 na direção descendente e Twissell suspirou aliviado, como se tivesse esperado ser preso no lado de cima do tempo.

Ele mal se moveu quando a mão de Noys segurou a sua, e o modo com que ele imitou a pressão dos dedos dela foi quase mecânico.

Noys dormia num outro quarto e agora o desespero de Twissell chegava a um ponto de intensidade devorante.

- O anúncio, rapaz! Você tem sua mulher. Minha parte do trato está feita.

Silenciosamente, ainda distraído, Harlan virou as páginas do volume sobre a mesa. Encontrou a que procurava.

- É bem simples - disse ele - mas está em inglês. Eu o lerei para o senhor e então o traduzirei.

Era um pequeno anúncio no canto esquerdo superior de uma página de número 30. Contra uma linha irregular que servia de fundo, estavam as palavras simples, em letra de forma:

**ALL THE
TALK
OF THE
MARKET**

Embaixo, em letras menores, lia-se: "Boletim Informativo de Investimentos, Caixa Postal 14, Denver, Colorado".

Twissell ouviu concentradamente a tradução de Harlan e ficou obviamente desapontado. - O que é o mercado? - perguntou ele. - O que eles querem dizer com isso?

- O mercado de ações -. respondeu Harlan com impaciência. Um sistema pelo qual o capital particular era investido em negócios. Mas não é este o ponto importante. O

senhor não vê esse desenho de linhas contra o qual o anúncio está impresso?

- Sim. A nuvem em forma de cogumelo da explosão de uma bomba atômica. Algo que atrai a atenção. O que é que tem?

- Grande Tempo, Computador! - explodiu Harlan. - Que há de errado com o senhor? Olhe a data de publicação da revista.

Ele apontou o cabeçalho, bem à esquerda do número da página. Lia-se 28 de março de 1932.

- Isso nem precisa de tradução - disse Harlan. - Os números são quase os mesmos do Intertemporal Padrão, e o senhor pode ver que é do Século 19,32. O senhor não sabe que naquele tempo nenhum ser humano jamais tinha visto a nuvem em forma de cogumelo? Ninguém poderia reproduzi-la com tanta precisão, exceto...

- Agora espere. É apenas um padrão de linhas - disse Twissell, tentando manter-se paciente. - Poderia assemelhar-se à nuvem em forma de cogumelo apenas por coincidência.

- Coincidência? Quer olhar as palavras novamente? - Os dedos de Harlan destacaram as fileiras menores: - All-the-Talk-Of the-Market. As iniciais formam ATOM, que em inglês significa átomo. Isso é coincidência, também? Nunca!

- O senhor não percebe, Computador, como este anúncio preenche as condições que o senhor mesmo estipulou? Ele chamou minha atenção instantaneamente. Cooper sabia que seria um total anacronismo. Ao mesmo tempo, ele não tem outro sentido que não seu valor nominal, sentido algum, para qualquer... homem do 19,32.

- Portanto, deve ser Cooper. Esta é sua mensagem. Temos a data com aproximação de uma semana de um Centis-século Temos seu endereço postal. É preciso apenas procurá-lo, e eu sou o único com suficiente conhecimento do Primitivo para fazê-lo.

- E você irá? - O rosto de Twissell resplandecia em alívio e felicidade.

- Irei... sob uma condição.

Twissell franziu as sobrancelhas numa súbita inversão de emoção. - Condições, outra vez?

- A mesma condição. Não estou acrescentando outras. Noys deve estar em segurança. Ela deve vir comigo. Não a deixarei sozinha.

- Você ainda não confia em mim? De que modo eu o traí? O que pode haver que ainda o perturbe?

- Uma coisa, Computador - disse Harlan solene mente. - Uma coisa, ainda. Havia uma barreira no Século 100000. Por quê? Isto é o que ainda me intriga.

O fechamento do círculo

Ele continuou perturbado. Era um transtorno que crescia em sua mente à medida que transcorriam os dias de preparação. Interpunha-se entre ele e Twissell; depois, entre ele e Noys. Quando chegou o dia da partida, ele estava apenas remotamente cômico do fato.

Foi tudo o que ele conseguiu fazer para levantar uma sombra de interesse, quando Twissell retomou de uma reunião com o sub-comitê do Conselho. - Como foi? - perguntou.

- Não foi exatamente a conversa mais agradável que já tive - respondeu Twissell, exausto.

Harlan estava quase querendo deixar a conversa chegar lá, mas quebrou o silêncio momentâneo com um murmurado - Espero que o senhor nada tenha dito sobre.

- Não, não - foi a resposta impaciente. - Eu nada disse sobre a garota ou sobre sua participação na direção errada de Cooper. Disse que aquilo foi um erro infeliz, uma falha mecânica. Assumi toda a responsabilidade.

A consciência de Harlan, pesada como estava, conseguiu achar lugar para uma pontada. - Isso não lhe fará bem - disse ele.

- O que podem fazer? Eles devem esperar que a correção seja feita, antes que possam tocar-me. Se falharmos, todos nós estaremos desamparados. Se obtivermos sucesso, talvez o próprio sucesso me proteja. E se não proteger... - Twissell encolheu os ombros. -- Depois disso, planejo retirar-me de participação ativa nos negócios da Eternidade, de qualquer forma - e ele manuseou seu cigarro e desfez-se dele antes de tê-lo fumado até a metade.

- Gostaria de não os ter metido em tudo isso, mas, em caso contrário, não teria havido jeito de usar a caldeira especial para outras viagens além do término da escala descendente - e ele suspirou.

Harlan voltou-se. Seus pensamentos moviam-se ao redor dos mesmos canais que haviam estado ocupados com a crescente exclusão de tudo o mais durante dias. Ouviu vagamente a observação adicional de Twissell, mas foi somente quando ele a repetiu que ele disse com um sobressalto: - Como disse?

- Ora essa! Sua mulher está pronta, rapaz? Ela compreende o que está acontecendo?

- Ela está pronta. Conte-lhe tudo.

- Como ela recebeu a notícia?

- O quê. Oh, sim, a como eu esperava que recebesse. Não está com medo.

- Faltam menos de três fisio-horas, agora.

- Eu sei.

Isso era tudo por hora, e Harlan foi deixado sozinho com seus pensamentos e uma maçante consciência do que devia fazer.

Pronta a carga da caldeira e ajustados os controles, Harlan e Noys apareceram num vestuário adequado, aproximando-se ao de uma área não urbanizada do começo do Século 20.

Noys havia modificado a sugestão de Harlan para o seu guarda-roupa, de acordo com algum sentimento instintivo que ela declarava que as mulheres possuíam quando se tratava de roupas e estética. Ela examinou cuidadosamente as ilustrações nos anúncios dos volumes apropriados da revista e examinou minuciosamente os artigos importados de uma dúzia de Séculos diferentes.

Veza ou outra, ela dizia a Harlan: -. O que você acha?

- Se é escolha instintiva, deixo a seu encargo - respondia ele com indiferença.

- Isto é um mau sinal, Andrew - dizia ela, com uma delicadeza que não parecia bem verdadeira. - Você está muito flexível. Qual é o problema, afinal de contas? Você não é o mesmo. Está diferente há dias.

- Estou bem - respondia Harlan, enfadadamente.

A primeira vez que Twissell os viu no papel de nativos do Século 20 provocou uma débil tentativa de gracejo. - Pai Tempo! - disse ele. - Que feio o vestuário do Primitivo; e como fracassa em esconder sua beleza, minha... minha querida.

Noys sorriu-lhe calorosamente, e Harlan, ali de pé e impassivamente silencioso, foi forçado a admitir que o espírito galanteador reprimido e enferrujado de Twissell tinha ganho vida. A roupa de Noys a cingia sem acentuá-la, como devia. Sua maquilagem limitava-se a toques de cor sem excesso nos lábios e nas faces e um feio traço de correção nas sobrançelas. Seus graciosos cabelos (pior de tudo) haviam sido cortados desapiedadamente. Contudo, ela estava linda.

Harlan já estava se acostumando ao seu próprio cinto desconfortável, à maneira com que as roupas lhe apertavam as axilas e sob a bifurcação das pernas e ao monótono descolorido de sua roupa de textura grosseira. Usar vestuário estranho para adaptar-se a um Século era para ele muito natural.

- Agora o que eu realmente queria fazer - dizia Twissell - era instalar controles manuais dentro da caldeira, como já discutimos, mas parece que não há como fazê-lo. Os engenheiros simplesmente devem ter uma fonte de energia suficientemente grande para controlar o deslocamento temporal, e isso não é praticável fora da Eternidade. Tensão temporal enquanto ocupando o Primitivo é tudo que pode ser conseguido: Mas temos uma alavanca de retorno.

Ele os conduziu à caldeira, abrindo caminho entre os suprimentos empilhados, e mostrou o dedo de metal intruso que agora desfigurava a lisa parede interna da caldeira.

- Isso consta da instalação de um simples interruptor - disse ele. -. Ao invés de retomar automaticamente à Eternidade, a caldeira permanecerá no Primitivo indefinidamente. Quando a alavanca for acionada para cima, entretanto, vocês retornarão. Haverá então o problema da segunda e, espero, última viagem.

- Uma segunda viagem? - perguntou Noys, surpresa.

- Eu não expliquei isso - disse Harlan. - Olhe, a finalidade desta primeira viagem é simplesmente determinar precisamente a hora da chegada de Cooper. Não sabemos que espaço de tempo existe entre sua chegada e a colocação do anúncio. Nós o encontraremos pela caixa postal e descobriremos, se possível, o exato instante de sua

chegada, ou, de qualquer forma, o mais próximo que pudermos. Poderemos então retornar àquele momento mais quinze minutos para que a caldeira tenha deixado Cooper...

Twissell interrompeu. - Não poderíamos ter a caldeira no mesmo lugar do mesmo tempo em dois fisio-tempos diferentes, você sabe - e tentou sorrir.

Noys pareceu apreender a explicação. - Compreendo - disse ela, não muito definitivamente.

- Quando apanharmos Cooper no momento de sua chegada, todas as micro-mudanças serão anuladas - disse Twissell para Noys. - O anúncio da bomba atômica desaparecerá novamente e Cooper somente saberá que a caldeira, tendo desaparecido, como lhe dissemos que desapareceria, apareceu de novo, inesperadamente. Ele não saberá que esteve no Século errado nem nós lhe contaremos. Dir-lhe-emos que havia alguma instrução vital que esquecemos de dar-lhe (teremos que inventar alguma) e somente podemos esperar que ele considere a coisa como sendo de tão pouca importância que não mencione o fato de ter sido enviado ao passado duas vezes, quando escrever suas memórias.

Noys levantou as sobrancelhas depiladas. - É bem complicado.

- Sim. Infelizmente -. ele esfregou as mãos e fitou os outros como se acalentando uma dúvida interior. Então se endireitou, pegou outro cigarro e até conseguiu certa graça quando disse: - E agora, rapaz, boa sorte.

Twissell apertou rapidamente a mão de Harlan, acenou para Noys e saiu da caldeira.

- Vamos partir agora? - perguntou Noys a Harlan, quando ficaram a sós.

- Dentro de alguns minutos - respondeu Harlan.

Ele olhou-a de esguelha. Ela estava com os olhos levantados para ele, sorrindo, sem temor. Momentaneamente, seu próprio entusiasmo reagiu. Mas aquilo era emoção, não razão, aconselhou a si mesmo; instinto, não pensamento. Desviou o olhar.

A viagem não foi nada, ou quase nada; nada diferente de uma viagem em caldeira comum. No meio do caminho, houve uma espécie de abalo interno, que poderia ter sido o término da escala descendente ou puramente psicossomático. Mal foi perceptível.

Entraram no Primitivo e se encontraram num mundo escarpado e solitário, iluminado pelo esplendor de um pôr de sol. Havia uma brisa suave e fria e, principalmente, silêncio.

As rochas expostas eram imensas, coloridas em fracos arco-íris por compostos de ferro, cobre e cromo. O esplendor das imediações sem homens e quase sem vida aniquilava e encolhia Harlan. A Eternidade, que não pertencia ao mundo material, não tinha sol nem ar algum, senão o importado. Suas lembranças de seu próprio tempo natal eram vagas. Suas Observações nos vários Séculos haviam sido como homens e suas cidades. Ele nunca havia experimentado isto.

Noys tocou seu cotovelo. - Andrew! Sinto frio!

Ele se voltou para ela sobressaltado.

- Não seria melhor instalarmos o Radiante? - disse ela.

- Sim - respondeu ele. - Na caverna de Cooper.

- Você sabe onde fica?

- É bem aqui - respondeu ele.

Ele não tinha dúvida. A autobiografia havia dado a localização e, primeiro Cooper, agora ele, haviam sido enviados para ali com precisão.

Ele não duvidava da precisão do envio da viagem do Tempo desde seus dias de Aprendiz. Lembrava-se de si mesmo, então, encarando seriamente o Educador Yar-

row, dizendo: "Mas a Terra move-se ao redor do Sol, o Sol moveu-se ao redor do Centro da Galáxia, e esta, moveu-se, também. Se o senhor partir de algum modo da Terra e descer a escala do Tempo cem anos, estará no espaço vazio, pois levarão cem anos para a Terra alcançar aquele ponto". (Aqueles eram os dias em que ele ainda se referia a um Século como "cem anos").

E o Educador Yarrow retrucara: "Não se separa Tempo de espaço. Movendo-se através do Tempo, compartilha-se dos movimentos da Terra. Ou acha que um pássaro voando no ar some no espaço porque a Terra está correndo em volta do Sol a trinta quilômetros por segundo e desaparece de sob a criatura?"

Raciocinar por analogia é arriscado, porém Harlan obteve prova mais rígida em dias posteriores e, agora, depois de uma viagem quase sem precedentes ao Primitivo, ele podia voltar-se confiantemente e não se surpreender ao encontrar a abertura onde lhe haviam dito que estaria.

Removeu a camuflagem de pedregulho e rochas e entrou.

Examinou o interior escuro usando o facho branco de sua lanterna quase como um bisturi. Explorou as paredes, o teto, o chão, cada palmo.

Noys, acompanhando-o de perto, murmurou: - O que você está procurando?

- Alguma coisa. Qualquer coisa - respondeu ele.

Encontrou sua alguma ou qualquer coisa bem no fundo da caverna em forma de uma pedra achatada cobrindo papéis esverdeados, como um peso para papéis.

Harlan retirou a pedra e passou o polegar pelas notas.

- O que é isso? - perguntou Noys.

- Notas. Meio de troca. Dinheiro.

- Você sabia que elas estavam aí?

- Eu não sabia. Somente esperava.

Era apenas uma questão de usar a lógica inversa de Twissell, de calcular a causa a partir do efeito. A Eternidade existia, portanto Cooper devia estar tomando decisões corretas, também. Simular o anúncio trouxera Harlan ao Tempo correto, e a caverna era um óbvio meio adicional de comunicação.

Porém, correria tudo melhor do que ele ousara esperar. Mais de uma vez, durante os preparativos para sua viagem ao Primitivo, Harlan achara que abrir seu caminho numa cidade com nada em seu poder além de ouro, levantaria suspeitas e provocaria atraso.

Cooper conseguira, naturalmente, mas Cooper tivera tempo. Harlan levantou o maço de notas. E ele precisou de tempo para acumular tanto assim, O garoto havia se saído bem, muito bem.

E o círculo estava se fechando!

Os suprimentos haviam sido levados para dentro da caverna, sob o crescente brilho vermelho do sol poente. A caldeira foi coberta por uma película refletora difusa, que a esconderia de quaisquer olhos curiosos, a não ser dos mais próximos, e para tomar conta destes, se necessário fosse, Harlan tinha um desintegrador. O Radiante foi instalado na caverna e a lanterna foi incrustada numa fenda, de maneira que eles tinham luz e calor.

Lá fora, uma fria noite de março.

Noys fitou pensativamente o liso interior paraboloide do Radiante que girava lentamente. - Andrew, quais são seus planos? - perguntou ela.

- Amanhã de manhã irei à cidade mais próxima. Sei onde é... ou deve ser. (Em sua mente, ele mudou de novo para "é". Não haveria problemas. Novamente a lógica de Twissell.)

- Irei com você, não é?

Ele meneou a cabeça. - Em primeiro lugar, você não fala a linguagem, e a viagem já será bastante difícil para um.

Noys parecia estranhamente antiquada com os cabelos curtos, e a súbita irritação em seus olhos fez Harlan constranger-se e desviar o olhar.

- Não sou idiota, Andrew - disse ela. - Você mal fala comigo. Você não me olha. O que há? A moralidade de sua era natal está fazendo efeito? Você acha que traiu a Eternidade e está me culpando por isso? Acha que eu o corrompi? O que é?

- Você não sabe o que estou sentindo - disse ele.

- Então explique. Você pode muito bem fazê-lo. Você nunca terá uma oportunidade tão boa quanto esta. Você me ama? Você não poderia ou não estaria me usando como bode expiatório. Por que me trouxe aqui? Diga-me. Por que não me deixou na Eternidade, já que não tenho nenhuma utilidade para você aqui e já que parece que você nem consegue tolerar olhar-me?

- Há perigo - murmurou Harlan.

- Ora, vamos.

- É mais do que perigo. É um pesadelo. O pesadelo do Computador Twissell - disse Harlan. - Foi durante nossa última viagem em pânico aos Séculos Ocultos que ele me contou as idéias que tivera em relação àqueles Séculos. Considerou a possibilidade de variedades evoluídas do homem, novas espécies, super-homens, talvez, escondendo-se no futuro distante, pondo-se fora do alcance de nossa interferência, planejando terminar com nossas intromissões com a Realidade. Ele achou que foram eles que construíram a barreira no 100000. Então a encontramos, e o Computador Twissell renunciou ao seu pesadelo. Decidiu que nunca tinha havido uma barreira. Retornou ao problema mais imediato de salvar a Eternidade.

- Mas eu, como vê, fiquei inficionado pelo pesadelo. Eu tinha experimentado a barreira, portanto sabia que ela existia. Nenhum Eterno poderia tê-la colocado, pois Twissell afirmou que tal coisa era teoricamente impossível. Pode ser que as teorias da Eternidade não estejam suficientemente avançadas. A barreira estava lá. Alguém a tinha colocado. Ou alguma coisa.

- Certamente - continuou ele pensativamente - Twissell enganara-se em certos aspectos. Ele supõe que o homem deve evoluir, mas não assim. A paleontologia não é uma das ciências que interessam aos Eternos, mas interessava aos Primitivos, portanto estudei um pouco a respeito. Sei que as espécies evoluem apenas para satisfazer às pressões de novos ambientes. Num ambiente estável, uma espécie pode permanecer sem mudanças por milhões de Séculos. Os homens Primitivos evoluíram rapidamente por que seu ambiente era hostil e mutante. Porém, quando a espécie humana aprendeu a criar seu próprio ambiente, ela criou um agradável e estável, de maneira que ela apenas deteve a evolução naturalmente.

- Não sei do que você está falando - disse Noys, não parecendo nem um pouco apaziguada - e você não está falando nada a nosso respeito, que é sobre o que quero ouvir.

Harlan não se alterou. - Agora, por que a barreira no 100000? -. disse ele. - Para que propósito servia? Você não foi perturbada. Que outro significado poderia ter ela? Perguntei a mim mesmo: o que aconteceu, enquanto ela existia, que não teria acontecido se não estivesse lá?

Ele fez uma pausa, fitando suas pesadas botas e grosseiras, de couro natural. Ocorreu-lhe que poderia contribuir para seu conforto, removê-las durante a noite, mas não agora, não agora...

- Só havia uma resposta para essa pergunta - continuou. - A existência daquela barreira irritou-me e mandou-me de volta ao passado para conseguir um chicote

neuronal para atacar Finge. Isso me incitou a ameaçar a Eternidade para tê-la de volta e destruir a Eternidade quando pensasse que havia fracassado. Compreende?

Noys olhou-o com um misto de horror e dúvida. - Quer dizer que o povo do futuro pretendia que você fizesse isso? Planejaram tudo?

- Sim! Não me olhe assim. Claro! E você percebe como isso modifica tudo? A partir do momento em que agi por mim mesmo, por motivos próprios, sofrerei todas as consequências, materiais e espirituais. Mas ser logrado, ser enganado por pessoas controlando e manipulando minhas emoções como se eu fosse um Computaplex, no qual apenas fosse necessário inserir as folhas devidamente perfuradas...

Harlan compreendeu subitamente que estava gritando e calou-se bruscamente. Deixou passar alguns momentos e então disse: - Isso é impossível de se aceitar. Preciso desfazer o que fiz como marionete. E quando eu desfizer, poderei descansar novamente.

E descansaria - talvez. Ele podia sentir a chegada de um triunfo impessoal, dissociado da tragédia pessoal que jazia atrás e adiante. O círculo estava se fechando!

Noys estendeu a mão, indecisa, tentando pegar sua mão rígida e firme.

Harlan recuou, evitando sua solidariedade. - Tudo foi planejado - disse ele. - Meu encontro com você. Tudo. Minha composição emocional foi analisada. Logicamente. Ação e Reação. Aperte este botão e o homem fará isso. Aperte aquele outro e ele fará aquilo.

Harlan falava com dificuldade, profundamente envergonhado. Sacudiu a cabeça, tentando sacudir dela o horror, como um cão a saliva, e então continuou. - Uma coisa eu não entendi a princípio. Como cheguei a adivinhar que Cooper iria ser mandado de volta ao Primitivo? Era a coisa mais improvável de se supor. Eu não tinha base para tal ideia Twissell não entendeu. Mais de uma vez ele imaginou como poderia eu ter suposto isso com tão pouco conhecimento de matemática.

- Entretanto, adivinhei. A primeira vez foi aquela... aquela noite. Você estava dormindo, mas eu não. Tive então o pressentimento de que havia algo de que eu precisava me lembrar; alguma observação, algum pensamento, algo que eu havia intuído na excitação e alegria da noite. Quando pensei insistentemente, todo o significado de Cooper brotou na minha mente, e junto com ele, o pensamento de que eu tinha condições de destruir a Eternidade. Depois vasculhei as histórias da matemática, mas isso foi realmente desnecessário. Eu já sabia. Eu tinha certeza. Como? Como?

Noys fitou-o atentamente. Ela não tentou tocá-lo, desta vez. -. Você quer dizer que os homens dos Séculos Ocultos planejaram também isso? Puseram tudo isso em sua mente e então usaram-na adequadamente?

- Sim. Sim. Mas ainda não pararam. Continuam trabalhando. O círculo pode estar se fechando, mas ainda não está fechado.

- Mas como eles podem fazer qualquer coisa agora? Eles não estão aqui conosco.

- Não? - ele disse a palavra com tanta determinação que Noys empalideceu.

- Super-coisas invisíveis? - murmurou ela.

- Não super-coisas Nem invisíveis. Eu lhe disse que o homem não evoluiria enquanto controlasse seu próprio ambiente. *As pessoas dos Séculos Ocultos são homo sapiens. Pessoas comuns.*

- Então eles certamente não estão aqui.

- Você está aqui, Noys -. disse Harlan tristemente.

- Sim. E você. E ninguém mais.

- Nós dois - concordou Harlan. - E ninguém mais. Uma mulher dos Séculos Ocultos, e eu... Não finja mais, Noys. Por favor.

Ela fitou-o horrorizada. -. O que está dizendo, Andrew?

- O que devo dizer. O que você estava dizendo aquela noite, quando me deu a bebida de hortelã? Estava falando comigo. Sua voz suave... palavras suaves... Nada ouvi, não conscientemente, mas lembro-me de sua voz suave sussurrando. Sobre o quê? A viagem de Cooper ao passado; a destruição da Eternidade, por Sansão. Estou certo?

- Nem mesmo sei o que significa essa destruição de Sansão - disse Noys.

- Você pode muito bem supor, Noys. Diga-me: quando entrou no 482? Quem você substituiu? Ou você apenas... se inseriu? Seu Esboço de Vida foi elaborado por um perito do Século 2456. Na nova Realidade, você não existia de forma alguma. Nenhuma analogia. Estranho para uma Mudança tão pequena, mas não impossível. E então o Esboçador de Vida disse algo que ouvi com os ouvidos, mas não com a mente. Estranho que eu tenha me lembrado disso. Talvez mesmo então, algo tenha ressoado em minha mente, mas eu estava muito pleno de... você, para ouvir. Ele disse: "Com a combinação de fatores que você me transmitiu, não vejo nem mesmo como ela se ajusta na Realidade anterior" E ele tinha razão. Você não se ajustava. Você era uma invasora do distante futuro, manipulando a mim e a Finge, também, para seus próprios objetivos.

- Andrew - disse Noys, interrompendo-o.

- Tudo se ajustaria, se eu tivesse olhos para enxergar. Havia um livro-filme em sua casa intitulado História Social e Econômica. Surpreendeu-me quando o vi pela primeira vez. Você precisava dele para ensinar-lhe como ser melhor uma mulher do Século, não é? Outro item. Nossa primeira viagem aos Séculos Ocultos, lembra-se? Você deteve a caldeira no 111394. Você a deteve com habilidade, sem enganos. Onde aprendeu a controlar uma caldeira? Se você fosse o que parecia ser, aquela teria sido a sua primeira viagem numa caldeira. Por que o Século 111394, afinal de contas? Era o seu tempo natal?

- Por que me trouxe ao Primitivo, Andrew? - perguntou ela suavemente.

- Para proteger a Eternidade - prorrompeu ele. - Eu não podia dizer que danos você poderia causar lá. Aqui você está indefesa, porque eu a conheço. Admita que tudo que eu disse é verdade! Admita!

Ele se ergueu numa explosão de cólera, o braço erguido. Ela não recuou. Estava absolutamente calma. Ela parecia ter sido moldada em cera quente e de boa qualidade. Harlan não completou o movimento.

- Admita! - disse ele.

- Você tem dúvidas depois de todas as suas deduções? O que lhe importa se eu admitir ou não?

Harlan sentiu crescer a ira. -. Admita-o, de qualquer forma, para que eu não precise sentir dor alguma. Absolutamente nenhuma!

- Dor?

- Porque tenho um desintegrador, Noys, e pretendo matá-la.

O começo da infinidade

Havia uma incerteza rastejante dentro de Harlan, uma hesitação que o consumia. Tinha o desintegrador na mão. Estava apontado para Noys.

Mas por que ela nada dizia? Por que permanecia naquela atitude impassível?

Como ele poderia matá-la?

Como ele poderia não matá-la?

- Bem? -. disse ele asperamente.

Ela se moveu, mas somente para entrecruzar as mãos frouxamente no colo, para parecer mais calma, mais indiferente. Sua voz mal pareceu a de um ser humano, quando falou. Frente ao cano de uma arma, novamente adquiriu segurança e assumiu uma qualidade de força impessoal quase mística.

- Você não pode pretender matar-me apenas para proteger a Eternidade. Se fosse essa a sua intenção, poderia deixar-me sem sentidos, amarrar-me firmemente, prender-me dentro desta caverna e então partir para as suas viagens ao amanhecer. Ou poderia ter pedido ao Computador Twissell para conservar-me em prisão solitária durante sua permanência no Primitivo. Ou então poderia levar-me com você, ao amanhecer, e deixar-me no caminho. Se é somente matando que você se satisfará, isso é apenas porque você acha que eu o traí, que eu o logrei com amor, a princípio, de maneira que eu pudesse induzi-lo à traição, depois. Isso é assassinato por orgulho ferido, e não a retribuição justa que você afirma ser.

- Você é dos Séculos Ocultos? Diga-me!

- Sou - respondeu Noys. - Você vai me matar agora?

O dedo de Harlan tremulou no ponto de contato do desintegrador. Porém, ele hesitou. Algo irracional dentro dele ainda poderia defendê-la e salientar as sobras de seu próprio amor e desejo fúteis. Estaria desesperada por sua rejeição a ela? Estaria ela mentindo deliberadamente para procurar a morte? Estaria ela entregando-se a tolo heroísmo nascido do desespero pelas dúvidas dele em relação a ela?

Não!

Isso poderia ser encontrado nos livros-filmes das tradições literárias excessivamente adocicadas do Século 289, mas não numa garota como Noys. Ela não era do tipo de enfrentar a morte nas mãos de um falso amante com o jovial masoquismo de um lírio quebrado e exangue.

Estaria ela então duvidando desdenhosamente de sua capacidade de matá-la por qualquer razão que fosse? Teria ela contado confiantemente com a atração que sabia que exercia sobre ele ainda agora, certa de que ela o imobilizaria e paralisaria em franqueza e vergonha.

Isso estava relativamente certo. Apertou o dedo um pouco mais no contato.

- Você está esperando - disse ela. - Isso significa você espera que eu arranje um resumo para defesa?

- Que defesa? - Harlan tentou dizê-lo zombeteiramente, porém recebeu de bom grado a diversão. Esta poderia adiar o momento em que ele deveria abaixar os olhos para o seu corpo alvejado, para os restos de carne ensanguentada que pudessem sobrar, e estar consciente de que o que havia sido feito à sua linda Noys havia sido feito por suas próprias mãos.

Encontrou desculpas para sua demora. Deixe-a falar, pensou ele febrilmente. Deixe-a dizer o que pode sobre os Séculos Ocultos. Daria mais proteção para a Eternidade.

Adquiriu com isso uma firme astúcia em seus atos e, no momento, ele conseguiu fitá-la com rosto quase tão calmo quanto o dela.

- Você quer saber sobre Séculos Ocultos? - disse ela como se adivinhasse. Se isso serve como defesa, ela está pronta. Gostaria de saber, por exemplo, por que não há seres humanos na Terra depois do Século 150000? Está interessado?

Harlan não imploraria por informações, nem iria comprá-las. Ele tinha a arma. Tinha a firme intenção de não demonstrar fraqueza.

- Fale! - disse ele, e enrubescou ao leve sorriso, que foi a primeira resposta dela à sua exclamação.

- Num momento do fisio-tempo, antes que a Eternidade tivesse chegado muito acima na escala ascendente, antes que tivesse alcançado o Século 10000, nós, de nosso Século - e você tem razão, era o 111394 - descobrimos sua existência. Nós, também, fazíamos viagens no Tempo, sabe, mas era baseada numa série de postulados completamente diferente das de vocês, e nós preferíamos ver o Tempo, ao invés de deslocar massas através dele. Além disso, lidávamos somente com nosso passado, nossa escala descendente.

- Descobrimos a Eternidade de um modo indireto. Primeiro desenvolvemos os cálculos das Realidades e testamos nossa própria Realidade através dele. Ficamos assombrados por descobrir que vivíamos numa Realidade de probabilidade bem baixa. Era uma questão séria. Por que uma Realidade tão improvável Você parece distraído, Andrew! Está interessado, ou não?

Harlan ouviu-a dizer seu nome com toda a íntima ternura que ela havia usado em semanas passadas. Isso devia ofendê-lo, agora, irritá-lo com a cínica incredulidade. E contudo não o ofendeu nem irritou.

- Continue e acabe com isso, menina - disse ele desesperadamente.

Ela tentou equilibrar a tepidez do seu "Andrew" com a fria irritação da "menina" dele, mas ela apenas sorriu de novo, debilmente.

- Voltamos a procurar através do tempo e deparamos com a Eternidade em expansão. Pareceu-nos quase de imediato evidente que tinha havido, em algum ponto do fisio-tempo (uma concepção que tínhamos, também, mas sob outro nome), uma outra Realidade. A outra Realidade, a de máxima probabilidade nós chamamos de Estado Básico.

O Estado Básico tinha-nos englobado uma vez, ou a nossos análogos, pelo menos. Na ocasião não podíamos dizer qual era a natureza do Estado Básico. Não sabíamos.

- Mas sabíamos, porém, que cada Mudança iniciada pela Eternidade no distante passado tinha conseguido, através de efeitos de acasos estatísticos, alterar o Estado Básico até o nosso Século e além dele. Começamos a determinar a natureza do Estado Básico, no intuito de desfazer o mal, se fosse mal. Primeiro construímos a área isolada que vocês chamam de Séculos Ocultos, isolando os Eternos abaixo do Século

70000. Esse isolamento nos protegeria de tudo, exceto de uma porcentagem decrescentemente pequena das Mudanças que estivessem sendo feitas. Não tínhamos segurança absoluta, mas isso nos dava tempo.

- Depois fizemos algo que nossa cultura e ética normalmente não nos permitiriam fazer. Averiguamos nosso próprio futuro. Descobrimos o destino do homem na Realidade que então existia, de modo que poderíamos, eventualmente, compará-lo com o Estado Básico. Em algum lugar depois do Século 125000, o homem descobriu o segredo da viagem interestelar. Aprendeu como conseguir o Salto pelo hiperespaço. Finalmente, o homem conseguiu alcançar as estrelas.

Harlan ouvia suas palavras com crescente interesse. Quanta verdade haveria nisto tudo? Até onde seria uma tentativa calculada de ludibriá-lo? Tentou quebrar o encanto falando, interrompendo a fácil fluência de suas frases.

- E ao conseguir alcançar as estrelas - disse Harlan - ele o fez e deixou a Terra. Alguns de nós imaginaram isso.

- Então se enganaram. O homem tentou deixar a Terra. Infelizmente, porém, não estamos sozinhos na Galáxia. Há outras estrelas com outros planetas, você sabe. Há até mesmo outras inteligências. Nenhuma, nesta Galáxia, no entanto, é tão antiga quanto a humanidade, mas nos 125000 Séculos que o homem permaneceu na Terra, mentes mais jovens nos alcançaram e nos superaram: desenvolveram a viagem interestelar e colonizaram a Galáxia.

- Quando saímos pelo espaço, encontramos sinais. Ocupado! Não Ultrapasse! Afaste-se! A humanidade retirou seus exploradores e permaneceu na Terra. Mas então ela conhecia a Terra pelo que ela era: uma prisão cercada de uma infinidade de liberdade... E a humanidade feneceu.

- Apenas feneceu - disse Harlan. - Absurdo.

- Não feneceu, apenas. Isso levou milhares de Séculos. Houve altos e baixos mas, no total, houve uma perda de propósito, um senso de futilidade, um sentimento de desespero que não podia ser superado. Finalmente, houve um último declínio na taxa de natalidade e, em seguida, a extinção. A sua Eternidade fez tudo isso.

Harlan agora podia defender a Eternidade mais intensamente por ela tê-la atacado tão ardentemente, pouco tempo antes. - Deixem-nos penetrar nos Séculos Ocultos - disse ele - e nós corrigiremos isso. Ainda não falhamos em realizar o maior bem nos Séculos que conseguimos alcançar.

- O maior bem? - perguntou Noys, num tom desapegado que pareceu desprezo. - O que você quer dizer? Suas máquinas os comandam. Seus Computaplex. Mas quem ajusta as máquinas e diz a elas o que pesar na balança? As máquinas não resolvem problemas com maior critério do que os homens; apenas mais rapidamente. Apenas mais rapidamente! Então o que é que os Eternos consideram bem? Eu lhe direi. Segurança e simplicidade. Moderação. Nada em excesso. Nada de riscos sem certeza absoluta de uma retribuição conveniente.

Harlan engoliu em seco. Com súbita força, lembrou-se das palavras de Twissell, na caldeira, enquanto falava dos homens evoluídos dos Séculos Ocultos. Ele dissera: "Nós extirpamos o insólito". E não era assim?

- Bem - disse ela - você parece estar pensando. Pense nisto, também. Na Realidade que agora existe, por que é que o homem está tentando continuamente a viagem espacial e continua falhando? Certamente, cada era da viagem espacial deve conhecer falhas anteriores. Então, por que tentar novamente?

- Não estudei o assunto - respondeu Harlan. Mas ele lembrou-se constrangidamente das colônias de Marte, várias vezes estabelecidas e sempre falhando. Lembrou da estranha atração que o voo espacial sempre exercera, mesmo sobre os Eternos. Po-

dia ouvir o Sociólogo Kantor Voy, do Século 2456, suspirando pela perda do voo espacial eletro-gravitico de um Século e dizendo saudosamente: "Isso foi muito bonito". E o Esboçador de Vida Neron Feruque, que, para aliviar seu espírito, tinha praguejado amargamente pela extinção do voo espacial e se lançado a um acesso de malda-de ao manejo da Eternidade em relação aos soros anti-câncer.

Haveria algo, por parte de seres inteligentes, como um desejo instintivo de se expandir externamente, de alcançar as estrelas, de deixar para trás a prisão da gravidade? Seria isso que forçava o homem a desenvolver dezenas de vezes a viagem interplanetária, que o forçava a viajar mais e mais vezes aos mundos mortos de um sistema solar em que somente a Terra era habitável? Seria a falha final, a certeza de que devia retornar à prisão do lar, que trazia os ajustamentos defeituosos que a Eternidade estava sempre combatendo? Harlan pensou no vício em drogas daqueles mesmos Séculos fúteis dos eletro-gravíticos.

- Eliminando as falhas da Realidade - disse Noys - a Eternidade exclui também os triunfos. É enfrentando as grandes provas que a humanidade pode alcançar grandes alturas com maior sucesso. É do perigo e da agitada insegurança que vem a força que impulsiona a humanidade a conquistas novas e mais grandiosas. Compreende? Compreende que, evitando as armadilhas e misérias que cercam o homem, a Eternidade o impede de descobrir suas próprias soluções boas e más, as soluções reais, que se alcançam vencendo a dificuldade, não evitando-a?

- O maior bem para o maior número - começou Harlan, meio inibido.

Noys interrompeu. - Suponha que a Eternidade nunca tivesse sido estabelecida.

- E então?

- Eu lhe direi o que teria acontecido. As energias que foram gastas em engenharia temporal teriam sido gastas, ao invés, em estudos nucleares. A Eternidade não teria sido estabelecida, mas o voo interestelar sim. O homem teria alcançado as estrelas mais de cem mil Séculos antes do que o fez nesta Realidade corrente. As estrelas teriam estado desabitadas, então, e o homem se estabeleceria por toda a Galáxia. Nós teríamos sido os primeiros.

- E o que teria ganho? - perguntou Harlan relutantemente. - Nós seríamos mais felizes?

- A quem você se refere como "nós"? O homem não seria um mundo, mas um milhão, um bilhão de mundos. Teríamos o infinito em nossas mãos. Cada mundo teria sua própria fatia dos Séculos, cada um os seus próprios valores, uma oportunidade para procurar a felicidade por meios próprios num ambiente próprio. Há muitas felicidades, muitos bens, infinita variedade... Isso é o Estado Básico da humanidade.

- Você está fazendo suposições - disse Harlan, e estava irritado consigo mesmo por sentir atração pelo quadro que ela havia invocado. - Como pode você dizer o que teria acontecido?

- Vocês riem da ignorância dos Tempistas, que conhecem somente uma Realidade. Nós rimos da ignorância dos Eternos, que pensam que há muitas Realidades, mas que somente existe uma de cada vez.

- O que quer dizer com isso?

- Nós não calculamos Realidades alternadas, mas as observamos. Nós as vemos em seus estados de não-Realidade.

- Uma espécie de fantasmagórica terra-do-nunca, onde os "poderiam-ter-sido" brincam com os "ses".

- Sem o sarcasmo, sim?

- E como vocês o fazem?

- Como posso explicar, Andrew? - disse Noys, após uma pausa. Fui educada apren-

dendo certas coisas sem realmente entender tudo sobre elas, exatamente como você. Você sabe explicar o funcionamento de um Computaplex? Entretanto sabe que existe e funciona.

- Bem, então? -. disse Harlan, corando.

- Nós observamos as Realidades e descobrimos ser o Estado Básico assim como o descrevi - disse Noys. - Descobrimos, também, a Mudança que havia destruído o Estado Básico. Não era qualquer Mudança programada pela Eternidade; era o estabelecimento da própria Eternidade: o mero fato da sua existência. Qualquer sistema como a Eternidade, que permita aos homens escolherem seu próprio futuro, acabará preferindo segurança e simplicidade, e em tais Realidades as estrelas estão fora de alcance. A mera existência da Realidade destruiu o Império Galáctico. Para restaurá-lo, é necessário acabar com a Eternidade.

- O número de Realidades é infinito. O número de subdivisões de Realidades é infinito, O número de Realidades que contêm a Eternidade, por exemplo, é infinito; o número em que a Eternidade não existe é infinito; o número em que a Eternidade existe, mas é abolida, é também infinito. Porém meu povo escolheu, do infinito, um grupo que me envolvia. Eu simplesmente fui envolvida. Eles me educaram para minha tarefa assim como você e Twissell educaram Cooper para a dele. Mas o número de Realidades nas quais eu era o agente na destruição da Eternidade era também infinito. Ofereceram-me uma escolha entre cinco Realidades que pareciam menos complexas. Escolhi esta, esta que a envolve, o único sistema de Realidade que a envolve.

- Por que escolheu esta? - perguntou Harlan.

Noys desviou o olhar. - Porque eu o amava, Andrew. Eu o amava mesmo antes de encontrá-lo.

Harlan estava confuso. Ela dissera isso com profunda sinceridade. Ela é uma atriz... pensou ele doentamente.

- Isso é um tanto ridículo - disse ele.

- Acha mesmo? Estudei as Realidades à minha disposição. Estudei a Realidade em que eu voltava ao 482 e encontrava primeiro Finge e, então, você. A Realidade em que você me encontrava e me amava, em que você me levava à Eternidade e ao distante futuro do meu próprio Século, em que você dava direção errada a Cooper e em que você e eu, juntos, retomávamos ao Primitivo. Nós viveríamos no Primitivo pelo resto de nossos dias. Vi nossas vidas unidas, e éramos felizes e nos amávamos. Portanto, isso não é ridículo, de maneira alguma. Escolhi esta alternativa, de maneira que nosso amor poderia ser verdadeiro.

- Tudo isto é mentira - disse Harlan. - É falso. Como espera que eu acredite em você?

Ele fez uma pausa, e então subitamente: - Espere! Você sabia tudo o que iria acontecer com antecedência?

- Sim.

- Então está claro que está mentindo. Você sabia que eu a manteria aqui à ponta de uma arma. Saberia que falharia. Qual é sua explicação para isso?

Ela suspirou. - Eu lhe disse que há um número infinito de subdivisões de Realidades. Não importa quão corretamente focalizamos uma dada Realidade, ela sempre revela um número infinito de Realidades muito semelhantes. Há pontos indistintos. Focalizamos o mais correto, o menos indistinto, mas conseguimos ver com perfeita nitidez. O menos indistinto, o de menor probabilidade de variação ao acaso prejudicando o resultado, mas a probabilidade nunca é absolutamente zero. Um ponto nebuloso prejudicou as coisas.

- Qual?

- Você devia ter voltado ao futuro distante depois que fosse retirada a barreira do Século 100000, e você o fez. Mas você devia ter voltado sozinho. Foi por esse motivo que fiquei momentaneamente tão assustada por ver o Computador Twissell acompanhando-o.

Novamente Harlan estava confuso. Como ela conseguia fazer as coisas se encaixarem!

- Eu teria ficado ainda mais assustada se tivesse compreendido o significado exato dessa alteração. Se você tivesse voltado sozinho, você teria me trazido ao Primitivo, como fez. Então, por amor à humanidade, por amor a mim, você teria deixado Cooper onde ele está. Seu círculo teria sido rompido, a Eternidade teria acabado e nossa vida juntos, aqui, seria segura. Mas você voltou com Twissell, uma variação aleatória. No caminho, ele lhe falou a respeito de suas idéias sobre os Séculos Ocultos e o encaminhou a uma série de deduções que terminaram por fazê-lo duvidar de minha intenção. Terminou com uma arma entre nós... E agora, Andrew, esta é a história. Pode matar-me. Não há nada para detê-lo.

Harlan sentiu a mão doer por seu espasmódico aperto no desintegrador. Passou-o imediatamente para a outra mão. Seria verdadeira a história que ela contara? Onde estava a resolução que ele devia ter ganho por saber com certeza que ela era uma criatura dos Séculos Ocultos? Ele estava mais do que nunca torturando-se internamente, e o alvorecer se aproximava.

- Por que dois esforços para pôr fim à Eternidade? - disse ele. - Por que a Eternidade não acabou de uma vez por todas quando mandei Cooper ao Século 20? Tudo teria terminado então e eu não estaria nessa agonia de incertezas.

- Porque esta Eternidade não é o suficiente - respondeu Noys. -. Devemos reduzir a probabilidade de se estabelecer qualquer forma de Eternidade ao ponto mais próximo de zero que pudermos conseguir. Então há algo que devemos fazer aqui no Primitivo. Uma pequena Mudança, uma coisinha. Você sabe como é uma Mudança Mínima Necessária. É uma carta para uma península chamada Itália, aqui no Século 20. E agora no 19,32. Dentro de alguns Centis-séculos, desde que eu envie a carta, um homem da Itália começará a fazer experiências com o bombardeio neutrônico de urânio.

Harlan sentiu-se horrorizado. -- Vocês pretendem alterar a história Primitiva?

- Sim. É nossa intenção. Na nova Realidade, na Realidade final, a primeira explosão nuclear ocorrerá não no Século 30, mas no 19,45.

- Mas vocês conhecem o perigo? Podem avaliar o perigo?

- Podemos. Observamos o conjunto de Realidades resultantes. Há uma probabilidade, não uma certeza, naturalmente, de que a Terra termine com uma crosta altamente radioativa, mas antes...

- Quer dizer que pode haver compensação para isso?

- Sim. Um Império Galáctico. Uma verdadeira intensificação do Estado Básico.

- Vocês ainda acusam os Eternos de interferirem.

- Nós os acusamos de interferirem diversas vezes para conservar a humanidade aprisionada em casa. Nós interferimos uma vez, uma vez, para fazê-la retornar prematuramente ao estudo nuclear, de maneira que ela nunca, nunca possa estabelecer uma Eternidade.

Não! - disse Harlan desesperadamente. - Deve haver uma Eternidade.

- Se você prefere. A decisão é sua. Se quer ter *psicopatas* ditando o futuro do homem.

- *Psicopatas!* - explodiu Harlan.

- Não é o que são? Você os conhece. Pense!

Harlan fitou-a horrorizado, mas não pôde deixar de pensar. Imaginou os Aprendizes descobrindo a verdade sobre a Eternidade e o Aprendiz Latourette tentando suicidar-se, conseqüentemente Latourette tinha sobrevivido para tornar-se um Eterno, não se podia dizer com que cicatrizes na personalidade, ainda ajudando a decidir Realidades alternadas.

Imaginou o sistema de castas da Eternidade, na vida anormal que transformaria sentimentos de culpa em raiva e ódio contra os Técnicos. Imaginou os Computadores, lutando contra si mesmos, e Finge, conspirando contra Twissell e Twissell espionando Finge. Imaginou Sennor combatendo sua cabeça calva por combater todos os Eternos.

Imaginou a si mesmo.

Então pensou em Twissell, o grande Twissell, também infringindo as leis da Eternidade.

Era como se ele houvesse conhecido a Eternidade já desse modo. Por que mais deveria ele ter ficado tão ansioso por destruí-la? Porém nunca o admitira completamente para si mesmo; nunca antes vira o assunto tão claramente até, de súbito, agora.

E ele viu a Eternidade claramente como um antro de psicoses profundas, um abismo distorcido de motivação anormal, uma massa de vidas desesperadas tiradas brutalmente de seus contextos.

Ele olhou para Noys inexpressivamente.

Ela falou, docemente: - Quer ver? Quer me acompanhar à boca da caverna, Andrew?

Ele a seguiu, hipnotizado, intimidado pela completude de seu novo ponto de vista. Seu desintegrador abandonou, pela primeira vez, a linha que o ligava ao coração de Noys.

Os pálidos raios da alvorada acinzentavam o céu, e a volumosa caldeira, no exterior da caverna, era uma opressiva sombra contra o calor. Seu contorno estava dissimulado e obscurecido pela película com que estava coberta.

- Esta é a Terra - disse Noys. - Não a eterna e apenas lar da humanidade, mas somente um ponto de partida de uma aventura infinita. Tudo que você precisa fazer é tomar a decisão. Ela fica a seu critério. Você, eu e o conteúdo desta caverna seremos protegidos por um campo de fisio-tempo contra a Mudança. Cooper e seu anúncio desaparecerão; a Eternidade desaparecerá juntamente com a Realidade de meu Século, mas nós permaneceremos para ter filhos e netos, e, a humanidade permanecerá para alcançar as estrelas.

Ele tornou a fitá-la, e ela agora lhe sorria. Era aquela Noys que ele conhecia com seu próprio coração batendo como costumara bater.

Ele nem mesmo notou que havia tomado sua decisão, até que a tonalidade acinzentada invadiu todo o céu, quando o casco da caldeira não se fez mais sentir contra o céu.

Com aquela retirada ele sabia que, mesmo quando Noys se aconchegou lentamente em seus braços, viera o fim, o definitivo um da Eternidade.

... E o começo da Infinitude.



Impressão e Acabamento
GRÁFICA E EDITORA FCA

Av Humberto de A. C. Branco, 3972 - Fone: 452-1155
CEP: 09700 - S. B. do Campo - S. Paulo

PROCURE NAS LIVRARIAS, DESTA MESMA SÉRIE DE
FICÇÃO CIENTÍFICA:

A TERRA TEM ESPAÇO	<i>Isaac Asimov</i>
AS CAVERNAS DE MARTE	<i>Isaac Asimov</i>
AS CORRENTES DO ESPAÇO	<i>Isaac Asimov</i>
CAÇA AOS ROBÔS	<i>Isaac Asimov</i>
DESPERTAR DOS DEUSES	<i>Isaac Asimov</i>
FIM DA ETERNIDADE	<i>Isaac Asimov</i>
FUNDAÇÃO (TRILOGIA COMPLETA)	<i>Isaac Asimov</i>
JÚPITER À VENDA	<i>Isaac Asimov</i>
NÓS, OS MARCIANOS	<i>Isaac Asimov</i>
O CAIR DA NOITE	<i>Isaac Asimov</i>
O FUTURO COMEÇOU	<i>Isaac Asimov</i>
O GRANDE SOL DE MERCÚRIO	<i>Isaac Asimov</i>
O HOMEM BICENTENÁRIO	<i>Isaac Asimov</i>
O ROBÔ DE JÚPITER	<i>Isaac Asimov</i>
OITO-DOIS-SETE ERA GALÁCTICA	<i>Isaac Asimov</i>
OS ANÉIS DE SATURNO	<i>Isaac Asimov</i>
OS OCEANOS DE VÊNUS	<i>Isaac Asimov</i>
OS ROBÔS	<i>Isaac Asimov</i>
... PARA ONDE VAMOS?	<i>Isaac Asimov</i>
VIGILANTE DAS ESTRELAS	<i>Isaac Asimov</i>
LUZ DE OUTRA DIMENSÃO	<i>Lloyd Biggle Jr.</i>
250 SÉCULOS APÓS ...	<i>James Blish</i>
A CIDADE PERDIDA DE MARTE	<i>Ray Bradbury</i>
E DE ESPAÇO	<i>Ray Bradbury</i>
F DE FOGUETE	<i>Ray Bradbury</i>
O TERCEIRO PLANETA	<i>Arthur C. Clarke</i>
A HUMANIDADE ARTIFICIAL	<i>Edmund Cooper</i>
CAVALO-MARINHO NO CÉU	<i>Edmund Cooper</i>
O DIABÓLICO CÉREBRO ELETRÔNICO	<i>David Gerrold</i>
OS HOMENS MOLECULARES	<i>Fred e Geoffrey Hoyle</i>
O TERROR RITHIANO	<i>Damon Knight</i>
OS CÉREBROS PRATEADOS	<i>Fritz Leiber</i>
NAVE ESCRAVA	<i>Frederik Pohl</i>
BONECA DO DESTINO	<i>Clifford D. Simak</i>
CEI, O GIGANTE	<i>Curt Siodmak</i>
VÊNUS MAIS X	<i>Theodore Sturgeon</i>
ESSAS ESTRELAS SÃO NOSSAS	<i>Poul Anderson</i>
GUERRA DOS HOMENS ALADOS	<i>Poul Anderson</i>

Ou peça pelo reembolso postal C.P. 9686 - S.P.

ISAAC ASIMOV



Qual seria a nossa atitude se descobríssemos que nossa individualidade como ser humano poderia ser totalmente anulada por um sistema social maior, dominado pela máquina? E qual seria a atitude sensata e válida a ser tomada se tivéssemos que escolher entre a nossa existência, tal como a desejamos, e a continuidade do mundo de que dependemos, mas que é contrário às nossas aspirações? Para estas questões, Andrew Harlan procurava uma resposta única e total.

Durante longos anos Harlan desenvolveu grande habilidade dentro daquela organização singular e exclusiva dos Eternos. Como Eternos, eles dominavam os Séculos passados e presentes, na tentativa de restabelecer a ordem na longa e contraditória história da humanidade e o processamento de pequenas mudanças no Tempo seria a forma ideal de se recuperar o equilíbrio perdido.